BEATLEMANIA EM PLENOS ANOS 80!

BIZZ

EDITORA AZUL
Nº 23
Junho 1987
Cz$ 80,00

EXCLUSIVAS
ELTON JOHN
MILTON
KRAFTWERK

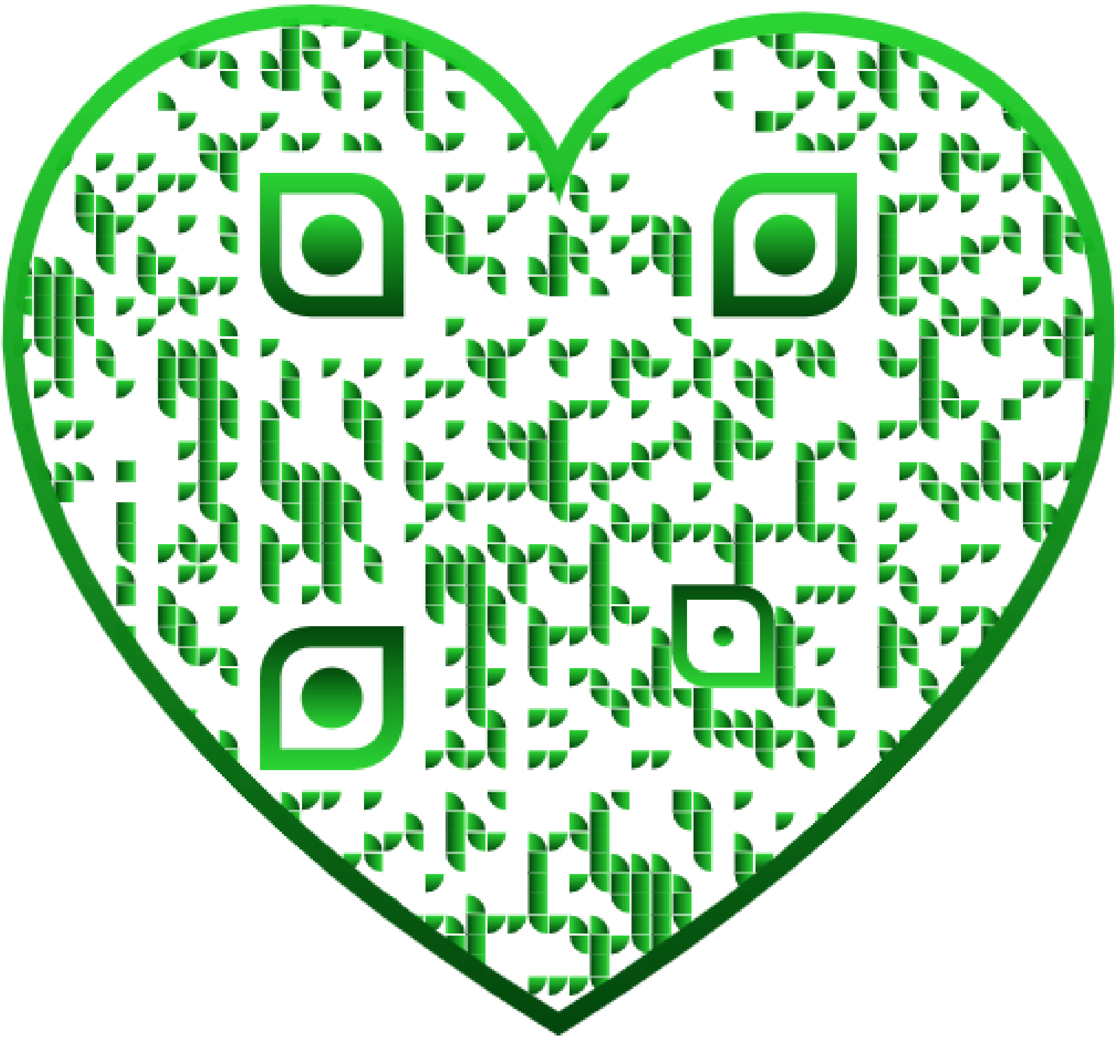
JOY DIVISION
A HISTÓRIA DO MITO

MICKEY ROURKE
FICHA COMPLETA

Rock & Quadrinhos Scans

U2
PAIXÃO E FÉ

+ ROBERT SMITH NO 'MEU INSTRUMENTO' • ECHO & CULT AO VIVO



DAVID BOWIE
Rock'n'Roll.
Direto e provocante.
Forte. Criativo.
Exatamente Bowie.
NEVER LET ME DOWN
EMI

Rock & Quadrinhos Scans

BIZZ

Foto Paul Slattery / Reina

A ficha completa do Joy Division está na pág. 46

O **U2** chegou àquela célebre encruzilhada onde o artista deixa o sucesso e entra no superestrelato. O sexto álbum do grupo, *The Joshua Tree*, arrebatou o primeiro posto da lista dos mais vendidos nos Estados Unidos, de acordo com a revista *Billboard*, no pequeno espaço de quatro semanas, enquanto repetia o mesmo feito na maioria dos países europeus. Sua atual turnê é a maior atração do verão setentrional e só deverá encontrar competição à altura quando Prince, David Bowie e Mick Jagger puserem o pé na estrada. E a sonoridade do álbum — a segunda vez que **Brian Eno** e **Daniel Lanois** pilotam a produção — reacendeu a polêmica iniciada no disco anterior: o U2 estaria perdendo o gás e mergulhando em turvas águas religiosas e demagógicas? O repórter **Richard Cook** tomou um café da manhã com **Bono** e **The Edge**, num hotel em Belfast, e conversou longamente com eles sobre rock, política e fé.

José Augusto Lemos, contrito pela solenidade do momento, relembra a carreira do **Joy Division**, que tem sua obra-prima *Closer* enfim lançada no Brasil. Ainda no departamento internacional: **David Toop**, da revista *The Face*, entrevistou os humanóides cheios de ginga que compõem o **Kraftwerk**, sumido durante cinco anos para reaparecer com a maravilha que é o LP *Electric Café*.

No mais, Bia Abramo radiografou o **Gueto** — em São Paulo — e **Tom Leão** papeou com o **Hojerizah** — no Rio. Enquanto isso, em Minas, **Arthur G. Couto Duarte** repartia as memórias de **Milton Nascimento**.

Ah! Junho marca o 20º aniversário de *Sgt. Pepper's*, dos **Beatles**. O que você tem a ver com isso? Descubra na pág. 40.

José Emilio Rondeau

ESTE MÊS

32 **U2**
De volta para o sucesso > *Richard Cook*

40 **BEATLES**
O mais longo reinado do pop > *José Emilio Rondeau*

44 **PATIFE BAND**
No meio do corredor polonês > *Sônia Maia*

46 **JOY DIVISION**
A mitologia completa > *José Augusto Lemos*

59 **HOJERIZAH**
Cariocas à margem do pop de praia > *Tom Leão*

60 **KRAFTWERK**
Música de máquina para humanos > *David Toop*

66 **MILTON NASCIMENTO**
De Minas Gerais para o mundo > *Arthur G. Couto Duarte*

70 **GUETO**
A próxima coqueluche das pistas de dança > *Bia Abramo*

TODO MÊS

6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boatos

14 **PARADA**
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do leitor

18 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno

28 **VÍDEO**
Uma garimpada no acervo das locadoras

51 **ENTREVISTA**
As revelações surpreendentes de *Elton John*

72 **AO VIVO**
Echo & the Bunnymen, Casiopea, Lee Perry, Burning Spear, Joe Pass e *Cult*

80 **CINEMA**
Mickey Rourke, a história de um rebelde e *A Pequena Loja de Horrores, Por Volta da Meia Noite* e *Veludo Azul*

88 **CLIP**
"Land of Confusion", com *Genesis*

90 **PORÃO**
Inglaterra Safra 87, Os Mulheres Negras e *Thaíde*

94 **LETRAS**
"With or Without You", *U2*

96 **MEU INSTRUMENTO**
Robert Smith

98 **AIR MAIL**
Pepe Escobar passeia pelo globo terrestre

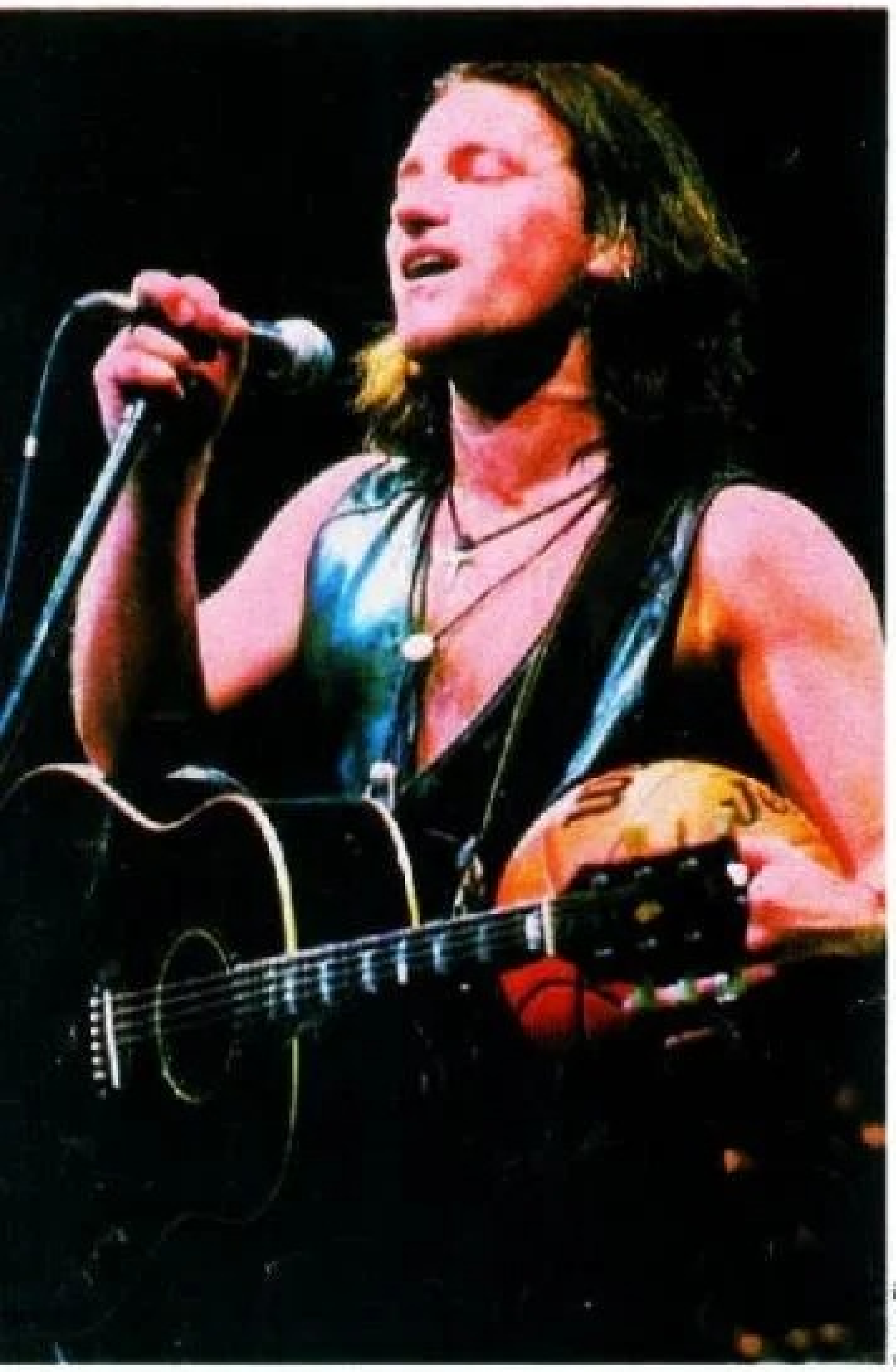
100 **DISCOTECA BÁSICA**
As obras-primas. Nesta edição, *Pet Sounds* dos Beach Boys

102 **CARTAS E SERVIÇOS**

106 **FLASHBIZZ**

Foto de capa Preston / LFI   Fotos do poster LFI, Geraldo Luis Gomes / Azul

SE VOCÊ FOSSE UM JEANS
Wrangler®



Bono e seu violão, na atual excursão

Foto LFI

GRACE E OS GOURMETS

Grace Jones abriu recentemente um restaurante chique em Manhattan, Nova York. Chama-se La Vie, e entre os grandes destaques gastronômicos da casa estão os pratos *I'm Not Perfect* (coxas de rã ao molho) e o patê *Slave to the Rhythm. Voilá...*

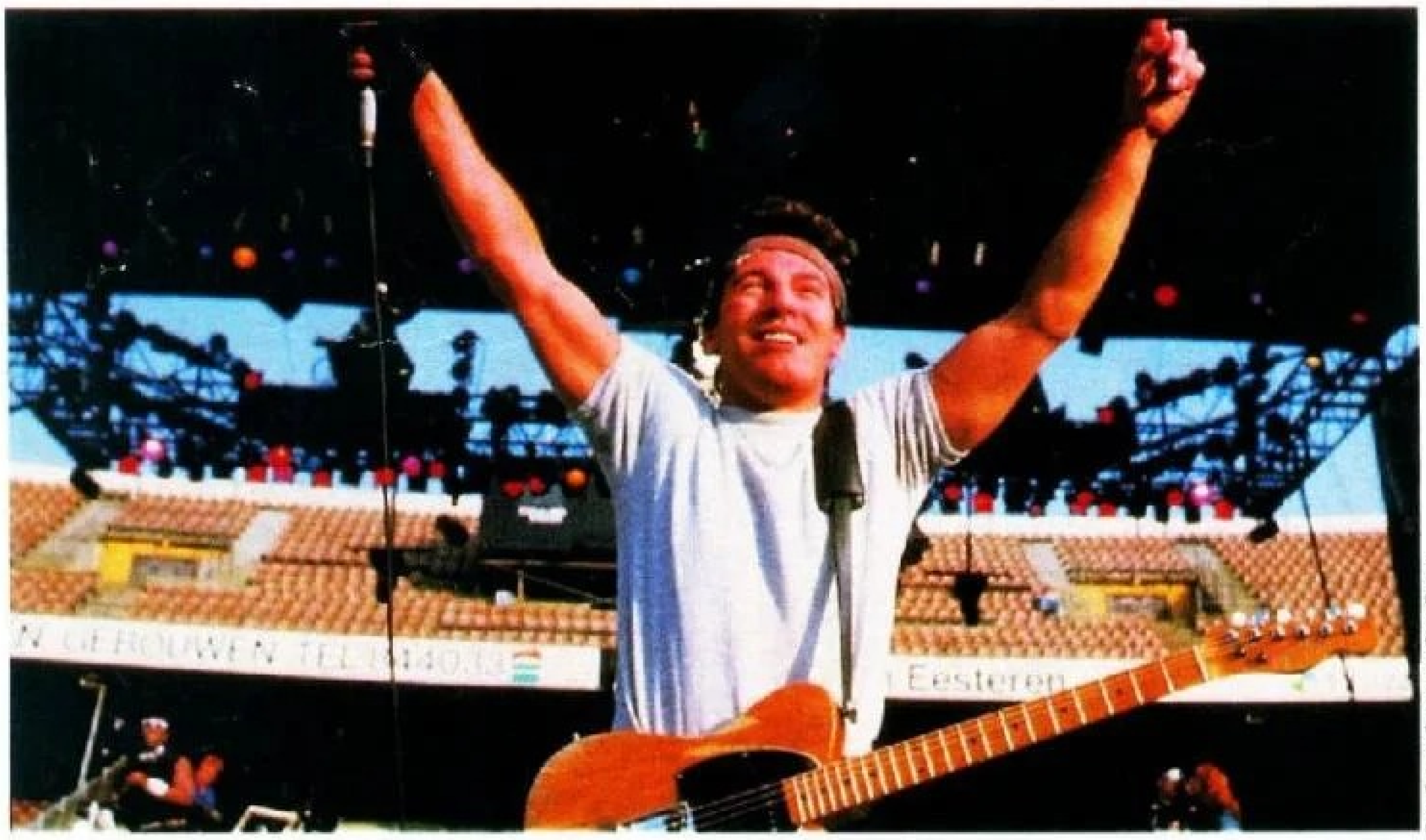
U2 PISOU NA BOLA?

Ao contrário do que se esperava, o **U2** acabou realizando os concertos programados no Estado do Arizona, apesar dos apelos de **Stevie Wonder** (ver Showbizz da edição anterior). **Bono** justificou o fato, declarando que "se a decisão do governador do Estado em não acatar como feriado o Dia de Martin Luther King representasse a vontade do povo do Arizona, eles não teriam tocado lá". Em compensação, o grupo americano **Doobie Brothers,** ao saber do apelo de Stevie Maravilha, cancelou um concerto beneficente que iria dar no Arizona.

Mrs. Jones, agora investindo na gastronomia

Foto LFI

BRUUUUCE ENCALHADO



The Boss: *um fenômeno de vendas que a gula da indústria conseguiu fazer encalhar*

Foto Tabak Sunshine Spa Press

Na mesma velocidade com que o box de cinco LPs **Bruce Springsteen** *and the E Street Band Live/1975-85* subiu nas paradas americanas e inglesas, logo após o seu lançamento, ele caiu. Ele simplesmente deixou de vender, e desliza do posto 43 para o 104 na lista dos mais vendidos publicada semanalmente na revista *Bilboard*. Este fenômeno surgiu nos meses de março e abril e está preocupando muito os donos de grandes lojas, que agora totalizam cerca de 700 000 cópias encalhadas, só nos EUA — o que representa um prejuízo de aproximadamente 14 milhões de dólares. A CBS também está preocupada, agitando uma nova estratégia de marketing para reacender a chama consumista na rapaziada já prometeu a realização de um especial com Bruce e seu grupo para a TV americana. Enquanto isso, os analistas seguem tecendo suas conclusões sobre o fenômeno: as três milhões de cópias já vendidas — o que faz do lançamento o box mais vendido até hoje — foram suficientes para satisfazer os fãs de Bruce, e *apenas* os fãs...

MILITO IS BACK

O baterista/percussionista **Hélcio Milito** está de volta ao Brasil depois de uma estadia de três anos nos EUA. Milito foi um dos fundadores do **Tamba Trio**, tocou na orquestra de **Ari Barroso** e com gente como **Roberto Menescal, Luís Bonfá, João Gilberto, Stan Getz, Tony Bennett, Gil Evans, Wes Montgomery** e outros. Ele é o criador da tamba, um set de percussão formado por três tambores, quatro frigideiras (!), uma caixa, um piano de bambu (!!), vassourinhas e baquetas de feltro. A tamba está sendo comercializada nos EUA pela empresa Pete Engelhart Percussion, da Califórnia, e deverá ser lançada no final do ano na feira internacional de instrumentos de percussão de Chicago.

Milito continua tocando e assinou recentemente um contrato de três anos com a gravadora Island, que prevê o lançamento de quatro LPs, a serem distribuídos em mais de cem países. O primeiro álbum já saiu: é o LP *Quilombo*, com quatro faixas instrumentais (uma delas é uma versão do "Estudo n.º 1" de Villa-Lobos).

Ele está no Brasil para selecionar alguns instrumentistas que deverão gravar nos EUA pelo selo Antilles, da Island. Milito irá produzir estes discos.

Foto R. Tucci

Mr. Bowie, banido outra vez pela BBC

BOWIE CENSURADO

Pela segunda vez, um clip de **David Bowie** é proibido de ser exibido na BBC, que detém os canais de televisão na Inglaterra. Desta feita, os ingleses — que já foram privados de assistir o clip de "China Girl" — não verão na TV o clip de "Day In Day Out", dirigido por Julian Temple que, aliás, também teve um clip anterior censurado pela BBC: o de "Undercover", dos **Rolling Stones.** O novo clip de Bowie inclui cenas de prostituição e violência, e foi considerado impróprio para exibição pública pelo pessoal da BBC.

LIVRO DE TOWNSHEND

Foto Musto LFI

Townshend: seu livro foi editado no Brasil

Treze é o título que o livro *Horse's Neck* de **Pete Townshend** ganhou na edição que a Brasiliense está lançando no Brasil. Trata-se de uma coletânea de textos de ficção, escritos desde que o Who encerrou suas atividades, em 84. O livro conquistou críticas positivas na Inglaterra, onde foi lançado no início de 85. A tradução para o português foi feita pelo músico/jornalista **Luiz Antonio Chagas.**

SIMON E O BOICOTE

Sobre a pisada na bola de **Paul Simon** em relação ao boicote cultural à África do Sul — questão abordada no Showbizz da BIZZ 21 —, vale citar a recente declaração de **Dali Tambo,** filho do presidente do Congresso Nacional Africano, **Oliver Tambo:** "Paul Simon furou o boicote cultural e, agindo deste modo, zombou do sofrimento do povo sul-africano. Ele ainda cometeu o insulto e a injúria de confundir os jornalistas daqui e de fora no que concerne à atitude do Congresso Nacional Africano e do povo da África do Sul, que em nenhum momento chegaram a ser consultados pelo artista".

É bom lembrar que na BIZZ 21 é citado que "Simon recebeu uma carta do Congresso Nacional Africano que (...) o isenta de qualquer culpa no caso". Na verdade, esta carta foi entregue a Simon pelo representante do CNA nos EUA, o cantor **Harry Belafonte.** Daí se conclui: além de Simon, Belafonte é outro que pisou no tomate.

NOVIDADES NO VINIL II

Foto AFP

O mestre da cítara: voltando ao estúdio com uma mãozinha dos mais ilustres amigos

Vem aí o novo LP solo de **Roger Waters** (ex-Pink Floyd). Chama-se *Radio K.A.O.S.*

Acaba de sair o novo LP do grupo nova-iorquino **Lounge Lizards** (liderado pelo saxofonista/ator **John Lurie,** e que contou como o guitarrista americano-com-sotaque-nordestino **Arto Lindsay** em sua primeira formação). O título é *No Pain for Cakes.*

E atenção, saudosistas: **Robin Trower,** aquele guitarrista inglês que alguns críticos — com problemas de audição — anunciavam como "o sucessor de Jimi Hendrix", está de volta com o LP *Passion.*

George Harrison, Al Kooper e **Patrick O'Hearn** (ex-Zappa e Missing Persons) estão no novo disco de **Ravi Shankar,** aquele indiano considerado um dos maiores gênios da cítara. O disco chama-se *Tana Mana.*

ABZ DO ROCK BRASILEIRO

Finalmente nós temos uma enciclopédia do rock nacional! Chama-se *ABZ do Rock Brasileiro,* o livro que acaba de ser lançado pela Estrela do Sul Editora. O autor é o jornalista/radialista/músico mineiro **Marcelo Dolabela,** que levantou dados sobre um período de trinta anos de rock'n'roll, partindo dos pioneiros até a última geração dos roqueiros nacionais. São mais de 2 500 verbetes e dezenas de fotos que compõem esta obra obrigatória para fãs, pesquisadores e estudiosos curiosos. Os textos introdutórios são de **Tony Campello, Arnaldo Antunes** (dos Titãs) e **Zé Rodrix.**

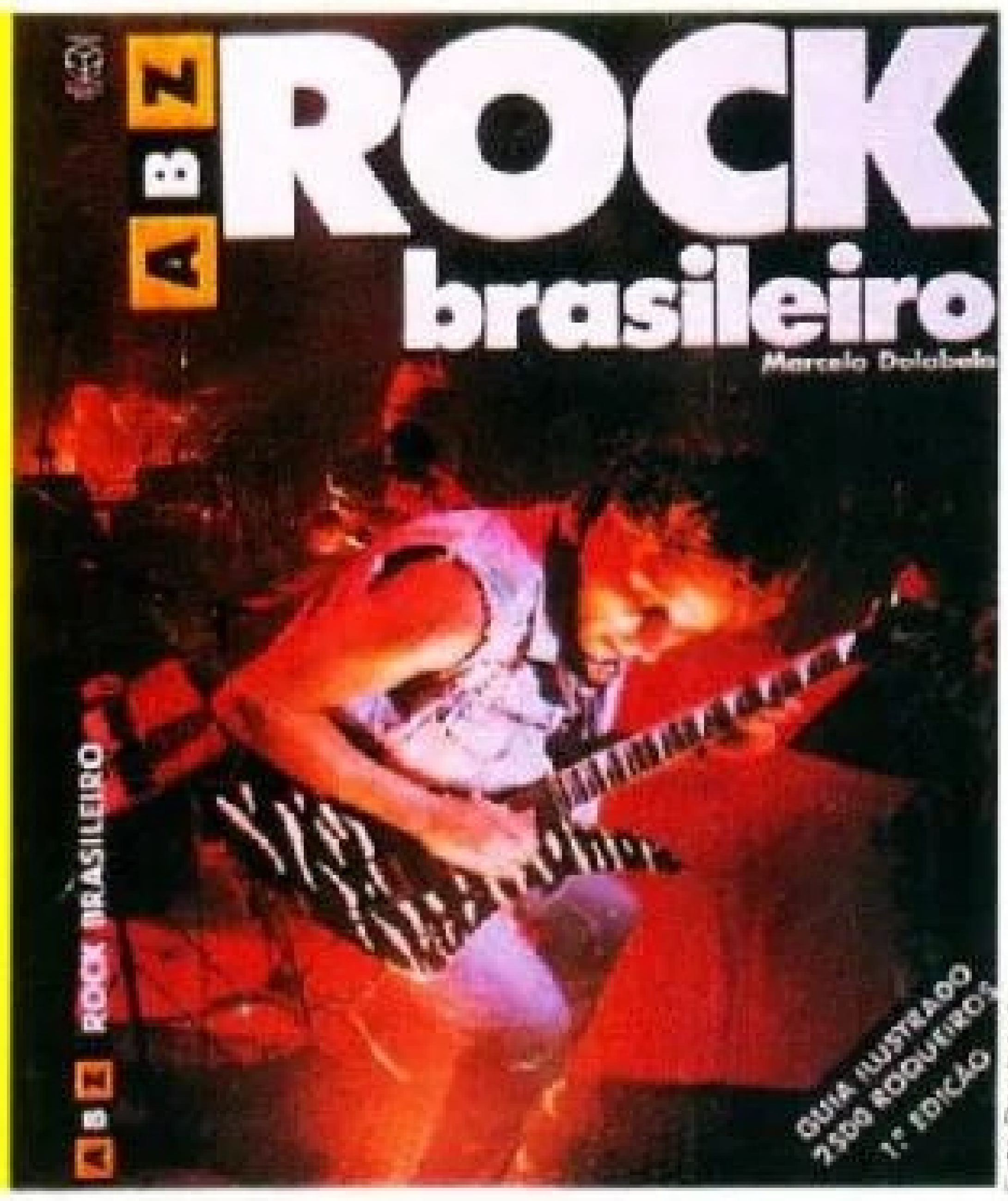


Foto Divulgação

OUÇA ESSA

"...Identificação com o subconsciente coletivo através de uma nova prosa urbana, livre e bem acabada, onde, como em Hendrix, não se perde tempo em odes à namorada ou suspiros pretensiosamente românticos. Não. Noel, como Hendrix, propõe mudar a mente contemporânea ('I could change your mind: I don't live today, maybe tomorrow/Até amanhã se Deus quiser: quem gosta de mim sou eu')."

Rogério Sganzerla, cineasta, numa entrevista à *Folha de S. Paulo*, em que compara **Noel Rosa** a **Jimi Hendrix**

O ASSASSINATO DE CARLTON BARRETT

Foto Adrian Boot/LFI

Barrett e Marley. Dois falecidos gigantes do reggae

Carlton Barrett, baterista dos **Wailers,** grupo que acompanhou **Bob Marley** durante toda sua carreira e que continuava na ativa — com planos de tocar no Brasil —, foi brutalmente assassinado no dia 17 de abril. Ele levou dois tiros na cabeça, depois de estacionar o carro na porta de sua casa, em Kingston, Jamaica. Nada se sabe sobre o assassino e menos ainda sobre as razões do crime. A morte de Barrett engrossa a lista dos músicos de reggae assassinados misteriosamente nas ruas jamaicanas nos últimos anos; entre eles, o veterano **Prince Far I** e os iniciantes **Hugh Mundell** e **Michael Smith.**

SE A MODA PEGA...

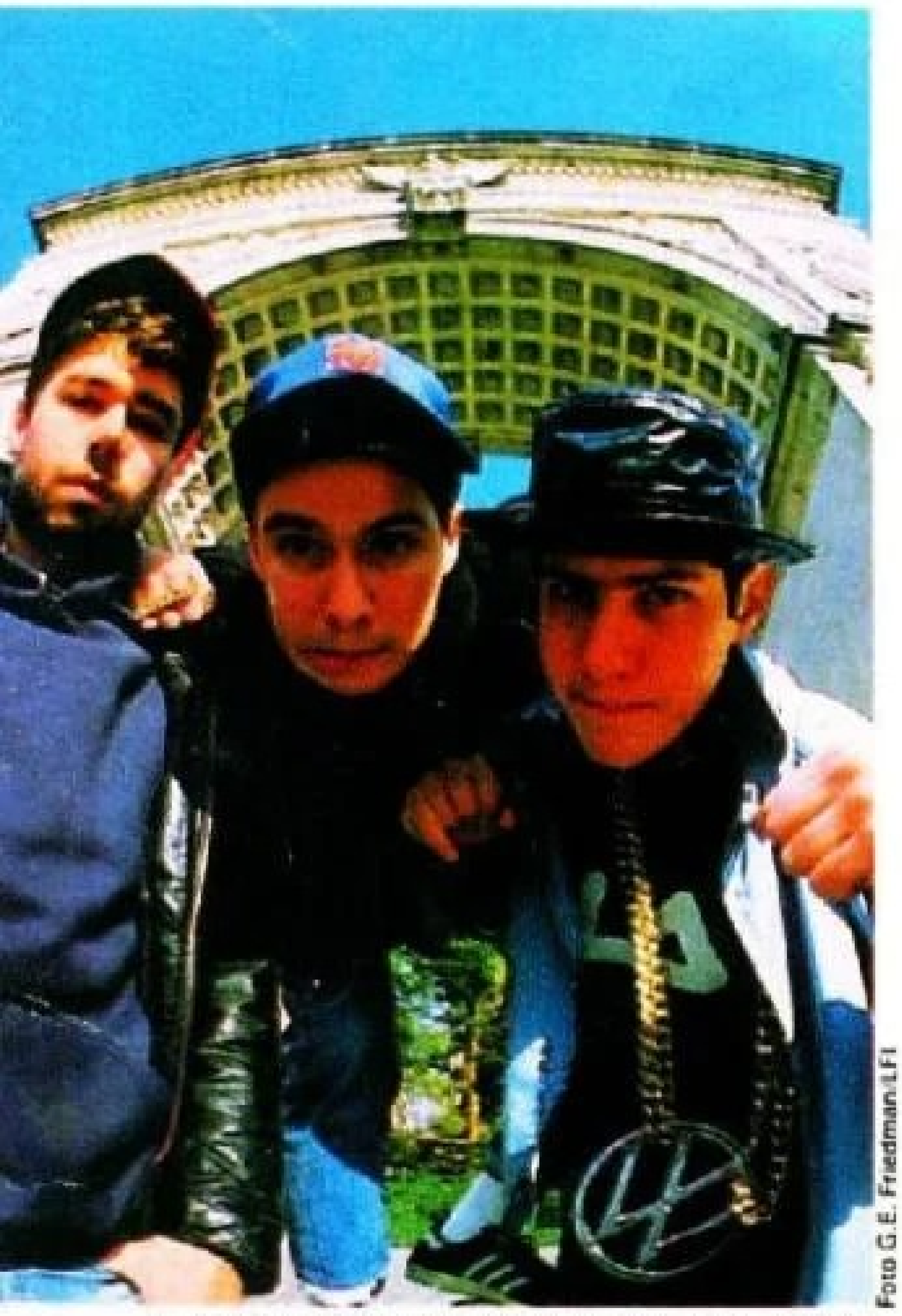


Foto G.E. Friedman/LFI

Mike D (a dir) e seu medalhão: nova moda

Desde que **Mike D,** integrante dos **Beastie Boys,** resolveu usar um ornamento/símbolo de marca de carro como medalhão, tem triplicado nos EUA a procura do artigo em loja de peças, já que virou uma constante o roubo destes ornamentos em carros Volkswagen, Mercedes, Cadillac e outros. Só no mês de março foram encomendadas 12 600 dessas peças para a Mercedes-Benz, o que significa que agora temos um número parecido de jovens andando por aí com ornamentos afanados pendurados no pescoço...

A MORTE DE ROBERTO SANTOS

Faleceu no hospital Carlos Chagas, em Guarulhos, no dia 3 de maio, um dos precursores do cinema novo e também um dos mais talentosos cineastas paulistas: **Roberto Santos.** O diretor de *O Grande Momento* (1958), *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* (1966), *O Homem Nu* (1968), *As Três Mortes de Solano* (1976), *Os Amantes da Chuva* (1979), *Nasce uma Mulher* (1983) e outros filmes menos famosos, voltava do Festival de Gramado, onde competiu com seu último longa-metragem, *Quincas Borba* — que não levou prêmio algum. Quando estava esperando sua bagagem no Aeroporto de Cumbica, sofreu um enfarte do miocárdio e morreu, alguns minutos depois, no hospital.

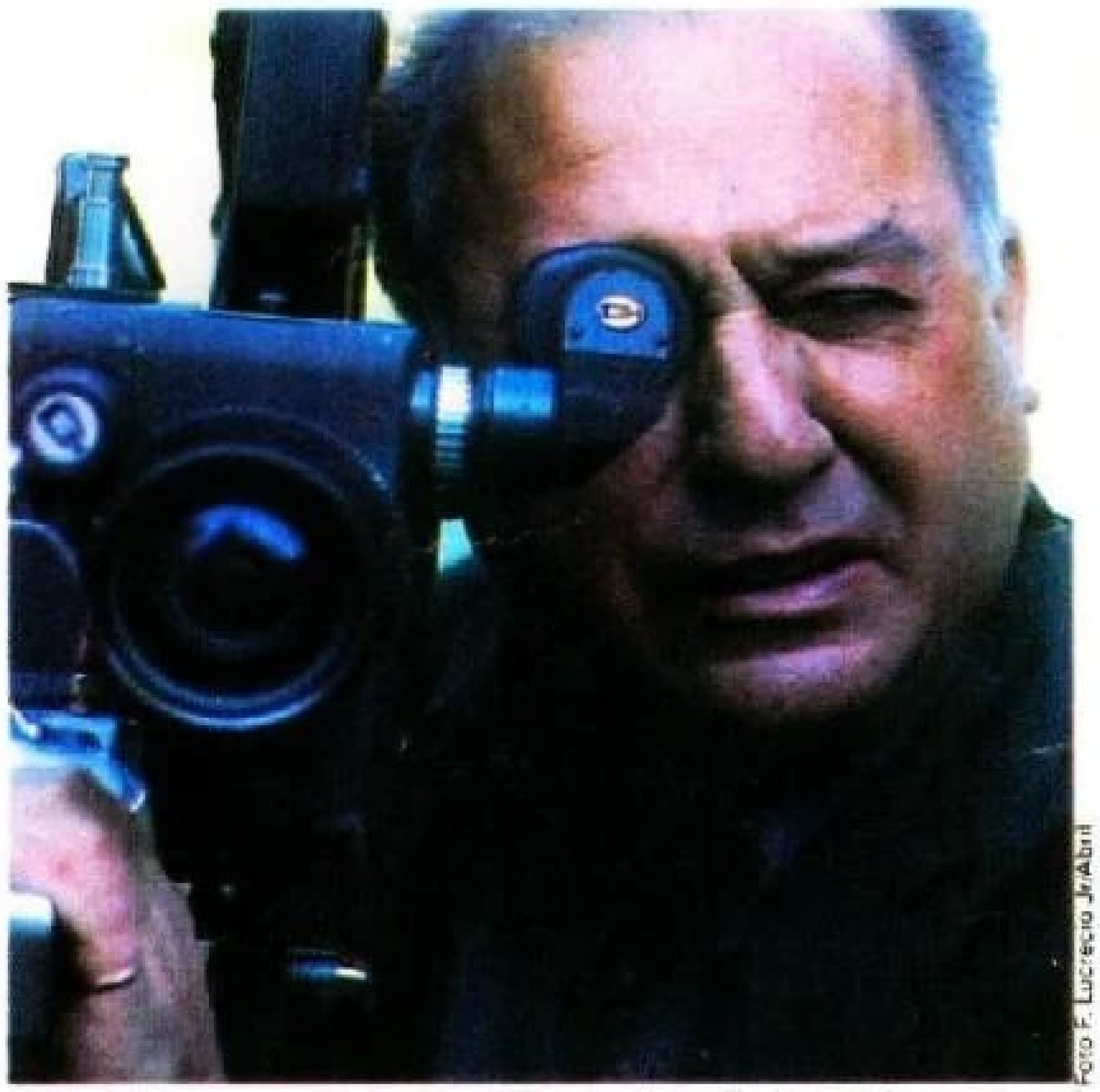


Foto F. Lucrécio Jr/Abril

O cineasta paulista Roberto Santos

FALHA NOSSA

Erro imperdoável: **John Lennon** morreu no dia 8 de dezembro de 1980 e não no dia 9, conforme publicamos na coluna FLASHBIZZ da edição 21 de BIZZ.

GRUPO ALEMÃO NO BRASIL

Wunderbar! Vem aí o grupo alemão **Härte 10,** para uma série de shows em algumas capitais brasileiras. Eles estarão por aqui no período de 6 a 28 de agosto. O grupo é independente — o que, na Alemanha, não significa que o grupo seja semidesconhecido —, lançou alguns LPs e tem três integrantes: **Valerie Kohlmetz** (teclados, percussão, vocais), **Frank Köllges** (bateria, vocais) e **Mike Herting** (teclados, percussão, vocais). A promoção é do Instituto Goethe, responsável pela vinda de vários artistas interessantes ao longo de sua existência (eles já trouxeram **Holger Czukay, Cassiber, Passport, Mild Maniac Orchestra, Manfred Schoof Quintet, Harth & Goebbels, Werner Herzog, Werner Schroeter** e outros). Maiores informações sobre os concertos do Härte 10 podem ser obtidas junto ao Instituto Goethe mais próximo...

Contra-capa de um LP de 83 do Härte 10

NOVIDADES NO VINIL

Tribute é o nome do LP que **Ozzy Osbourne** acaba de lançar. Trata-se de um disco duplo, gravado ao vivo nos tempos em que o guitarrista de Ozzy era o legendário **Randy Rhoads**. Rhoads faleceu há cinco anos, em um acidente de avião na Flórida. Ozzy tinha planejado lançar este "tributo" em 82, mas desistiu porque não queria que achassem "que estaria tentando lucrar em cima da morte de outra pessoa". Os pedidos dos fãs, entretanto, não cessaram, e Ozzy resolveu lançar o LP, que vale pelo simples fato de Randy Rhoads ter sido um dos maiores guitarristas de heavy-metal de todos os tempos.

Curto e grosso: vem aí o novo LP de **Suzanne Vega**, intitulado *Solitude Standing*. A produção é de **Steve Addabbo** e **Lenny Kaye** (ex-guitarrista da Patti Smith Band).

Foto G.Du Bose/LFI

Um dos destaques: Joan Armatrading

ANISTIA INTERNACIONAL

Foram duas noites em que vários comediantes famosos soltaram suas melhores piadas, seguidas por duas noites em que gente como **Peter Gabriel, Lou Reed, Kate Bush, David Gilmour, Mark Knopfler, Duran Duran, Bob Geldof, Joan Armatrading, Youssou N'Dour, Jackson Browne, Aswad** e outros grupos e artistas conhecidos cantaram e improvisaram no London Palladium. Esses foram os concertos do *Secret Policeman's Third Ball*, um evento que ocorre pela terceira vez na Inglaterra para levantar fundos para a Anistia Internacional, conhecida organização internacional que luta pela defesa dos direitos humanos. Os concertos foram filmados e o vídeo *The Secret Policeman's Third Ball*, com noventa minutos de duração, deverá estar em breve nas locadoras brasileiras.

A RECUPERAÇÃO DE RONNIE LANE

Foto Simon Fowler/LFI

Lane, ainda preso à cadeira de rodas, apesar da recuperação

Ronnie Lane, ex-baixista dos Faces que esteve inativo durante anos por causa de sua grave doença, a esclerose múltipla, está se recuperando milagrosamente. Lane — que motivou a realização em 83 do concerto ARMS, reunindo astros como **Steve Winwood, Ron Wood, Charlie Watts, Jimmy Page** e **Pete Townshend**, a fim de levantar fundos para a pesquisa da doença — declarou que começou a melhorar quando trocou suas obturações dentárias. Aparentemente, sua esclerose derivava de um envenenamento por mercúrio, causado pelas obturações. Lane ainda está aleijado, mas espera conseguir, através de exercícios e terapias, uma melhora substancial em sua saúde.

DEZ ANOS SEM BOLAN

Foto Abril

T. Rex, no início da década de 70: Marc Bolan e o percussionista Mickey Finn

No dia 16 de setembro de 1977, há quase dez anos, morria num acidente de carro **Marc Bolan**, um dos músicos mais importantes e criativos que a Inglaterra já conheceu. Bolan fundou em 1967 o grupo **Tyrannosaurus Rex**, que mais tarde teria o seu nome abreviado para **T.Rex.** Este grupo, que durou até a morte de Bolan, gerou uma histeria de fãs na Inglaterra quase comparável à dos **Beatles.** Com suas letras meio místicas e absurdas, sua vozinha fina, suas composições acústicas exóticas e seu visual andrógino e glamuroso, Bolan conquistou e influenciou gerações de roqueiros, e seus discos continuam sendo procurados até hoje (curiosidades: **Ringo Starr** dirigiu em 73 um documentário sobre o T.Rex, chamado *Born To Boogie*, e entre os vários grupos que gravaram músicas de Bolan estão o **Bauhaus** — "Telegram Sam" — e o **Power Station** — "Bang a Gong — Get It On"). Para homenagear o cantor/compositor/guitarrista estão sendo lançados neste ano três LPs que reúnem todos os compactos lançados pelo T.Rex. Os LPs chamam-se *The History Of T.Rex 1967-1977*, e eles *têm* de ser lançados no Brasil (alô, gravadoras, pelo amor de Deus...). Também estão sendo lançadas remixagens de algumas canções, sob responsabilidade de **Tony Visconti,** produtor original do grupo e considerado "integrante oculto" do T.Rex, e o vídeo *20th Century Boy*, reunindo aparições do T.Rex na TV inglesa. Ooooooobaaaaaa!

A VOLTA DE YMA SUMAC

Foto Bernard Gotfryd/Newsweek

Yma Sumac: a volta da voz fora do comum

Quem iria se esquecer de uma voz como a de **Yma Sumac**, a legendária cantora peruana que conquistou o mundo com suas gravações e seus espetáculos nas décadas de 40 e 50? Dificilmente os amantes da música deixariam de venerar seus poderosos agudos e o timbre cristalino fora do comum desta descendente de Atahualpa, o último rei inca. E não é que ela está de volta, após um sumiço de mais de vinte anos — durante o qual, inclusive, foi dada como morta?! Ela está a todo vapor, excursionando pelos EUA, após o recente lançamento do seu catálogo em Compact Disc pela Capitol. Ela também recebeu uma série de convites interessantes: o de cantar no LP solo de **Kate Pierson** (do B-52's), o de cantar a faixa "I Wonder" — originalmente composta para o desenho *A Bela Adormecida* — que entrará num LP que homenageará **Walt Disney**, e de gravar um vídeo e um mix. A cantora deverá aceitar os convites, e não é por questão de dinheiro: ela possui residências nos Andes, na Califórnia e na Espanha...

ANISTIA INTERNACIONAL II

Foto Gamma Liaison/Sigla

Jim Kerr e John Giblin do Simple Minds, no Live Aid: libertando presos políticos

Estão começando a dar certo as formas encontradas pela Anistia Internacional para libertar prisioneiros políticos, aproveitando-se do sucesso internacional de alguns grupos. A gravadora A&M, responsável pelos lançamentos do **Simple Minds** nos EUA, informou que uma campanha promovida pelo grupo escocês para a libertação de presos políticos está dando certo. O grupo distribuiu cartões postais pela platéia, durante um concerto realizado no ano passado em San Diego, Califórnia. Os cartões já vinham endereçados e exigiam a libertação de **P. Udayarahan,** membro de uma minoria religiosa no Sri Lanka e que estava encarcerado há três anos, sem ao menos ter passado por julgamento. Centenas de cartões foram enviados ao governo desta pequena e problemática ilha ao sul da Índia, e, dois meses após o concerto, a Anistia Internacional recebeu uma notificação das autoridades de Sri Lanka informando que Udayarahan fora libertado. Este fato deverá intensificar estas atividades junto às bandas filiadas à Anistia Internacional. Alô, bandas brasileiras: que tal engrossar essa lista?

OUÇA ESSA II

"O rock brasileiro é uma bobagem. Um país que tem João Gilberto, Villa-Lobos, Paulinho da Viola, não vai ter sua musicalidade facilmente derrubada por um sub-rock."
Jards Macalé, em recente entrevista à *IstoÉ*

50 ANOS SEM NOEL

Foto Abril

Noel Rosa, autor de mais de 250 canções

Desculpem nosso atraso, pois já deveríamos ter tocado no assunto na edição de maio. Estamos falando do cinqüentenário da morte de um dos maiores gênios da MPB e que jamais deverá cair no esquecimento: **Noel Rosa.** Ele foi um dos mais prolíficos compositores de sua época. Compôs inúmeros sambas de sucesso, músicas inesquecíveis como "Gago Apaixonado", "Com Que Roupa?", "Feitio de Oração", "Feitiço da Vila", "Conversa de Botequim" (essas três em parceria com **Vadico**), "Palpite Infeliz", "Último Desejo", "Pastorinhas" (**com João de Barro**) e outras maravilhas. Fez músicas para revistas musicais, filmes e especiais radiofônicos. Foi exímio violonista, estudou Medicina durante um tempo e era muito querido por músicos da época (**Ari Barroso, Aracy de Almeida, João de Barro, Vadico, Ismael Silva, Lamartine Babo, Mário Reis, Almirante, Cartola, Bide, Marília Batista, Hervé Cordovil, Francisco Alves** — todos eles estiveram envolvidos com Noel), por fãs e pelo pessoal da Vila Isabel, bairro carioca onde ele nasceu e foi criado. Noel faleceu aos 26 (!) anos de idade, vítima de tuberculose, em 4 de maio de 1937.

A gente é do jeito que a gente é.
jeaneration veste a gente do jeito que a gente é.

U2 PISOU NA BOLA? II

O **U2** está sendo acusado pelo grupo irlandês **Bouquet of Blue Roses** de ter plagiado uma canção sua. Trata-se de uma música chamada "Candyfloss", que estava numa fita demo enviada no ano passado à gravadora Mother Earth, com sede em Dublin e que pertence ao U2. **Bono** e seus amigos teriam transformado a canção roubada em "With or without You", uma das melhores músicas do LP *The Joshua Tree*. Um porta-voz da Mother Earth confirmou que a gravadora recebeu a fita demo, mas negou que a fita tivesse sido enviada ao U2.

Foto Ebet Roberts/LFI

R.E.M., grande atração de Athens, GA

ATHENS, GEÓRGIA

Athens, GA. é o título de um filme que foi lançado nos EUA, e que relata de forma documental, com shows e entrevistas a cena musical da pequena cidade de Athens, na Geórgia. Entre as que surgiram nesta cidade estão algumas das mais importantes e criativas bandas americanas: **B-52's**, **R.E.M.**, **Pylon**, **Love Tractor** e outras menos conhecidas como **Dreams So Real**, **Kilkenny Cats** e **Bar-B-Q Killers**. A explicação para a fertilidade musical da cidade está no fato de nela habitarem a maioria dos estudantes da Universidade da Georgia, entre eles, muitos alunos de artes. As bandas foram surgindo à medida que a rapaziada se juntava para animar festinhas e reuniões. Este processo culminava na formação de grupos despretensiosamente originais que, aos poucos, acabaram conquistando toda a América. O filme terá sua trilha sonora lançada em disco. A direção da fita é de **Tony Gayton**.

OLHA O PACOTÃO

Foto Tom Sheehan/LFI

Felt, liderado por Lawrence (2º da esq)

Está saindo no Brasil o primeiro pacote de "bolachas finas" inglesas, prometido no início do ano pelo pessoal da Stiletto Representações (ver *Showbizz* da BIZZ 18). Trata-se de um pacote de seis LPs que será lançado, distribuído e divulgado pelo Estúdio Eldorado, gravadora paulista de médio porte. Preparem-se para emoções fortes, pois aí vem a lista dos discos: *Closer*, do **Joy Division** (cópia da matriz americana, que inclui a célebre "Love Will Tear Us Apart"); *LC*, do **Durutti Column**; *Force*, do **A Certain Ratio**; *Ignite the Seven Cannons*, do **Felt**; *Kicking Against the Pricks*, de **Nick Cave & The Bad Seeds** (é o disco que só tem versões, entre elas as de "All Tomorrows Parties", do **Velvet Underground** e "By the Time I Get to Phoenix", de **Jimmy Webb**), e a coletânea *London Pavilion*, que reúne trabalhos de grupos independentes ingleses (totalmente desconhecidos no Brasil) ligados à gravadora Cherry Red. É um pacote de cair o queixo e certamente deverá deixar profundas marcas nos músicos e não-músicos ávidos por coisas diferentes e ousadas. Obrigado, Senhor!

O ROMANCE SECRETO DE ELVIS

I'M ELVIS PRESLEY'S DAUGHTER

28-year-old woman's story is revealed in blockbuster book after five years of detective work

'She was obsessed with her dad ... Even the refrigerator had his photos all over it'

Artigo publicado na revista americana Star. À direita, Lucy e Desiree Presley

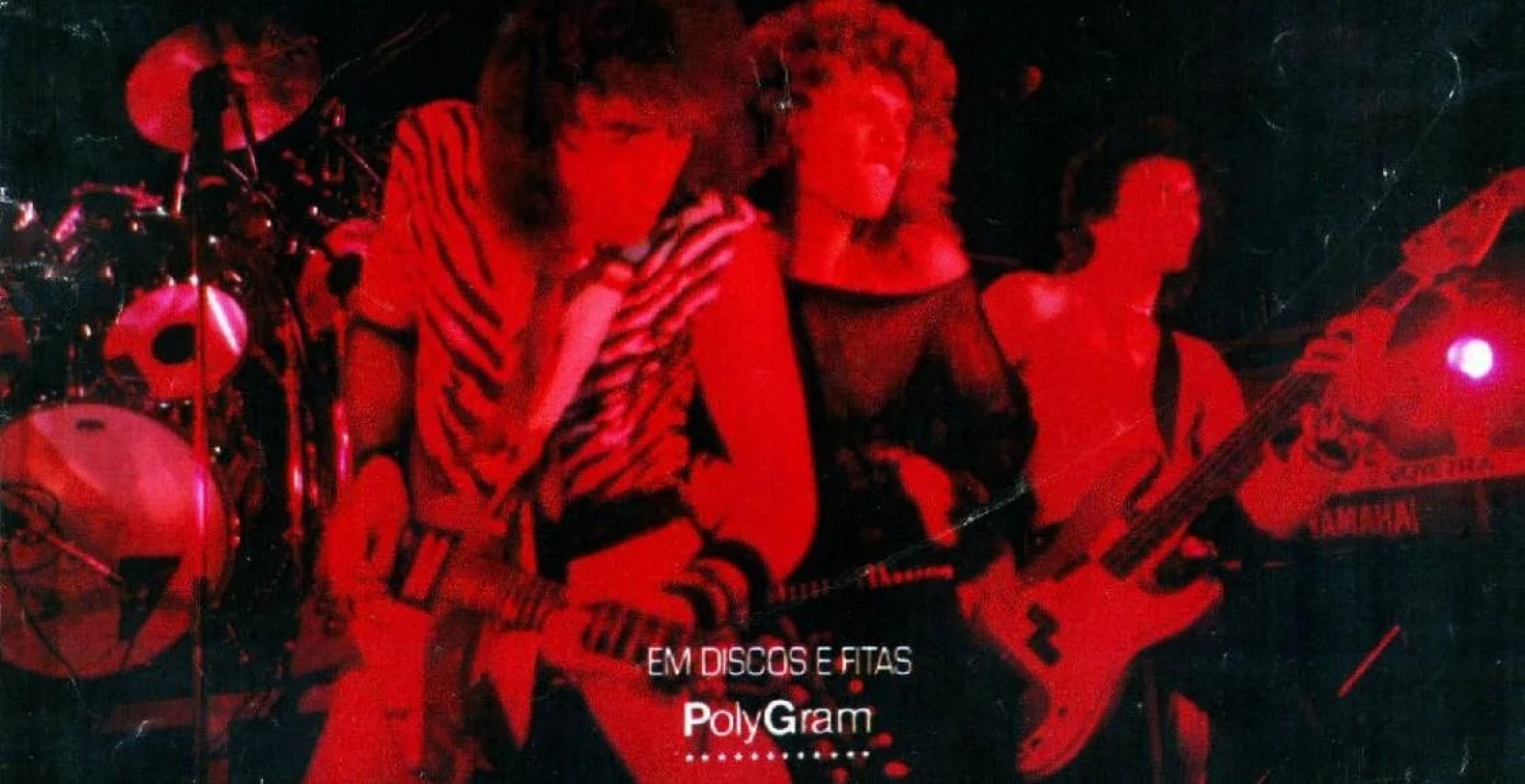
Acaba de ser lançado nos EUA um livro que está causando um furor dos diabos: *Are You Lonesome Tonight? The Untold Story of Elvis Presley's One True Love... and the Child He Never Knew*, de **Dary Matera**. O livro revela o romance secreto que **Elvis Presley** manteve — antes e durante seu casamento — com **Lucy de Barbin**. Revela também que Lucy manteve em segredo durante todos esses anos que ela teve uma filha de Elvis, **Desirée**, hoje com 27 anos. Lucy e Elvis aparentemente se conheceram numa festa em 1953. Iniciaram o romance — que sempre foi mantido em segredo por Elvis —, e o cantor chegou a fazer vários pedidos de casamento à namorada secreta. Os pedidos foram recusados porque ela "temia que seu passado prejudicasse a carreira". Este "passado" é dramático: Lucy fora vendida aos 11 anos de idade para um homem que a estuprava e lhe batia.

E a NBC, uma das principais redes americanas de TV, está preparando uma minissérie de quatro horas — baseada no romance de Elvis e Lucy —, que deverá ter o título de *One True Love*.

VOCÊ NÃO SABE O QUE É

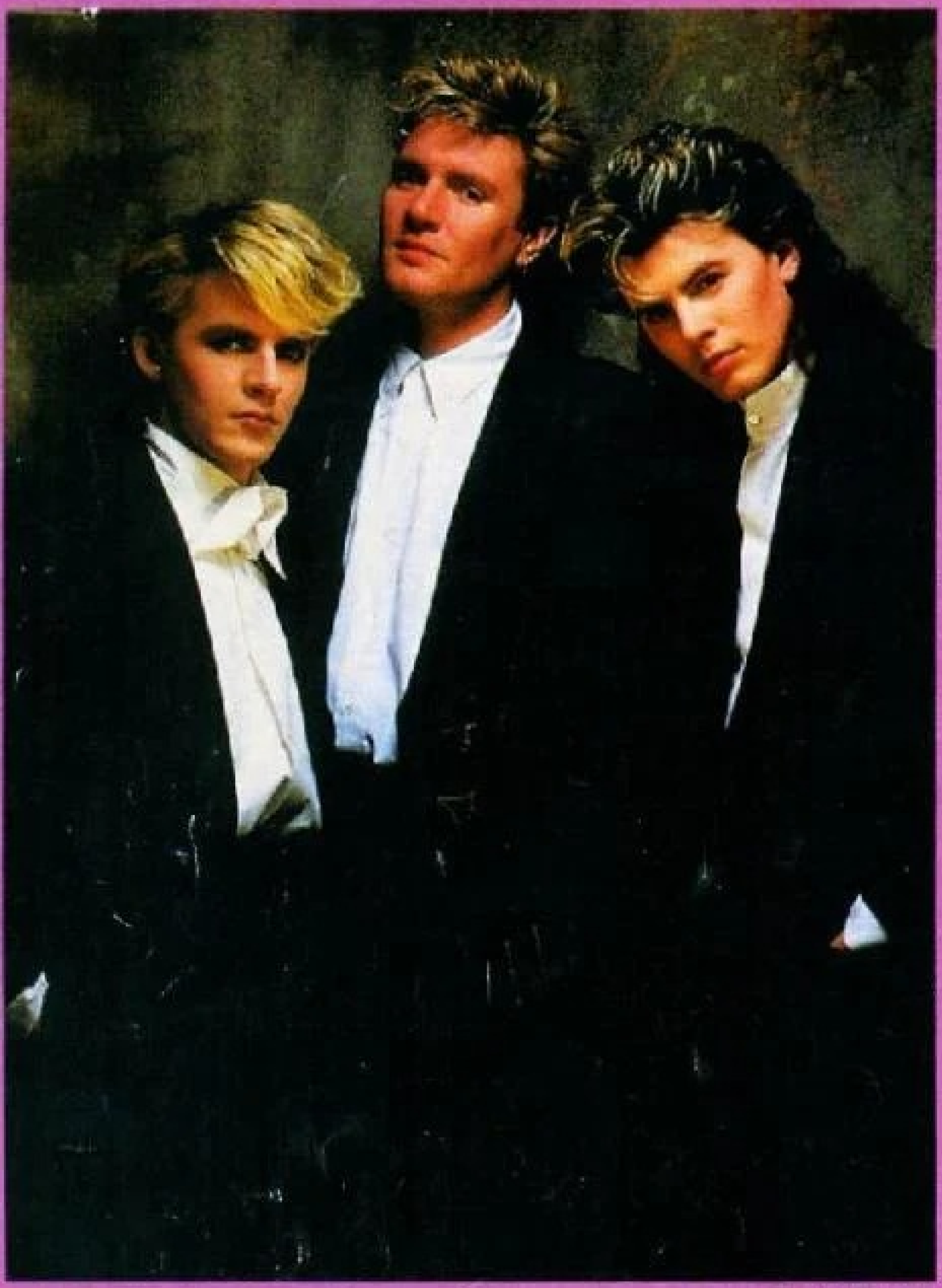
BON JOVI

A prova está no novo Lp do grupo,
Slippery When Wet.
Metal? Não.
Ao longo do disco rola até Blues.
Pop? Não.
Apesar de ter tomado de assalto
as paradas européia, norte-americana e japonesa,
Slippery When Wet também pega pesado.
Hard? Não.
Nesse disco o *Bon Jovi* detona
até algumas baladas.
Francamente,
você não sabe o que é Bon Jovi. E isso é bom.
Isso é novo!



EM DISCOS E FITAS

PolyGram



Duran Duran

LPs (EUA)

1 (1) *Licensed to Ill* — **Beastie Boys** (Def Jam)
2 (2) *Slippery When Wet* — **Bon Jovi** (Mercury)
3 (4) *Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros.)
4 (N) *The Joshua Tree* — **U2** (Island)
5 (3) *The Way it Is* — **Bruce Hornsby & the Range** (RCA)
6 (5) *Invisible Touch* — **Genesis** (Atlantic)
7 (8) *Life, Love and Pain* — **Club Nouveau** (Warner Bros.)
8 (N) *Look What the Cat Dragged in* — **Poison** (Enigma)
9 (6) *Control* — **Janet Jackson** (A&M)
10 (10) *The Final Countdown* — **Europe** (Epic)

Compactos (EUA)

1 (5) "Nothing's Gonna Stop Us Now" — **Starship** (Grunt)
2 (N) "I Knew You Were Waiting" **Aretha Franklin & G. Michael** (Arista)
3 (1) "Lean on Me" — **Club Nouveau** (Warner Bros.)
4 (N) "Don't Dream it's Over" — **Crowded House** (Capitol)
5 (N) "Sign o'the Times" — **Prince** (Paisley Park)
6 (8) "Tonight, Tonight, Tonight" — **Genesis** (Atlantic)
(N) "Come Go with Me" — **Expose** (Arista)
8 (N) "Midnight Blue" — **Lou Gramm** (Atlantic)
9 (N) "Looking for a New Love" — **Jody Watley** (MCA)
10 (2) "Let's Wait Awhile" — **Janet Jackson** (A&M)

LPs (GB)

1 (5) *The Joshua Tree* — **U2** (Island)
2 (N) *Running in the Family* — **Level 42** (Polydor)
3 (8) *Men and Women* — **Simply Red** (WEA)
4 (N) *Now That's What I Call Music 9* — **Vários** (Virgin)
5 (2) *Graceland* — **Paul Simon** (Warner Bros.)
6 (N) *Sign o'the Times* — **Prince** (Paisley Park)
7 (1) *The Phantom of the Opera* — **Vários** (Polydor)
8 (3) *The Very Best of Hot Chocolate* — **Hot Chocolate** (Rak)
9 (N) *Into the Fire* — **Bryan Adams** (A&M)
10 (N) *Raindancing* — **Alison Moyet** (CBS)

Compactos (GB)

1 (N) "Let it Be" — **Ferry Aid** (The Sun)
2 (6) "Respectable" — **Mel & Kim** (Supreme)
3 (N) "Let's Wait Awhile" — **Janet Jackson** (Breakout)
4 (N) "La Isla Bonita" — **Madonna** (Sire)
5 (N) "With or without You" — **U2** (Island)
6 (N) "Lean on Me" — **Club Nouveau** (King Jay)
7 (N) "If You Let Me Stay" — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
8 (N) "Everything I Own" — **Boy George** (Virgin)
9 (N) "Sign o'the Times" — **Prince** (Paisley Park)
10 (N) "Respect Yourself" — **Bruce Willis** (Motown)

LPs Independentes (GB)

1 (1) *The World Won't Listen* — **Smiths** (Rough Trade)
2 (4) *Shabini* — **Bhundu Boys** (Disque Afrique)
3 (N) *Reunion Wilderness* — **Railway Children** (Fact)
4 (5) *Texas Campfire Tapes* — **Michelle Shocked** (Cooking Vinyl)
5 (2) *Back Again in the Dhss* — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
6 (N) *The Circus* — **Erasure** (Mute)
7 (3) *Up for a Bit with* — **Pastels** (Glass)
8 (N) *Opus Dei* — **Laibach** (Mute)
9 (N) *Locust Abortion Technician* — **Butthole Surfers** (Blast First)
10 (8) *Specially for You* — **Smithereens** (Enigma)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Always there" — **Rose of Avalanche** (Fire)
2 (N) "What Gives You the Idea ..." — **Crazy Head** (Food)
3 (4) "It Doesn't Have to Be" — **Erasure** (Mute)
4 (N) "Ahead" — **Wire** (Mute)
5 (N) "Sunny Sundae Smile" — **My Bloody Valentine** (Lazy)
6 (7) "Stop Killing Me" — **Primitives** (Lazy)
7 (N) "Preacher Man" — **Fields of Nephilim** (Beggars Banquet)
8 (N) "Chains Change" — **Throwing Muses** (4AD)
9 (N) "Take the Skinheads Bowling" — **Camper Van Beethoven** (R. Trade)
10 (3) "Brighter" — **Railway Children** (Factory)

Parada do Leitor (LPs)

1 (1) *Dois* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
2 (2) *Standing on a Beach* — **Cure** (Polygram)
3 (14) *Notorious* — **Duran Duran** (EMI-Odeon)
4 (6) *Cabeça Dinossauro* — **Titãs** (WEA)
5 (3) *Vivendo e Não Aprendendo* — **Ira!** (WEA)
6 (5) *Correndo o Risco* — **Camisa de Vênus** (WEA)
(4) *Capital Inicial* — **Capital Inicial** (Polygram)
8 (10) *Every Breath You Take* — **Police** (Polygram)
9 (N) *Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
10 (6) *O Concreto Já Rachou* — **Plebe Rude** (EMI-Odeon)
(13) *Longe Demais das Capitais* — **Engenheiros do Hawaii** (RCA)
12 (N) *Todas ao Vivo* — **Marina** (Polygram)
(12) *Flaunt it* — **Sigue Sigue Sputnik** (EMI-Odeon)
(N) *Ao Vivo* — **Kid Abelha e os Abóboras Selvagens** (WEA)
15 (R) *True Colors* — **Cyndi Lauper** (CBS)

Fonte: Cash Box e Billboard (*EUA: de 10 a 31.01.86*), New Musical Express e Melody Maker (*GB: de 03 a 24.01.86*)

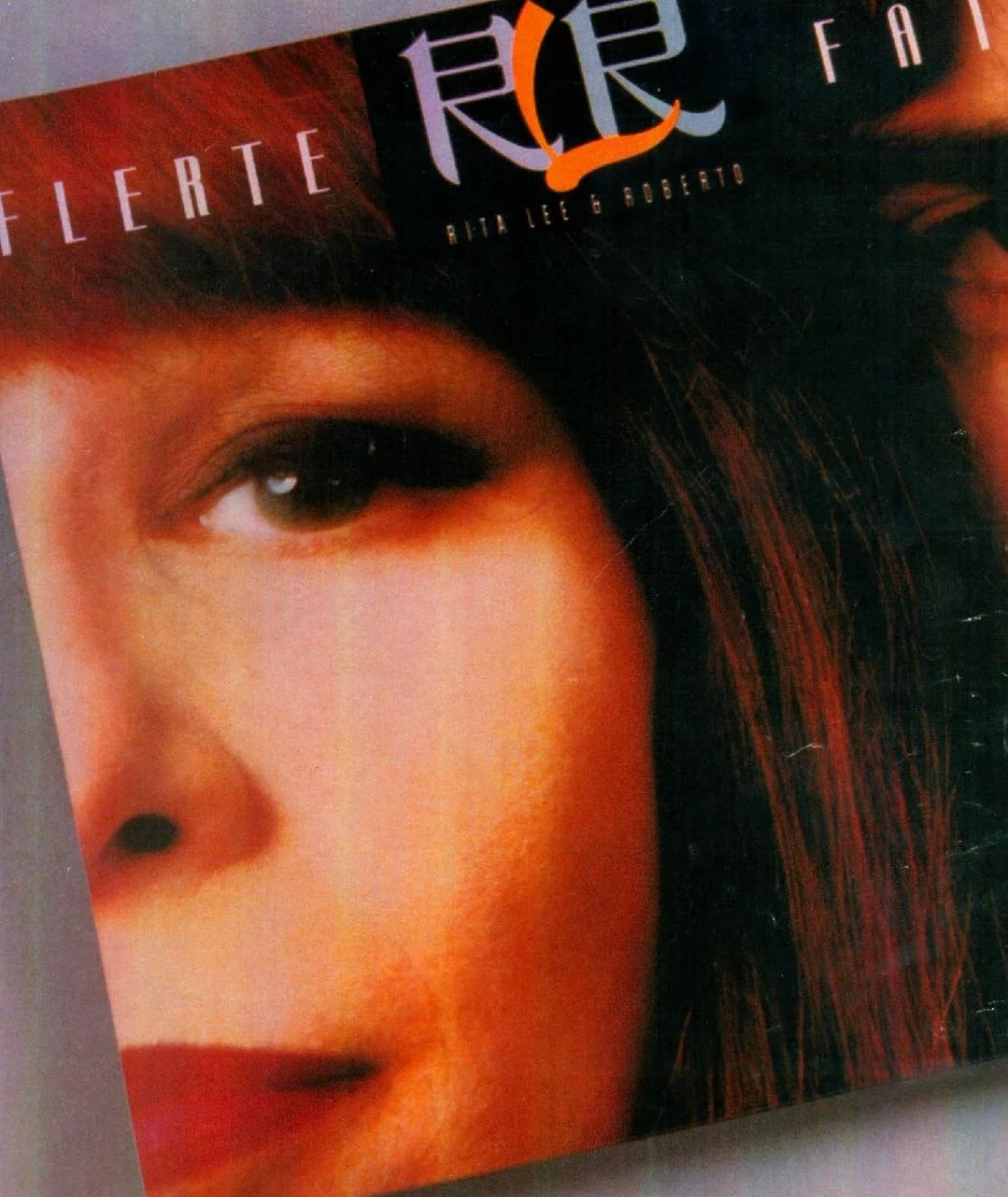
CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE NA PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

ANDE COM O BOM HUMOR SIDE WALK.



Rita Lee & Roberto, Flerte

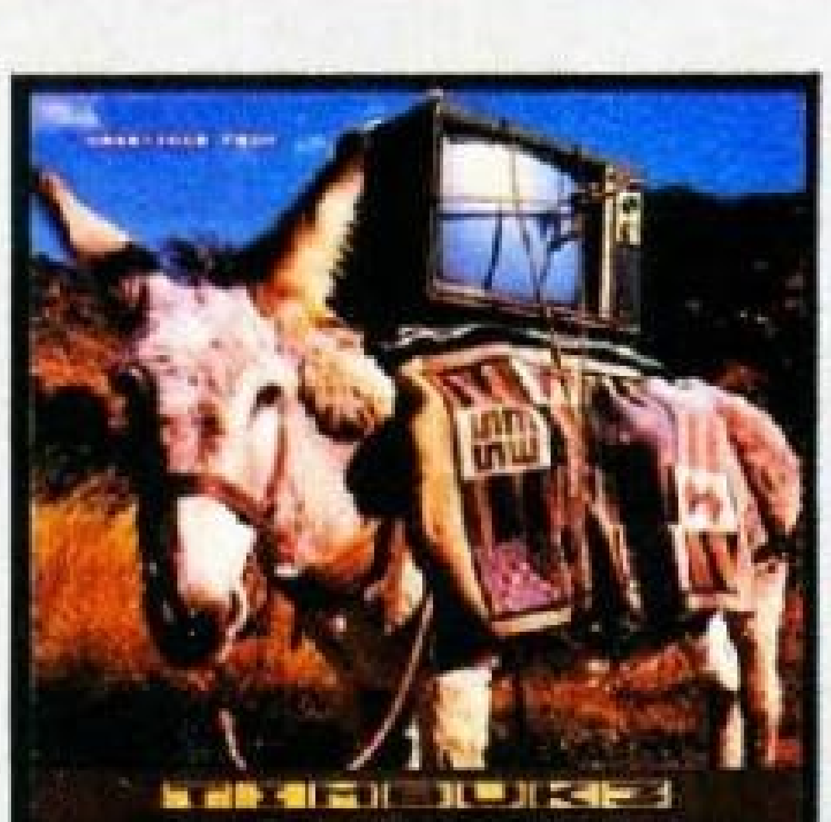
Fatal. As lojas já têm. E você?

Disponível em LP, K7 Normal, K7 Cromo e Compact Disc

SIGN O'THE TIMES — Prince (WEA)

Um ano mal se passou. A gente imaginava sua alteza o Amadeus mulato remoendo sua paranóia — alimentada pelo fracasso de *Under the Cherry Moon*, o filme — no escuro do seu estúdio lilás de Paisley Park. E toma! Dupla bolacha na chapa, dezesseis faixas tocadas pela graça deste louco iluminado. E que louco!

Primeiro, o maníaco mandou para a guilhotina o Revolution, sua banda. Segundo, estraçalhou seus mais belos brinquedos, seus funks certinhos de *1999*, suas baladas engomadas de *Parade*, sua pop psicodélica diluída de *Around the World in a Day*, empilhou e triturou os códigos (funk, rock'n'roll, jazz, metal, gospel, blues) para arremessar tudo em bloco contra suas baterias eletrônicas e seus sintetizadores envenenados. Desta mixórdia surge um esboço genial, rascunho definitivo. Desde "Sign o' the Times", o hit que abre este espantoso massacre, até "Adore", a suntuosa balada que fecha a obra (em construção), o diletante, mais ambíguo e perverso do que nunca, homenageia sucessivamente a monogamia ("I Could Never Take the Place of Your Man"), o moralismo ("The Cross"), deita e rola nos lençóis úmidos e manchados de um bacanal ("It"), mistura as bolas ("If I Was Your Girlfriend") e as estações ("Strange Relationship") e molha as calças na espuma de uma banheira para dois ("The Ballad of Dorothy Parker"). Mas o maior tesão de Prince é mesmo pelas misturebas sonoras. Numa época em que a superprodução é regra, ele assume todos os riscos e suprime a habitual parafernália de instrumentos para guardar o essencial. Faixas como "The Ballad..." e "If I Was Your Girlfriend" soam como meras *demo tapes* editadas no fundo do quintal. O som ficou despojado, quase nu, diabólico. Este é, sem dúvida, o álbum mais desconstruído e perturbador de Prince, que emerge como um dos raros artistas ainda capazes de criar algo novo e apontar novas direções para a música dita pop. *Jean-Yves de Neufville*



GREETINGS FROM — Timbuk 3 (CBS)

Eles estão passeando pelo mundo com suas guitarras, um míni-rack de efeitos, uma gaita, um violino, um bandolim e um garoto de 3 anos. Pat McDonald e Barbara K são "diferentes", engraçados, inteligentes e sutis. Quando este disco saiu, esperavam vender 25 000 exemplares. Até hoje, só nos Estados Unidos, venderam dez vezes mais, e o single bluesy "The Future's So Bright I Gotta Wear Shades" entrou no Top 20 dos charts. Todas as letras têm segundas intenções e dão margem aos mais engraçados qüiproquós. Até hoje, o público americano não entendeu que o brilho desse futuro continha fortes radiações nucleares, por exemplo. O registro de vozes gravita entre Dylan e Peter Case (para ele) e Chryssie Hynde e Emmylou Harris (para ela), que eles utilizam para reinventar o country, o rock'n'roll, o reggae e até mesmo o rap ("Shame on You"). *J.Y.N.*

ABSOLUTELY LIVE — The Doors (WEA)

Enfim, a expiação pelo crime de terem lançado esta preciosidade pela metade e com a capa adulterada, isso há uns dez anos.

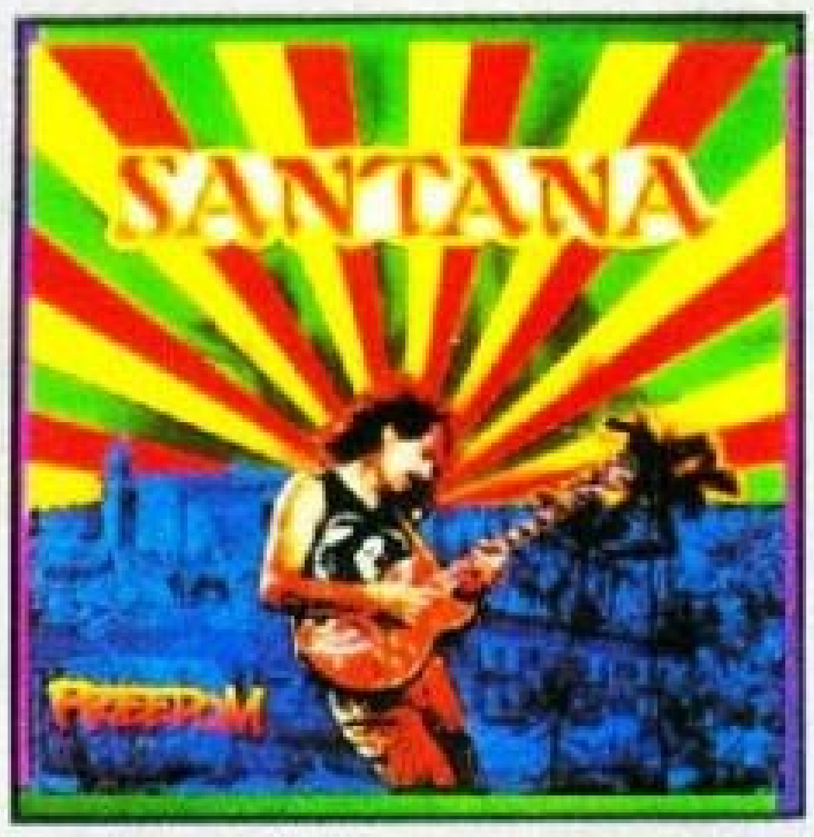
A concepção musical que os Doors trouxeram para o rock'n'roll não cabia apenas no estúdio — se realizava mesmo no palco, onde Jim Morrisson poderia encarnar suas fantasias de trágico grego *cum* xamã possuído *cum* "Rei Lagarto" *cum* a inspiração do momento, improvisando letras e enxertando seus poemas aqui e ali. Nem todo mundo estava preparado para a catarse que ele exigia, antes de tudo, de si mesmo. Daí vem um dos momentos escaldantes de *Absolutely Live*: uma bela descompostura na platéia que recheia uma pausa para improvisação declamatória com gritinhos histéricos de beatlemaníacas e menudetes.

Há também "Celebration of the Lizard", um épico que o resto da banda nunca quis gravar em estúdio e ajuda a fazer deste duplo uma daquelas... *Discoteca Básica*.

Ouça bem alto e sem ninguém que ouse abrir a boca. *J.A.L.*

CORREDOR POLONÊS — Patife Band (WEA)

A união do experimentalismo iniciado nos anos 70 pela "vanguarda paulistana" com o rock nunca se deu à perfeição. A "vanguarda" do Rumo, Premê e Arrigo permaneceu num limbo emepebista. A honrosa exceção fica por conta deste quarteto liderado pelo vocalista e percussionista Paulo Barnabé, irmão de Arrigo. Num EP lançado em 1985, a Patife provou ser a única em seu gênero. Neste LP, ela confirma a originalidade. É agressiva e crítica como uma banda punk, mas sofisticada como qualquer músico de vanguarda. O LP exibe dez rocks assimétricos e tensos, como "Pesadelo", de Paulo e Arrigo, e passagens instrumentais interessantes, como "Maria Louca", criação coletiva da banda. A melhor faixa é o já clássico "Tô Tenso", rock bartokiano de Itamar, Arrigo e Paulo. Não deixe de ouvir. *L.A.G.*



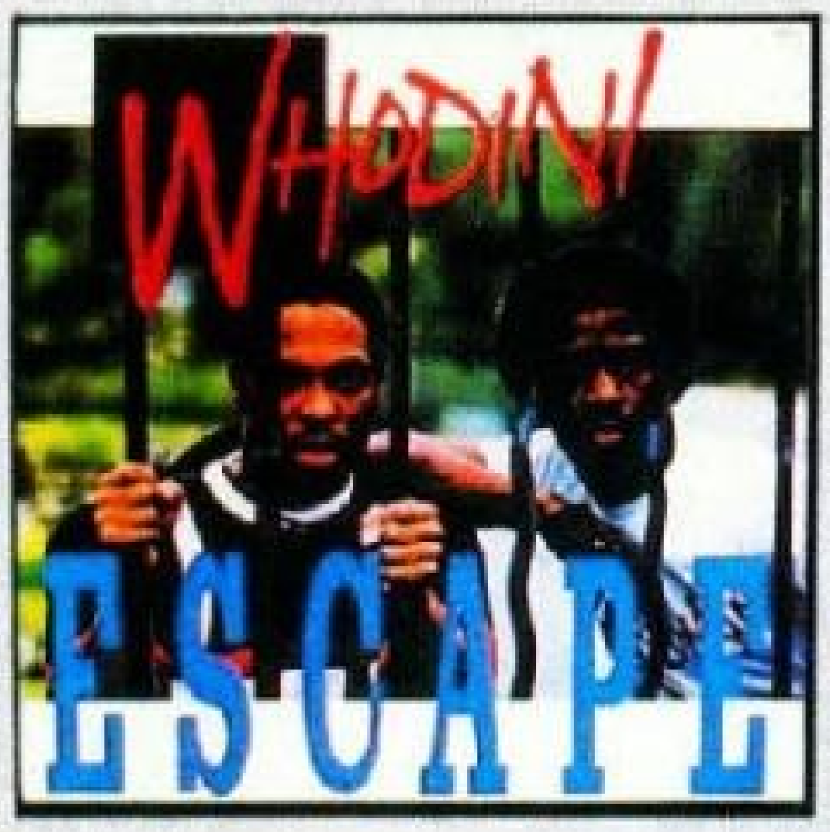
FREEDOM — Santana (CBS)

"Obrigado, Jesus, por minha respiração/Obrigado pela sua visão e sua missão." Esta é a epígrafe do encarte do novo LP de Carlos Santana. Por aí já dá para se ter uma idéia do quão babaca se tornou este guitarrista mexicano, que, no início dos anos 70, fazia uma saudável fusão de rock com ritmos latinos para depois flertar com o jazz-rock e finalmente começar a fazer discos cada vez mais iguais e comerciais, até este horrendo *Freedom*. Desculpe, *senior* Carlos, mas é hora de aposentar a guitarra. *C.P.*

PEACE SELLS... BUT WHO'S BUYING — Megadeth (Odeon)

Outro digno representante do verdadeiro metal atual, o Megadeth não deixa pedra sobre pedra nesse seu novo e arrasador trabalho (o primeiro que sai aqui). É um *death metal*, com suas orgias, torturas, cerimônias negras, guerras e destruições. Destaques maiores de uma pauleira bem produzida ficam com "Wake Up Dead", "Peace Sells", "Good Morning/Black Friday" e uma

ótima versão metálica para "I Ain't Superstitious" de Willie Dixon. L.R.



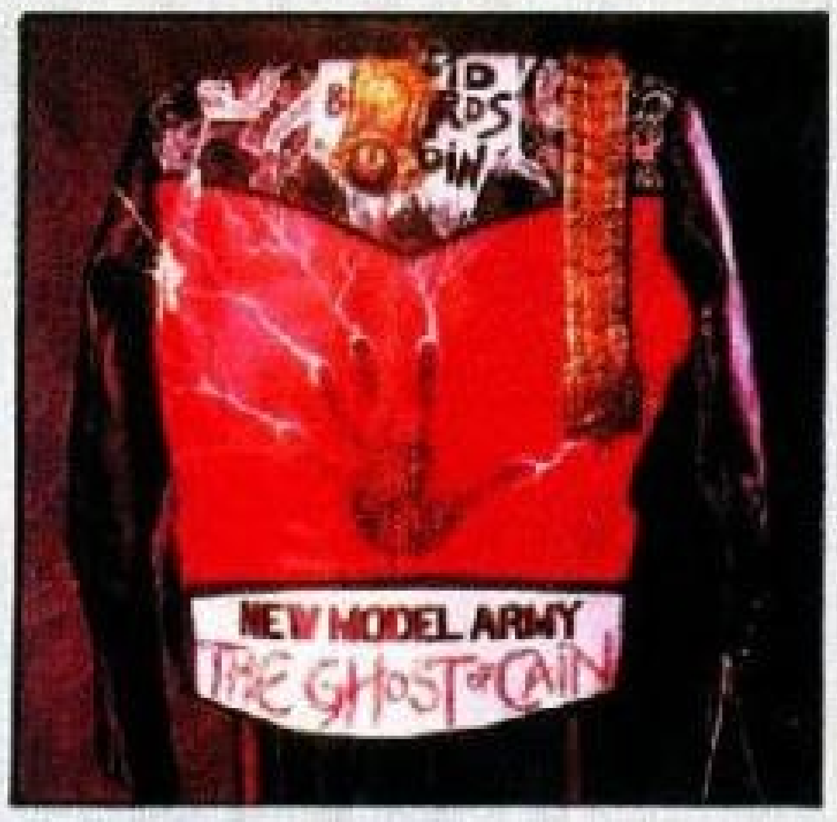
ESCAPE — Whodini (RCA)

1984. Jalil Hutchins e Ecstasy, dois talentosos *rappers* do Brooklyn, New York City, entram no estúdio de Larry Smith (Run DMC) para gravar seu segundo álbum. Este recorta um som elegante e experimental — e até assina boa parte das letras —, sob medida para oito raps da pesada que tratam do pesadelo urbano ("I Need a Break"), de romances falidos ("Friends") e da vida noturna em Nova York ("Freaks Come Out at Night"). A seqüência "Five Minutes of Funk/Freaks/Featuring Grandmaster Dee" e a faixa "Out of Control", repleta de efeitos sonoros, são modelos de *dance music*. Um clássico do rap para ouvir antes de dançar atrás dos Beastie Boys da vida. *J.Y.N.*

THIS IS THE SEA — The Waterboys (WEA)

Lançado com o despropositado atraso de vinte meses, está finalmente disponível em nosso mercado o terceiro LP deste grupo escocês liderado pelo carismático vocalista/guitarrista/violonista/pianista Mike Scott.

Sob uma produção refinada e detalhista, perpetuado por sombras memoráveis como a magia de Van Morrison, as nuances vocais de Ian Hunter, o teor poético de Bob Dylan, a fúria ácida do Led Zeppelin, entre sutis ingressos em paraísos encharcados de folk, jazz, rock'n'roll e originalidade. *This Is The Sea* é, sem quaisquer dúvidas, um grande disco. *F.N.*

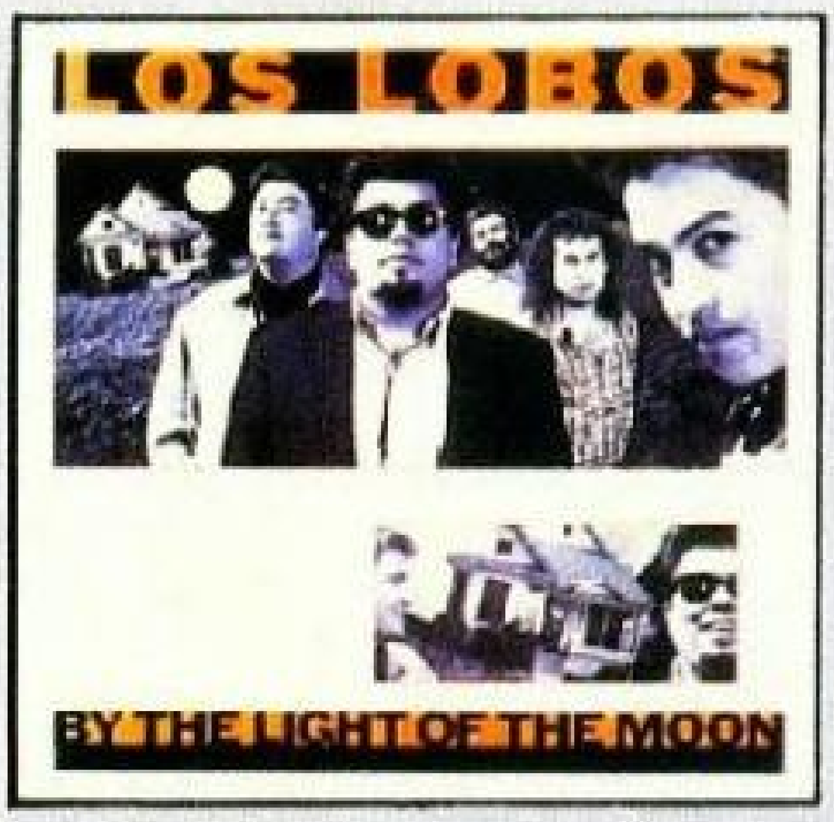


THE GHOST OF CAIN — New Model Army (EMI-Odeon)

Este é o segundo LP do power trio inglês, que faz um rock pesado entremeado de passagens acústicas com influência de grupos heavy e/ou progressivos do início dos anos 70. A diferença é que no NMA a guitarra de Slade the Leveler não se permite muitos solos nem vôos virtuosísticos, preferindo acordes e riffs pulsantes para soar em bloco com a *cozinha* de Jason "Moose" Harris (baixo) e Robb Heaton (bateria). No primeiro LP, *No Rest for the Wicked*, o resultado sonoro era interessante, em contraste com as letras cantadas por Slade, recheadas de obtusas mensagens nacionalistas (apesar da banda ser conhecida como "porta-voz da esquerda musical"). Já em *Ghost*..., apesar da produção de Glyn Johns (Who, Led Zeppelin), o som carece de personalidade, evocando de forma caricata diversos outros grupos. Nada que já não tenha sido feito melhor há anos. E as letras continuam as mesmas. *C.P.*

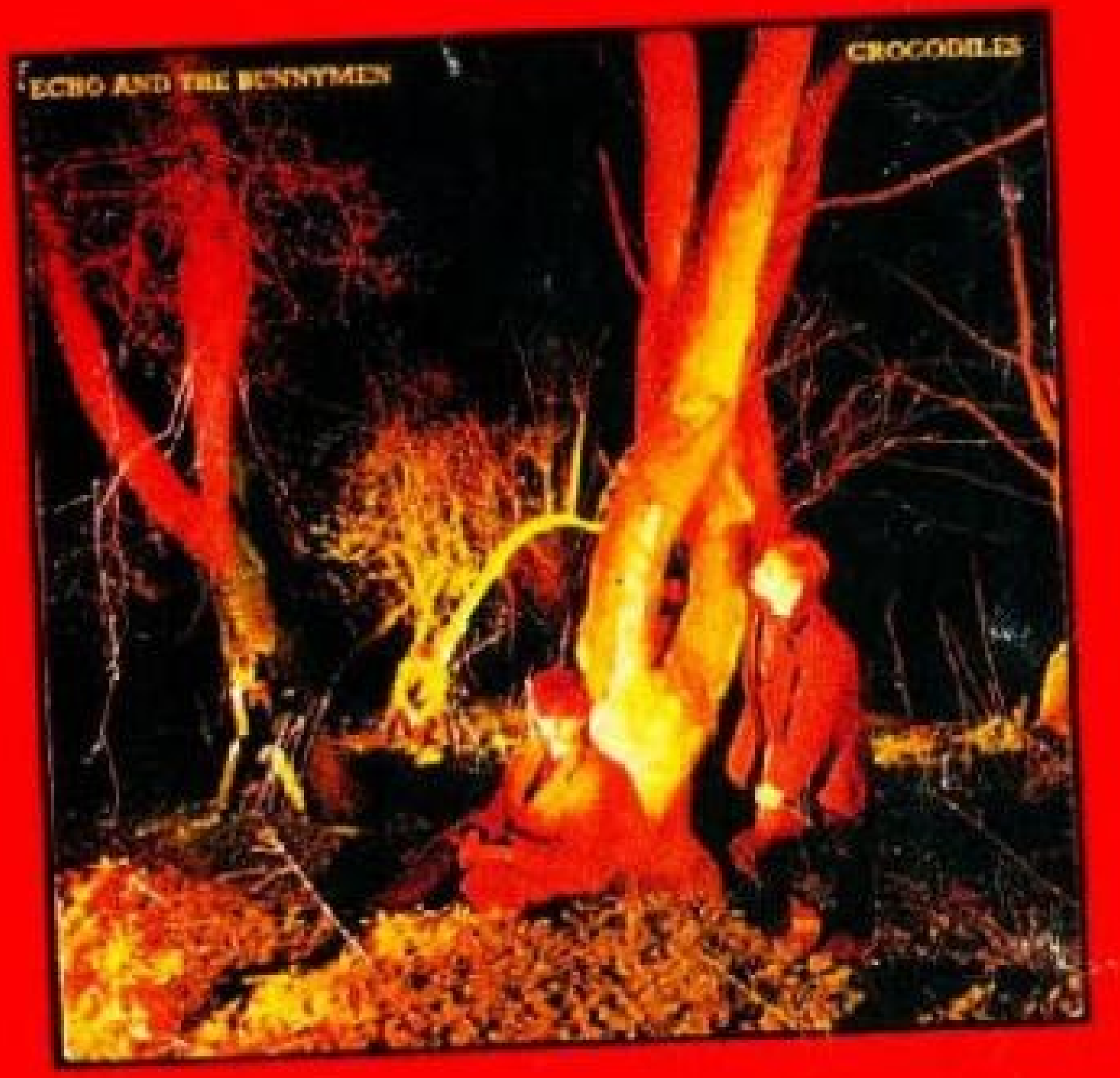
NAZARETH — (Polygram)

O primeiro LP dessa banda escocesa ainda andava inédito no Brasil. Apesar da idade (e do atraso), seu som *pop-hard* carregado de rhytm'n'blues é bastante curtível, assim como o vocal de Dan McCafferty, levemente rouco *à la* Rod Stewart. Os sucessos desse trabalho foram "I Had a Dream" e "Witchdoctor Woman". No entanto, é preferível sacar mais "Dear John", "Red Light Lady" e "Morning Dew" (con influência criativa de Vanilla Fudge). Depois desse disco, o estouro só viria em 72, quando se mudaram para Londres. *L.R.*



BY THE LIGHT OF THE MOON — Los Lobos (Polygram)

O que acontece quando duas culturas musicais se entrelaçam? O que acontece quando a assimilação de idiomas musicais diferentes dá origem a uma terceira ou quarta entidade cultural? Uma das respostas a essas perguntas tem 12 anos e acaba de lançar seu terceiro LP: são os Lobos de Los Angeles, três chicanos e um americano cuja obra empresta muito da herança musical mexicana, claro, mas faz paradas atentas em todas as subdivisões existentes nos Estados Unidos, também. O resultado desta bem transada mistureba de rock, blues, country, soul, Cajun e música tradicional mexicana é, no mínimo, arrebatador. Los Lobos são capazes de arrebentar a chapeleta com faixas furiosas ("Set Me Free", "Shakin' Shakin' Shakez") ou derreter qualquer coração. *J.E.R.*



CROCODILES — Echo and the Bunnymen (WEA)

Antes tarde do que nunca. Com sete anos de atraso temos o oportuno lançamento da edição brasileira do primeiro LP do Echo and the Bunnymen. E é curioso notar que apesar desta grande defasagem o disco parece não ter envelhecido. Isto porque em *Crocodiles* está concentrada a essência do som que projetou esta banda de Liverpool no cenário das principais tendências do rock dos anos 80: canções fortes e marcantes e climas construídos a partir da formação básica do grupo (voz, duas guitarras, baixo e bateria), tendo como princípio a simplicidade e a eficiência. A coesão neste disco é impressionante. A voz personalíssima e as guitarras ocasionais de Ian McCulloch, pontuadas pelos econômicos e limpos solos de Will Sergeant, aliados à presença e ao peso do baixo de Les Pattinson e da bateria de Pete de Freitas, formam uma massa sonora única. A música em *Crocodiles* é crua mas melódica. Pura energia em estado bruto, destilada com classe e harmonia. Esta postura inicial do conjunto foi gradativamente abandonada em seus discos posteriores com a incorporação de novos elementos, como instrumentos acústicos e arranjos de cordas, tornando sua música mais sofisticada mas ao mesmo tempo um tanto glacial e distante. Em *Crocodiles* no entanto ela pega na veia. É difícil citar faixas de destaque, tamanha é a unidade do disco e o pique que permeia todas elas. "Do it clean" e "Rescue" já haviam sido lançadas no Brasil (na coletânea *Songs to Learn and Sing*). O clima lisérgico da abertura de "Going up", a pauleira da faixa-título e a pungente balada "Pictures on My Wall" certamente serão uma delícia para quem teve a felicidade de ver os homens-coelho ao vivo e um consolo para quem ficou na saudade. *Celso Pucci*

LIVE PARIS-ZIGUINCHOR — Toure Kunda (RCA)/**CHIMURENGA FOR JUSTICE — Thomas Mapfumo & The Black Unlimited** (WEA)/**NELSON MANDELA — Youssou N'Dour and Super Etoile de Dakar** (WEA)/**AURA — King Sunny Ade** (WEA)

Vocês se lembram da matéria sobre a África da BIZZ 21? Pois é, olhaí: quatro discos que abrangem razoavelmente o panorama da "Nouvelle Musique Africaine". Se você tiver suficientes cruzados, compre os quatro. Se não, o melhor deles é sem dúvida o Toure Kunda. Gravado ao vivo, com excelente qualidade técnica, durante a turnê africana 83/84, este disco mostra bem as possibilidades e a força de uma das bandas mais importantes do gênero. Em "Sidi Yella", a kora é muito bem substituída por um DX7 que imita seu fraseado, e o vocal que o acompanha é emocionante. Depois desta faixa vem "Em'ma", recheada de suingue e destinada a se tornar um hit. Pretensiosamente programada para esse fim é a faixa "The Rubberband Man", do disco de Youssou N'Dour. Este já é mais ligado ao padrão L.A. funk jazz-rock, diferenciando-se pelo selvagem timbre da percussão, mais para atabaque do que pra conga (os tais tambores "tama"). Tem até um interessante quase-rock, "Moule Moule". Sua dura e aguda voz tem inegável sabor africano, e o disco um inegável sabor parisiense, no som e no engajamento. Thomas Mapfumo é o mais "Marley" dos quatro, a começar pelo visual. Antes da libertação de Zimbabue, Thomas sofreu bastante com a censura e chegou até a fazer estágios no xadrez. Sua mensagem política é explícita e este disco é uma deliciosa prova disto. Uma curiosidade: compare a faixa "Marondera" com o carimbó de Belém do Pará. *Aura*, o disco de Sunny Ade, pode chocar alguns numa primeira escuta, pela eventual frieza das baterias eletrônicas. Na verdade, a temperatura dos constantes *talk drums* compensa com grande magia esse lance e ajuda a tornar o som de Sunny Ade o mais hipnótico. Aqueles que acham Jorge Ben repetitivo não vão gostar. Eles não sabem o que estão perdendo!!! *Silvano Miquelino*

LIVE MAGIC — Queen (EMI-Odeon)

Se um grupo não tem nada de novo a apresentar, não existe saída mais fácil do que gravar um álbum ao vivo (outro? Oh, não!) com seus greatest hits. Foi o que fizeram Mr. Frederick e suas rainhas em Live Magic. Depois das incursões por trilhas sonoras de filmes e os indefectíveis álbuns solo de seus integrantes, a rapeize do Queen parece que agora só vê o grupo como um caça-níqueis milionário capaz de atrair multidões aos seus shows. E é só. Desta cartola não sai coelho. *C.P.*

NEVER LET ME DOWN — David Bowie (EMI-Odeon)

Das duas, uma: ou Bowie está deliberadamente perseguindo um caminho oposto ao traçado em toda sua carreira — tentando, assim, ser um artista mediano, morno, inofensivo —, ou então ele não sabe mais fazer música relevante. Seja qual for a explicação, desde "Let's Dance" (o single) David perambula por um limbo criativo que em nenhum momento recorda a faísca genial do passado.

Bowie revisita outros bowies, aqui — em "Zeroes" e em "Glass Spider" há ecos de Ziggy e de "Space Oddity" (um pedido de ajuda? um derradeiro adeus?). E, na verdade, mira no futuro ("Day in, Day out" e "The Beat of Your Drum" são exercícios numa modalidade pop que David bem domina e deles ainda consegue extrair bom caldo). Até o máximo da modernidade Bowie atinge, convidando ninguém menos que Mickey Rourke para fazer um fantasmagórico *rap* em "Shining Star".

Ou seja, o disco tem suas qualidades. Mas por que será que Bowie soa perdido, inseguro, falso? *J.E.R.*

INTEGRAL DAS SONATAS PARA PIANO E VIOLONCELO DE BEETHOVEN — Mstislav Rostropovich (violoncelo) e Sviatoslav Richter (piano) (Polygram)

Este álbum duplo, só agora lançado no Brasil, simplesmente contém as melhores versões das cinco sonatas de Ludwig Van Beethoven (1770-1827). São expedições ao mundo das formas clássicas escritas com tempestade e conturbação pelo grande mestre alemão. Para refazer a viagem em sons à altura da partitura é preciso uma dupla magistral. E ei-la: os russos Rostropovich, hoje com 60 anos, e Richter, hoje com 72. Ambos expoentes máximos em seus instrumentos perpetraram obras-primas. O disco foi gravado em 1963, no esplendor da técnica de Richter e na fase lírica de Rostropovich. Não perca. *L.A.G.*

KINGDOM BLOW — Kurtis Blow (Polygram)

O homem que tirou o *rap* dos guetos e o apresentou ao mundo está de volta, com estilo e mensagem intactos — embora *Kingdow Blow* seja pouco menos político que os discos anteriores. É impossível não acusar aqui a presença de Bob Dylan (na faixa que abre o álbum, "Street Rock") e a de George Clinton, em "Magilla Gorilla". Mas ambos estão praticamente inaudíveis, submersos numa massa de teclados eletrônicos e *scratches*. Neste disco, Blow até rejuvenesceu. A sonoridade pouco polida de *America* (o álbum anterior) foi substituída por uma produção atual, brilhante, em dia com seu tempo. Imperdível. *T.L.*

STAND BY ME — Vários (WEA)

Vez por outra acontece isso: algum produtor musical é contratado para criar a trilha sonora de um filme ambientado no passado e, assim, procede a uma meticulosa "escavação" para recuperar no celulóide o espírito de uma época. O garimpo nem sempre é bem-sucedido. Felizmente este não é o caso de *Stand By Me*. A história se passa no nascedouro do rock, e a trilha — quase sempre apresentada ao

público do cinema através de transmissões de rádio — coloca o ouvinte de volta ao colo de Jerry Lee Lewis ("Great Balls of Fire"), The Coasters ("Yakety Yak"), Shirley and Lee ("Let the Good Times Roll") e Ben E. King (a faixa-título). *J.E.R.*

TRILOGY — Coletânea (RCA)

O contrato entre a RCA e a Celuloid para distribuição do catálogo desta no Brasil é sem dúvida um evento. Finalmente temos acesso a um selo famoso por revelar as novas direções do som dos anos 80.

Apesar de ter sido lançada inicialmente num LP triplo, esta coletânea dá uma boa idéia da riqueza deste selo. Duas faixas pulam imediatamente aos ouvidos: "World Destruction (Meltdown Remix)", assinada pela gang Afrika Bambaataa/Bill Laswell, com o vocal diabólico de Mr. John Lydon, e "Megamix II", o scratch agressivo de D.S.T., *hip hopper* do Bronx. Provam duas coisas: 1) até 85, o funk tinha uma vertente experimental e inovadora; 2) o atual hip hop-heavy metal é uma síntese conservadora e sem saída. O resto dessa seleção serve para dar água na boca: Ginger Baker, Fela Kuti (é a primeira vez que aparece num disco lançado aqui), Toure Kunda, Manu Dibango, Golden Palominos... O mais estimulante roteiro para a história de amor entre as músicas africana e ocidental nos anos 80. *J.Y.N.*

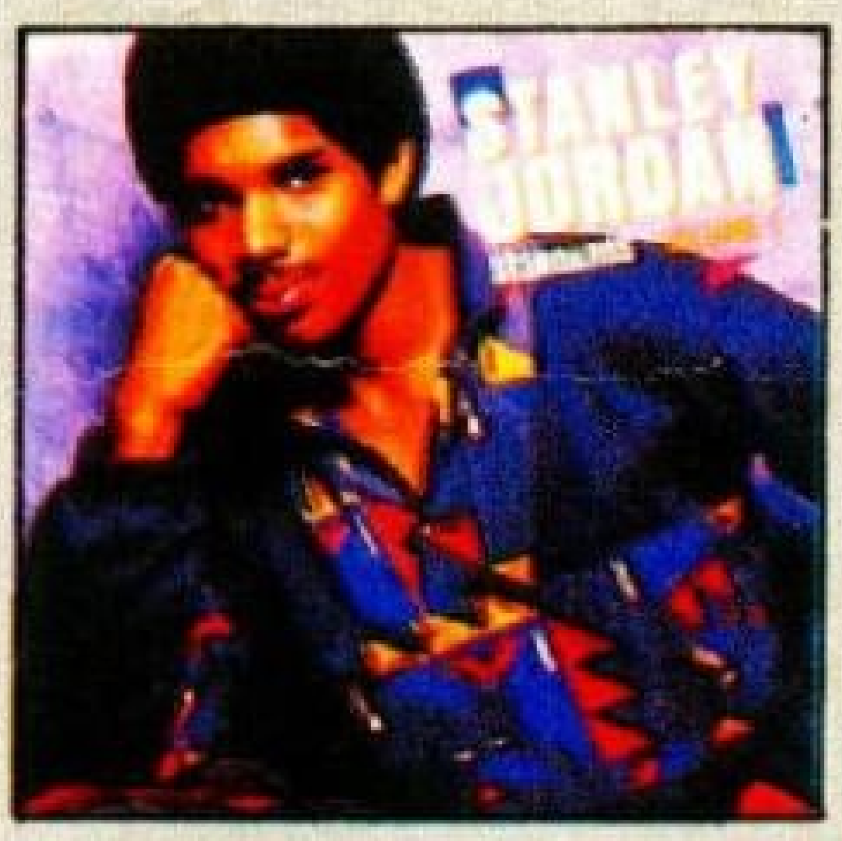
ROCK'N GERAL — Barão Vermelho (WEA)

Neste quinto LP, o Barão persiste na senda que o consagrou. Eis um atestado de densidade: o modo de tocar é aquele das *garage bands*, o de cantar é roubado do blues. Frejat, vocalista e compositor das onze faixas, se dá bem na tarefa de apagar a figura de Cazuza. Sem estrelas, a poética do Barão permanece lupiciana e boêmia. Há blues, um rock-exaltação ao amor familiar ("Amor de Irmão") e a rumba paródica "Copacabana". Ser o mesmo não significa ser ruim. *L.A.G.*

WORD UP! — Cameo (Polygram)

Este é o 12.º LP de um grupo norte-americano nascido em pleno auge da disco music (1977). Mas, mesmo assim, o Cameo não deixou de lado alguns vícios musicais da época. Por isso, acaba sendo apenas um bom (em vez de brilhante e inventivo) grupo de funk. À exceção da faixa-título, o álbum é facilmente esquecível.

A imprensa inglesa chegou a chamar o Cameo de genial — "Word Up!" estava lá no topo do listão de melhores do ano do *NME*. Exagero: "Word Up!" é balançante e bem produzida, mas nada além disso — nada que Prince & afilhados (Sheila E., The Time, The Family) já não tenham feito. Mais um caso de superestimação? É bem provável que sim. *T.L.*

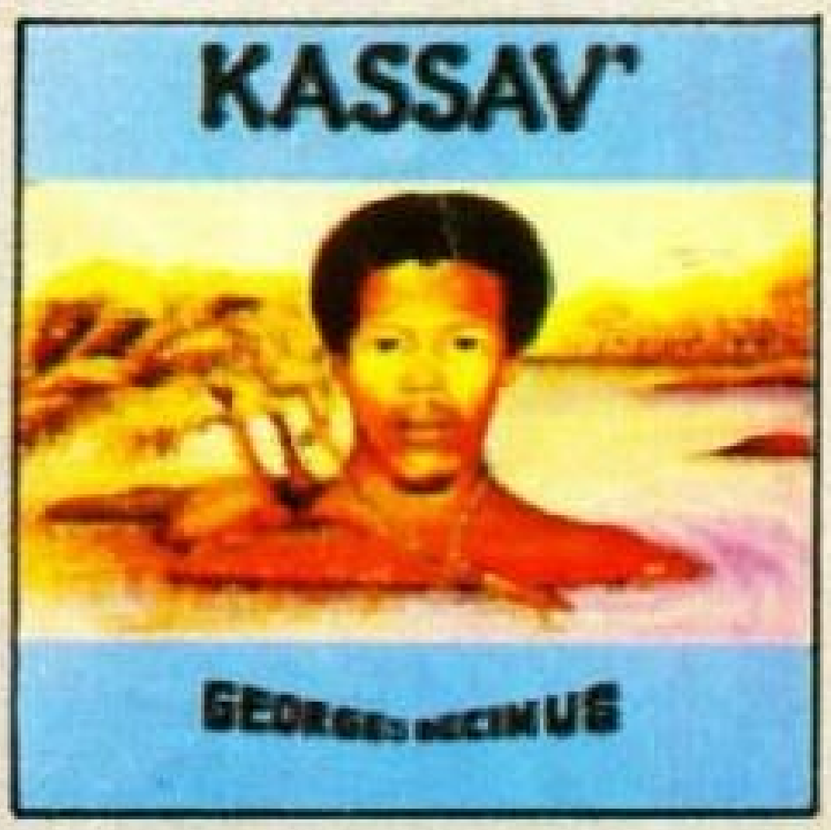


STANDARDS VOLUME 1 — Stanley Jordan (Emi-Odeon)

O notável guitarrista americano nunca pôde gravar um disco que traduzisse seu talento. Jordan toca como nenhum outro guitarrista, utilizando os dez dedos para dedilhar o instrumento como se fosse um teclado. Nos dois discos anteriores, Jordan submeteu-se às exigências do momento, incluindo arranjos bobinhos. Agora, soube dar asas aos dedos. Em dez faixas, ele aborda canções conhecidas para dar-lhes toques inéditos. *L.A.G.*

THE CIRCLE & THE SQUARE — Red Box (WEA)

A WEA, que conta com um *casting* internacional dos mais expressivos, infelizmente resolve optar pelo lançamento do Red Box, um grupinho deveras pretensioso e definitivamente inócuo. A dupla Simon Toulson Clarke (vocais e violão) e Julian Close (teclas e sopros), assim como seus mais díspares contemporâneos (de Tears For Fears a Go West), abusa dos clichês tecnocráticos em meio a um pseudo-sofisticado pastiche de inumeráveis vozes e instrumentistas. *F.N.*



KASSAV' E GEORGES DECIMUS (RCA/Ariola)

Calma, pessoal. É isso mesmo — esse aqui é *aquele* Kassav' que quase demoliu o Teatro Carlos Gomes, no Rio, à base de saraivadas alternadas de ritmo e sopro. Quem viu os shows da superbanda antilhana (quase 20 pessoas no palco) lembra bem que não conseguia ficar parado e lembra de Decimus, o baixista presepeiro. Em disco ele é mais maestro, seu baixo fica tímido. Mas a pulsação, o balanço do Kassav' não têm paralelo. *J.E.R.*

THE WHOLE STORY — Kate Bush (EMI-Odeon)

Se você é daquelas pessoas que julgaram e condenaram Kate Bush com base em "Wuthering Heights" — meio épica, meio romântica, gritada demais —, bem, dançou legal, porque deixou de conhecer todo o iceberg criativo que aquela estréia apenas arranhava. Tudo bem, eu fiz a mesmíssima coisa! Só em 1982, quando caiu em meu colo *The Dreaming*, é que percebi até onde conseguia ir Bush — e quão pouco eu conseguira enxergar. Por isso essa coletânea é importantíssima: pode não ser a história completa, mas é algo bem próximo, e dá uma panorâmica generosa de todas as fases da cantora/compositora/produtora. "Wuthering Heights" reaparece, mas com um novo vocal que lhe dá nova (e bonita) vida. A faixa mais recente — a inédita "Experiment IV" — também diz "presente". E o recheio tem generosas porções colhidas em diferentes períodos. É portanto possível acompanhar todo o desenvolvimento de Kate — no começo, uma artista progressiva prestes a ser estrangulada pelos poucos caminhos restantes a sua modalidade; hoje, tão inteligente, moderna e auto-suficiente quanto Peter Gabriel (para citar seu mais correto paralelo). Se alguém ainda duvida, mergulhe em apenas duas faixas — "Sat on Your Lap" e "The Dreaming" —, a título de apresentação. Quando você parar de tremer, a gente volta a conversar.

José Emilio Rondeau

HORSES AND TREES — Ginger Baker (RCA)

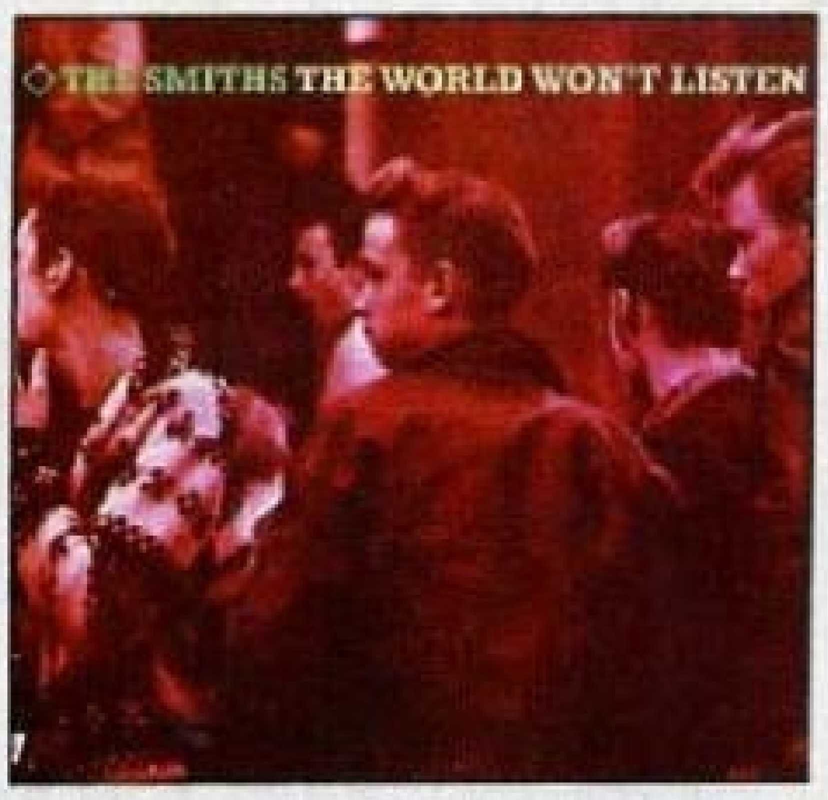
... E se Eric Clapton "foi Deus" (o trocadilho tá valendo...), Ginger Baker, Jack Bruce e ele terão sido não só o Cream, o *power trio* definitivo (1966/68), mas a própria Santíssima Trindade do rock-blues. Três bandas, mais de dez LPs e quase vinte anos depois — incluindo uma paixão pela polirritmia africana, que o levou ao continente negro (onde trabalhou com Fela Kuti já no início dos anos 70), e um sumiço em 82 —, o baterista está de volta. O esforçado John Lydon o encontrou na Itália, cultivando oliveiras (!), de onde o trouxe para a gravação do *Album* do PIL. Foi quando Bill Laswell, o baixista/produtor da Celluloid, capturou-o para mais este disco...

Maravilha. Peter "Ginger" Baker, quase cinqüentão, dá aulas de modernidade, de concisão e de rock/funk/country/afro/samba/indo/psicodelia instrumental, sob a sábia produção de Laswell (que optou por um som de bateria à antiga, com as peças ressoando). Ao lado do próprio Laswell (tocando baixo como não se via desde o Material), Bernie Worrell (ressuscitando o órgão Hammond), Foday Suso, Aïyb Dieng, Daniel Ponce, Nicky Skopelitis (todos do time da Celluloid), o violinista L. Shankar e Naná Vasconcelos, o próprio, Ginger promove uma *jam session* única, saborosa, irresistível. *A.A.*

MENLOVE AVE — John Lennon (EMI)

Uma bela capa de Andy Warhol para curiosos *takes* da separação de John e Yoko (1973-1975). O lado 1 traz gravações não aproveitadas das sessões do LP *Rock'n'roll* — tributo de Lennon aos anos 50. Phil Spector assombra este lado. Além de produzir a maioria das músicas, tem uma parceria com Lennon ("Here We Go Again") e tem um de seus clássicos reciclados. Os Beatles costumavam divertir-se com "To Know Him Is To Love Him" em seus primeiros shows, mas esta versão, mudada para "To Know Her Is To Love Her", com entrelinhas para Yoko, é angustiante. Pena que, antes dela, exista a ruinzinha "Rock'n'roll People", escrita para Johnny Winter em 74.

O lado 2 traz versões cruas do LP *Walls and Bridges*. Lennon e o básico arrastando-se mais do que blues. Pode ser um pouco chato e sem acabamento, mas ainda corta. *M.P.*



THE WORLD WON'T LISTEN — The Smiths (WEA)

Outra coletânea? A velocidade de composição dos Smiths é estonteante. Seus singles atropelam-se. A pressa em mudar de gravadora, porém, pode prejudicar seu carisma. Nada justifica a presença de quatro faixas já utilizadas em LPs neste lançamento. Afinal de contas, há uma faixa extra no cassete lançado na Inglaterra e outras quatro na versão americana do disco (um álbum duplo, *Louder Than Bombs*).

Apenas nove das 16 músicas são novidade no Brasil. Destaque para "Ask", um dos *musts* do ano passado segundo a crítica britânica. Só menos aclamada que "Panic" — também incluída na compilação, para azar de quem comprou o single nacional. A seleção, dizem, é do próprio Morrisey e inclui tanto os lados A quanto os B de compactos recentes. É claro que o resultado é inferior ao rendimento de um LP habitual do grupo. O mesmo valendo, inclusive, para a inédita "You Just Haven't Earned It Yet, Baby". Um disco que tende mais para curiosidade do que sensação. *M.P.*

QUARTETO OP. 47 E QUINTETO OP. 44 PARA PIANO DE SCHUMANN — Trio Beaux Arts, o violista Samuel Rhodes e o violinista Dolf Bettelheim (Polygram)

A música de câmara sempre fascinou os roqueiros, de Lou Reed ao Ira!. É em momentos assim que os gêneros se rompem em nome de ousadias. Robert Schumann (1810-1856) foi um dos primeiros a experimentar a combinação dos sons do piano com a de grupamentos de corda. Nos anos 40 do século passado ele compôs essas duas obras em que o lirismo transgressivo se colocou a serviço de surpresas timbrísticas. O trio americano e convidados souberam dar a devida dimensão laboratorial às peças num disco que pode agradar a roqueiros e eruditos. *L.A.G.*

BABY THE STARS SHINE BRIGHT — Everything But The Girl (WEA)

Responsável em meados de 84 pela edificação do movimento new bossa com o LP *Eden*, e transfigurado em fins de 85 com o *fresh-pop-country Love Not Money*, a dupla Everything But The Girl reaparece com um trabalho que certamente vai enfeitiçar o coração vazio dos yuppies, pois tudo nela exala um frescor suave, límpido e certinho. Contudo, Tracey Thorn está cada vez mais próxima de cantoras como Patsy Cline ou Sandie Shaw, ao passo que Ben Watt revisita o primor técnico de mestres do country e do jazz. O resultado, apesar de cansativo em alguns momentos, é respeitável. *F.N.*

THE HOUSE OF THE BLUE LIGHT — Deep Purple (Polygram)

Esse trabalho não é melhor que qualquer obra dos bons tempos do Purple. E daí? Daí que o veterano grupo mostra a uma nova geração como se faz um *hard rock* de qualidade, apesar de serem tidos por alguns como superados (uma ova). Nada de excepcional — mas "Bad Attitude", "Mad Dog", "Hard Lovin Woman" e "Mitzi Dupree", em seus concertos atuais, servem como aperitivo para Lord, Blackmore, Glover, Paice e Gillan mostrarem categoria ao interpretarem antigos *hits* purpleanos. *L.R.*

QUEBRA-MAR™

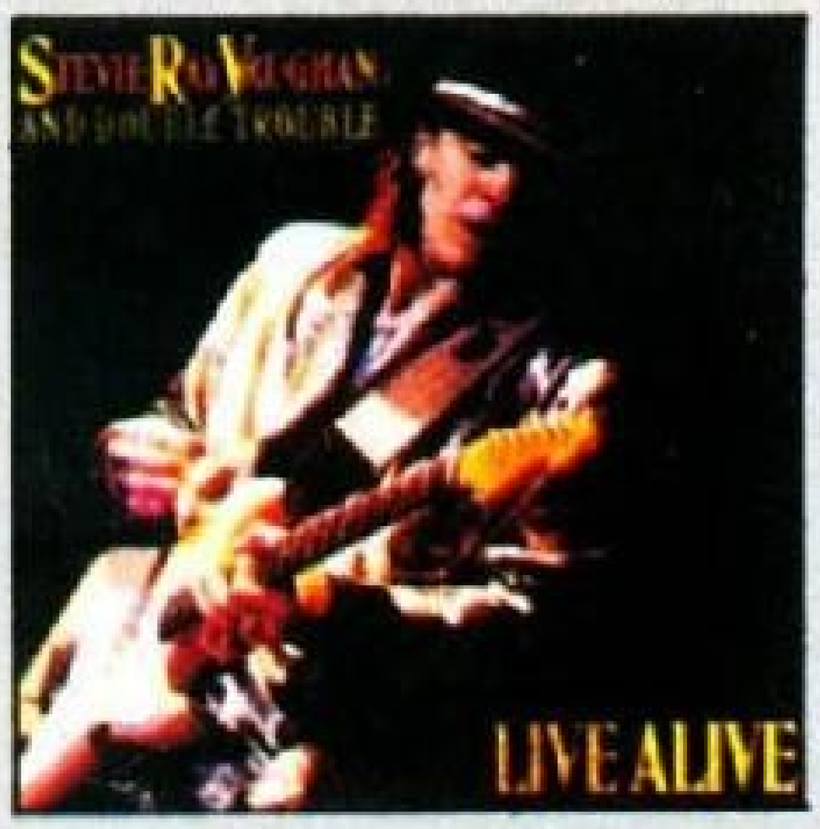
Surf Club

BARRASHOPPING · IPANEMA · RIO SUL · PLAZASHOPPING · BÚZIOS

DESIGN A. FRANCO FOTO L. RIBEIRO

JAZZ FROM HELL — Frank Zappa (EMI-Odeon)

O problema com Frank Zappa e sua postura musical tão diferenciada é que não há familiaridade possível. Ainda menos agora que ele está amontoando notas improváveis, em velocidades tidas até então como impossíveis, através dos circuitos integrados do seu mais novo brinquedo, o Synclavier. A guitarra? *C'est fini*. Masmorra da história. Para aqueles que ainda o consideram o maior guitarrista vivo (do rock?), "St. Etienne", um solo de seis minutos ao vivo, de 1982, pode servir de consolo. Temos agora centenas de Frank Zappinhos no estúdio digitando seus delírios sob forma de bytes, eficientes o bastante para fundir a cabeça de qualquer um. Hermeto Paschoal encontrando um Stockhausen epiléptico. Quem sabe, um dia, no ano 2177, os humanóides ficarão extasiados com este jazz terminal do inferno. *J.Y.N.*



LIVE-ALIVE — Stevie Ray Vaughan and Double Trouble (CBS)

Este álbum duplo apresenta versões ao vivo de músicas dos três primeiros LPs deste guitarrista texano que, após ser convidado por Bowie para participar da gravação de "Let's Dance", lançou seu primeiro LP solo em 83. A base de seu trabalho é o blues, e suas principais influências são o guitarrista Johnny Winter, também texano (aliás, no Double Trouble toca Tommy Shannon, ex-baixista de Winter), e Hendrix (no disco há uma versão de "Voodoo Chile" do LP *Electric Ladyland*).

Live-Alive inclui gravações feitas no Festival de Jazz de Montreux em 85 e no Texas em 86. No Double Trouble parece haver um único problema: os teclados de Reese Wynans parecem estar sobrando numa banda que soaria melhor como um trio de blues. O disco tem bons momentos, como os blues "Say What!" e "Texas Flood" e a chuckberryana "Love Struck Baby". Por outro lado, a versão de "Superstition" de Stevie Wonder soa fraca se comparada à feita anteriormente por Jeff Beck. *C.P.*

ETERNAL DEVASTATION — Destruction (Woodstock)

Mais um power-thrash-trio alemão que, conforme o título indica, destrói tudo devastadoramente, seriamente influenciado por Slayer e outros do gênero. Instrumentos solados com a máxima rapidez possível, vocal vomitado com monstruosidade e ligeiras fugas para o agudo. O destaque fica para a guitarra de Mike, que às vezes sola com harmonia — mas nada de mais. É um disco nada agradável para gente mais sensível, a não ser pela minúscula faixa solo do lado B. É um trio afiado como uma lâmina de barbear, e já estão convidados a nos visitar em breve. *L.R.*

LOBOTOMIA — Lobotomia (Independente)

A essas alturas dos tempos, o que dizer de um novo disco punk? Menos do que o já tanto falado: vozes guturais, letras engajadas, bateria e guitarras atadas na correia de um cavalo chamado hardcore. O grupo não foge à regra do idealismo da marginália urbana. Faz um disco pulsante do princípio ao fim, protestando contra a política sionista, a polícia, a guerra e as instituições. Pena que este inconformismo já soe como fóssil. Mas a guerrilha continua... *L.A.G.*

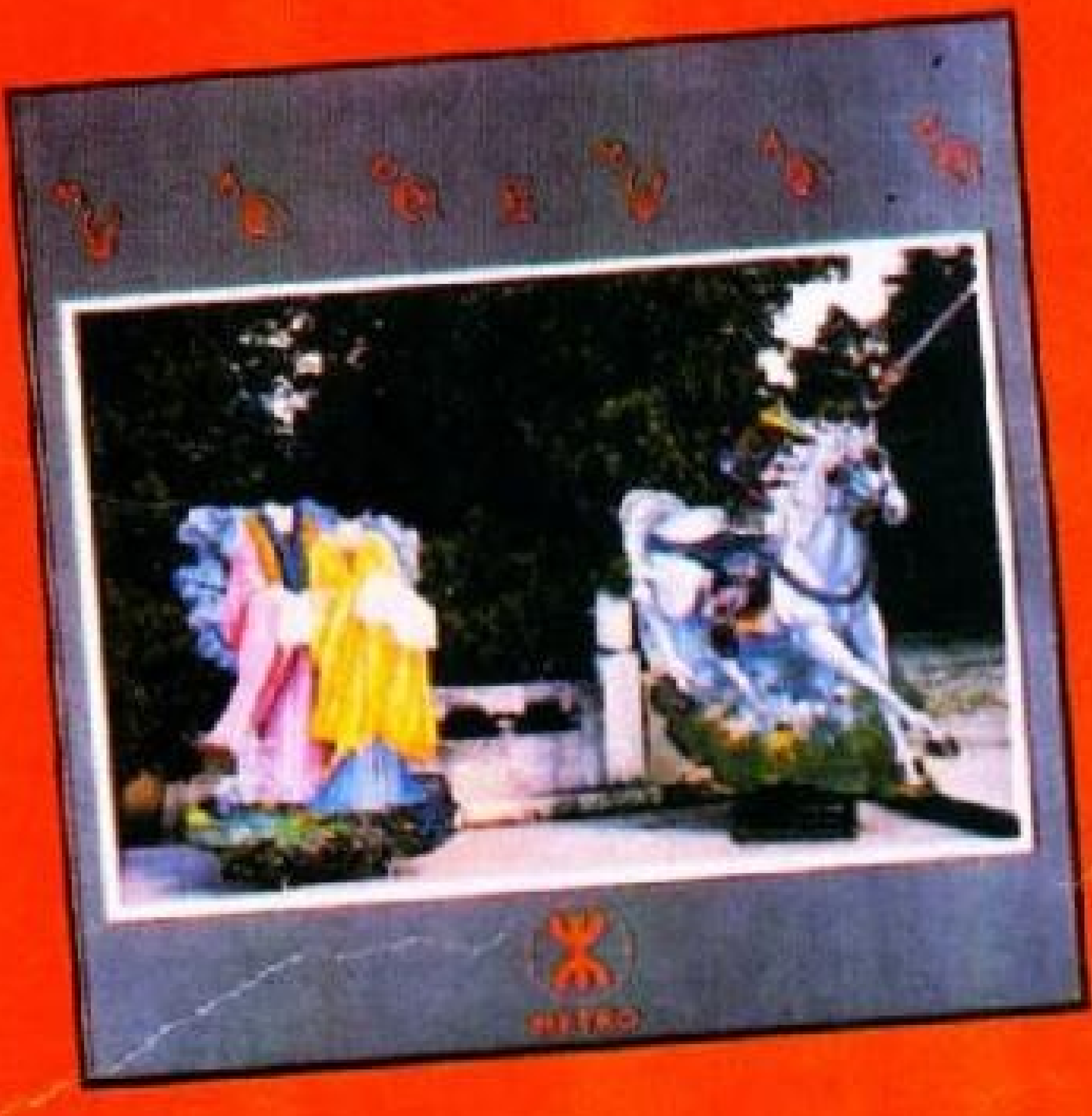
PICASSOS FALSOS — (Plug)

E vamos lá para o nascimento no vinil de mais uma banda de rock verde-amarelo. Na Inglaterra, são anos de estrada e vários compactos. Aqui, basta um ano no (curto) circuito de casas noturnas e vamos de LP, feito veteranos. As dez faixas elaboradas por Humberto F. (voz/letras), Gustavo (guitarras), Zé Henrique (baixo) e Abílio (bateria) decepcionam. Por uma razão: teriam a possibilidade de experimentar, arriscar e, no entanto, fazem um som essencialmente conservador. *J.Y.N.*

TRILOGY — Yngwie J. Malmsteen (Polygram)

Música clássica e contos medievais são os elementos maiores usados pelo novo herói da guitarra, o sueco Ingwie, para desenvolver suas obras. Desde criança ele vive guitarra e as que usa são todas envenenadas para alcançar sons diferentes. Ingwie sola o tempo todo.

Baixo e bateria que o sigam. Por isso é adorado por seus seguidores e detestado por cantores de grupos por onde passou anteriormente, quando *roubava* shows e discos. Desbunde metálico garantido. *L.R.*



A MÃO DE MAO — Metrô (CBS)

Não é o que você está pensando. A banda ex-boba perdeu Virginie e a virgindade. Ganhou a força do vocalista Pedro, encorpou o som e os versos. Resultado: mutação. Voz aguda capaz de viver ruídos, guitarra, baixo, teclados e bateria obliteram as convenções musicais da maneira mais invulgar e sofisticada. Nas nove faixas deste LP experimentalista, o rock nacional galga um quarto patamar estético, depois da Jovem Guarda, Mutantes e Legião Urbana.

A coerência do LP se faz com bons arranjos, canções inquietantes (erótico-políticas) num poliglotismo tão verbal quanto musical, em que o jazz se soma ao rock progressivo. A faixa-título mostra um longo poema dissoluto — nu a dois ornado por belos solos de guitarra e sopros. Em "Atlântico, 7 de Novembro", o quinteto compõe um fragmentário e colorido painel de timbres ao feitio do King Crimson ancestral. "Lágrimas Imóveis" é a balada lenta que fecha o disco numa colagem de conflitos estancada por solo de realejo. O Metrô de linhas tímidas desabou. Viva o Metrô.

Luís Antônio Giron

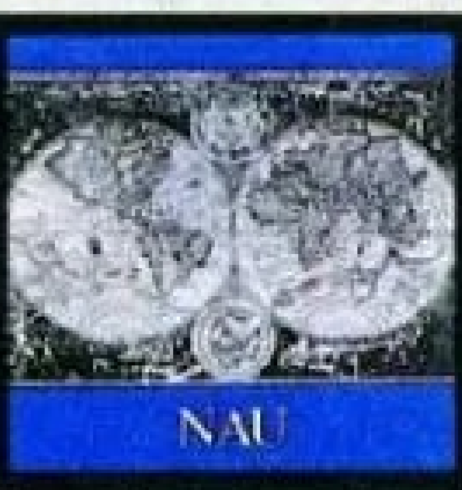
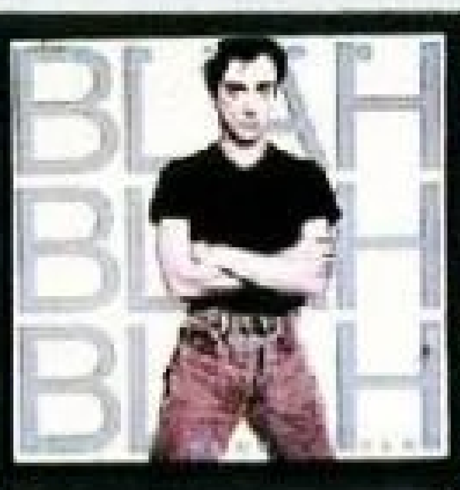
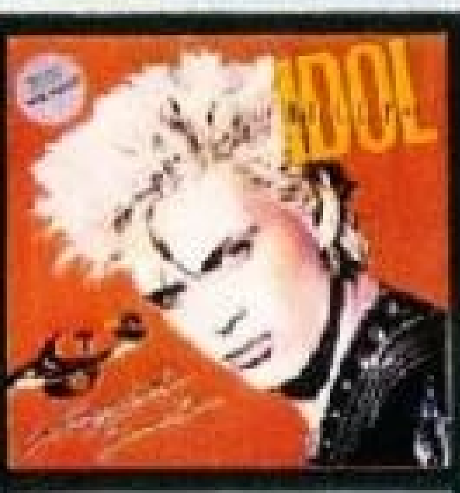
Hot Foot
Canvas Manufatura de Calçados Ltda.
Avenida Adhemar Pereira de Barros, nº 2171
Fone PABX (016) 723-7677 - Cx. Postal 427
CEP 14400 - FRANCA - SÃO PAULO

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTE

Era para fazer rir (suponho), mas é ruim de chorar a transposição para disco das desventuras de **Rê Bordosa** e **Rhalah Ricota,** conforme a visão de um tal **LORD K**(TKNE). O míni-LP, na verdade, saiu das cabeças de **Tito Rosenberg** e **Tavinho Fialho** e pouco ou nada tem a ver com as tiras de **Angeli.** É o som de publicitários bêbados brincando de engraçadinhos. **Bob Cuspe** neles! ⊗ Se você não percebeu ainda, estamos em plena voga do funk *state-of-the-art* — ou seja, *sampling* no batuque a dar com o pau. Tá todo mundo nessa: o **Kool and the Gang** lançou um **FOREVER** (Polygram) que espero não dure para sempre. A identidade do grupo — tão clara durante os anos 70 — desceu ralo abaixo. O mesmo ocorre com os **Commodores.** De novo juntos em **UNITED** (Polygram), eles não conseguem recriar a gostosa sacanagem que foi um de seus maiores sucessos no passado, "Brick House". **Lionel Richie** não faz falta. Mas falta tanta coisa... Também é chatoso o **BURNIN'LOVE,** do **Con Funk Shun** (Polygram). Lembra **Earth, Wind and Fire** sem os metais, embora seja um tanto mais endiabrado. Mas não resiste a uma terceira audição. E existe a **Sandra,** cujo **MIRRORS** (Polygram) é, na verdade, uma vitrine do co-produtor **Michael Cretu,** que programa e toca todas as engenhocas de fazer som que passeiam pelo disco. Sandra é, no fundo, uma sub-**Madonna** de oitava. E sem o benefício da novidade. **Shirley Jones** garante estar "sempre no clima" em **ALWAYS ON THE MOOD** (EMI-Odeon). De fato, faz música daquela que é cuspida pelo sistema de som dos motéis. Contudo, dependendo da pessoa (ou da parceria) é altamente brochante! O único que se salva dessa safra funkeira é o **Timex Social Club.** O álbum **RUMOURS** (Polygram) indica que o vocalista e mentor da banda, **Michael Marshall,** tem tudo para ser um artista importantíssimo na cena negra internacional. Olho nele, rapeize. ⊗ **Sérgio Mendes** e seu **Brasil 86** (Polygram) andam parecidos demais com **Michael McDonald** e os **Doobie Brothers** para se destacarem no caldeirão pop norte-americano. O único diferenciador no disco atual é a presença de quatro músicas assinadas por **Dori Caymmi** e **Paulo César Pinheiro.** **Quanto a Kitaro (TENKU,** WEA), e ao **Survivor** (CBS): xô, xô, xô!!!!

J.E.R.

BOLSA DE DISCOS

BOLSA DE DISCOS						
	THE JOSHUA TREE U2 (WEA)	NAU (CBS)	BLAH BLAH BLAH Iggy Pop (Polygram)	SEXO Ultraje a Rigor (WEA)	WHIPLASH SMILE Billy Idol (CBS)	LOW LIFE New Order (WEA)
Carlos Arruda	Sublime	Interessante	Bom	●	Bom	Sublime
Alex Antunes	Razoável	Razoável	Bom	Razoável	Lixo	Razoável
Thomas Pappon	Bom	Interessante	Lixo	●	Lixo	Interessante
Marcel Plasse	Interessante	●	Razoável	Razoável	●	Bom
Luís Antônio Giron	Interessante	Interessante	Razoável	Razoável	Lixo	Bom
José Emílio Rondeau	Sublime	Lixo	Razoável	Lixo	Lixo	Bom
Jean-Yves de Neufville	Bom	Interessante	Bom	Interessante	Razoável	Bom

Sublime

Bom

Interessante

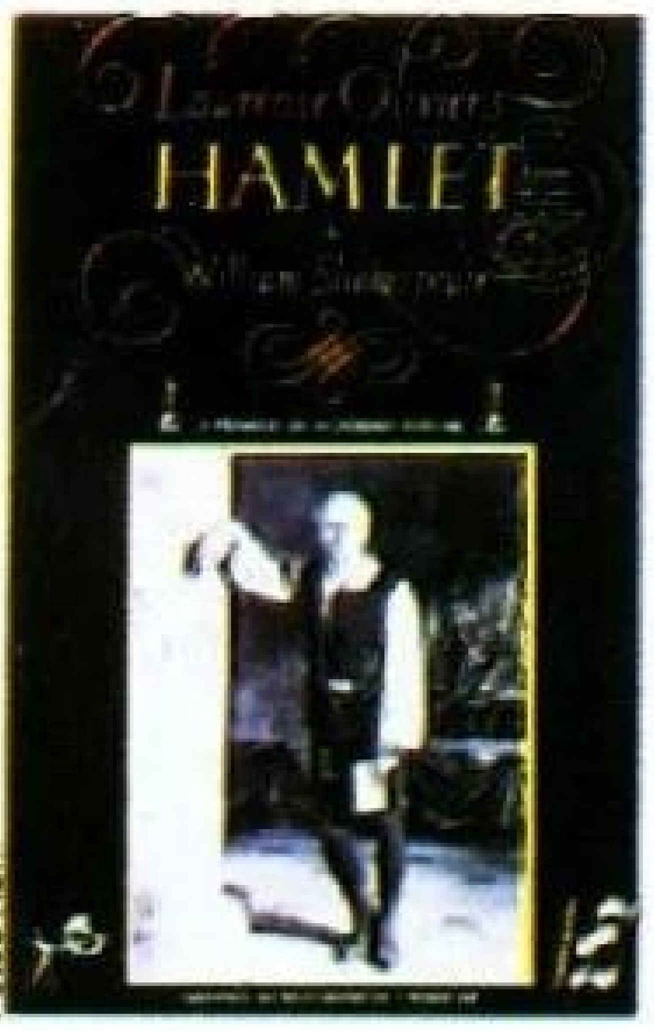
Razoável

Lixo

U2
THE JOSHUA TREE
1.º LUGAR NA INGLATERRA
1.º LUGAR NOS EUA
300 mil cópias vendidas em dois dias.
wea EM DISCOS E FITAS

LANÇAMENTO

Hamlet (1948)



Fotos Abril

Direção: Laurence Olivier. Com Laurence Olivier, Eileen Herlie, F. J. Lucas

Uma bela filmagem do clássico de Shakespeare. Laurence Olivier não só reitera sua grandiosidade como ator como se revela um diretor bastante eficiente. O príncipe da Dinamarca desconfia que a mãe e o tio são responsáveis pela morte recente do pai. O espectro do pai aparece para confirmar a suspeita e exigir vingança. Olivier constrói um Hamlet atormentado, vagando na indecisão por um cenário despojado, com corredores escuros e torres sombrias. Atenção para a cena do teatro dentro do teatro. B.A.

Limite (1931)

Direção: Mário Peixoto. Com Olga Breno, Taciana Rei e Raul Schnoor. Globovídeo.

Até que enfim o mais misterioso filme nacional se tornou mais acessível. Filmado quando o diretor tinha entre quinze e dezessete anos (ninguém sabe ao certo), teve sua única cópia destruída por uma noite gelada em Nova York, e só em 1971, após um processo de restauração que durou treze anos, o filme voltou a ser exibido em cineclubes. Influenciado pela vanguarda européia do começo do século é considerado difícil e hermético e, na tela pequena, talvez um pouco monótono, mas não deixa de ser imprescindível conhecê-lo. Detalhe: a cópia em vídeo reproduz a trilha sonora original. B.A.

COMÉDIA

Wise Guys (1986)

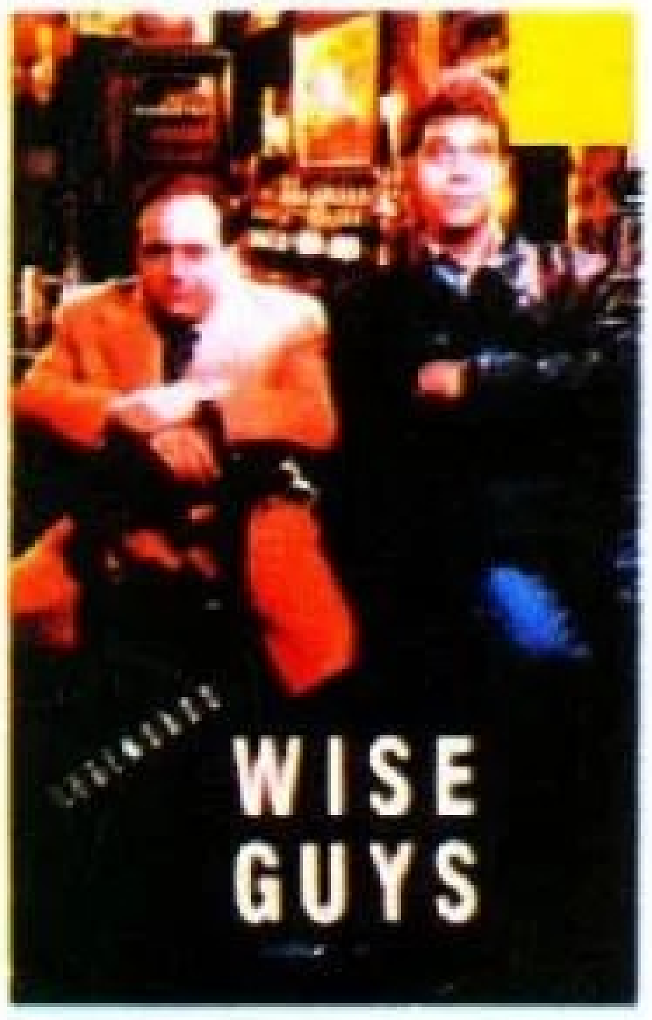
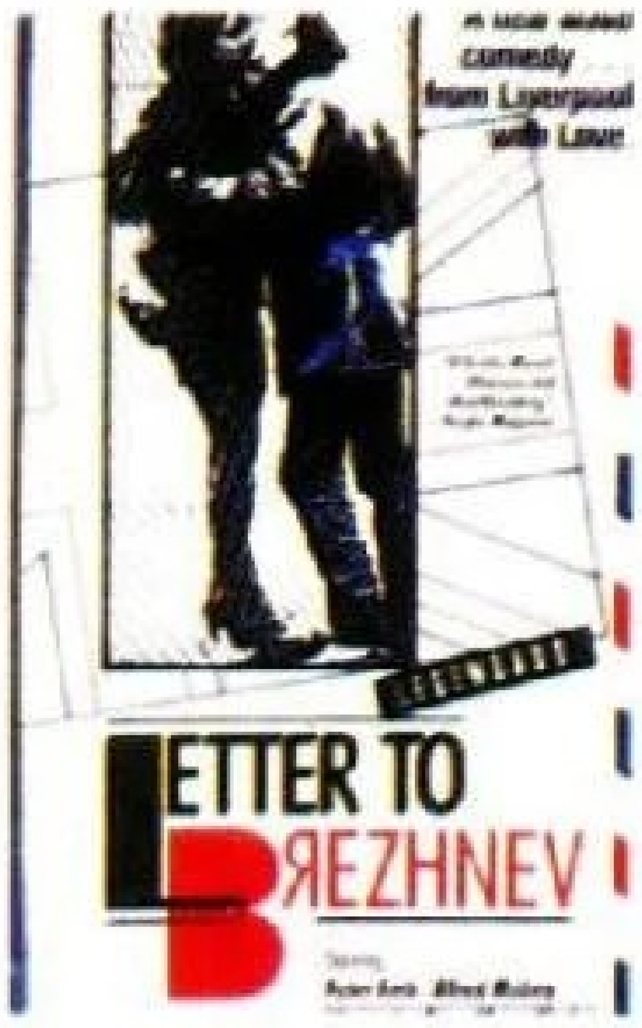


Foto Abril

Direção: Brian de Palma. Com Danny De Vito e Joe Piscopo.

O diretor de *Dublê de Corpo* meteu os pés pelas mãos nesta comédia. Dois sabidões (Devito e Piscopo) são capangas menores do mafioso local. Um dia, os espertinhos decidem dar um golpe totalmente desastrado. São descobertos e, como castigo, são incumbidos de matar um ao outro. A idéia é boa e seria engraçada se as piadas não fossem tão velhas, os desastres não fossem tão clichês e os personagens não fossem tão trapalhões... Serve como curiosidade para fãs do diretor ou para fãs de *Os Trapalhões*, aqueles da tevê. B.A.

Letter To Brezhnev (1986)



Direção: Chris Bernard. Com Alexandra Pigg, Margi Clarke, Peter Firth e Alfred Molina.

Uma garota inglesa, Elaine (Pigg) se apaixona por um marinheiro soviético (Firth), que vai embora no dia seguinte. Sem saber como encontrá-lo, ela escreve... uma carta para Brezhnev. Uma comédia romântica com a simplicidade do gênero, só que essa é moderninha — nas entrelinhas se esconde um sabor amargo de tédio, indiferença e desilusão. Sem escolha ideológica de espécie alguma, tudo que a garota quer é escapar do cotidiano sem perspectivas. Simpático. B.A.

Butch Cassidy (Butch Cassidy and the Sundance Kid, 1969)

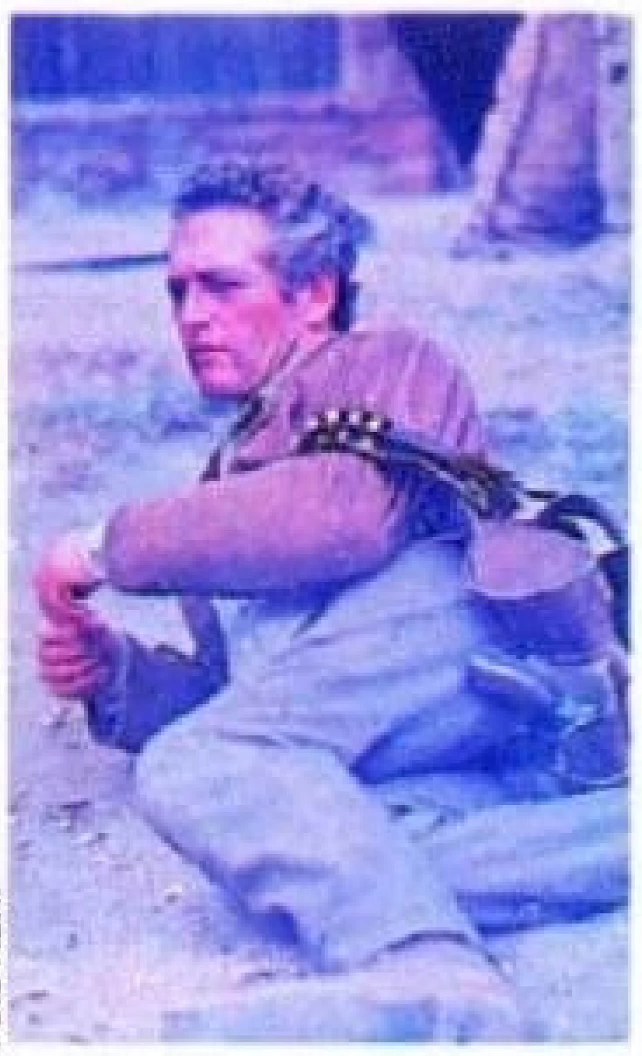


Foto Abril

Direção: George Roy Hill. Com Paul Newman, Robert Redford, Katherine Ross.

Deliciosa brincadeira com Newman e Redford, como a dupla de trapaceiros que viram os Estados Unidos de cabeça para baixo. Ross é a namorada de Sundance (Redford), mas flerta com Butch (Newman). A cena em que ela e Newman fazem piruetas numa bicicleta é bastante famosa, ao som de "Rain Drops Keep Falling on my Hand". É um faroeste com estilo, imagens em sépia e bom humor. Para ver ou rever. C.G.L.

DRAMA

Ausência de Malícia (Absence of Malice, 1981)

Foto Columbia

Direção: Sydney Pollack. Com Paul Newman e Sally Field.

A trama, interessante, levanta uma delicada discussão sobre a ética jornalística. Uma repórter indica como suspeito principal de um crime o filho de um **capo** (Newman). A história vai se complicando para o seu lado ao mesmo tempo que vai se envolvendo com ela. Newman está ótimo, sobretudo no final, quando a "vítima inocente" arma uma vingança inteligente. O problema do filme é que o título serve de epíteto para a aguada Sally Field: ela não perde aquele insuportável ar de noviça voadora. B.A.

REBELDIA INDOMÁVEL (Cool Hand Luke, 1967)

Foto Abril

Direção: Stuart Rosemberg. Com Paul Newman, George Kennedy, Dennis Hopper.

Bom filme, que serve principalmente à interpretação segura de Newman. Ele é um ex-combatente de guerra que acaba preso por pequenos delitos contra o patrimônio público. Condenado a dois anos de prisão, ele foge várias vezes, transformando-se entre os presidiários numa espécie de símbolo da rebeldia. Closes bem cuidados são um traço interessante na direção. É curioso ver Dennis Hopper num papel coadjuvante. Confira. C.G.L.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (Wuthering Heights, 1939)

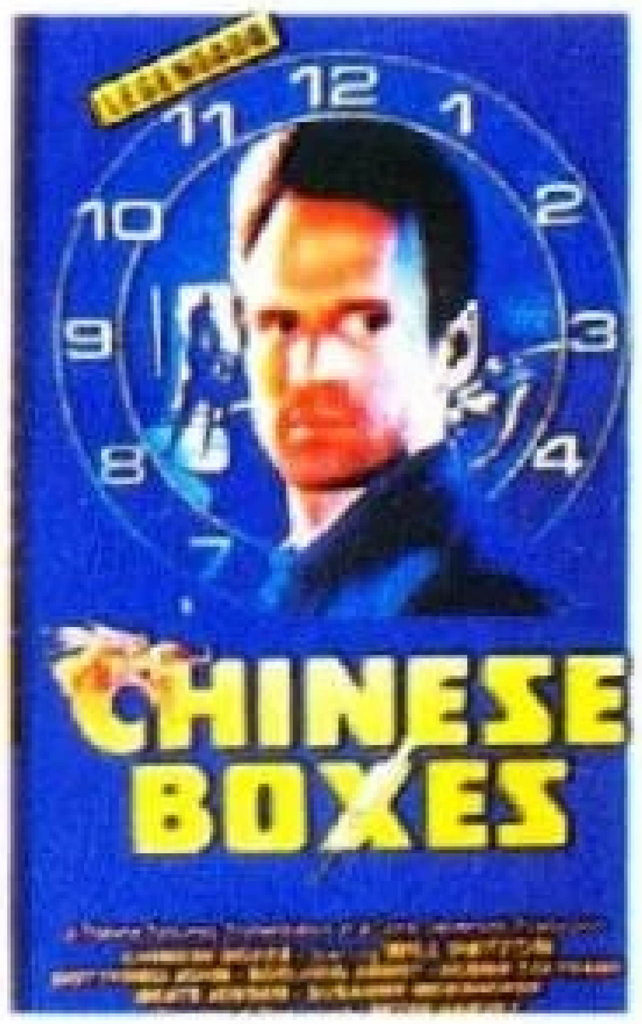
Foto Abril

Direção: William Wyler. Com Laurence Olivier, Merle Oberon e David Niven

Uma fantasmagórica história de amor adaptada da obra homônima da escritora inglesa Emily Brönte. Cathy (Oberon) é uma mulher dividida entre a selvagem paixão da infância, Heathcliff (Olivier), e o casamento seguro com um almofadinha (Niven). Heathcliff parte para fazer fortuna e quando volta ela está casada. O drama vivido nas paisagens sombrias de uma Inglaterra rural e moralista do século passado acaba mal. Clássico e tenebroso. B.A.

POLICIAL

CHINESE BOXES (1984)



Direção: Chris Petit. Com Will Patton, Gottfried John.

O diretor, ex-assistente de Wim Wenders conseguiu uma curiosa mistura. Nas vésperas de se mudar de Berlim, Marsh (Patton) se envolve involuntariamente com o submundo do tráfico de heroína, depois que uma jovem *junkie* aparece morta em seu apartamento. Cada vez que ele tenta escapar, a armadilha vai se fechando em torno dele, numa alternância de seqüências rápidas de policial com cenas longas e introspectivas. Interessante. *B.A.*

Os vídeos foram cedidos pelas distribuidoras F.J. Lucas e Globovídeo, e pela locadora 2001 Vídeo (284-8019/8788).

SUSPENSE

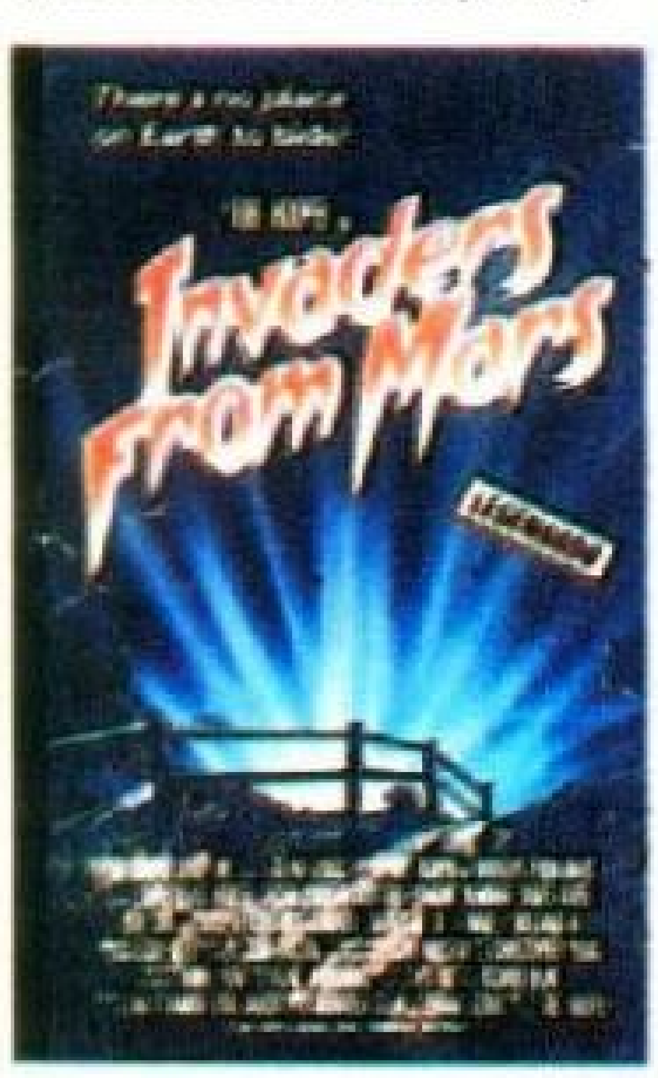
OLHOS DE GATO (Cat's Eyes, 1985)

Direção: Lewis Teague. Com James Woods, Robert Hays.

São três episódios escritos por Stephen King, bem ao estilo do seriado *Além da Imaginação*: produção barata (salvo os bons efeitos do último episódio), bons atores (semidesconhecidos) e argumentos divertidos (na primeira história, James Woods é um fumante que, para largar o vício, entra numa misteriosa clínica de métodos bastante "persuasivos"). A seqüência da perseguição ao gato — que "vê" as histórias e participa diretamente da última —, no início do filme, é brilhante. *T.P.*

FICÇÃO

INVASORES DE MARTE (Invaders From Mars, 1986)



Direção: Tobe Hooper. Com Hunter Carson e Karen Black.

O diretor de *Poltergeist* e o roteirista de *Alien* (Dan O'Bannon) definitivamente não funcionam juntos. Depois de perderem efeitos e dinheiro em *Lifeforce*, eles investem no arquétipo da invasão marciana, um trauma da era do rádio que foi superado quando a sonda espacial *Viking* pousou no planeta vermelho. O atual *revival* dos homenzinhos verdes não passa de *remake* de uma antiga invasão, filmada em 1953. O herói é o menino de *Paris, Texas*. E os monstros são engraçadinhos. Só. *M.P.*

Foto Gamma-Liaison/Sigla

PAUL NEWMAN

Foto Insert

No início da carreira, ele era rotulado como imitador de Marlon Brando. Troçando da própria comparação, Newman já chegou a dar autógrafos como se fosse o próprio, sem esclarecer os incautos que o confundiam com Brando.

Para Newman, ser ator foi quase um acaso. Nada de planos grandiosos: se tivesse seguido a carreira do pai, seria um pacato comerciante de artigos esportivos, de origem judia, em Cleveland, Ohio, EUA, onde nasceu, em 26 de janeiro de 1925.

Expulso da escola em Kenyon, Ohio, Newman entrou para um grupo de teatro da cidade. Em 1952, ingressou no famoso Actor's Studio e três anos depois chegou à Broadway com a peça *Picnic*, de William Inge, ao lado da atriz Joanne Woodward — que se tornaria sua mulher a partir de 1958. O diretor Joshua Logan recusou-o de início como protagonista, dizendo que ele não parecia uma "ameaça sexual", referindo-se ao seu físico pouco privilegiado. Newman começou a fazer seis horas de exercícios diários e conseguiu o papel.

Em 1957, assinou contrato com a Warner Brothers e fez *O Cálice de Prata*. Anos depois, quando o filme foi exibido na televisão, Newman publicou uma nota nos jornais alertando os telespectadores sobre a mediocridade da fita.

Seus daltônicos (?!) olhos azuis e o físico bem cuidado garantiam agora os papéis de "mocinho". Até hoje ele se ressente disso: "Existe algo de muito corruptor no fato de ser um ator. Isto dá ênfase grande demais à aparência". Entre seus primeiros filmes, destaca-se *Gata em Teto de Zinco Quente*, de Richard Broosks, com Elizabeth Taylor.

Tentando inovar, ele começou a fazer seus próprios filmes. *Raquel, Raquel*, sua estréia na direção, em 1967, foi premiada pelos críticos de cinema de Nova Iorque como a melhor direção do ano. Além disso, Newman é também piloto de corridas e atuante na luta contra a corrida armamentista. Traumatizado com a morte de seu filho Scott, por uma overdose, ele mantém ainda uma fundação que presta informações sobre o efeito das drogas no corpo humano.

Concorrente a quatro Oscars, só no ano passado foi premiado por suas "interpretações memoráveis". Este ano, Hollywood finalmente se rendeu e premiou Newman com o Oscar de melhor ator por *A Cor do Dinheiro*, de Martin Scorsese, uma segunda versão de *Desafio à Corrupção*, de Robert Rossen, que Newman filmou há 25 anos atrás. Fast Eddie é um personagem orgulhoso, mas, como Newman, não sobrevive sendo apenas um *voyeur*: ele ainda precisa participar do jogo indefinidamente...

Cesar Garcia Lima

Filmografia completa (os filmes com o sinal * são disponíveis em vídeo): *O Cálice Sagrado (The Silver Chalice, 54); Marcado Pela Sarjeta (Somebody Up There Likes Me, 56); Deus é Meu Juiz (The Rack, 56); Famintas de Amor (Until They Sail, 57); Com Lágrimas na Voz (The Helen Morgan Story, 57); O Mercador de Almas (The Long Hot Summer, 58); Um de Nós Morrerá (The Laft-Handed Gun, 58); Gata em Teto de Zinco Quente (Cat on a Hot Tin Roof, 58); A Delícia de um Dilema (Rally Round the Flag, Boys!, 58); O Moço da Filadélfia (The Young Philadelphians, 59); Paixões Desenfreadas (From the Terrace, 60); Exodus (Id., 60); Desafio à Corrupção (The Hustler, 61); Paris Vive à Noite (Paris Blues, 61); O Doce Pássaro da Juventude (The Sweet Bird of Youth, 62); As Aventuras de um Jovem (Hemingway's Adventure of a Young Man, 62); Hud, o Indomado (Hud, 63); Amor Daquela Espécie (A New Kind of Love, 63); Os Criminosos Não Merecem Prêmio (The Prize, 63); A Senhora e Seus Maridos (What a Way To Go!, 64); Quatro Confissões (The Outrage, 64); Lady L (Id., 66); Harper, o Caçador de Aventuras (Harper, 66); A Cortina Rasgada (Torn Curtain, 66); Hombre (Hombre, 67); Rebeldia Indomável* (Cool Hand Luke, 67); Que Delícia de Guerra (The Secret War of Harry Frigg, 68); Raquel, Raquel (Id., 68); 500 Milhas (Winning, 69); Butch Cassidy* (Butch Cassidy and the Sundance Kid, 69); A Sala dos Espelhos (W.U.S.A., 70); Uma Lição para Não Esquecer* (como diretor — *Sometimes a Freat Notion, 70); O Preço da Solidão* (como diretor — *The Effect of Gamma Ray On Man-in-the-Moon Merigolds, 72); Roy Bean, o Homem da Lei * (The Life and Times of Judge Roy Bean, 73); O Homem de Mackintosh * (The Mackintosh Man, 73); Golpe de Mestre* (The Sting, 73); Inferno na Torre (The Towering Inferno, 74); A Piscina Mortal (The Drowning Pool, 76); A Última Loucura de Mel Brooks* (Silent Movie, 76); Oeste Selvagem (Buffalo Bill and the Indians, 76); Vale Tudo (Slape Shot, 77); Quinteto (Quintet, 79); O Dia em que o Mundo Acabou (When Time Ran Out..., 80); 41.ª DP — Inferno no Bronx (Fort Apache the Bronx, 81); Ausência de Malícia* (Abcense of Malice, 81); O Veredito* (The Veredict, 82); Meu Pai, Eterno Amigo* (como diretor — *Harry and Son, 84); A Cor do Dinheiro* (The Color of Money, 86).*

PHILISHAVE TRACER.
VOCÊ LIGA, ELE TRAÇA.
FICHA TÉCNICA
SISTEMA: PHILISHAVE
CARACTERÍSTICAS: CONFORTO E SEGURANÇA
DESIGN: ANATÔMICO
MOTOR: ALTA CONFIABILIDADE, TECNOLOGIA AVANÇADA
DESEMPENHO: BARBEAR RÁPIDO E CONFORTÁVEL
APARADOR DE BIGODE E COSTELETA
VOLTAGEM: BIVOLT (110/220 VOLTS)
CORES: PRETO OU VERMELHO
ACESSÓRIOS: PRÁTICA BOLSA DE COURO PRETO
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

PHILIPS
PHILISHAVE
Tracer
ON
OFF
PHILIPS
PHILIPS
Produtos de última geração.

Foto Multimagem

Eles estão de volta, após quase dois anos de ausência. Acabam de lançar *The Joshua Tree,* sexto LP de uma carreira fulminante. E mudaram — o som do grupo agora é outro. *Richard Cook,* da agência LFI, tomou um café da manhã com eles em Belfast, Irlanda do Norte, no dia seguinte à gravação de um especial para a televisão, e o papo foi esse...

U2
A CRISE DA FÉ

U2

No dia posterior à gravação de Belfast, o U2 se junta mais uma vez para seguir em frente. Como todas as bandas, eles precisam relaxar para poder encarar a estrada, mesmo depois de um evento menor como um programa de TV.

Bono é o primeiro a acordar e a aparecer. Sua voz parece a de um corvo, mas depois de alguns goles de chá ela volta ao timbre normal. Ele gostaria muito de falar, sim, e há muito sobre o que refletir. Assim, depois de algumas horas, o U2 raspa os últimos vestígios de sono e se prepara para mais uma rodada de sair-da-mala-para-conversar-com-estranhos. Um após outro, eles vão chegando para acompanhar Bono no

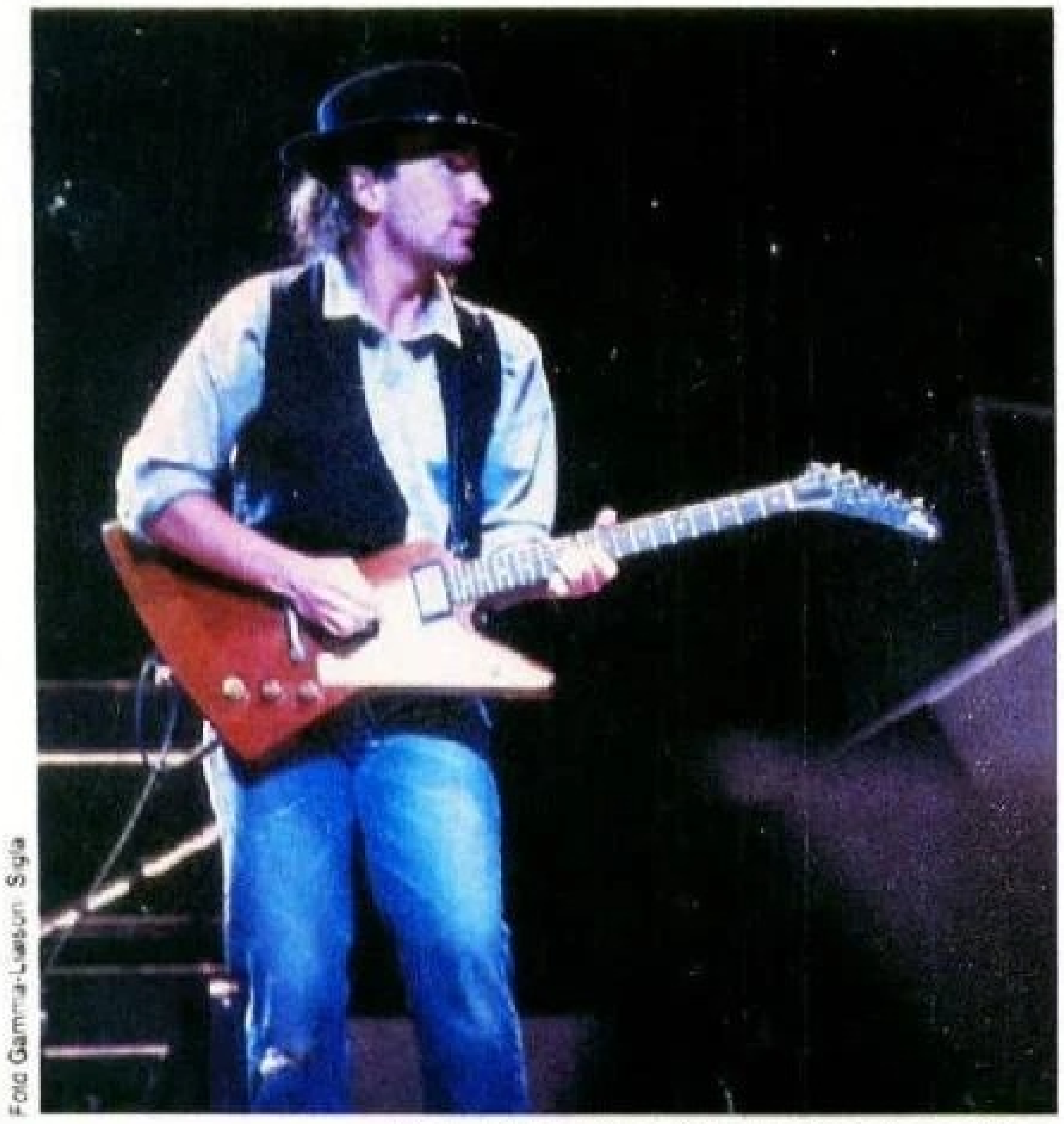


Foto Gamma-Liaison/Sigla

Edge, ainda sem conhecer todos seus acordes

seu chá com torradas e para juntar comentários aos dele...

BIZZ — *Do que vocês se lembram do Live Aid?*

Bono — Eu me lembro de que fiquei nas alturas com o que estava acontecendo. Ver todas aquelas pessoas que eu ouvia quando era garoto se oferecendo para tocar com a gente foi demais. Eu me lembro que me deixei levar pelo entusiasmo. Me esqueci de que se tratava de um número simples de quinze minutos, e achei que era apenas mais um show do U2. A conseqüência disso é que acabamos não tocando "Pride", e uma das músicas acabou durando sete minutos porque vi uma pessoa sendo espancada na frente do palco e resolvi descer até lá. Eu queria fazer algo que envolvesse o público porque para mim ele era tão importante quanto as pessoas atrás do palco. Os dias seguintes foram de negra depressão. Eu vi o vídeo na TV e pensei que tinha interpretado a situação toda incorretamente, que tinha cometido um grande erro. Achei que deveria sair do grupo. Essa coisa de ter ido para o meio do público ficou atravessada na minha garganta. Isso jamais teria acontecido antigamente. Nós surgimos da explosão de 77, e a idéia de subir ao palco e ser astros era para nós, rapazes de quinze anos, algo repugnante. Acho que, como resultado disso tudo, sempre que eu subia num palco achava que *tinha* de me conscientizar de que este ato era um pouco *prepotente*. Por isso eu sempre acabava na platéia. Eu sempre achei que o palco era algo que limitava a nós e à nossa música. Mas no final isso não deu certo quando eu acabei descendo do nosso pedestal para as massas. Eu não tinha pensado em fazer isso no Live Aid. Depois disso eu me mandei de carro por aí. Eu não conseguia falar com ninguém. Toda essa coisa de querer ou não ficar numa banda voltou a me perturbar. No Live Aid, a questão da África e a idéia de que milhares estavam morrendo de fome trouxe de volta a estupidez do mundo do rock'n'roll. Desde então eu, bem, recuperei meus sentidos... Eu encontrei, num lugar chamado Newross, um escultor, um homem de seus 50 ou 60 anos, e ele estava trabalhando numa peça, num bronze. E ele tinha assistido ao Live Aid na televisão, e descreveu o show dizendo que havia um tipo diferente de energia saindo da TV. A figura que ele estava fazendo era a de um homem, um homem nu, inclinado, e ele chamou-a de "O Salto". Ele me disse que estava tentando capturar o espírito daquele dia, mas a parte que ele queria mostrar era a nossa parte, a do U2! Aí eu pensei comigo mesmo: se uma pessoa tão distante do rock'n'roll consegue entender isso, então talvez não tenha sido um erro tão grande assim. Quando voltei, eu encontrei pessoas que diziam que a única parte da qual lembravam era a do U2. Eu acho que todos no grupo acharam inicialmente que tinha havido um pequeno erro, mas eu tinha achado que era um *grande* erro.

BIZZ — *O LP* The Joshua Tree *parece complexo demais para encontrar uma ou duas chaves para se entrar nele. Vocês podem explicar o significado do título?*

Bono — Bem. As pessoas espertas colocam *The Joshua Tree* no toca-discos e pensam "vou ouvir isso várias vezes". Já as pessoas estúpidas põem o disco e apenas dizem "Uau! Yeah!", e acham que isso é o máximo. Eu penso que esse disco, mais do que qualquer um dos outros, diz o que nós queremos dizer. Certamente o que *eu* quis dizer, como autor das letras do grupo. De um certo modo, não é necessário que eu dê entrevistas para explicá-lo. Depois de um tempo, isso acaba aparecendo, o jeito em que ele foi composto, do começo ao fim. O significado do nome *The Joshua Tree* (A Árvore de Josué) é quase impossível, para mim, explicá-lo seriamente, me levar tão a sério assim. Existem várias razões para ele. Inevitavelmente nós iremos mentir bastante! Você conhece o lugar, Joshua Tree? É uma pequena cidade à beira do deserto da Califórnia. Vários dos escritores psicodélicos vieram de lá. Gram Parsons foi enterrado lá. É o tipo do título de disco com o qual você espera vender três cópias... Nós achamos isso interessante. Executivos da indústria do disco, você sabe, eles dizem *(imitando o sotaque da costa oeste americana)* "o maior disco de rock'n'roll deste grande grupo de rock'n'roll — como é o título? A Árvore de Josué?" Quase vale a pena ver a cara deles... Várias das canções foram gravadas no quarto de dormir de Larry ou na sala de Adam. Quando a luz vermelha se acende *(N. da R. — referência ao sinal de gravação dos estúdios)*, muitas vezes não conseguimos render direito. Quando estamos soltos, livres para tocar do nosso modo... — bem, algumas das faixas parecem demos. Tivemos de dar duro para fazê-las funcionar, e várias canções foram deixadas de lado. A coisa toda poderia ter seguido por várias direções. Nós queríamos alcançar a idéia de um disco inteiro, não aquela coisa de lado A e lado B. "Red Hill Mining Town" tinha de vir imediatamente depois de "Running To Stand Still". Você quer que eu passe manteiga na torrada?

BIZZ — *Isso pode parecer delírio, mas a temática do disco pare-*

ce girar em torno de uma espécie de crise da fé.
Edge — Qual é a fé que não está em crise, o tempo todo?
Bono — As pessoas esperam que você, como crente, tenha respostas para tudo, quando na verdade o que você consegue é apenas juntar um monte de novas questões. Não há dúvida de que o LP e a turnê de *Unforgettable Fire* definitivamente me deixaram sem forças, e eu passei por uma reavaliação de *muitas* coisas. Eu acho que se "I Still Haven't Found What I'm Looking For" faz sucesso, é porque ela não é afirmativa no sentido vulgar de uma canção de gospel. Ela é inconformada e mesmo assim tem um prazer, uma alegria em algum lugar. É na relação da voz com a guitarra de Edge. Eu sou feliz por estar infeliz (ele sorri).
BIZZ — *Há uma imagem de gospel em algum lugar do disco. Músicas mais antigas como "Gloria" soavam como uma referência ao gospel absorvida por uma forma tradicional de rock, mas o sentido de movimento na música sacra é mais fluido, como na música de vocês, agora.*

"Eu fico imaginando — o que é que Jerry Lee Lewis não teria feito com um ritmo eletrônico..."

Bono — O espírito com que gravamos o disco é similar à idéia de um grupo de gospel. Nós queríamos capturar um momento, a sensação de uma sala e pessoas dentro dela, o que é a essência da música gospel. Eno foi um verdadeiro aliado nisso. Ele ouve mais música gospel do que qualquer outra coisa... Eu dei uma escutada por aí e não achei que os discos estão melhorando. Eles podem soar melhor, mas agora nós temos os *compact discs*, que, na minha cabeça, ajudam a mostrar como eles realmente soam *mal*. É uma falta de clima, uma personalidade de gelo, o jeito com que são produzidos os discos. É por isso que os discos do Prince me interessam. Ele está usando a tecnologia, mas de um jeito anárquico. Andei lendo o livro de Robert Palmer sobre blues, onde ele fala sobre os bluesmen prendendo pedaços de metal nas suas guitarras para fazê-las zumbir, isso bem antes de Jimi Hendrix — o ruído e o zumbido fazem parte do som que você ouve. Quando você vai a um clube noturno, você ouve o som mixando a si mesmo — a guitarra e o baixo e a bateria *sangram* um dentro do outro. O jeito convencional de fazer discos é o de separar estes sons em compartimentos e reuni-los mais tarde. Durante este caminho, eles perdem uma espécie de alma e o espírito da performance. Isso é algo que esteve ocupando bastante a minha mente.
Edge — Nós gravamos as músicas "ao vivo", incluindo o Bono, e apenas adicionamos algumas coisas quando tudo estava quase pronto. A canção em si já tinha seu caráter antes de fazermos qualquer *overdub*, e estes eram apenas decoração. Um monte de vozes-guias soavam tão bem que nós simplesmente as deixamos lá. A exatidão das execuções nos instrumentos não era tão importante. Várias vezes nós tivemos a impressão de que a melhor versão de determinada música simplesmente não foi gravada. "One Tree Hill" é cheia de variações de andamento e coisas assim, mas você só percebe isso se ouvir a música várias vezes, e com atenção.
Bono — Vaidade é um grande problema quando se faz música. A idéia de tocar guitarra de uma maneira interpretativa foi jogada pra fora da janela nos últimos dez ou quinze anos. Você tem de estar preparado para tirar suas roupas como músico.
BIZZ — *É irônico que, nessa época de grande retorno ao velho rock, uma das bandas conservadoras do rock-standard siga em direção a algo bem diferente.*
Bono — Coloque isso num contexto. *Boy* foi um dos discos mais climáticos na época em que foi lançado, e *October* é quase só atmosfera — até a faixa "Gloria" é bem elusiva. *War* foi o LP que — no sentido de nos colocar contra aquilo que estava acontecendo na época, aquela síndrome do todo-vestido-com-nenhum-lugar-para-ir, de se esconder atrás de cortes de cabelo — foi propositadamente despojado até o osso, contra isso tudo. Aconteceu que nós chegamos à popularidade com *War*, e por isso somos associados com esse despojamento — e depois lançamos *Under a Blood Red Sky*, que foi a extensão lógica disso. Foi uma performance calorosa, porque era assim que nos sentíamos na época. Estávamos indo contra toda aquela coisa do *synthpop*. No final de tudo nós acabamos simplesmente ignorando essas coisas. Mas a imagem não nos deixou. Ficamos atados por sermos ligados a essa coisa de new rock. Na América, quando lançamos o *Unforgettable Fire*, houve aquela *chicotada* geral... Antes as pessoas achavam que nós éramos o futuro do rock'n'roll, e quando lançamos o disco elas diziam: "O que é que vocês estão fazendo com este álbum hippie do Eno (produtor do disco)?" E nós devemos tanto ao Eno e ao Daniel Lanois por eles terem olhado para dentro do coração do U2.
Edge — Essa volta é uma reação natural, eu creio. Parece que não há mais aquele pique de luta que o rock'n'roll costumava ter. Acho que é compreensível o caminho que as pessoas estão tomando.
Bono — A falta de inibição dos anos

Foto Gamma-Liaison Sigla
Bono e Adam: juntos há mais de dez anos

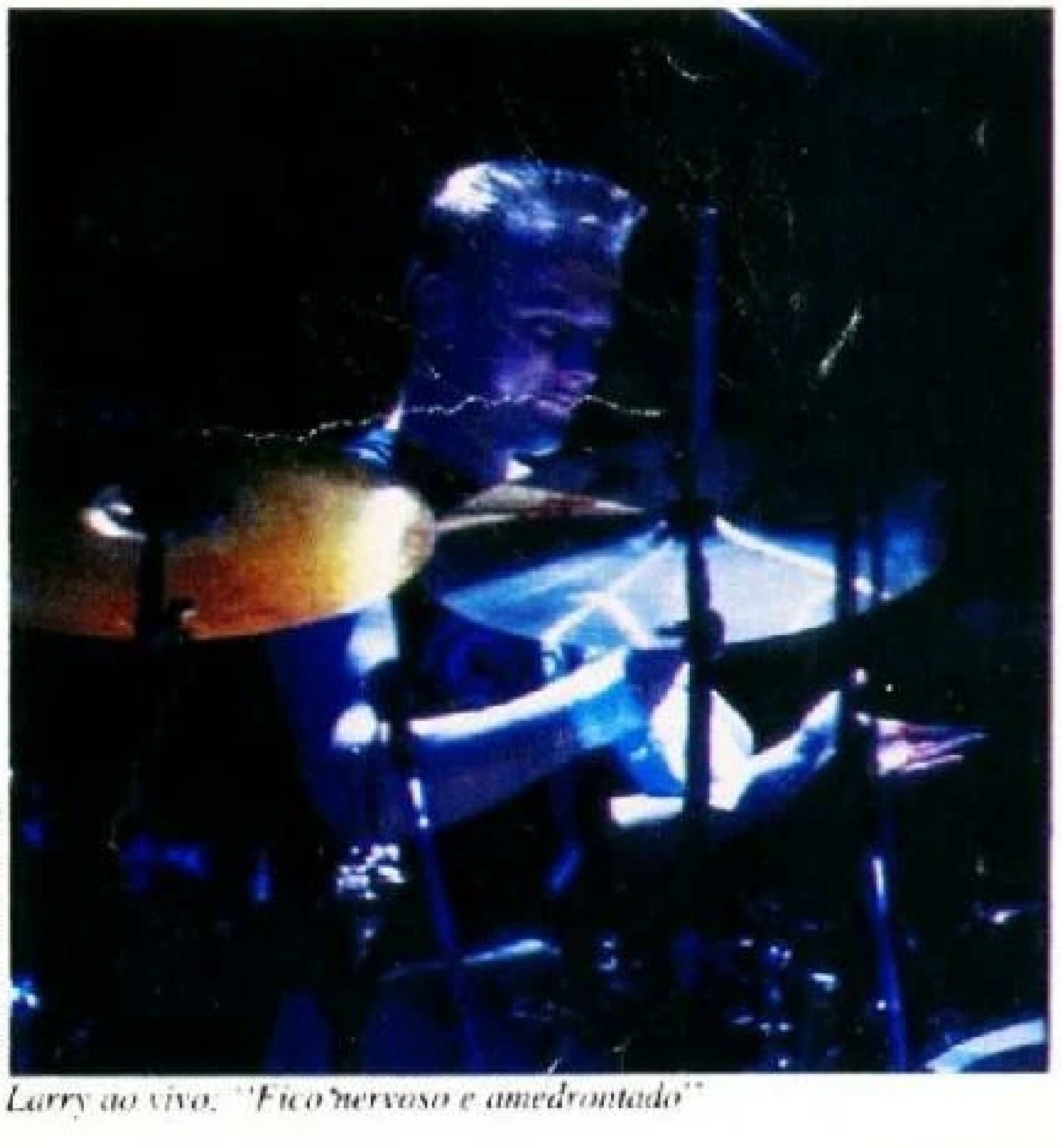


Foto Gamma-Liaison Sigla
Larry ao vivo: "Fico nervoso e amedrontado"

70, apesar de isso ter ido para uma direção errada, é correta sob certo ponto de vista. Nos anos 80, as pessoas são tão fechadas, claustrofóbicas, e não querem cometer enganos, e um monte dessas novas bandas se enxerga como parte de uma tradição dos anos 70. Elas querem se distanciar desse sentimento de nós-não-sabemos-tocar-guitarra-assim. A resposta é: você pode fazer o que quiser! É isso que *The Joshua Tree* representa! Tem o blues eletrificado exposto em "Bullet the Blue Sky", ou mesmo uma peça simples de piano. Nós nos sentimos ligados — o U2 — a esse som que desenvolvemos no passado. Mas não queremos aparecer no A-Z do rock'n'roll como uma banda sem som próprio. Nós queremos deixar algumas canções.

BIZZ — *Talvez tudo o que tenha mudado tenha sido a tecnologia. As grandes bandas de rock dos anos 70 foram tão mal gravadas que acabavam soando pré-históricas. Agora tudo é padronizado e enfeitado para entrar nas rádios.*

Bono — Não cabe a mim comentar o Cult, mas eles devem ser creditados como aqueles que provaram que *Led Zeppelin I* é um disco interessante. É quase esquecido que o Led Zeppelin fez músicas de mérito. Isso faz parte da claustrofobia. Vamos esquecer as formas. Acredito que o rock'n'roll se abriu para os seus 25 anos passados.

BIZZ — *E admitir que tem uma tradição.*

Bono — Sim, e tirar proveito dessa tradição. A música pela música, quase. É claro que qualquer excesso nesse sentido pode ser prejudicial, como cantar canções chorosas com um violão acústico — disso muita gente pode não tirar proveito nenhum. Mas outras poderiam. Eu prefiro ver as pessoas tentando e falhando, de um certo modo, e depois vê-las envolvidas com os "anos 80" ou o "pop moderno". Eu fico imaginando — o que é que Jerry Lee Lewis não teria feito com um ritmo eletrônico, se fosse capaz de programá-lo? Seria um barato! Não se ajoelhar diante destes aparelhinhos... Nas últimas semanas eu andei ouvindo o LP *Raw Power*, do Iggy & The Stooges. Se você quer fazer música heavy, tem de ouvir esse disco. Apenas esses caras num quarto. Eles eram aquilo que soavam.

BIZZ — *Isso foi há muito tempo. Será que a indústria conspirou até um ponto em que as condições que criaram* Raw Power *já não podem mais existir?*

Bono — Se Jimi Hendrix entrasse hoje no departamento artístico de uma gravadora...

Edge *(num tom de executivo)* — Isso não é o que as rádios estão tocando hoje, Jimi.

Bono — Não acredito que ele conseguiria um contrato. Ele seria, *gentilmente*, posto pra fora.

Adam — Será que a mídia não é tão culpada quanto as gravadoras? Eles estão conspirando ou tentando achar alguém com uma guitarra e com algo honesto para dizer? Podemos olhar para o passado, para os Sex Pistols e apenas dizer: "Puxa, aquilo foi uma boa idéia". Mas na verdade eles inspiraram pessoas como o U2 a descobrir o significado real daquilo tudo. Aquilo mudou as bases da fantasia, das calças de lurex e dos 50 mil amplificadores Marshall ao interesse pela energia, pelo primitivo e pela falta de auto-controle.

"Foi como um pesadelo. Eu vi corpos jogados num caminhão quando viajávamos por uma estrada"

BIZZ — *Eu não estou certo se ainda é possível acontecer outra mudança. Já aprendemos bastante. Hoje em dia as pessoas não ficam mais à toa — do jeito que elas estavam sentadas esperando para que o punk acontecesse.*

Adam — Se há algo para acontecer, eu acho que isso virá depois de uma mudança cultural maior. O punk tem nos seus antecedentes uma série de circunstâncias econômicas e sociais, e ele estava vindo de um período estranho. Vai haver uma troca de governo na Inglaterra — espero! — e talvez isso produza alguma reação. No momento as coisas estão um pouco estranhas.

Bono — Acho que, depois de 25 anos de rock'n'roll, podemos perceber como este som se redefiniu a cada década. Nos anos 70 foi desenvolvida — e depois absorvida — a compreensão da grande força, a mesma que existiu com a folk music dos anos 60. O final dos anos 70 trouxe a compreensão do espírito do rock'n'roll e da força dos três acordes, e depois os anos 80 trouxeram uma revigorante admiração pelos ritmos. Ouvir apenas uma era, um período, é um grande erro. Evidentemente, as pessoas hoje *deveriam* estar comprando discos gravados nos anos 50.

BIZZ — *Agora que o Larry chegou, como é que todos vocês explicam o fato de estarem juntos por tanto tempo?*

Bono — Medo do nosso empresário.

Edge — É algo que tem a ver com o fato de que somos amigos e de estarmos juntos há tantos anos. Há uma grande parcela de amizade misturada com a nossa relação profissional. Nós sorteamos coisas entre a gente.

Bono — Todo mundo argumenta, e depois nós fazemos o que eu digo.

Adam — Isso tem a ver com confiança.

Edge — Nós não confiamos um no outro...

Larry — Em comparação com pessoas como Wah! (banda que era liderada por Pete Wylie) e o Teardrop Explodes (banda de Julian Cope) — ou seja, eles não eram realmente *grupos* — U2 *é* um grupo, e sempre foi. Nós lutamos para tocar juntos. Essa foi a motivação, e não a adulação do público.

BIZZ — *Algum de vocês acha que não é bom o suficiente para estar no U2?*

Edge — Desde que definimos o U2, não, mas, em relação a outros músicos, às vezes encontramos dificuldades. Mesmo assim, não competimos muito nessa área.

Bono — Alguns músicos acham que nós estamos tirando sarro quando perguntamos como é que se faz um acorde em dó menor e coisas do tipo...

Edge — Dá um tempo! Você poderia pelo menos ter dito "uma sétima diminuta"!

Bono — Edge não conhece boa parte dos acordes que toca. Ele apenas os faz. Quando o nosso primeiro disco saiu, um cara do Village Voice (semanário nova-iorquino) escreveu sobre todas as quintas e nonas na nossa música e sobre os mais obscuros acordes e tonalidades. Ele não sabia que nós tínhamos afinado tudo em mi bemol por causa da minha voz!

Larry — Às vezes eu fico frustrado. Na turnê da Anistia Internacional eu vi bateristas sentados tocando de uma forma absolutamente relaxada. E você está nervoso e amedrontado... É um sentimento diferente.

Os Eles

Agora não adianta mais.
Os Eles são vocês!

PolyGram

mas seria bem mais fácil para mim.

BIZZ — *Na capa do LP vocês pedem para que o leitor se una à Anistia Internacional. Por que vocês resolveram apoiar esta organização?*

Edge — É muito difícil achar uma organização, beneficente ou não, à qual você possa se ligar incondicionalmente. Nós achamos uma, que é a Anistia Internacional. Existem coisas contraditórias em outras organizações, mas a Anistia Internacional é imparcial. Eles não dão moleza nem para os comunistas, nem para os fascistas.

Bono — Se você quer que suas ações correspondam a suas palavras... Na escola eu lia sobre os nazistas e sobre Dachau, e achava que essa fosse uma época que o mundo já tivesse superado e que jamais voltaria a acontecer. Para mim, descobrir depois de dez anos que há mais tortura e desrespeito aos direitos humanos hoje do que nos tempos dos nazistas foi suficiente para que eu entendesse a importância da Anistia Internacional. Você pode adormecer no conforto de sua liberdade. Não podemos acertar tudo o que está errado, mas podemos achar pessoas que possam nos ajudar para que isto ocorra. Se a Anistia está fazendo isso, por que não apoiá-los?... Algumas coisas do disco foram inspiradas no tempo que passei na América Central, em El Salvador e na Nicarágua. Antes que eu descesse para lá, estive em São Francisco, na turnê do Conspiracy of Hope (beneficente para a Anistia Internacional), e Lou Reed e eu fomos convidados para visitar a Mission Street, no bairro latino. Havia um monte de murais antiamericanos por lá. Eu entrei num centro de artes latino-americano e conheci um artista chileno chamado Rene Castro. Ele me tratou como se eu fosse uma pessoa qualquer com interesse em seus quadros, e não falou muito comigo. Aí alguém me perguntou por que é que nós estávamos na cidade e então ele ficou atento e começou a conversar comigo sobre a Anistia, sobre como eles tinham salvado sua vida — ele tinha ficado no estádio que aparece no filme *Missing* (Desaparecido). Aí me pediram para conhecer a América Central, e o mundo todo se abriu. Eu estive com as mães dos desaparecidos e elas me mostraram fotografias em preto e branco de como os seus filhos foram enviados para casa, totalmente desmembrados. Foi como um pesadelo. Eu vi corpos sendo jogados num caminhão quando viajava por uma estrada. Vi um homem que me serviu de guia sendo perseguido por esquadrões da morte. Vi vilarejos sendo aterrorizados e bombardeados por aviões de caça enquanto eu estava a caminho para visitá-los. Pareceram anos as poucas semanas que passei por lá. Isso fez com que a Anistia Internacional me parecesse realmente uma boa idéia *(silêncio)*.

BIZZ — *Uma vez vocês disseram que achavam que o U2 era "uma mudança dentro do rock'n'roll". Vocês ainda acham isso?*

Bono — Isso é uma coisa bem interessante. Lou Reed recentemente deu uma entrevista na qual ele falou sobre o U2 e disse que nós tínhamos bode de tudo que estava acontecendo. Na nossa organização, entre nossa equipe de som, a nossa atitude em relação ao dinheiro, isso sempre foi algo diferente. Eu não quero dizer isso ao mundo, mas...

Edge — É uma questão difícil de responder. Ainda temos os mesmos objetivos. O de fazer um disco como o álbum branco dos Beatles, ou o *Band of Gypsies* (de Jimi Hendrix).

Bono — Ou o *Climate Of Hunter* de Scott Walker, que foi uma grande influência no nosso LP. Ouçam a música "With or Without You".

Adam — Acho que começamos a levantar algumas questões sobre o que isso realmente foi (no passado). É bastante confortante, de um certo modo, se sentir parte de uma tradição do rock'n'roll. Vale a pena dar uma olhada no rock básico pelo simples prazer de se identificar com a posição de outra pessoa. Quando você se distancia disso, isso acaba perdendo a relevância. Música country, gospel e blues sempre tiveram isso. É a sensação de se estar comunicando uma experiência compartilhada.

BIZZ — *O LP* October *foi chamado assim porque havia "um tempo bem frio no mundo". Como é a temperatura do mundo de hoje?*

Bono — A diferença é que hoje eu não responderia a esta pergunta. Temos que dar uma pequena recuada. O mundo real e o nosso mundo estão seguindo em separado no momento. Não diria que estou perdendo o contato, mas tenho um grau de respeito que me faz não emitir comentários sobre isso. Para nós, o mundo está mais luminoso, mas, observando-o sob a ótica do que acontece no nosso país, não vai nada bem.

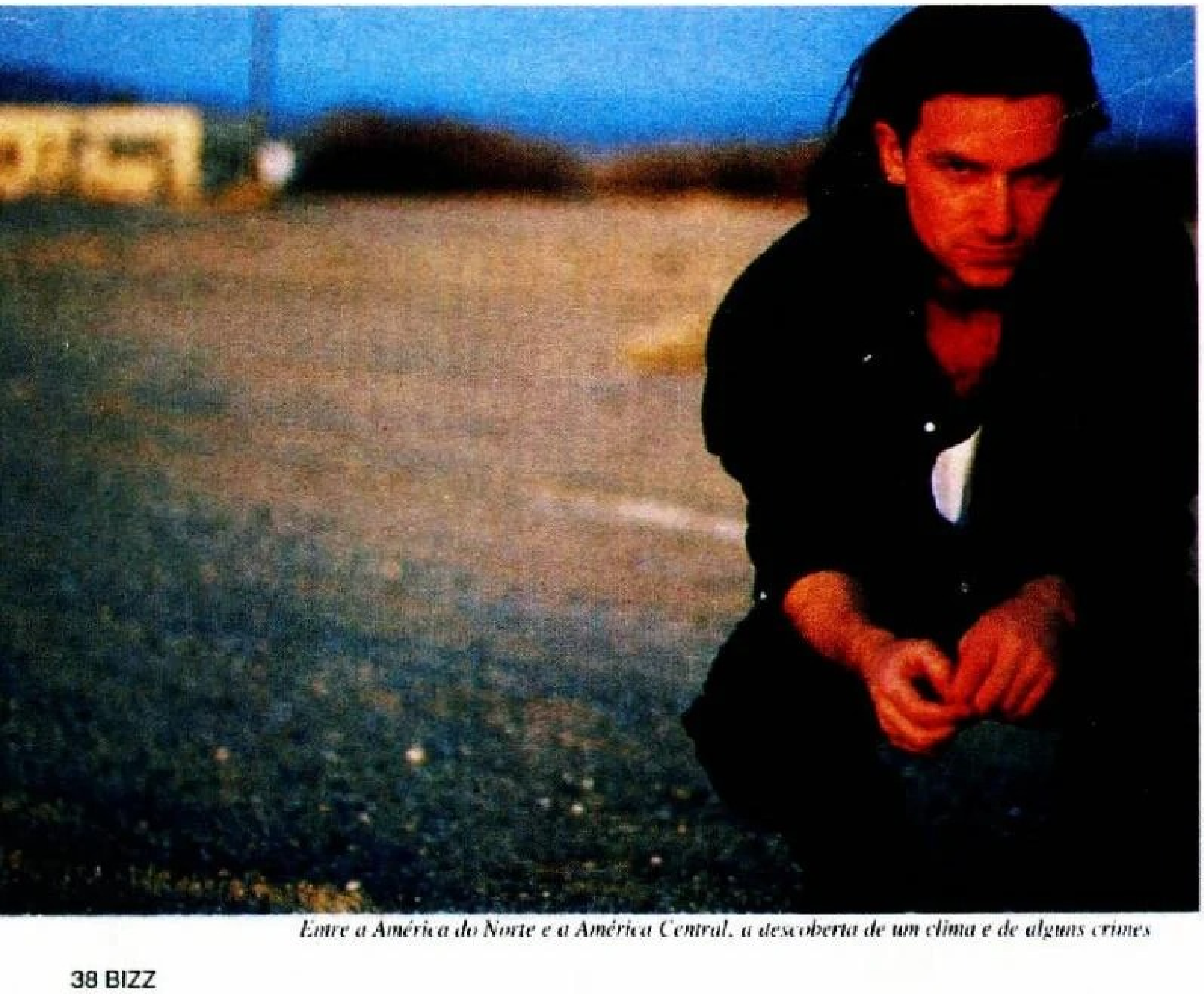


Foto Multimagem

Entre a América do Norte e a América Central, a descoberta de um clima e de alguns crimes

DS10
SINTETIZADO
POLYPHONICO PROGRAMÁV

O primeiro sintetizador polifônico de oito vozes totalme
programável produzido no Brasil, com tecnologia *DIGITONE* exclus
32 *PRESETS* prontos de fábrica, 64 memórias não voláteis. Você pode criar seus próp
programas e guardá-los em presets. Todos os comandos são digitais (controlados por um único displ

Solicite nosso catálogo: DIGITONE
Av. do Café, 383/387 - São Paulo - SP
Fone (011) 577.3622

Digitone
DIGITAL KEYBOARDS

Foto Camera Press

OS BEATLES CHEGARAM! DE NOVO?

Foto Abril

Vinte anos depois do Sgt. Peppers, o disco que mudou os rumos do rock, os CDs fazem renascer a beatlemania

"It was twenty years ago today Sgt. Pepper taught the band to play" — abertura do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, de 1967.

Eu, você, nós dois, já temos um passado, meu amor. E que passado! No balanço dos anos, anotados os proverbiais trancos e barrancos, — e parafraseando Renato Russo — ainda somos tão jovens. Mas não somos os mesmos. Quem esquadrinhou sua vida a partir dos sulcos em vinil que giraram durante a década de 60 provavelmente ainda recorda o que era o lançamento de um disco dos Beatles. Nestes tempos encharcados de cinismo e pré-fabricação pode até parecer babaquice, mas todo e qualquer disco dos Beatles era mais que um evento — era um misto de revelação e evangelho, um relatório rock do estado do planeta, uma continuação de *statements* a partir do qual todo o universo pop seria orientado. Um disco dos Beatles punha todo o mundo em sincronia.

Mas houve um álbum, em especial, que levou todo este processo às últimas conseqüências — *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Para o disco, os Beatles se esconderam detrás de uma banda fictícia e empreenderam sua mais arriscada excursão musical, rompendo os limites dos estúdios de quatro canais com a experimentação a que o rock não se havia permitido até então. Dias antes do lançamento de *Pepper's* o mundo já era envolvido pelo ansioso murmúrio da curiosidade geral. Afinal, o que estava por vir? Lançado quase simultaneamente na Europa e nos Estados Unidos, o disco virou uma espécie de tã-tã eletrônico que ligava todas as tribos do planeta — do deserto de Nevada a King's Road, do *bas fond* berlinense às mais remotas colônias de pescadores, *Sgt. Pepper's* era *a* trilha oficial de 1967. E era tudo mais — ponto de referência, moeda corrente, plataforma de lançamento do futuro do pop. Ninguém ficou imune aos encantos do álbum. E até hoje ele é o mais importante testamento do brilhantismo da banda mais completa e crucial de toda a história do rock.

O senhor que observa Paul é George Martin

Foto Camera Press

Tanto assim que, 20 anos mais tarde, *Sgt. Pepper's* (em particular) e os Beatles (em geral) estão ganhando nova vida. A culpa é dos compact discs? Provavelmente. Com o relançamento de todo o catálogo da banda em som digital, puro e cristalino, cópias ancestrais de vinil surrado estão sendo paulatinamente aposentadas. As vantagens são muitas, mas basicamente se resumem a dois irrefutáveis argumentos: o som que sai dos CDs é o mesmo que George Martin ouvia na sala de mixagem, onde transformava em produto os discos dos Beatles. E as cópias em CD duram para sempre. Mas não deixa de ser no mínimo curioso ver os Estados Unidos, principalmente, embalados por uma nova — senão temporã — onda de beatlemania. Um dos atuais bastiões das rádios norte-americanas é o catálogo em CD dos Beatles. Durante muitas semanas os quatro primeiros lugares na parada de compact discs da revista *Billboard* eram dos Beatles.

E isso é apenas o começo de toda uma comemoração em torno do quarteto de Liverpool que agora atinge um de seus pontos altos justamente por causa de *Sgt. Pepper's*. Dois superespeciais de TV estavam no gatilho na época do fechamento desta edição. O mais ousado deles é capitaneado pela equipe do programa inglês *The Tube* e reuniria todas as faixas do álbum numa série de clips dirigidos por uma seleta de feras do celulóide, como Robert Altman, Nicholas Roeg, Steven Spielberg e Ken Russell. Por problemas de caixa, o projeto foi reduzido a um simples especial comemorativo, sem a participação de nenhum dos diretores planejados. Já a Granada International Television concluía um documentário de duas horas, batizado *It Was Twenty Years Ago Today*, que enfoca não apenas o aspecto musical de *Sgt. Pepper's*, mas também toda a situação do mundo — social e política — na época do lançamento do disco. O especial da Granada tem entrevistas exclusivas e recentes com Paul McCartney e George Harrison, consultoria de Derek Taylor (ex-assessor de imprensa dos Beatles), mais pelo menos uma pequena gema do telejornalismo: uma entrevista feita com Mick Jagger pouco depois dele ter saído da prisão, para onde fora após um noticiadíssimo flagrante de drogas, em 1967. Os entrevistadores são um padre jesuíta, um bispo anglicano e, por fim, um ex-chefe da Casa Civil inglesa.

No Brasil, também, o vigésimo aniversário de *Sgt. Pepper's* será comemorado. O disco será relançado aqui em CD e pelo menos um shopping center está planejando uma gigantesca promoção em torno dos Beatles no Rio de Janeiro.

Muito bem: mas por que tanto trelelê em torno de *Sgt. Pepper's?* A resposta é tão simples quanto complicada. Ligue agora para qualquer crítico de música e pergunte quais 10 discos levaria para uma ilha deserta, se a ele isso fosse imposto. *Sgt. Pepper's* estará na lista. Mas não existem outras obras-primas dos Beatles? Será que as pessoas se esquecem de *Revolver*, *Rubber Soul* e o conhecido como *Álbum Branco?* Claro que não, mas *Sgt. Pepper's* foi o disco que pela primeira vez introduziu a noção de disco conceitual. Foi o disco que elevou o pop à categoria de arte.

As primeiras indicações de que o novo álbum dos Beatles seria uma quebra radical com todos os padrões conhecidos de pop foram dadas alguns meses antes, através do compacto "Strawberry Fields Forever"/"Penny Lane". Ali John, Paul, George e Ringo se entregavam à experimentação — combinando sintaxes musicais nunca dantes casadas — e exploravam todas as possibilidades eletrônicas de seu tempo para criar sons e imagens aurais que ninguém jamais ouvira. De ouvidos em pé, crítica e público se prepararam, então, para *Sgt. Pepper's*. Mesmo com o aviso prévio, a surpresa diante do álbum foi inevitável. E estrondosa. Interligando vários gravadores de quatro ca-

nais, George Martin construiu camada após camada de música, erguendo, assim, uma construção sólida e intrincada. Vaudeville, ragas indianas, orquestras grandiosas, realejos, temas circenses, rock pesado e baladas de amor se entrelaçaram para dar a forma do pop definitivo de 1967.

Foram gastas mais de 700 horas de estúdio para a criação de *Sgt. Pepper's*, a um custo astronômico de 25 mil libras esterlinas (contra 1 mil e 250 libras gastas no primeiro LP da banda). O investimento, no entanto, pode ser melhor avaliado quando se leva em consideração que a produção da capa consumiu a mesma quantia destinada às gravações (ver boxe).

As letras do disco eram polaróides psicodélicas do dia-a-dia de um mundo em mudança — visões místicas e introspectivas, como as de "Within You, Without You"; estocadas no conservadorismo bretão em "A Day in the Life" (banida em muitas rádios por causa do refrão "Eu adoraria aplicar você"); e em "Good Morning, Good Morning", repleta de sons animais. Sem que ninguém soubesse, no entanto, aquelas eram as últimas verdadeiras parcerias de Lennon e McCartney — dali em diante os dois passariam a trabalhar isoladamente, para mais tarde complementarem cada canção com o restante da banda. E tanto eram inéditas em sua concepção e abrangência — poucas vezes uma coleção de letras conseguiu captar de forma tão atilada o espírito de uma época — que o sisudo jornal *The Times* declarou em seu suplemento literário que o que *Sgt. Pepper's* dizia musicalmente era um "barômetro dos nossos tempos".

Antes de *Tommy* e toda uma sucessão de óperas-rock, antes do Pink Floyd, antes de Bowie, os Beatles estavam inaugurando a era dos discos conceituais e abrindo todas as portas para a evolução pop que viria a seguir. Não se fazem mais discos assim — com todos os recursos atuais de estúdio, com toda a grana que rola na feitura de música. E será que isso não acontece só por que não existem mais os Beatles? Ou será que determinada missão já foi cumprida e o negócio agora é bola pra frente e vamos ao próximo capítulo? Com a palavra, a nova geração.

SGT. PEPPERS

Foto Abril

Para abraçar o vinil que continha as faixas de *Sgt. Pepper's*, os Beatles prepararam uma capa à altura e até hoje ela é motivo de surpresa e polêmica. A começar pelas letras impressas no verso — foi a primeira vez que a indústria pop valorizou de tal maneira as palavras de um disco.

Os Beatles encomendaram a capa aos artistas pop Peter Blake e Jan Haworth, com a recomendação de que a dupla fizesse uma colagem com diversos elementos, entre eles as imagens de 62 celebridades, escolhidas entre ídolos e desafetos da banda. Quando soube da idéia, a gravadora EMI subiu nas tamancas — o argumento contrário à idéia era única e exclusivamente o temor de possíveis processos judiciais movidos pelas figuras que ilustrariam a capa, ou por alguma entidade que se sentisse ofendida em ver num produto popular fileiras e mais fileiras de plantas de maconha. Os Beatles concordaram em arcar com despesas de até dois milhões de libras esterlinas, no caso de processos. E deixaram a EMI eliminar uma única celebridade da montagem: Ghandi. As demais permaneceram: John Weissmuller, Bob Dylan, Marlene Dietrich, Marlon Brando, O Gordo e O Magro, Fred Astaire, Marilyn Monroe, W.C. Fields, Buda, Tom Mix, Tony Curtis, Oscar Wilde, Karl Marx e tantas outras.

Defronte a essa montagem estavam duas bandas: os Beatles (figuras de cera emprestadas ao museu de Madame Tussaud) em pose reverente, e a Banda do Sargento Pimenta (os Beatles encarnando o grupo imaginário que haviam criado para o disco). A atitude das duas contrasta claramente. Os Beatles estão solenes e tristonhos, como num funeral. A Banda do Sargento Pimenta está séria, mas feliz e orgulhosa. Muita gente se embolou tentando descobrir significados ocultos nesta contraposição.

O aspecto de funeral levou à pretensa conclusão de que um dos Beatles teria morrido. Ou, então, a banda estaria se despedindo. Os arranjos florais na parte inferior da foto lembram um túmulo enfeitado e no meio das plantas de maconha está um busto de Stu Stucliffe, o primeiro baixista dos Beatles, morto antes da banda ter decolado. Algum detalhista mais curioso descobriu (ou inventou) que as flores amarelas colocadas na forma de uma guitarra eram, na verdade, uma "pista" para o mistério: ali estaria escrito "Paul D" — *Paul is dead* (Paul está morto), abreviado. Haja imaginação.

Foi o suficiente para a capa do disco ser totalmente investigada. Aí, então, alguém descobriu que sobre a cabeça de Paul, sutilmente, há um aceno de mão — adeus a Paul? E não foi só: na capa de trás, de todos os Beatles Paul é o único que está de costas.

Resultado: não houve processo algum. E Paul não estava morto.

Patife

ROLETA RUSSA

Sempre à margem da margem da margem, Paulo Barnabé e seus patifes atravessam — com o primeiro LP em punho — esse corredor polonês que é o cenário musical brasileiro

Logo no começo do papo, Paulo avisou: "Aproveita, porque esta é a única entrevista que será dada só comigo. A gravadora quer tratar a coisa como banda, mas não tem banda. Tem eu e os músicos que me acompanham..." No disco, além destes músicos — André Fonseca (guitarra), Paulo Mello (bateria) e Sidney Giovenazzi (baixo), que fazem parte da Patife — aparece outra dezena de instrumentistas de calibre. Como você vai resolver isso ao vivo? "Para mim, estúdio é um momento de reflexão. Você pode modificar fraseados, consertar fragmentos de idéias... Em show é diferente. Você erra e erra mesmo. Mas é um erro artístico. Sou muito perfeccionista. Não admito erro em cima dos músicos. Trabalho e ensaio pra burro para que isso não aconteça. Se acontece, é por azar, ou sei lá por quê."

Quando fala de suas influências e formação, Paulo explica uma a uma sob a ótica da estrutura musical. Este fato é inédito em 90% das entrevistas com "músicos" (principalmente os "novos"), por questões óbvias: não entendem nada de melodia, harmonia, ritmo e composição. Paulo conta que começou a estudar música com sete anos — era a época da Tropicália e Jovem Guarda. Elizete Cardoso e Jacob do Bandolim foram os primeiros a mexer com seus ouvidos. "Existiu uma certa influência na minha vida — Arrigo (Barnabé, irmão de Paulo) começou a me mostrar uma coisa mais erudita, como Stockhausen (68/69)... Coisas da vanguarda européia. Comecei a ter uma certa curiosidade pelos detalhes musicais — tinha uma certa concentração para coisas aleatórias que eu podia organizar na minha cabeça. Viemos para São Paulo e começamos a nos profissionalizar... Trabalhei com Arrigo e Itamar na concepção musical, e não como instrumentista. Mas minha cabeça era muito ligada ao rock. E um som que me chapou foi o do Macalé, com Tutty Moreno e Lanny Gordin (*Jards Macalé*, 72)... E, também, o Som Imaginário, de Wagner Tiso, Robertinho Silva... Comecei a entender melhor o tonalismo. Esse pessoal tem uma puta estrutura. Isso foi um gancho para eu começar a compor... "Corredor Polonês", por exemplo, partiu de um assobio. Assobiei uma frase de guitarra. Daí, comecei a subdividir esta frase. Dividi em compassos de 3/4, 2/4, 7/5... A partir do intuitivo fiz algo estrutural... Pensei muito... "Tô Tenso" é uma música antiga (76) e levei dois anos para fazer o arranjo. Demoro para concluir. Não quero dizer que seja uma regra, mas sou meio travado, observador..."

Neste caso, como você se sente em relação a um contrato com uma grande gravadora? "Não gosto da idéia de seguir carreira, ser *contratado*. Me atrapalha, porque sou indisciplinado. Meu trabalho, meu tempo são meio anarquistas. Não tenho um procedimento de organização — é muito intuitivo... Fui convidado para fazer um contrato na WEA. Acontece que eu estava duro e aceitei numa boa."

Essa agressividade que você passa na sua música teria a ver com alguma influência punk? "Na verdade, sempre fiz um som agressivo. Não conhecia nada de punk, como não saco até hoje. O Clemente (dos Inocentes) me viu tocando uma vez no Lira Paulistana e gostou muito. Foi uma simpatia mútua. Daí fui tocar com eles por um tempo."

Paulo, o que vai acontecer com *Corredor Polonês* (LP recém-lançado pela WEA)? "Pode ser ignorado, pelo fato de São Paulo ser uma província narcisista. Cultura e burocracia estão cada vez mais próximas... Estamos perto de um empobrecimento cultural — arte se confundindo com merchandising. Os caras se reúnem em grupos, existe uma tendência, uma só idéia. Muita egotrip na ficção estereotipada de Hollywood." Por isso deseja deixar o país o mais breve possível e seguir, de preferência, para a Alemanha.

No mais, esse disco é um dos poucos — ou único, por enquanto — rock nacional para exportação. Talvez incomode os ouvidos da crítica — que fará relações forçadas com o mano Arrigo. Talvez não agrade a maior parte do público. Mas está registrado, está no vinil, e o que tem qualidade existe por si só, mesmo que alguém jogue fora.

Sônia Maia

Foto: Gabriel Fersonett

JOY

DIVISION

Em 18 de maio de 1980, o vocalista/letrista Ian Curtis cometeu suicídio, dando também fim àquela que seria, talvez, a última banda de rock com algo a dizer. Os sobreviventes continuaram como New Order, mas essa é outra história. *José Augusto Lemos* tenta resumir em palavras a "Divisão da Alegria"

LUZ NAS TREVAS

Numa das últimas edições desta revista, um colaborador tascou — como introdução a uma breve apologia da moda — que deveríamos apontar os discos do Joy Division.

Num manual de psicologia não escrito, pode-se ler que a mentalidade perseguidora da "última moda" gosta de consumir *tudo* que estiver no pacote da estação: não consegue diferenciar o original de seus imitadores e/ou diluidores. Também é sempre bom lembrar o pensamento vivo de Coco Chanel: a diferença fundamental entre "arte" e "moda" é que a primeira produz coisas feias que vão ficando bonitas, enquanto a segunda produz coisas bonitas que vão ficando feias.

Tudo isso dá pano para muita manga, a começar pela imevitável conclusão: 99,9% da música pop não passa de... "moda".

O Joy Division nunca foi moda. Um mito, sim, talvez além de suas proporções. O Joy Division foi — durante a colorida passarela new wave — *o* grupo antimoda. É admirado exclusivamente pela música que produziu e respeitado dentro de seu contexto. No meio da selva, muita gente ouve o galo cantar. Onde mesmo?

* * *

O trem que sobe desde Londres está chegando em Manchester.

A primeira parada é Macclesfield, uma arrebentada espécie de cidade-satélite mais ao sul. Todo ano, baixam aqui turistas japoneses e peregrinos variados à procura da urna funerária onde estão as cinzas de Ian Curtis, um jovem nascido e criado em Macclesfield.

Lawrence Brennan, um inglês que se auto-intitula "brasilófilo" e é o responsável pelo lançamento do Joy Division no Brasil, continua discutindo comigo a situação político-econômica desta terrinha. Eu não estou mais ouvindo. Macclesfield já ficou para trás. Estou vendo o centro de Manchester pela janela do trem e me lembrando da primeira vez que ouvi o Joy Division.

* * *

No verão de 1976, a Inglaterra foi percorrida por um ônibus lendário, carregando os Sex Pistols, o Clash e os Heartbreakers de Johnny Thunders para a turnê *Anarchy in the UK*. Quase todas as prefeituras proibiram a turba de se apresentar. Mas, no Free Trade Hall de Manchester, o show acabou acontecendo. Este foi o começo não só do Joy Division como dos Buzzcocks,

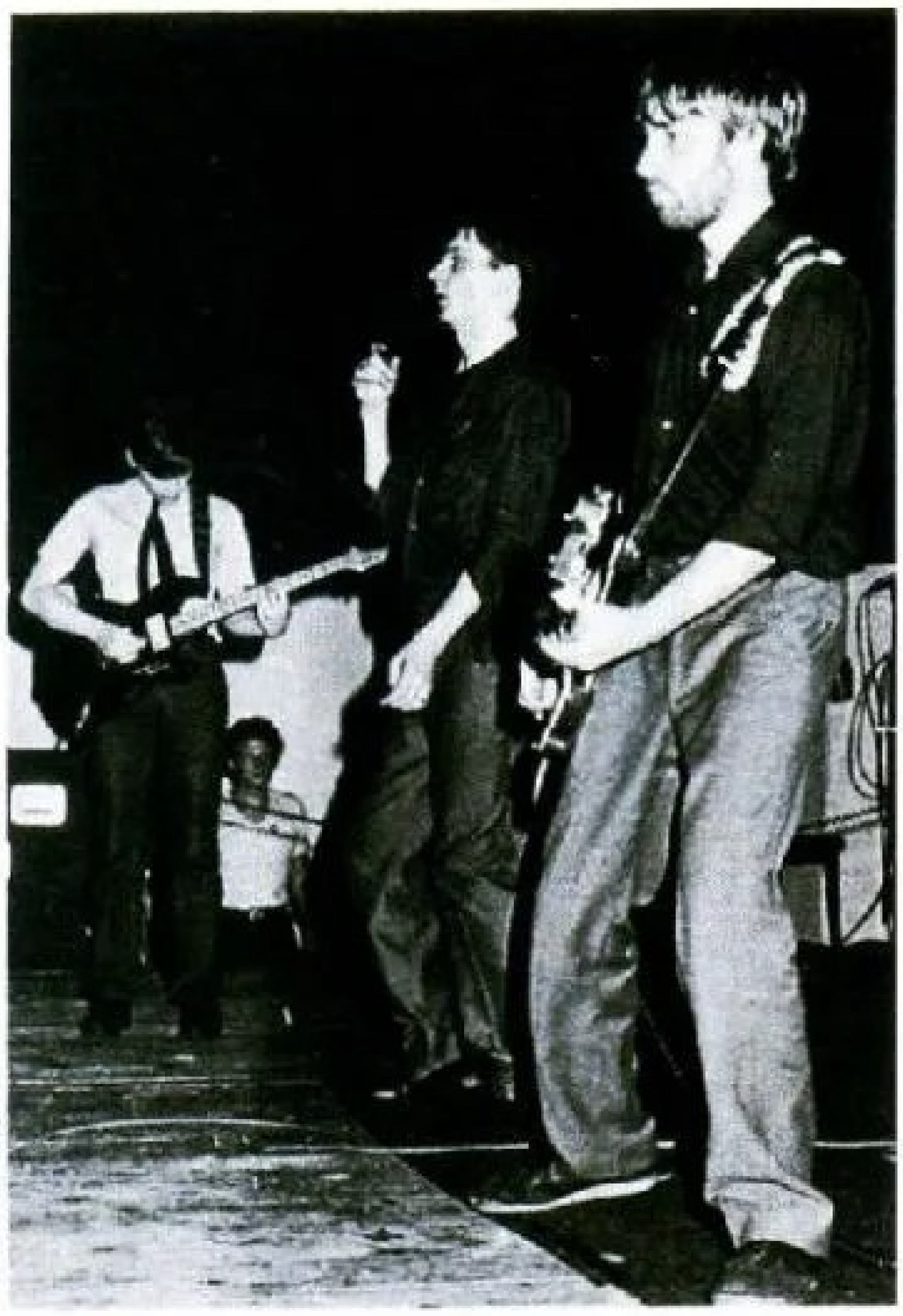


Foto Paul Slattery/RETNA

Ao vivo, da esquerda: o guitarrista Bernard (nome de batismo Dicken, mudado depois para Albrecht e atualmente Sumner), Ian Curtis e o Baixista Peter Hool.

Magazine, The Fall, Durutti Column e dos Smiths. Um punhado de bandas com um inabalável sentido ético — sem concessões ao caleidoscópio de "estilos" londrino — que fizeram de Manchester a meca do pós-punk britânico.

Na platéia do Free Trade Hall, estavam os quatro futuros integrantes do JD, mas a decisão de montar a banda partiu de dois amigos inseparáveis, Bernard Dicken e Peter Hook. Curtis era não mais que um "conhecido" e talvez tenha sido chamado por sua absoluta fissura em Iggy Pop e no Velvet Underground. E, antes que Steve Morris assumisse a bateria, passaram por ela uns tais de Terry Mason e Steve Brotherdale.

Diz a lenda que o quarteto foi batizado de Stiff Kittens ("gatinhos rijos") por Pete Shelley, o cabeça dos Buzzcocks. Esta versão é contestada pelo livro *An Ideal for Living*, onde está escrito que tudo começou na casa onde moravam o empresário dos Buzzcocks e Howard Devoto (co-fundador do grupo, que saiu para montar o Magazine). Uma bela noite, uma garota chamada Lou entrou na sala e disse: "Lá em cima está cheio de gatinhos durinhos", anunciando que a gata deles havia abortado toda a cria.

A obsessão pelos detalhes serve para indicar a intensidade do culto. O que importa é que a banda não se sentia à vontade com a ironia previsivelmente punk do nome. Acabaram ficando com Warsaw (Varsóvia), a partir de "Warzawa", faixa do recém-lançado *Low*, de David Bowie. (Este nome também acabaria descartado para evitar confusões com a banda londrina Warsaw Pakt.)

Estrearam abrindo um show dos próprios Buzzcocks, em final de maio de 1977, no Electric Circus — misto de galpão e *night-club* que durou só até outubro daquele ano, mas foi o vértice da cena punk em Manchester. Comentário de um jornalista enviado para cobrir o evento, sobre o Warsaw: "Nem o mais demente metaleiro poderia se excitar com isso".

* * *

O Joy Division passaria ainda todo o ano de 1977 como Warsaw. Ao mesmo tempo que o punk tomava o poder e passava a ser a atração mais "quente" do show-biz britânico, o quarteto fazia uma via-sacra de shows e aberturas de shows pelos clubes do norte da Inglaterra. O primeiro registro em vinil acabaria sendo "At a Later Date", incluído num EP ao vivo, gravado durante o fim de semana de despedida do Electric Circus, *Short Circuit*. É ouvir e constatar: o Warsaw era apenas mais uma banda punk, sem identidade além de um elo entre os Stooges e os Buzzcocks. Demorariam cerca de um ano para forjar uma alquimia sonora que deixaria uma marca incicatrizável no rostinho "adolescente" da música pop.

O novo batismo viria de um livro sobre sadomasoquismo nos campos de concentração alemães, *The House of Dolls*. As chamadas "divisões da alegria" seriam os espaços reservados a prostitutas e presas mantidas vivas para a diversão dos oficiais.

* * *

À primeira vista, Manchester desmente a imagem de "capital mundial da angústia", cortesia das letras de Curtis, Mark E. Smith, Howard Devoto e Morrissey. Uma cidade bonita e cosmopolita, com pessoas vivas e expansivas, a vários graus centígrados de distância do típico londrino cínico e *blasé*. Se você quiser saber, faz sentido.

Quando Lawrence e eu chegamos aos escritórios da Factory, quem está nos esperando é o *big boss* e ótimo papo Tony Wilson. Oito anos depois de ter fundado a gravadora independente mais célebre do planeta, ele ainda mantém seu programa de entrevistas na TV Granada. Em 77, comandava na mesma emissora o *So it Goes*, onde — além de veicular semanalmente de Iggy aos Pistols, passando pelas bandas locais — conheceu o Joy Division.

Uma coincidência: Wilson acaba de entrevistar o cardeal de São Paulo: "Sou ateu, mas fã da igreja latino-americana". Esquece que estou ali para entrevistá-lo e dispara uma bateria de perguntas sobre o Brasil. Quando digo que o mito já chegou aqui embaixo, ele fica sério, baixa os olhos: "É, qualquer gravadora que tivesse *Unknown Pleasures* e *Closer* em seu catálogo teria de ter muito orgulho disso".

* * *

Quando pergunto sobre o começo da Factory, os olhos de Wilson faíscam. Em seu programa de TV, já estava lançando para todo o país a safra punk local. Daí a começar a promover shows em um lugar — The Factory Club — que ocupasse o espaço deixado pelo Electric Circus foi um passo. Ele se levanta para mostrar um cartaz amarelo — já com a inconfundível assinatura de Peter Saville — dos primeiros eventos, dois fins de semana em outubro de 78. Além do Joy Division, mais duas bandas fundamentais: Cabaret Voltaire e Durutti Column.

A essa altura, o Joy Division já tinha chegado à sua identidade sonora e contava com um pequeno séquito de devotos, que compareciam até quando a banda se apresentava em Londres.

Quando se decidiram a gravar pelo selo Factory mesmo, estavam pegando fogo, com um repertório monumental, anos-luz dos rascunhos do Warsaw. Mas, uma vez no estúdio, o "som Joy Division" não teria existido sem a mão do produtor Martin "Zero" Hannett, outra peça-chave no grupo fundador da Factory.

Hannett colocou a bateria à frente de todos os instrumentos, fora o bai-

xo melódico de Peter Hook, por trás de tudo a voz de Curtis, abrindo planos como o Saara dentro de uma música essencialmente compacta. (Mais tarde, esse tipo de mixagem se tornaria tão imitado quanto as capas de Peter Saville.) Aqui e ali, sutis toques eletrônicos e ruídos (um elevador parando, garrafas quebrando) que foram definitivamente incorporados no segundo LP, *Closer* — o primeiro a ser editado no Brasil. Junto com *Unknown Pleasures*, o primeiro, forma um horizonte que nenhuma banda conseguiu percorrer em lotes de sete, oito, nove LPs. Uma capa preta, uma capa branca e uma abrangência lírica que qualquer tentativa de "interpretação" mergulha de cabeça no ridículo.

* * *

Unknown Pleasures ("Prazeres Desconhecidos") recebeu a instantânea aclamação crítica que colocou jornalistas dos quatro cantos da Inglaterra atrás da banda para marcar entrevistas e sessões de fotos. Nada feito. "Nosso negócio é música e não autopromoção", diria Bernard, mais tarde, já com o New Order. Peter Hook, sempre o mais intratável na presença de jornalistas, declarou: "Não queremos influenciar ninguém. Não queremos que as pessoas saibam o que pensamos. Elas costumam achar que as letras são a força principal, mas nós gostamos de pensar que influenciamos Ian tanto quanto ele nos influencia; que, se nós parássemos de tocar, Ian nunca mais escreveria uma letra".

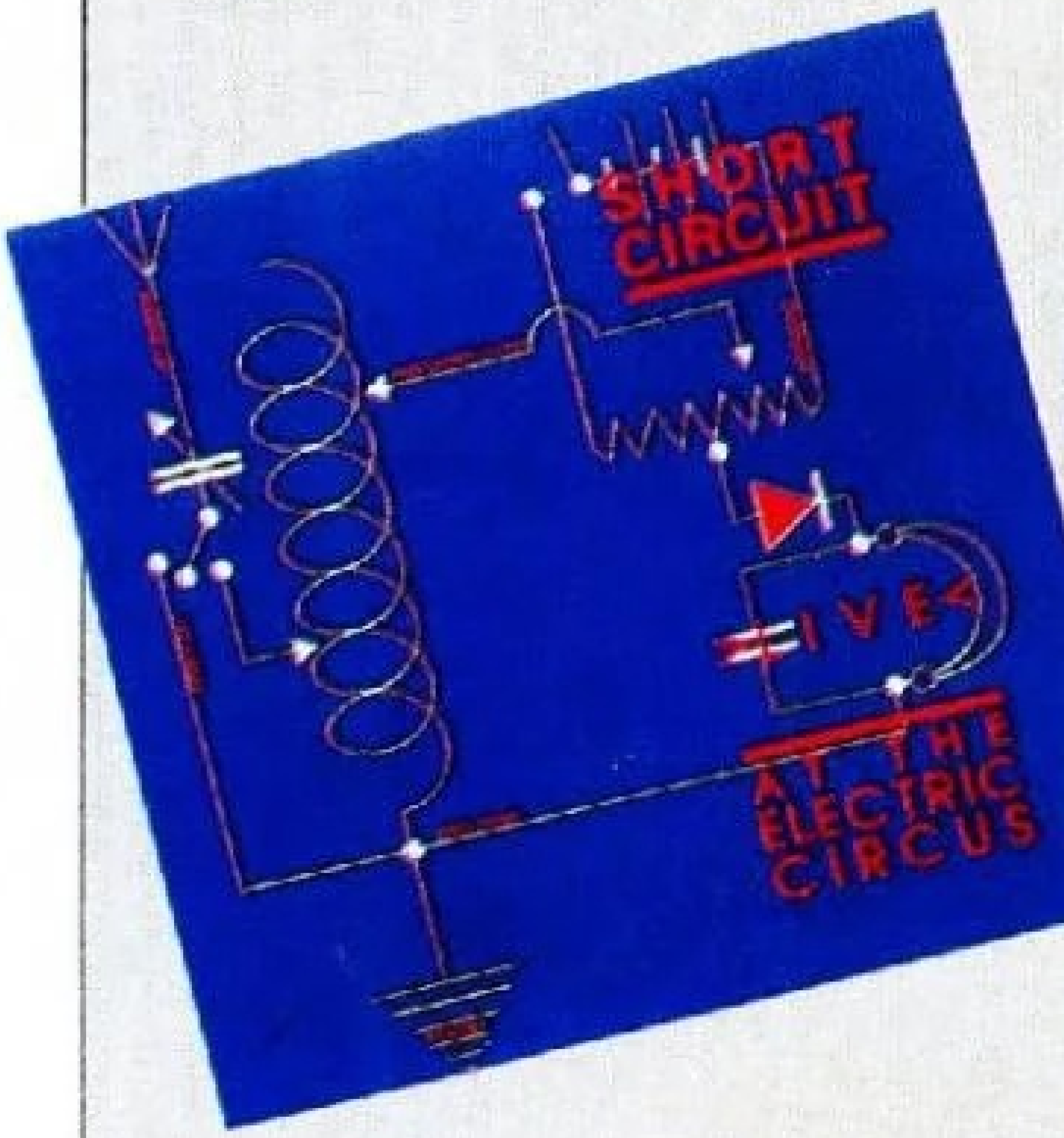
* * *

"Olha, eu sei que vocês detestam esta pergunta, mas eu sou um jornalista e preciso fazê-la..."

Não preciso. Tony Wilson pega a deixa e começa a contar que a reação inicial da banda e da Factory com relação ao suicídio de Curtis foi de "raiva". Acharam uma atitude covarde, principalmente em relação à esposa e à filha de um ano. Wilson então cita um dos versos de "Heart and Soul" — "Assuma você meu lugar no confronto final/ficarei observando com o olhar cheio de pena" — e emenda: "Sim, nós assumimos o seu lugar — tem gente que tem uma missão a cumprir, isso é o que penso agora".

OBRAS COMPLETAS E FONTES DE REFERÊNCIA

Guia completo para quem quiser se aprofundar no legado de Joy Division



Fotos Abril

Participações em coletâneas
"At a Later Date", em *Short Circuit: Live at the Electric Circus* (EP Virgin, junho 78)
"Digital" e "Glass", em *A Factory Sample* (EP Factory, dezembro 78)
"Auto-Suggestion" e "From Safety to Where...?", em *Earcom 2* (EP Fast, abril 79)

Compactos e EPs
An Ideal for Living (Enigma, junho 78; Anon, outubro 78)
"Transmission"/"Novelty" (Factory, outubro 79; setembro 80)
Licht und Blindheit: "Atmosphere"/"Dead Souls" (Sordide Sentimental, novembro 79)
"Komakino" / "Incubation" / "And Then Again" (Flexidisc Factory, abril 80)
"Love Will Tear Us Apart"/"These Days" (Factory, maio 80)
"Atmosphere"/"She's Lost Control" (Factory, outubro 80)
Peel Sessions (Strange Fruit, 86)

LPs
Unknown Pleasures (Factory, junho 79)
Closer (Factory, julho 80)
Still (duplo, sendo um ao vivo — Factory, outubro 81)

Vídeo
Here Are the Young Men Filmado em condições amadorísticas, tornou-se um documento histórico, com trechos de shows em Bruxelas, Manchester e Eindhoven, entre outubro de 79 e janeiro de 80. Inclui também o clip para "Love Will Tear Us Apart".

Bibliografia
An Ideal for Living — An History of Joy Division de Mark Johnson (Proteus Books, Londres 84)
Joy Division + New Order — Pleasures and Wayward Distractions de Brian Edge (Omnibus Press, Londres 84)

Fanzine
Standard Factus Excelente fonte de informações minuciosas, feito com devoção por um holandês, um norueguês e uma francesa. Escreva para Max Admiraal, Koninginnelaan 59, 2281 HB Rijswijk, Holanda.

Letras
O ideal, mas dificílimo, é achar o *Joy Division New Order Songbook*, edição pirata mimeografada que contém ainda listagem completa das dezenas de discos piratas existentes. A edição portuguesa *Ian Curtis — Joy Division* (Assírio & Alvim, Lisboa 83) é uma opção, mas peca por uma tradução "livre" e duvidosa.

JOY DIVISION

EM UM LUGAR SOLITÁRIO

(In a Lonely Place)

Acariciando o mármore e a laje
Amor em especial por alguém
O desperdício na febre que aqueci
Como eu queria que você estivesse
aqui comigo agora

Corpo que se encolhe e esconde
Arcos que trazem freqüentes delícias
Quente como um cachorro ao redor dos pés
Como eu queria que você estivesse
aqui comigo agora

O carrasco olha para os lados enquanto espera
Na forca, a corda se estica e então quebra
Um dia nós morreremos em seus sonhos
Como eu queria que estivéssemos
aqui com você agora

Uma das últimas letras escritas por Ian Curtis, In a Lonely Place não chegou a ser gravada em sua voz. A canção está no lado B do compacto Ceremony, o primeiro lançamento do New Order.

Foto Paul Slattery/RETNA

Elton John

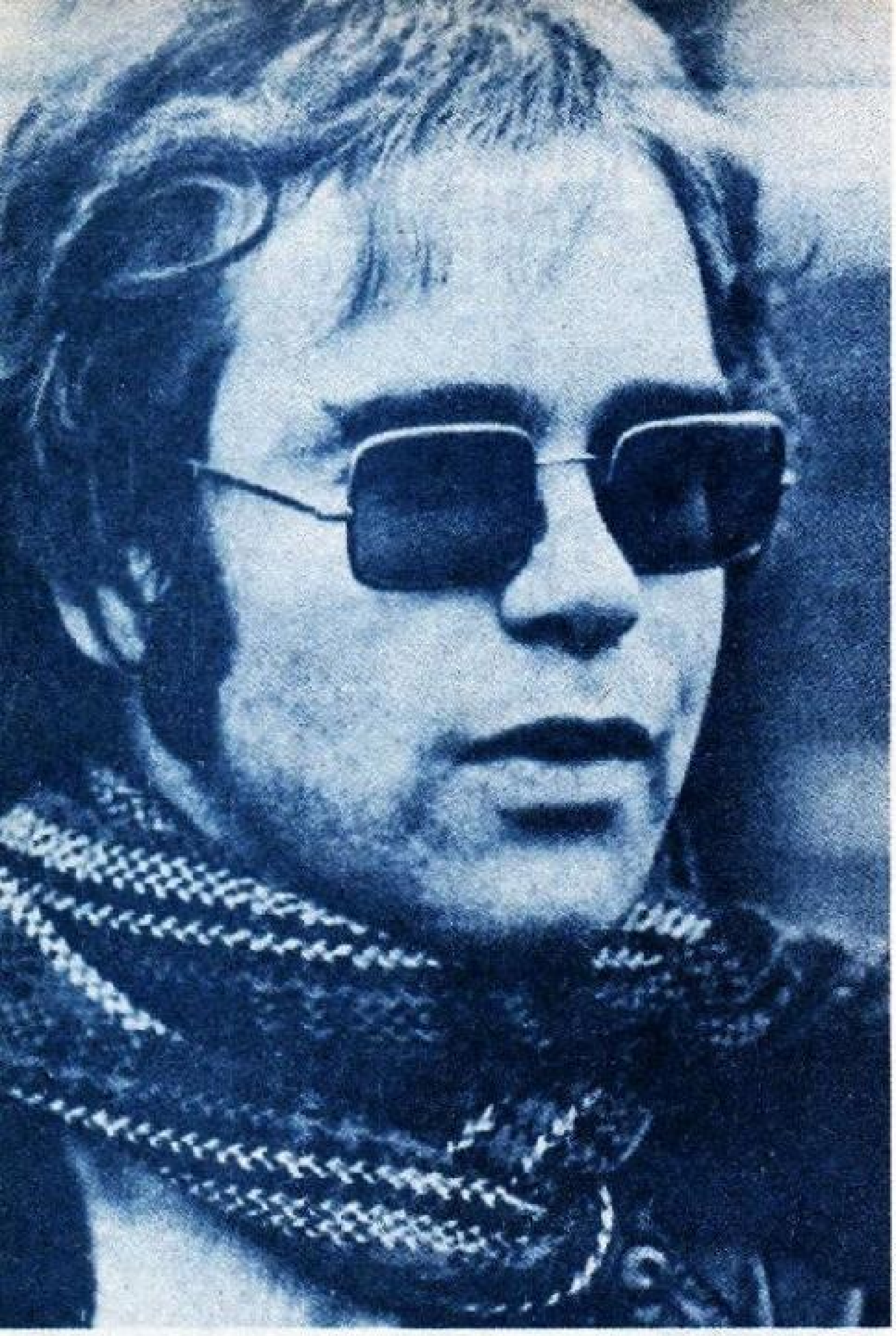


Foto Abril

Pessoa de fácil acesso" é o termo empregado por quase todos que já tiveram algum tipo de contato com Elton John, considerado um dos raros artistas pop de quem pouca gente se lembra de falar mal. Ao combinar sua extrema tenacidade a seu talento excepcional para burilar pequenas gemas pop, Elton venceu a dupla dificuldade de ser o míope e gorducho Reg Dwight — seu nome de batismo.

Durante os anos 70 Elton reinou praticamente sozinho, movido por um combustível aparentemente interminável de hits que iam se sucedendo com a mesma velocidade vertiginosa que Elton imprimia a seus lançamentos — só nos primeiros seis anos da década passada, John gravou 17 álbuns, mais um sem número de compactos. Nos anos 80, porém, aparentemente adormeceu. Mas, há alguns anos, John voltou à carga. Por isso, foi visitado por Chris Salewicz, da revista *Musician*. E como conversaram...

Elton John

BIZZ — *Elton John é muito diferente de Reg Dwight?*

Elton — Sim, acho que sim. Mas Reg ainda pode dar a volta por cima *(risos)*. Reg andou meio pirado por uns tempos — "a piração de Reg". Há tanta coisa, musicalmente falando, que eu ainda gostaria de fazer, como um disco tipo Keith Jarrett, ou um LP instrumental, ou um só com canções dos outros. Só que, de acordo com o contrato, eu só posso fazer disco como Elton John. De modo que eu ando achando que Reg deveria ressuscitar e fazer estes discos e lançá-los por algum selo independente. Isso seria ótimo.

Eu falo disso com a gerência e é como se eles pensassem: "Ele não pode estar falando sério. Mas eu acho que Reg pode ressuscitar muito em breve: 'Reg, de Pinner, apresenta seu novo disco, *Baladas*'". Seria muito irônico. Mas eles não podem me suprimir, ou melhor, eles não podem suprimir o Reg. Acho que ele vai voltar...

BIZZ — Lá pelo meio da década de 70 você acreditou que sua criatividade tinha acabado?

Elton — Ah, sim. Completamente. Eu fiz 17 discos em seis anos, além dos compactos e das excursões. Foi uma coisa fora do comum. Nunca teríamos conseguido, se não gostássemos do que fazíamos.

Mas aí pelo fim de 76 tudo começou a ficar grande demais. Eu sabia que estava começando a decair e queria sair fora enquanto ainda estava no auge. Lancei *Blue Moves*, e a recepção não foi das melhores. Meu ego queria que eu ficasse lá em cima, mas, em minha carreira, sempre tomei decisões ruidosas — atendendo a uns sentimentos entranhados em mim que eu simplesmente tinha de obedecer. E se não tivesse obedecido eu teria me f* completamente. Eu teria me jogado no chão e me tornado amargo e desfigurado.

Eu era apenas um fã que entrou na coisa depressa demais, sem altas badalações, nos Estados Unidos. Nós entramos num bolo e, quando começamos a acontecer, mal dava para acreditar. Aí eu comecei a usar aquelas roupas. Eu vivia a vida que eu nunca tinha vivido na adolescência ou nos meus vinte anos.

E nós nos divertíamos muito. A gente levava duas ou três semanas para fazer um disco, era assim e pronto. Fui contratado para fazer dois discos por ano, além de alguns compactos. A gente gostava disso. Não teve encheção nenhuma. Nem parecia que o trabalho fosse muito pesado. Mas, quando foi chegando o final daquilo, eu vi que estava me f*. A minha habilidade no piano estava diminuindo. A última apresentação que eu fiz em 76 foi no Oakland Coliseum. Depois eu voltei e fiz um programa de rádio de uma hora. Então eu ouvi a gravação daquele show e depois ouvi o disco ao vivo *(11/7/70)*, que também foi gravado de um show de rádio. E eu pensava: "Meu Deus, eu tenho que parar!" Eu subia no palco pensando "O que é que eu vou usar amanhã?" ou "A que horas sai o vôo de amanhã?"

BIZZ — Você acha que, se não fosse por isso, sua carreira teria tido um final desastroso?

Elton — Sim. Acho que eu teria que ter parado muito cedo. E eu realmente tentei parar cedo. Aquele show que fiz em Wembley, em 1978, no qual anunciei que ia cair fora, era um espetáculo de carida-

de que vieram me pedir para fazer, e eu acabei me envolvendo. E, de repente, eu vi aquela maquinaria toda e todas as razões que tinham feito com que eu parasse, e lá estava eu fazendo aquilo de novo. Já assisti a esse show várias vezes. Eu entro no palco, bem franzino com um casaco de pele e uma boina, porque eu tinha acabado de fazer um transplante de cabelos. Eu estava tão fodido, tão miserável. Dava para perceber isso pelo aparelho de TV. Urrrgghh! Foi tão intenso! Stevie Wonder entrou no palco e me pediu: "Não vá embora, por favor!", e eu pensei: "Merda, foi por isso que eu parei e agora eu estou aqui, repetindo tudo de novo". Aquela noite foi um pesadelo. Embora eu tivesse me obrigado aquilo, eu sabia que não devia estar lá. Estava muito artificial, posado.

Então eu compreendi que, se fosse para voltar, ia ter que ser sozinho, ou então só com o Ray Cooper. Tinha que tocar sozinho e encontrar meus temores novamente, porque eu já não tinha mais medo de nada. Perdi todo contato com o medo. Tudo era uma grande representação.

BIZZ — *Você perdeu seus limites...*

Elton — Exato, perdi completamente. Era tudo muito sem risco, eu podia subir no palco e ficar lendo poesia por uma hora que eles teriam me aplaudido.

Em 79, quando voltei efetivamente, Ray Cooper e eu fizemos a coisa mais perigosa e de melhor qualidade de toda minha vida. Eram três horas de percussão e piano, só isso. Eu só me sentava ali e tocava, não tinha encenação alguma. Queria provar que dava pra tocar toda aquela coisa lenta e romântica e depois, rock'n'roll, somente com duas pessoas. E a gente conseguiu. E me devolveu a autoconfiança. Porque, além de ter perdido meus limites, eu tinha perdido a confiança em mim mesmo, também.

Talvez tenha sido bom eu ter participado daquele show em Wembley, porque ele me assustou. Aquela não era, de modo algum, a hora certa pra voltar. Aí, por volta de 1975, eu tinha lançado tanta coisa que as pessoas pensavam: "Cacete, mais um disco de Elton John!" Essas músicas são feitas em série: as "Nikitas" da vida são facílimas de compor. E isso fazia eu me sentir o maior merda desse mundo.

BIZZ — *Por que você acha que o público quer você de volta, hoje em dia?*

Elton — Eu trabalhei muito para minha volta. Foi um trabalho muito bem feito. Isso aconteceu, por exemplo, na Europa. Antes disso, eu tinha feito sucesso na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Austrália, mas não vendia *nada* na Europa. Só que nos Estados Unidos eu perdi a imensa aceitação de público que eu tinha: costumava ser a menina dos olhos das FMs, mas...

BIZZ — *Isso aconteceu certamente depois que você deu aquela entrevista à* Rolling Stone, *em 1976, admitindo ser bissexual: aquela em que você dizia que só não transava com cabras e bodes.*

Elton — Foi isso. Eu não pensei que essa entrevista fosse causar aquilo tudo. Ela não me prejudicou muito na Inglaterra. Na verdade, acho que até me trouxe muita coisa positiva. Mas, nos Estados Unidos — "terra de homens livres" — ela me prejudicou muito.

"Nessa época, eu não sabia quase nada sobre sexo. Foi meio chocante, mas depois me acostumei..."

Eu ainda estou batalhando pra readquirir aquele espaço nas FMs. Quando eu disse aquilo à *Rolling Stone*, fui jogado fora como uma batata quente.

Acho que na Inglaterra a coisa com o futebol ajudou bastante, embora esse pessoal tipo motorista de caminhão ficasse de marcação comigo. Mas eles sabiam que no futebol eu era um cara sério. Quando as notícias estouraram na Inglaterra, já tinha passado muito tempo desde o lançamento daquele número da *Rolling Stone*. Lembro que eu tinha acabado de dar um show sozinho ao piano, em Edinburgh, que foi uma das poucas coisas que eu fiz. Eu tinha que tomar um avião até Manchester para assistir ao jogo em Rochdale — nós ainda estávamos na quarta divisão. Minha mãe estava comigo, ela entrou no quarto do hotel com todos os jornais daquele sábado: "O bissexual Elton afirma que..." etc., ela disse: "Dê uma olhada nisso!" *(risos)*, e eu pensei: "Meu Deus, muito obrigado..." Eu sabia que aquilo ia ter que sair um dia, mas logo num sábado, quando eu ia me encontrar com o time... Eu entrei no hotel em Manchester, e o técnico, Mike King, veio até mim e disse: "Nós lemos os jornais, o que você faz com sua vida é assunto seu..."

BIZZ — *Foi um alívio pra você quando a notícia saiu?*

Elton — Oh, sim. Eu não tinha pudor algum em conversar sobre isso. O cara que fez a entrevista foi sensacional. Foi uma entrevista ótima. Ele foi cem por cento correto. Ninguém havia me perguntado antes. Eu tinha feito aquela entrevista na *Playboy*... Todo o mundo tinha ficado embaraçado em mencionar o assunto — não vamos tocar nos podres! E esse cara disse: "Eu vou fazer uma pergunta, mas se você não quiser eu não faço...", eu disse: "Tudo bem, eu sei o que é, vá em frente". E foi assim que aconteceu. Eu não tive dificuldade alguma em falar disso. Todo mundo tinha ficado o tempo todo dando voltas em torno do assunto. Era como se eles dissessem: "Bem, nós sabemos, mas a gente não vai tratar disso assim de frente..." E quando esse cara tratou... eu não tive problema nenhum. Eu recebi tantas cartas a respeito, de pessoas que estavam numa situação bem mais delicada que a minha, em cidades e vilarejos onde é muito mais difícil a pessoa se mostrar. Eu não tinha percebido que, se eu contasse alguma coisa sobre isso, estaria ajudando certas pessoas. Também não acho que tenha ajudado muito, mas acho que dei a eles um pouco mais de confiança. E isso foi uma coisa muito bonita. Porque... tudo bem pra mim falar sobre isso, porque no meu tipo de negócio isso já é meio esperado. Mas para os outros é muito mais difícil. Então isso foi uma coisa legal que esse episódio criou. Tenho um monte de cartas com as pessoas dizendo: "Muito obrigado".

BIZZ — *Você ficou muito confuso quando percebeu que era gay? Que idade você tinha?*

Elton — Uns 23, 24 anos. Não, de qualquer forma, nessa época eu não sabia quase nada sobre sexo. Foi meio chocante, mas depois eu me acostumei com o fato e deixei de ver qualquer coisa estranha nisso.

BIZZ — *Talvez você estivesse mais*

confuso antes?
Elton — Sim. Isto é, eu não tinha nenhuma educação sexual. Eu não sabia quase nada a esse respeito. Era, em todos os sentidos do termo, muito inocente e levava uma vida muito resguardada. Eu era muito tímido. Ainda sou, mas muito menos do que eu era. Nesse período, nos anos 70, quando pela primeira vez na vida eu podia fazer tudo o que eu queria, muita coisa veio à tona.
BIZZ — *O que torna ainda mais extraordinário o fato de você ter se casado...*
Elton — *Yeahh*... Eu tinha afastado qualquer possibilidade de ter relacionamentos longos com alguém, porque normalmente a outra pessoa acabava se machucando. É muito difícil viver comigo, porque você tem que abandonar a sua independência. E pensei que isso fosse uma decisão para a vida inteira. Agora, eu nunca tinha afastado a possibilidade de me casar, se encontrasse a pessoa certa. Quando conheci Renate, ficou perfeitamente claro para mim que ia me casar com ela, mesmo antes de termos saído uma única vez. Acho que nem fiquei muito surpreso. Os outros é que ficaram *(risos)*. O negócio é o seguinte: eu estava me expondo completamente. Recebi alguns telefonemas incríveis: "Talvez você esteja ainda de pé, mas todos nós caímos de quatro", era o que dizia Billy Gaff, que empresariava o Rod Stewart.

Para mim foi uma surpresa a maior parte das pessoas terem dado a maior força. Mas tenho certeza que tem muita fofocagem sacana rolando pelo mundo afora.

Ainda bem que me casei na Austrália, porque assim a imprensa britânica não conseguiu dar uma cobertura completa. E, de qualquer forma, eu tenho um verdadeiro caso de amor com a Austrália. Nós completamos três anos de casados, agora em fevereiro, o que é muito mais tempo, tenho certeza, do que a maior parte das pessoas achou que ia durar. *(Adota novamente aquele jeito afetado.)* "É só pra manter as aparências. O que ele quer é continuar fazendo o que sempre fez, mas agora, com essa história de time de futebol, ele teve que casar para parecer um sujeito decente. Ele quer penetrar na sociedade!"

Eu sabia que eu estava abrindo a guarda para todo esse tipo de coisa. Não era o caso, mas você não pode impedir que as pessoas pensem assim. Foi um grande mexerico, na verdade. Eu já estava maduro o suficiente para saber em que tipo de coisa eu estava me metendo e nunca tive a menor dificuldade em estar casado. Para mim tem sido ótimo, pelo menos até agora. Minha vida tem ficado cada vez melhor. Temos as nossas brigas, como todo mundo. Mas foram sempre por causa das coisas mais bobas da face da Terra. E, no entanto, já apareceu muita matéria nos Estados Unidos dizendo que nós estávamos nos separando, com o Duque e a Duquesa de York nos dando conselhos — o que foi simplesmente inacreditável. *(De novo aquela pronúncia debochada.)* "Será que dava pra falar com o Duque de York, por favor? É que eu estou tendo alguns probleminhas com meu casamento!"

É ridículo o que eles escrevem sobre mim. Como não falo com eles, eles simplesmente inventam. O *Sun* fez uma coisa imensa com "A Dieta de Elton Jonh", onde eu supostamente teria ido para uma fazenda em Miami, e eles falavam exatamente o que eu estava comendo a cada dia da semana. Eu estou sempre nos jornais.

"Eu sei que não está na moda gostar de mim, mas sou melhor músico do que as pessoas imaginam..."

Mas uma coisa com a qual sempre tive o maior cuidado em minha carreira é com uma certa mística: se você se tornar muito acessível, as pessoas vão logo ficar fartas de você. A mística de um artista é muito importante para manter a carreira. A maior parte das pessoas que pensa em Elton John pensa Watford, nos óculos e na coisa sexual. Mas, na verdade, eles não sabem quase nada a meu respeito. E eu meio que gosto disso. Sempre mantive as coisas assim. Eles só vêem a coisa instantânea, o brilho externo. Ainda bem, porque você tem que ter um outro lado só seu. Eu sei que, num certo sentido, você se torna propriedade pública, mas você tem de ter uma válvula privada, se não acaba pirando.

BIZZ — *Você ficou muito surpreso por ter sido convidado para o casamento real?*
Elton — Oh, muito lisonjeado. Eu tinha tocado para o príncipe Andrew antes, quando ele fez 21 anos, portanto eu já o conhecia há algum tempo. Mas, como a lista de convidados era bem pequena, sim, fiquei surpreso. Foi uma coisa *muito* agradável de se presenciar, porque eles estão realmente apaixonados. E eu adoro igrejas, onde a música sempre soa maravilhosamente, e foi uma festa muito simpática. Não foi uma coisa cerimoniosa nem formal. Foi ótimo. Eu adorei.
BIZZ — *Mudando de assunto, como foram os shows que você deu na União Soviética?*
Elton — Foram fantásticos. Foi um ano antes dos Jogos Olímpicos de Moscou, e eu acho que eu era uma espécie de bonzinho, alguém inofensivo o bastante para eles. Nós cumprimos o protocolo — você tem que passar pela embaixada e pelo Ministério das Relações Exteriores. Foi uma mulher maravilhosa do Ministério, chamada Joyce Molineau, que organizou tudo. Adorei.

As lembranças que eu tenho da Rússia são muito, muito boas, porque os garotos... Você sabe como os americanos são generosos, assim, de imediato: "Venha e fique aqui conosco". Os russos, na minha opinião, são quem mais se aproximam disso; a generosidade dos garotos nas ruas era uma coisa incrível. Me lembro que a gente estava saindo da estação de Leningrado, voltando para Moscou. Eu estava com minha mãe e com Robert Hilburn, do *Los Angeles Times*, os três parados no corredor, e havia uns 40 garotos que tinham seguido a gente por toda a parte em Leningrado. Eles sabiam mais a meu respeito do que qualquer outra pessoa que eu conhecia. Eles tinham a versão indiana de *Madman Across the Water* com uma capa muito boa. Eles ofereciam chocolates e ursinhos de pelúcia que talvez tivessem custado uma fortuna. Uma coisa de um desprendimento incrível.

É tão infantil. Todo o mundo tem preconceitos sobre a Rússia. Logo de cara, eu pensei: "Olha, eles têm árvores", e depois tiveram aqueles dez minutos de praxe, caçando microfones ocultos. Depois disso, tudo ficou simplesmente ótimo. Eles nun-

ca tinham visto uma rua bloqueada antes. Foi superdivertido.

Descobrimos que eles queriam gente como Who ou Led Zeppelin, mas não sabiam como trazê-los. Eles não confiavam nos empresários americanos. Eu voltei com uma compreensão bem mais ampla da política dos dois países. Eles tinham pavor dos Estados Unidos: não podiam fazer um relógio pequeno nem um transistor de rádio, porque todo o dinheiro vai para o orçamento militar. Mas o padrão musical na URSS é muito bom — as bandas soam todas um pouco como o Creedence Clearwater Revival ou o Abba.

Foi surpreendente. Eu adoraria voltar. Somente dez por cento dos ingressos para esses shows foram vendidos para o público em geral, sem que eu soubesse nada sobre isso. Aí, foi meio barra tocar para oito fileiras de esposas do Politburo, mais as suas respectivas comitivas.

Tivemos um atrito na excursão quando eu toquei "Benny and the Jets" e chutei o banquinho para longe. Isso deixou-os preocupados. E, na primeira noite, na hora do bis, eu toquei "Back in the URSS". Eles ficaram loucos. É como você tocar "Philadelphia Freedom" na Filadélfia. Quando voltei a Londres, tive que dar uma coletiva. E me perguntaram coisas como *(de novo a pronúncia afetada)*: "Então, o que você acha do comunismo agora?" Ah, vá se f*! A única coisa que deu para perceber é que as pessoas lá são tão boas e normais quanto as de qualquer outro lugar.

Fui também para a China, com o Watford, e é claro que a questão de tocar lá logo surgiu. Eu fiquei muito lisonjeado, mas eles não iam entender coisa alguma. Ia ser um pesadelo para a equipe técnica. Na Rússia, eles pelo menos têm amplificadores e sistemas de som, mas na China, não.

Tive muita pena do Wham! quando eles foram para lá. Tiveram problemas demais. Não acho que George e Andrew estivessem prontos para enfrentar esse tipo de pressão. Há muito protocolo nesses lugares. Você precisa ir a embaixadas, a jantares etc., e, nessa época, quando eu já era presidente do Watford, estava acostumado a lidar com coisas assim. Mas para a moçada mais jovem, como Andrew e George, foi um pesadelo. Você tem que comparecer a um sem-fim de banquetes — é assim que eles deveriam ter chamado sua excursão, "Banquetes Sem Fim". Mas não me incomodo muito com esse tipo de coisa. Hoje em dia não vou mais a festas, nem a discotecas. Vou a shows. Acho que eu devo ir sempre a shows. Mas prefiro ir à China com o meu time de futebol do que ir a uma festa.

BIZZ — *Você costumava ser famoso por ir à festas...*

Elton — Andava com elas na minha carteira, não é? Bem, eu costumava me divertir. Não iria se não fosse assim. Na época das discotecas, nos anos 70, quando a discomusic era realmente fantástica, eu ia ao Studio 54 e dançava a noite toda. Mas hoje eu acho que a música negra em grande parte está uma porcaria. Perdeu suas raízes, acabou virando uma coisa muito delicada e sofisticada. Adoro os quatro primeiros discos do Prince. E adoro o disco do Run DMC: é um dos melhores discos do ano. Magnífico. E o que eles querem é magnífico também. Infelizmente, eles entraram numa de horror, nessa m* toda de violência, quando na verdade eles são bem antiviolência.

Os discos de soul se tornaram muito pretensiosos, mas eu adorei o *Living in America*, de James Brown. Fez com que ele se parecesse com James Brown de novo. E adorei o último disco de Tina Turner. Mas é um disco de música negra branca, um rock'n'roll negro.

Quando eu estou em casa eu ouço muito Tony Blackburn na London Radio, e tem muita coisa boa. Mas eu gostaria que alguém surgisse com um rhythm'blues realmente rascante.

Mas este problema ultrapassa o campo da música. Acho que a culpa é dos instrumentos. Eu estou cheio dessa música tipo bate-estaca. E dos sintetizadores. Não estou querendo parecer fresco — adoro gente como o Depeche Mode, que fizeram arte realmente boa com essa coisa de sintetizador. Eu não gostava dos discos deles, mas é um negócio que vai crescendo. Mas o Fairlight estragou a música de muita gente. Isso foi longe demais. Acho que é por isso que eu me dou tão bem quando excursiono. Tem muita banda que não consegue tocar bem ao vivo. Não uso fitas no palco, enquanto a

Foto Ollerenshaw / LFI

Mr. Extravagância no seu disfarce de anjo

maior parte das bandas usa hoje em dia. *(Ri, ironicamente.)*

Nunca usei! Talvez seja até por isso que eu goste delas. Eu sou assim, meio ingênuo, mesmo. Eu ouço um negócio e digo: "Tá soando bem", e aí eles respondem: "É som de fita, sabia?" Uma vez eu tentei usar fitas, quando nós tocamos o "Nobody Wins" — que não está em *The Fox*. E fiz isso também na França, com a versão francesa: eu cantei a música em francês! Que metido! E fui vaiado. Eu fiquei lá sozinho e cantei, era como se eu imitasse a Grace Jones. E eles não gostaram nem um pouco. Então eu abandonei essa batata quente. Eu sei que não está na moda gostar de mim, mas eu sou muito melhor músico do que as pessoas imaginam.

BIZZ — *Chris Thomas disse a um amigo meu que nunca tinha trabalhado com um músico tão brilhante e completo e contou como você gravou "That's Why They Call it the Blues" num único fôlego.*

Elton — Bem, os músicos me conhecem. Acho que é o público em geral que não me considera o número 1 do piano. Bem, eu não

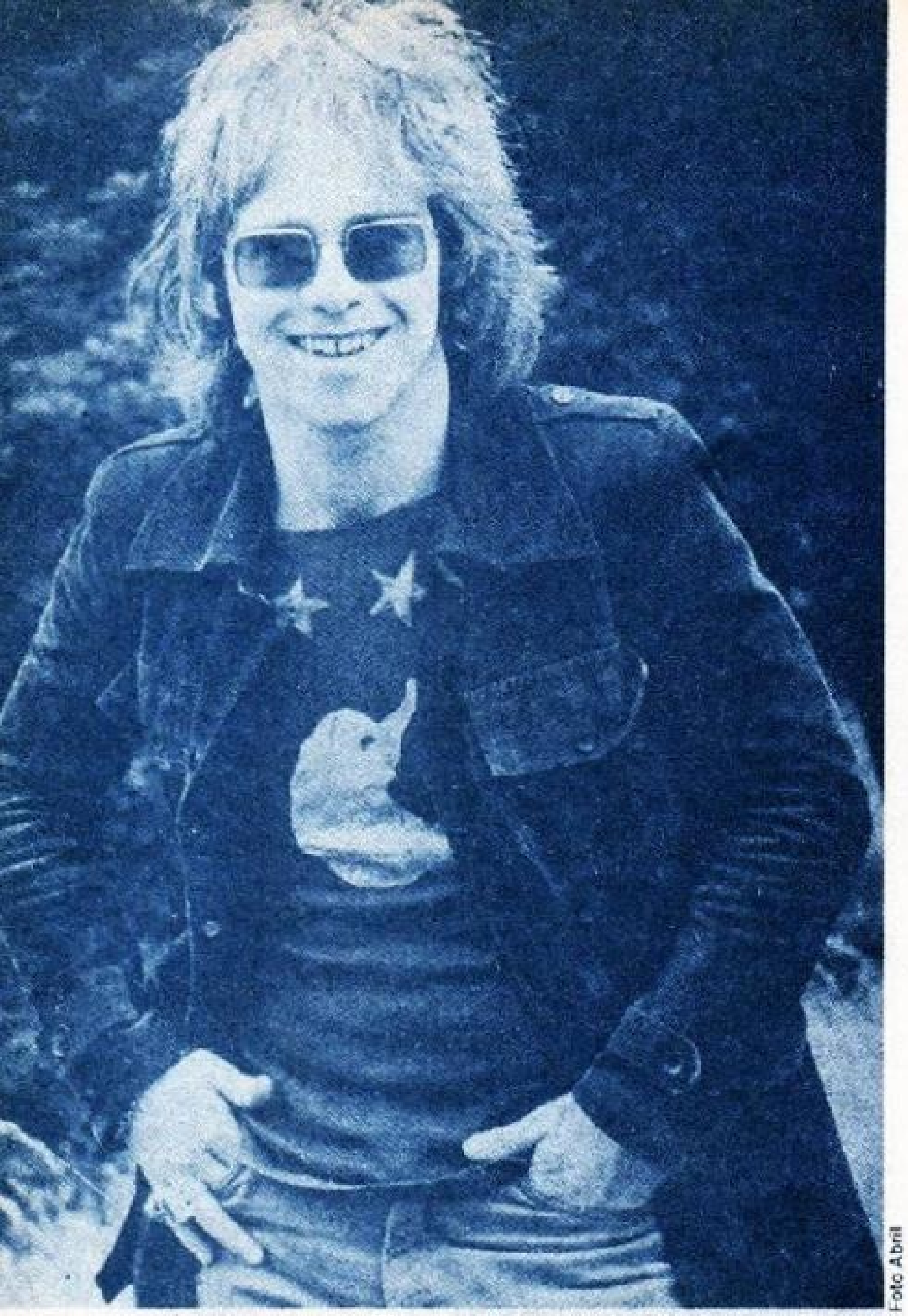


Foto Abril

Elton em 75, antes da parada estratégica

Elton John

sou de fato o pianista número 1, mas eu toco muitíssimo bem. Talvez seja culpa minha, das minhas roupas e também porque nos discos mais recentes eu toco muito pouco piano. Sting me disse esta manhã pelo telefone que eu deveria fazer mais números só com o piano. Mas é tão difícil, porque há tanta coisa que eu gostaria de fazer: tenho esta banda com 13 músicos, gostaria de fazer um disco solo ao piano e depois disso, quando eu voltar pra Austrália, durante toda a excursão a banda vai tocar junto com uma orquestra de 98 músicos, que eu quero que seja um absurdo total e completo.

BIZZ — *Quase todas as suas letras, até 1976, eram feitas por Bernie Taupin, mas quando você retomou a carreira, em 79, quem estava fazendo as letras era Gary Osborne. Agora Bernie Taupin parece estar de volta...*

Elton — Bem, foi tudo um grande engano. Eu fiz o "Ego", que era uma canção de Bernie Taupin. Durante o ensaio, no moinho em Berkshire, comecei a compor um monte de melodias, num ritmo mais veloz do que eu jamais fizera antes. Gary Osborne era meu amigo há muitos anos e de repente eu disse a ele: "Olha, eu fiz todas essas melodias, será que você podia letrar algumas?" Aí eu fui para o estúdio fazer o compacto "Ego", mas acabei fazendo um álbum. Nessa época, Gary Osborne tinha feito todas as letras de um LP do Alice Cooper, e os dois discos acabaram saindo ao mesmo tempo. Bernie estava morando em Los Angeles e eu na Inglaterra. Ele não tinha muita vontade de vir para a Inglaterra e eu, certamente, não tinha nenhuma de ir até Los Angeles. Foi uma coincidência que fez com que as pessoas achassem que nós estávamos rompidos, mas foi uma provação, e uma provação da qual nós dois precisávamos. Nós ainda nos falamos. Foi muito bom quando ele começou a escrever para outras pessoas. É irônico, na verdade, que nenhuma canção minha gravada por outras pessoas tenha sido um hit, enquanto ele tem duas fazendo o maior sucesso, tocadas pelo Heart e pelo Jefferson Starship. Quando ele me disse que era candidato a letrista do ano, eu pensei: "Aquele viado!"

BIZZ — *Você começou em 68 com Bernie de parceiro; compondo na DJM (Dick James Music) para gente como Tom Jones e Cilla Black — que nunca gravaram nada de vocês. Você ainda não se sentiu maduro para gravar essas canções?*

Elton — A gente compunha aquilo que a gente gostava. Nós tínhamos uma pilha de canções bem anos sessenta. Tinha uma outra série com coisas como "Turn to Me" e "Can't Go on Living Without You" que chegou a estar entre as seis últimas canções da seção inglesa do Eurovision Song Contest *(N. da R. — em um festival que participam todos os países da Europa)* e chegou em sexto entre todas — graças a Deus! Fiz as letras de todas elas e Bernie nunca me perdoou por isso. Da mesma forma "I've Been Loving You", que é meu primeiro compacto, a letra é minha, embora os créditos tenham ido para J.B. Taupin. Ninguém conhece essa história! Mas as letras são tamanha m* que você pode reconhecê-las a uma milha de distância. Também fiz o último verso de "Border Song". E é por isso que eu não faço mais letra pra nada!

BIZZ — *E como foi que você deu a guinada para fazer seus próprios discos na DJM?*

Elton — Um cara chamado Steve Brown juntou-se à companhia, ouviu tudo que a gente fazia e nos disse que aquilo era completamente genial e nós mesmos que deveríamos gravar. Nós contamos nossa situação, e ele foi até o Dick e disse: "Olha aqui, você tem que deixar esses caras fazerem o que eles quiserem", o que foi muito corajoso, considerando que ele tinha acabado de ser demitido. Então, depois disso, permitiram que a gente fizesse demos das nossas canções, e Steve Brown produziu "Lady Samantha". Teve muita cobertura nas rádios. Depois a gente fez o *Empty Sky* e fomos informados que teríamos que formar uma banda.

Então, para dar uma certa satisfação, eu tive que montar uma banda, o que era a coisa que eu menos queria fazer nesse mundo. A última coisa que eu pensei que fosse era cantor. Mas me disseram que eu ia ter que encarar aquela. Nigel Olsson era o baterista na Plastic Penny e eu o chamei, e Dee Murray, o baixista, veio de um grupo chamado The Mirage. Então a gente formou um trio e começou a fazer shows. *Empty Sky* saiu e vendeu umas 2 500 cópias — tivemos uma boa matéria na *International Times*. Começamos a dar shows em escolas e acabei me interessando por aquilo. Depois veio o disco *Elton John*, e começamos a compor um outro tipo de coisa. Nós crescemos. Nós éramos muito jovens e inocentes e começamos a compor melhor. A gente tinha ouvido o *Space Oddity*, para mim um dos melhores discos de todos os tempos, e ficamos sabendo que tinha sido produzido pelo Gus Dudgeon. A gente tinha certeza de que ele devia ser o produtor do segundo disco. O disco inteiro custou 5 000 libras (cerca de Cz$ 200 mil).

BIZZ — *Mas, no final, você levou Dick James à Justiça para escapar de um contrato que dava 50% de seus vencimentos a ele, e acabou impondo um acordo fantástico, em termos financeiros.*

Elton — Eu realmente não queria ir à Justiça. Também não quero muito falar sobre isso, porque Dick já morreu. Isso estragou minhas relações com a família Ja-

mes, que antes eram boas. Antes da gente ter que ir à Justiça eu tentei almoçar com Dick, tentei dizer: "Vamos resolver isso", mas ele não quis. Fiquei sentado naquele banco, olhando, e nunca senti ódio por ele, nem um pouco. Não gostei nada dessa experiência, embora a gente tenha ganho a causa e, em termos financeiros, tenha dado tudo certo. Foi uma vergonha, porque eu tinha um relacionamento muito bom com Dick James, e essa história estragou tudo.

BIZZ — *Imagino que você não esteja muito satisfeito também com a indústria fonográfica inglesa. Na entrega de prêmios da BPI de fevereiro deram a você e ao Wham! um prêmio em conjunto por sua "valiosa contribuição à música inglesa". Depois parece que você ficou furioso com o evento. O que aconteceu?*

Elton — Eu queria tirar umas férias com minha mulher e tive que encurtá-las porque fui informado que eles iam me dar um prêmio por eu ser basicamente velho. No dia do evento me disseram: "Esse vai ser o maior acontecimento da sua vida, o maior tributo que você jamais receberá". Eu subi no palco e eis que o Wham! já está lá e, de repente, ficou parecendo uma grande embromação. E eu caí nessa! Eu sabia o tempo todo que os caras estavam embromando. Eles me usaram e usaram o Wham!, e todos nós ficamos chateados.

Me deram um prêmio por ter ido à Rússia, mas fui à Rússia em 1979! Quer dizer, era uma coisa absolutamente desatualizada. E isso foi uma saga que durou duas ou três semanas. Eu estava dizendo que realmente precisava tirar umas férias com minha mulher. E sentado em minha frente estava Cliff Richard, que esteve na Rússia duas ou três vezes antes de mim e que deve ter ficado bem p*. Eles me usaram, e o fato de ter sido tudo televisionado fazia parte da trama. Alguma coisa cheirava mal desde o início. Então eu fui para meu apartamento e joguei aquela m* de prêmio na lareira. Alguém pegou as sobras e levou para casa. Eu é que não fui. Aquilo não queria dizer absolutamente nada para mim.

BIZZ — *Como você acha que esses primeiros seis anos de carreira afetaram seu desenvolvimento como ser humano? Eles trouxeram algum efeito adverso?*

Elton — Não, acho que não, por que eu sempre tive muita gente boa a meu redor. E se eu ficava meio malcriado ou petulante, eles simplesmente me ignoravam. Acho que parar fez muito bem para mim, e o Watford me ajudou muito. Lá é tudo branco no preto, e isso me abriu perspectivas num outro plano. *Há* vida além do rock'n'roll. E eu adorei cada minuto que eu passei com eles. Eu ia ao clube quase todos os dias. Não era só desembolsar um milhão e deixar que outra pessoa cuidasse de tudo. Eu queria ser parte daquilo, de modo que eu trabalhasse como os outros.

BIZZ — *Quanto dinheiro você pôs no time?*

Elton — Até agora eu pus mais de dois milhões e meio de libras. Não tenho nenhum edifício de apartamentos ou coisas assim, ou outros investimentos. As pessoas se preocupam, às vezes, e dizem que eu deveria investir em tijolo e argamassa, mas acho que nunca vão me faltar alguns trocados. E é impossível comprar tanta felicidade com dois milhões e meio de libras.

"Eu bebia uma garrafa de bourbon por dia. Agora, eu não consigo sentir nem o cheiro — yoouuch"

E minha fantasia era... bem, não é que fosse *ter* um time de futebol. Mas quando eu me envolvi com isso, eu pensei: "Certo, eu vou fazer um bom trabalho com isso". E nós conseguimos virar um clube grande. Eu não fui nenhum idiota. Se nós conseguimos foi porque nós tínhamos para onde crescer, tínhamos a capacidade e tínhamos 6 000 pessoas vindo nos ver na quarta divisão. A gente sabia que tinha alguma coisa a partir da qual a gente podia trabalhar.

Tudo aconteceu tão depressa. É que dá para conseguir tudo nessa vida se você lida com as pessoas certas e toma as atitudes que tem que tomar. E tem estrutura para pegar no pesado. Foi isso que aconteceu entre 70 e 76 — nós tomamos as atitudes que tínhamos que tomar. Foi tudo pura diversão. Nunca pensei que fosse fazer um disco melhor que o *Deja Vu*, do Crosby, Stills, Nash & Young. Eu fiz fila para comprar o *Deja Vu* quando saiu. E eis que meu disco salta para primeiro lugar na *Cashbox*, enquanto o *Deja Vu* vinha decaindo. "E isso tudo está acontecendo *comigo!*", eu mal podia acreditar. Eu era apenas um fã e, de repente, tudo aconteceu. Eu adorei cada minuto dessa história toda. Até que, no final, fiquei desgastado demais.

E com o Watford foi a mesma coisa: eu simplesmente não acreditava que aquilo estivesse acontecendo. Agora eu me esforçava para ser o mais confiante e profissional possível. Nós só chegamos aonde chegamos porque gostávamos daquilo. Graças a Deus, não tratávamos os jogadores como idiotas. Isto é, há certas coisas que acontecem no esporte que... Eu pensei que eu fosse aprender muita coisa, mas na verdade eu não aprendi tanto assim, porque se você trata as pessoas decentemente... isto é, se os industriais estivessem tratando seus empregados de maneira decente nos últimos 50 anos, não teríamos os problemas que temos agora. Trataram-nos como se fossem uns merdas. E, se você trata as pessoas assim, vai chegar uma hora que elas vão virar pra você e dizer: "Vai se foder!" Você deve fazer com que todo mundo se sinta participante. E foi por causa disso que nós chegamos em segundo lugar na nossa primeira temporada na primeira divisão. Não porque tivéssemos melhores jogadores, mas porque todo o mundo se sentia parte do clube. Quando nós estávamos na quarta divisão, fizemos um voto que, se algum dia

Foto Camera Press / Keystone

"Eu adorei cada minuto dessa história..."

nós perdêssemos isso, também todos nós cairíamos fora. Chegamos à primeira divisão, nos qualificamos para a Taça Europa e fomos para a final. Depois veio uma calmaria, como era de se esperar. É como aquele meu período do Blue Moves. Então, agora eu preciso ter pique para construir a tribuna principal. Fico mal só de imaginar o dinheiro vindo de outra pessoa. Então, agora nós vamos ter uma tribuna principal que eu nem vi ainda e que estou indo para casa inaugurar. E vai haver lágrimas rolando em meu rosto, porque é uma p* de uma tribuna! É fabulosa. E acabamos também de gastar 350 000 libras em Falco, jogador do Tottenham.

BIZZ — *Ouvi dizer que você andava bebendo muito...*

Elton — É, eu bebia uma garrafa de bourbon Yukon Jack por dia. Agora não consigo sentir nem o cheiro — yyooocchhh! Eu bebia pra cacete. Mas agora eu não passo de um vinho ou um Bloody Mary.

BIZZ — *Me contaram que o Graham Taylor, o técnico do Watford, andou te dando umas broncas...*

Elton — Oh, sim. Foi em 81, quando a gente ia receber o Luton em casa. Eu tinha voltado de uma excursão e estava vestindo um casaco muito caro, que parecia um vestido — como, aliás, a maior parte das coisas que eu visto parece —, e eu não tinha feito a barba. E em Watford eu sempre fiz questão de usar terno e gravata, sempre desempenhei o papel: por exemplo, outro dia eu disse a eles que eu tinha de inaugurar essa porra de arquibancada com a presença do Ministro de Esportes, mas como meu cabelo estava cor-de-rosa eu ia prendê-lo dentro do chapéu. Eu vou me submeter a isso. De qualquer forma, eu estava bebendo uma barbaridade de brandy nessa época, e Graham Taylor disse que queria almoçar comigo. E eu sabia que todo mundo estava pensando: "Meu Deus, ele está bebendo demais!" E não há como esconder isso de você mesmo: quando você fica assim você se sente muito infeliz. Então, uns dias depois eu fui até a casa dele almoçar, e ele disse: "Eis aqui o seu almoço, uma garrafa dessa p* de brandy. Que é que há de errado com você? Qual é o problema, cara? Por que você está fazendo isso consigo próprio?"

E eu fiquei tão aliviado por alguém estar realmente me dizendo aquilo. Todo mundo estava preocupado. Mas, na minha posição, as pessoas sempre acabam me deixando continuar mais um pouquinho. Mas eu não vou nunca acabar como o Elvis. Quando eu passo por períodos de depressão, quando eu bebo demais, sempre sou capaz de dar a volta por cima. Mas dessa vez Graham disse: "Escute, cara, pára com isso", e eu parei.

BIZZ — *Você estava deprimido com o quê?*

Elton — Em geral, são assuntos pessoais. Se eu me envolver com alguém e a coisa não estiver indo bem... Mas foi muito legal o jeito como Graham falou.

Taylor e eu formávamos um par parecido com o que eu fazia com Bernie. Há algumas equipes mágicas em minha vida. Há John Reid, meu empresário, e eu. Convivo há cinco anos com John, e é quase inacreditável que ainda estejamos juntos.

BIZZ — *Vocês tiveram um caso?*

Elton — Sim. Durou cinco anos, mas nós ainda trabalhamos juntos e continuamos tão próximos quanto éramos antes. Isso é que foi incrível:

"Olho para esse caso do Boy George e penso: 'Meu Deus, que pobre coitado!' e ele é tão talentoso"

o fato de termos conseguido passar por tudo isso.

Eu e Bernie somos como irmãos. E a única coisa que eu lamento nesses últimos três ou quatro anos é não ter conseguido, por estar sempre viajando, ver Taylor e Watford com mais freqüência. Mas se eu não tivesse viajado tanto, não daria para financiar a arquibancada. Tanto Taupin como Taylor são de Lincolnshire e os dois têm t na inicial. O jeito como a gente se sente atraído um pelo outro é uma coisa mágica. Eu valorizo demais essas amizades e luto para não perdê-las. Sem elas eu nunca teria me tornado tão feliz quanto eu sou agora, porque, fora a música, o que realmente conta são os sentimentos pessoais, as amizades, as afinidades e a lealdade. Se você consegue dividir as coisas — sei que isso é bem Woodstock —, isso acaba te deixando feliz. Dá impulso para prosseguir, em vez de te tornar um cara sempre amargo, se lamuriando. Olho para esse caso do Boy George e penso: "Meu Deus, que pobre coitado!" É horrível, e o garoto é tão talentoso... É evidente que ele não tem gente muito boa a seu lado. Eu sei que não é da minha conta, mas fico preocupado.

BIZZ — *Quando as coisas estavam ruins, você chegou a tomar heroína?*

Elton — Oh, não! Não, não, não! Não consigo entender alguém que tome. É simplesmente suicídio. Tiro e queda. E, se você toma *smack*, você já está lá nessa trilha. Quer dizer, bebida pode fazer isso com você também. E é por isso que eu fico feliz por alguém como Graham Taylor ter falado comigo daquele jeito. E eu compreendi, porque no fundo você sabe quando está sendo babaca. Eu já fui muito destrutivo em meus relacionamentos, mas sempre fui capaz de pular fora disso.

BIZZ — *A sua generosidade já é famosa...*

Elton — Ainda sou generoso. Isso é uma característica minha, é da minha natureza. E eu espero nunca perder isso. Há algumas partes de mim que eu realmente gosto, e esta é uma delas. À medida que eu vou envelhecendo, começo a gostar cada vez mais de mim mesmo, porque vou ficando mais tolerante. Vejo as coisas de um outro modo. E gosto de minha vida cada vez mais, conforme o tempo vai passando. Sempre gostei de viver, pelo menos depois da minha adolescência. Mas quando eu fiz trinta anos eu amadureci muito; vejo as coisas sob uma outra luz agora. E estou gostando disso. Não estou preocupado em fazer 40 nem 50 anos.

Eu tenho é muita sorte de estar numa posição que me permite gozar minha música depois de 16 anos. Me sinto, às vezes, como um garotinho quando eu subo lá. E isso não se deve apenas a mim, mas também às ótimas pessoas que me acompanham. Minha família sempre deu a maior força. Watford também. E é por causa disso que eu acabo me dando bem. Eles me colocam no meu devido lugar. Às vezes eu ainda tenho uns ataques de mau humor e eles simplesmente me mandam parar de encher o saco. Eu fico pensando: "Onde eles se enfiaram?" E eles desapareceram no *pub* ali da esquina, com toda a razão. Eu joguei para cima deles todo o meu estoque de chiliques de rockstar. Sempre por causa de coisas estúpidas. Eu tinha um temperamento extremamente explosivo, mas acho que agora está melhor.

HOJERIZAH

Foto Claudia Dantas

CARIOCAS, MAS COM TONS OPERÍSTICOS

Intrépido, *Tom Leão* revisitou a banda que o Rio de Janeiro adorava odiar. Mas e agora? Será que adora?

Se o grupo carioca Hojerizah fosse paulista, certamente estaria hoje em boa posição na cena rock. Por quê? Porque numa época em que a maioria dos grupos cariocas embarcava na tal "niu uêive" — onde o visual importava mais que o conteúdo (daí a má fama que se abateu sobre a turma do balneário, mesmo naqueles bem intencionados) — o Hojerizah investia num projeto musical sólido e completamente diferente do que fazia a maioria. Agora, após quatro anos de subterrâneos, o grupo finalmente vem à luz com o lançamento do primeiro LP e uma reputação construída nas danceterias do Rio de Janeiro.

O Hojerizah surgiu em finais de 1983. Desde então, praticamente não alterou sua assinatura musical. Apenas evoluiu de uma fase onde as melodias eram mais toscas para seguir uma linha tecnicamente mais sofisticada. As músicas que compõem o repertório dos shows e do disco são praticamente as mesmas da fase inicial da banda. O guitarrista Flávio Murrah, autor da maior parte delas, explica que elas nascem naturalmente, emocionais, sem temas predeterminados.

Nas primeiras apresentações, o Hojerizah — além de Murrah, o grupo é composto por Marcelo Larrosa (baixo), Tony Platão (vocais) e Álvaro (bateria; ele é o único que não faz parte da formação original) — fazia jus ao nome, pois provocava repulsa num público que buscava mais um som tecnodançante do que melodias pesadas, guitarras dedilhadas, baixo marcado, bateria seca. E o vocal operístico do cantor Tony Platão, um tenor de primeira. Para alguns, o estilo de Platão se assemelhava ao de Morrissey, dos Smiths. Quanto a isso, a banda afirma que já seguia o atual caminho antes de ter tomado conhecimento do grupo de Manchester. A comparação, portanto, não procede. Ainda sobre a voz de Platão: durante as gravações do disco, todos os níveis dos V.U.s do estúdio tiveram que ser reajustados, por causa dos timbres altíssimos alcançados por ela. O produtor executivo Marcelo Sussekind e o "legislativo", o jornalista Jamari França, garantem que este foi o único transtorno no decorrer das gravações, embora do estúdio cheguem ecos de pelejas sérias, quase físicas. Por sua vez, o grupo só tem a reclamar sua não participação durante as mixagens finais, que não consideram totalmente satisfatórias.

Mas por que o nome Hojerizah? Flávio explica que, em espanhol, a palavra tem o mesmo significado de ojo/olho, que tem muito a ver com as letras do grupo: a observação geral do mundo. Por isso, escolheram para a capa uma reprodução da famosa cena de abertura do filme *Un Chien Andalouz* (Um Cão Andaluz), do cineasta espanhol Luis Buñuel (em colaboração com o artista surrealista Salvador Dali), na qual um olho aparece sendo cortado a faca... a sangue-frio. Por questões de direitos autorais, no entanto, não puderam reproduzir o fotograma original do filme. Coube ao fotógrafo Maurício Valladares a tarefa de gerar nova idéia visual à altura da obra-prima.

A música de trabalho nas rádios "Pros Que Estão em Casa", underhit de 85, foi editada num obscuro lado B de um compacto do grupo lançado pela B.B. Records. Ela já foi gravada por Dulce Quental e provavelmente será incluída no próximo LP do Biquíni Cavadão. A nova versão difere da original e das regravações: é mais climática. Há, também, a interessante participação do sanfoneiro Dominguinhos na faixa "Tempestade em Viena" (ex-"Pesadelo de Strauss"). As demais oito faixas retratam uma banda de rock (hoje em dia as pessoas renegam essa alcunha) que, no frigir dos ovos, não está ligada a estilo algum.

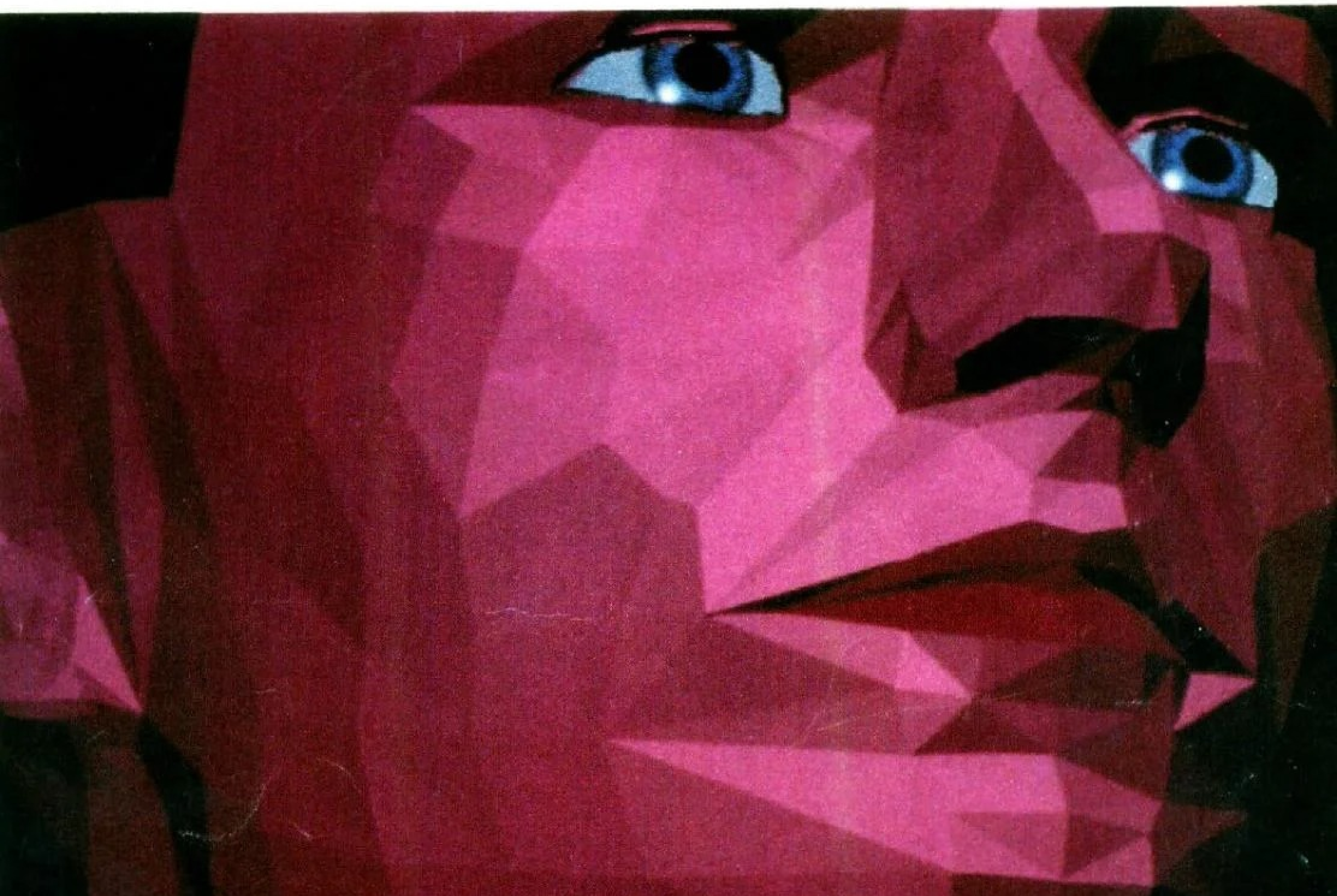
Tom Leão

KRAFT

KLING, KLANG

De que galáxia vêm realmente esses primitivistas da era pós-computador? De Düsseldorf ou de alguma zona de um tempo-espaço futuro? O radar de *David Top*, da revista *Face*, rastreou seus traços no hiperespaço e o resultado é uma matéria que BIZZ publica com exclusividade

WERK



Mais ou menos à altura do oitavo compasso de uma interpretação enérgica de "The Model" — disponível numa fita cassete verde-limão editada pela Companhia Saha Kuang de Discos e Fitas —, a familiaridade é recortada em pedaços de maneira irreversível. O andamento é desacelerado para 34 batidas por minuto, o órgão elétrico volta poucas décadas atrás, algo entre um quase Kraftwerk, os Seeds ou os Mysterians. Começa o vocal. A cantora veste uma blusa branca com partes recobertas por pele de carneiro e uma gola de mandarim, uma saia branca, um brinco preto e outro branco. Ela canta em tailandês. E a razão para esse drástico

Foto EMI Records

transplante do Kraftwerk 78 na música pop tailandesa de 85 é pura e simplesmente um mistério.

Ralf Hütter veste um blusão de couro preto. Quando o tira, aparece uma jaqueta preta. Camisa preta, gravata preta, calças pretas, sapatos pretos. As meias são brancas. O cabelo, outrora todo preto, agora está ficando cinza no topo.

Atento, ele se inclina um pouco à frente para ouvir melhor esta versão singular de sua música. "É muito bom", diz ele, num inglês monossilábico e divertido. "Gosto disso. Deveríamos ir à Tailândia."

Kraftwerk: a casa de força original, os condutores, os operadores, os fetichistas do som. Durante aproximadamente uma década e meia, a banda vem criando música de dança em Düsseldorf, permitindo às máquinas que falem por si mesmas. "Me lembro que tocamos numa festa, num centro de artes qualquer de Düsseldorf, em 71", diz Ralf. "No início, não éramos um grupo fixo e os bateristas viviam sendo substituídos porque ficavam apenas batendo e não mexiam com a eletrônica. 'Não! Tire a mão dos meus instrumentos!' Um dia, tínhamos aquele show no centro de artes e eu estava com aquela antiga bateria eletrônica. A certa altura, deixamos o instrumento ligado com alguns ecos e um pouco de *feedback*, descemos do palco e nos juntamos aos dançarinos. Continuou assim durante uma hora ou mais."

Kraftwerk é sexual, concentração pura, comestível. Autocontrole com humor. Expressão através da proporção. Emoção através do distanciamento. Inspiração através do trabalho. "As máquinas dançam, por assim dizer", diz Ralf, "e a repetição, o ritmo vão se acumulando. Mas isto é uma ficção estética."

Não há uma diferença enorme entre o Kraftwerk de *Trans-Europe Express*, em 1977, *The Man-Machine*, em 1978, *Computer World*, em 1981, *Tour de France*, em 1983, ou *Electric Café*, em 1986. Com um classicismo devotado, a banda de Hütter, Florian Schneider, Karl Bartos e Wolfgang Flur alinhou e realinhou uma coleção em miniatura de melodias e pulsações.

"La Côte d'Azur et Saint Tropez, les Alpes et les Pyrénées, de estação em estação, Düsseldorf City, encontro com Iggy Pop e David Bowie, Negócios, Números, Dinheiro, Gente, estou adicionando e subtraindo. Quando apertada, uma tecla especial toca uma melodia singela, *ein, zwei, drei, vier, fünf, sechs, sieben, acht, ichi, ni, san, shi*, amor de computador, computador do amor, disco este número para marcar um encontro na cidade. O número que você discou foi desligado. Boing Boom Tschak, Boing Boom Tschak."

O assunto principal é a filosofia. Porém, mais intensa é a obsessão pela pureza dos sons. Como Fragornard pintando sobre cetim, Kraftwerk tempera seu apetite pelo som a favor do que é contemporâneo, social e sutilmente sugerido. "O som não os seduz a ponto de perderem de vista a forma?", pergunto. "Mm", concorda Ralf. "Seu principal problema?", sugiro. "Não. Problema, não. Objetivo", diz ele, "porque a forma não nos preocupa tanto assim."

Será essa a razão da forma "viajante"? "Autobahn", "Musique Non Stop", "Europe Endless", "Trans-Europe Express", "Tour de France"...

Flagraram Bambaataa, Baker e Soul Sonic Force chupando "Trans-Europe Express" para fazer "Planet Rock"

"Ja, ja", concorda. "Deixa-se levar. Senta nos trilhos e ch-ch-ch-ch-ch. Continua indo. Aumente e diminua o volume suavemente, em vez de se mostrar dramático ou tentar implantar dentro da música uma ordem lógica, o que parece ridículo. O fluxo é muito mais adequado."

"Em nossa sociedade, tudo está em movimento. A eletricidade circula, através dos cabos, e as pessoas — bio-unidades — viajam de cidade em cidade. A certa altura, elas se encontram e então — *pluwiit*. Então, por que a música deveria permanecer em compasso de espera? A música é uma forma de arte fluente."

Isto é futurismo inócuo. O italiano Filippo Marinetti escreveu bem no início do século: "A energia dos ventos distantes, as rebeliões do mar, transformadas pelo homem em muitos milhões de quilowatts, irão penetrar em cada músculo, artéria e nervo da península, sem precisar de ligações controladas por teclados com uma abundância fertilizante que pulsa entre os dedos dos engenheiros". Com seu jeito afetuosamente rebuscado, ele também sonhava em alta velocidade imaginando o Danúbio correndo "em linha reta, a trezentos quilômetros por hora", e antecipando a deificação dos heróis do esporte como Fangio ou Bernard Hinault, e, ainda, antevendo a destruição de casas para dar lugar a estradas e aeroportos.

Da mesma forma que o Kraftwerk se apropriou da arte condenada da poesia sonora ou fugiu da teoria para transmutar o metal básico da música eletrônica alemã em ouro, o grupo utilizou com muito êxito as novas tecnologias e as batizou no *mainstream*.

"As sociedades industriais estão hoje no mundo inteiro", diz Ralf. O ideal, sugere ele, é ter "uma presença artística, também. Não apenas grandes corporações, negócios, números, dinheiro, gente, mas arte, música". Recorrendo às inovações ao mesmo tempo profundas e triviais da proliferação tecnológica da sociedade, faz parte dos seus objetivos criar uma nova *volksmusic* (música popular, em alemão).

Janeiro de 1984. Estou com Afrika Bambaataa. Sentamos perto do piano de cauda, no estúdio Shakedown Sound, de Arthur Baker. "Tivemos que pagá-los", admitirá Baker mais tarde — flagraram Bambaataa, Baker e o Soul Sonic Force chupando "Numbers" e "Trans-Europe Express" para fazer "Planet Rock".

O que Bambaataa sentiu quando "Trans-Europe Express" foi lançado? Com uma rara demonstração de entusiasmo, ele me conta, "eu disse, desculpe a expressão, 'isso é uma bosta esquisita' ".

A performance do Kraftwerk no Ritz de Nova York, em 1981, tinha sido histórica. "Voltaram quatro vezes ao palco e o público não queria deixá-los sair", disse Bambaataa. "É um grupo incrível de se ver — nem que seja pelos computadores, e tudo o que conseguem tirar deles. Eles pegaram algo como uma calculadora e acrescentaram outra coisa nela — o pessoal apertando e tocando como se fosse música. Era funky." Isto o levou a refletir sobre os objetos do dia-a-dia, como os telefones, sob o ângulo de suas propriedades sonoras.

Conto essa história a Ralf Hütter. Ele sorri. "Fizemos isso mesmo."

LIÇÃO DE ROCK

365

Magazine

DIVERSICAR

PARA

ATINGIR

TODAS AS

ÁREAS.

DE RESTO

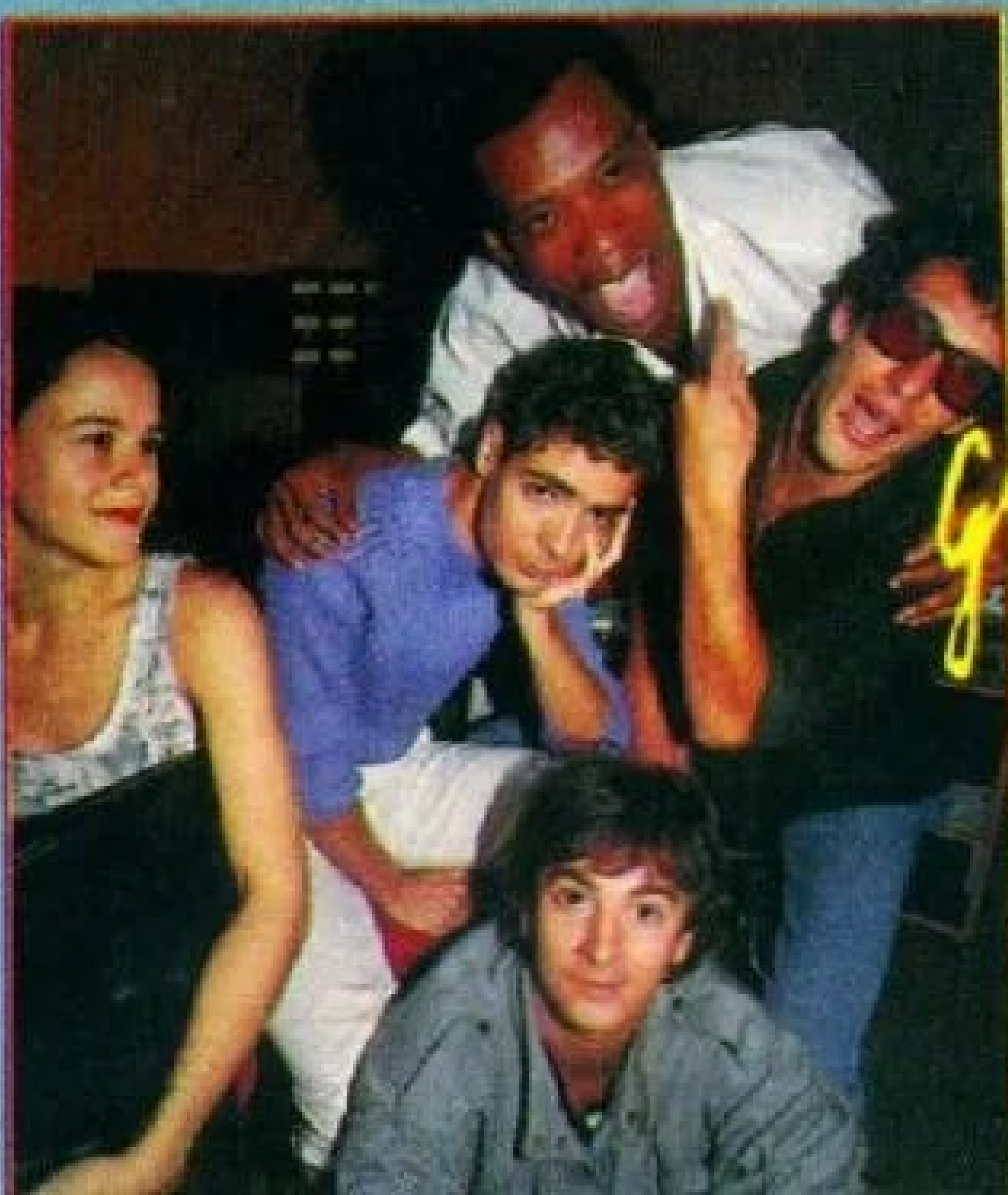
É OUVIR

PARA

CRER!

Anjo Caído

Herva Doce



Gang 90

100% BRASI

Continental

"Não sou um musicólogo", diz ele, "mas acho que a música negra é muito ambiental. Muito integrada ao estilo de vida. Você pode fazer sua faxina..." Ele esfrega a mesa com força e sugere que Kraftwerk também é bom para essa função. "Quando começamos", diz ele, "a eletrônica era ligada tanto à pesquisa — universidade, gordos títulos acadêmicos — quanto aos programas espaciais. Nosso negócio sempre foi incorporar o dia-a-dia. Na capa de *Autobahn* está o meu velho Volkswagen cinza, e o disco contém os sons e barulhos existentes num raio de 200 a 1 000 quilômetros de uma auto-estrada." Ele bipa o código de seu relógio digital de pulso preto e ri.

Até certo ponto, isto foi uma

Foto Claude Gassian

Humor e emoção através do distanciamento

reação contra a cultura acadêmica burguesa e a tirania da teoria. "Para nós, é algo que chamamos em alemão a *intellektual überbau*", diz Ralf. Na seqüência, passamos a discutir o conceito de *überbau*. "A construção intelectual — tão vasta. Para nós, nunca foi um problema. Somos filhos dos trenzinhos elétricos para montar, dos pequenos *elektrobaukasten* — a geração do pós-guerra com suas caixas de brinquedos em miniatura. Você se torna rapidamente infantil com esse tipo de abordagem."

Ralf Hütter e Florian Schneider se encontraram pela primeira vez num curso de jazz e improvisação, organizado pelo Conservatório de Düsseldorf; Ralf, com seu órgão elétrico, e Florian, com seus instrumentos de sopro de madeira elétricos e seus aparelhos de eco. Eles eram membros do que Ralf descreve como "a geração sem pais". "Nascemos depois da guerra", diz ele, "um fraco incentivo para respeitar nossos pais." "A herança germano-austríaca de Beethoven e Mozart ainda tinha peso e o mundo pop do final dos anos sessenta também era restritivo, à sua maneira", observa Ralf, "que nem Woodstock. Você era obrigado a ver as coisas de um certo jeito. Tudo era muito estreito e pré-programado. Passamos às escondidas pela porta proibida."

Os dois tocaram em *vernissages* de galerias de arte na região industrial da Ruhr — o circuito de Colônia/Dortmund/Essen/Düsseldorf. Por vezes, eles se juntaram ao movimento emergente do free jazz, a músicos como Karlheinz Berger, Gunter Hampel e Peter Brötzmann. "Nunca fizemos compactos de três minutos", conta Ralf, talvez sem necessidade. "A música era longa, construtiva e vibrante."

Eles também encontraram a vanguarda americana, percorrendo um circuito semelhante ao das galerias de arte: LaMonte Young, que construíra em 1969 um ambiente sonoro contínuo com osciladores de ondas senoidais durante 13 dias, na galeria Heiner Friedrich, de Munique; ou Terry Riley, o californiano místico cuja composição, "In C", repetitiva, enlouquecedora e contagiante, estava chamando as atenções de muitos setores da música. Puderam também ver Stockhausen em ação, em Colônia, executando ao vivo sua própria obra.

Naquele tempo, todos falavam de Música do Mundo. Uma das exibições paralelas (mas luxuosas) nos jogos olímpicos de Munique, por exemplo, foi uma grande apresentação dedicada à influência da cultura exótica nas artes contemporâneas. LaMonte Young numa sala, músicos gamelenses da corte de Java numa outra, com um pouco de esporte e o terrorismo internacional como evento principal.

Para Hütter e Schneider, a oportunidade de ver e ouvir músicos da Ásia ou da África em ação os levou a formular perguntas vitais. "Qual é a nossa cultura étnica?", diz Ralf. "Será que ela foi explodida? Nós até incluímos barulhos de bombas na nossa música, certa vez. O que é o nosso som? Qual é o nosso ambiente? Sou mudo?"

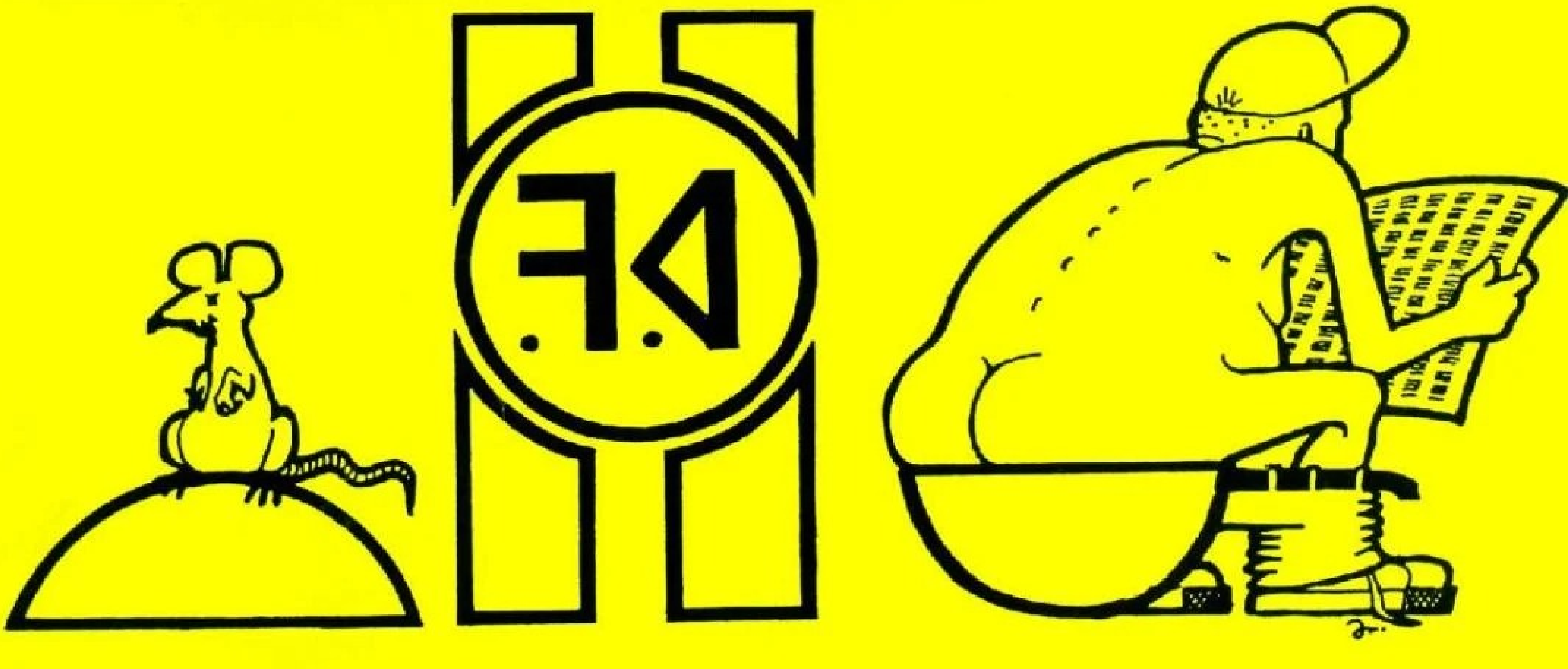
No estúdio Kling Klang, de Düsseldorf, há despensas de tecnologia histórica; Kraftwerk 70, Kraftwerk 75, Kraftwerk 81, Kraftwerk 87. "Nós o chamamos de ateliê-jardim", diz Ralf, "coisas novas chegando, sendo reconstruídas. O velho misturado ao novo, dependendo da fase. Fazemos uma mistura quase que orgânica. Ainda estamos utilizando aquela antiga caixa de ritmos para coquetel musical e, de repente, num outro extremo, temos o Synclavier. Nosso instrumento é o estúdio. É o nosso pequeno laboratório, nosso *elektrospielzimmer*." De novo a discussão lingüística. "Sala de brinquedos?", ele pergunta.

Agora, Kraftwerk é uma fonte. Versões de suas composições no Japão e na Tailândia, uma inspiração para o hip hop do Bronx, versões em diversas línguas dos seus discos — como a *edición española* de "Electric Café". Música do Mundo, pode crer. O que mais mudou? Pergunto. Com a memória digital, veio a liberdade de passar mais tempo experimentando, sugere Ralf. "O pós-computador é o novo primitivismo", diz ele.

Outra mudança está na qualidade potencial do som que agora pode ser alcançada. "Nos últimos cinco anos foi possível imprimir ou projetar mais esculturas de baixa freqüência, o que não era possível antes. Tem sido simplesmente um *big boom*... ou uma camisa-de-força", acrescenta, com um pouco de desgosto. "É a arte da tecnologia de estúdio. Você pode esculpir o som de 20 até 20 000 hertz. A gente burilava um som específico durante uma enorme quantidade de tempo. Mais tarde, acabamos pensando mais em termos de filme. Com certos sons, somos fetichistas. Um faz *kling* e o outro acrescenta um *klang*. Modelamos isso até o extremo."

Sobre as vozes em "Boing Bom Tschak", "Tecno-pop" e "Musique Non Stop", ele fala da presença espetacular que elas têm. "Elas se mesclam. São como *talking drums*. Percussão. Mais ainda pode ser feito. Me sinto como se estivéssemos apenas começando."

Vocês escutam outras músicas? É a minha última pergunta. "Não", diz Ralf. "Talvez, quando passeamos por aí. Às vezes, quando saímos para dançar. Outras vezes, no rádio. Não tenho aparelhagem de som em casa. Escutamos o silêncio. Escutamos músicas fictícias em nossa mente. Pensamos música."



DETRITO FEDERAL

☐ Detrito Federal é o outro lado do Distrito Federal, aquele que o Jornal Nacional não noticia. Uma barra pesada de angústia, tédio e sentimento de repressão (Cascão, 20 anos, cantor e compositor).

☐ Essa coisa de estar do lado do poder e não ser do poder mexe de uma maneira muit louca com a cabeça da juventu

PolyGram

Fotos R. Tucci

Milton

O DONO DA VOZ

Quando, vinte anos atrás, ele conquistou o segundo lugar no FIC com "Travessia", estava apenas começando uma carreira que transformou este mineiro tímido em um dos músicos brasileiros mais respeitados no exterior. *Arthur G. Couto Duarte* faz o balanço desta história

BIZZ — *Retrocedendo na sua trajetória, queria que você falasse um pouco do início de sua carreira.*

Milton — A gente tocava de tudo. Uma coisa interessante que acontecia e ainda acontece nas cidades do interior é que as pessoas não têm preconceito com música: o que importa é se a música é boa ou não. Então essa coisa de estilo eu só vim conhecer na cidade grande. Tocávamos desde bolero até rock, passando pelo fox, samba-canção, trilha de cinema, música clássica... nessa época pintou também a bossa-nova, e por uma questão de identificação, aquela coisa de arrepiar o pêlo, a gente se ligou na bossa-nova e em tudo que se aproximava dela.

BIZZ — *Essa também era a época do rock'n'roll. Você acompanhava o que estava acontecendo no rock?*

Milton — É, era também a época do rock'n'roll. A gente tinha muita coisa dos Platters, um grupo vocal americano. Também tinha muitas músicas do Little Richard, do Paul Anka, Neil Sedaka, Elvis Presley... agora, o grande susto da minha vida foi ouvir Ray Charles. Parecia mágica, uma pessoa cantando daquele jeito, né? Não era rock, mas a gente dava um tratamento rock às canções do Ray Charles.

BIZZ — *Como foi sair de Três Pontas?*

Milton — É, eu acabei vindo para Belo Horizonte por volta de 64, e logo o Wagner Tiso e eu estávamos com um grupo vocal. Agora, uma coisa muito forte pra mim é que até então minha convivência musical tinha sido restrita ao pessoal do interior, e quando um amigo me levou num clube de jazz... Nossa Senhora! Quando eu vi aquele pessoal tocando, eu não acreditei! Eu não conhecia nada daquilo, achei uma maravilha e pensei comigo: "Isso aí eu não vou nem conseguir entender, nunca!" Deu vontade até de voltar pra Três Pontas... mas eu nunca fui de voltar pra casa, então acabei ficando.

BIZZ — *Dizem que você tocava baixo nesse período. Como foi essa história?*

Milton — O negócio de tocar baixo foi idéia do Wagner. Ele estava querendo formar um trio para tocar no Berimbau, uma casa de jazz, e já tinha um baterista, o Paulinho Braga, mas faltava o baixista. Um dia, o dono do lugar chegou perguntando se o grupo estava pronto para se apresentar e o Wagner respondeu que sim. Daí ele chegou pra mim e falou: "Ó, você tá no trio. É o baixista da gente". Aí eu disse pra ele que ele devia estar louco, que eu nem sabia como é que se pegava no instrumento e coisa e tal, mas o Wagner insistiu. Aí eu fui... e aprendi num dia *(risos)*... mais ou menos onde estavam as notas e fui pro Berimbau tocar. Quase que acabei com meus dedos, com tudo, foi um horror! No dia seguinte, fui tocar de esparadrapo, o esparadrapo não prendia, saía sangue para tudo quanto é lado... até criar calo demorou bastante. Sofri que nem um condenado! Mas acabou que o contrabaixo ficou sendo o instrumento do qual mais gosto.

BIZZ — *Como foi sua participação no II FIC?*

Milton — O Agostinho dos Santos, ele me pregou uma peça. Morei dois anos em São Paulo e, quando nos conhecemos, ele acabou virando uma espécie de padrinho. Nessa ocasião ele queria que eu inscreves-

"... eles tinham um nome para isso... eu era 'artista de prestígio', o que significava um interesse no meu nome e divulgação nula"

se minhas músicas mas eu era completamente contra festival, porque já tinha participado de um anteriormente e tinha ficado com uma péssima impressão do clima de competição que havia entre os músicos. Ele insistiu mas eu era bem teimoso — Escorpião brabo — e não quis botar a música. Aí, um dia, ele chegou e me pediu três músicas para que seu produtor escolhesse uma delas para ser incluída no novo LP dele. Então gravei as músicas e só mais tarde vim a saber que estava classificado pro FIC. Eu fui lá, cantei e tal... quando acabou, saí com o pessoal pra comemorar, sentei num bar... aí que fui sentir todo o peso, né? E desmaiei. Voltei carregado pra casa, desmaiei mesmo! Só acordei no outro dia... foi uma loucura.

BIZZ — *Você tinha contato com o pessoal da Tropicália?*

Milton — Tinha, tinha muito contato com o Caetano. A gente se encontrava muito em São Paulo, foi um tempo em que a gente sofreu muito: de fome, de frio, de tudo. A gente se encontrava casualmente, freqüentávamos os mesmos lugares, batíamos muito papo... teve um dia até que a gente resolveu fazer que nem o Nero — botar fogo em São Paulo, quebrar tudo...

BIZZ — *Com o Som Imaginário, você dá uma guinada de 180 graus no seu trabalho, que passa a refletir as marcas do rock. Eu queria que você falasse um pouco disso...*

Milton — Foi um lance muito interessante, porque eu nunca fui intimista, sempre fui muito aberto. Pelo contrário, eu estive e vivi muito perto do rock, da música pop, o tempo todo. O trabalho com o Som Imaginário pra mim foi como se fosse um trabalho de cinema, de teatro... vestimos nossa música com uma roupagem elétrica. Foi uma época importantíssima, muito bonita... Engraçado é ver hoje o pessoal comentar quando me vê dançando — "Pô, você agora dança!" Eu já dançava adoidado, né?

BIZZ — *Quando você propôs a realização de um álbum duplo, o* Clube da Esquina, *como foi a receptividade da Odeon?*

Milton — Eles não aceitaram. Diziam eu que era... eles tinham um nome pra isso... que eu era "artista de prestígio", o que na verdade significava apenas um interesse em meu nome e numa divulgação nula. Aliás, tudo que consegui até sair da Odeon foi através do meu trabalho, braçal mesmo. Então, quando recusaram a idéia, falei que estava tudo bem, mas que queria rescindir meu contrato. Quando viram que a coisa era séria, para não me perder, acabaram consentindo no projeto. Agora, pior do que isso, só os comentários da imprensa, que desceu a lenha. Acabaram com o Lô, acabaram comigo... e o disco vendendo a mil. É por isso que acho engraçado ler, às vezes, coisas escritas hoje pelas mesmas pessoas, que agora se referem ao disco como antológico...

BIZZ — *Vale a pena relembrar das peripécias com a censura, que uma ocasião vetou praticamente todas as letras do disco* Milagre dos Peixes. *As letras deste disco eram assim tão barra pesada?*

Milton — Olha, é claro que as músicas tinham um teor político, mas não era nada explícito. Houve um exagero por parte da censura, porque nunca preguei que o pessoal pegasse em arma e coisa e tal; a gen-

te só botava pra fora o nosso descontentamento com tudo, não só com o Brasil, mas com o mundo. Fiquei puto da vida quando a gravadora me propôs gravar um outro disco. Disse que não, que o disco ia sair como estivesse; se não havia letras, que as pessoas entendessem. E foi uma surpresa pra Odeon em todos os sentidos, porque o disco vendeu, fora a repercussão que causou. Como músico, o *Milagre* foi muito importante, porque foi aí que me larguei na música de uma forma diferente, passei a usar minha voz como um instrumento.

BIZZ — *É verdade que a própria Odeon chegou a censurar obras suas?*

Milton — É. Foi no disco com o Som Imaginário. A música chamava-se "Bodas", e tecia alguns comentários não muito elogiosos à rainha da Inglaterra, que por sinal era a maior acionista da EMI. Aí eles acharam que não ia pegar bem; eles foram os censores, daí sempre tive que usar aquele negócio: "Quer? Não quer, me libera". No fundo, você acaba descobrindo censura de tudo quanto é lado, às vezes levando sustos com censura dos próprios colegas, então é muito doido. Eu acho que cada um tem de ser de circo pra agüentar essa estrutura que foi montada em cima da gente, em cima do ser humano.

Milton no show em SP, vinte anos de travessia

BIZZ — *Sua música apresenta ocasionalmente elementos religiosos, como o canto gregoriano em "Sentinela", a própria "Missa dos Quilombos" etc. Você é uma pessoa mística?*

Milton — Não, não sou não. Eu tenho... não sou sou e sou, porque o brasileiro dizer que não é, é mentira. O brasileiro é místico mesmo não sendo. Agora, esses elementos que você citou têm um cunho mais político do que religioso nas minhas músicas, uma coisa de briga contra a opressão, principalmente contra o que a Igreja botou em cima da gente, né? O que a Igreja e os padres fizeram e fazem, com a gente do interior principalmente, é uma loucura.

BIZZ — *De 75 para cá, seus shows passaram a ser realizados em grandes ginásios. Com isso, não acontece uma grande distância entre o artista e seu público?*

Milton — Não tem esse problema de distância não, a gente sempre descobre um olhar que brilha de uma maneira que te chama a atenção. Aí você canta um pouco para aquela pessoa; logo você está cantando para outra e quando percebe você já formou um lance maior, que reverte para toda a platéia. Eu gosto de muita gente junta. Não tenho nada contra cantar em locais pequenos, mas é que eu realmente gosto, sabe, de muita gente.

BIZZ — *Hoje em dia, existe algo na música pop que você aprecie?*

Milton — Olha, nomes eu não saberia te dizer assim, porque está acontecendo uma verdadeira avalanche de coisas... sabe, eu sinto falta da época dos Beatles e do Woodstock, porque havia algo maior que não existe hoje. Por exemplo, existiam movimentos, uma coisa geral, que ia desde o que a pessoa vestia até fazer macrobiótica, das pessoas quererem ser diferentes, de viajar, de sei lá o que... Os artistas representavam algo para os outros que eu não sinto hoje com os novos. Hoje não há mais nada disso.

BIZZ — *Você escuta o pessoal do rock nacional, Milton?*

Milton — Ouço, eu ouço bastante, e é aí que vejo algo curioso, porque as pessoas em geral, vendo ou ouvindo esses conjuntos na televisão, podem pensar que é tudo igual, que é bobagem... É a história da imagem, né? Se você pega um RPM, tudo bem, vende-se uma imagem porque tem que vender, mas se você lê o que os caras estão dizendo nas letras, se você presta atenção na música... tá legal, tá forte, não é apenas uma extravagância, não é bobagem. E assim tem outros, que a gente vai descobrindo aos poucos, porque são muitos... Ultimamente, eu tenho prestado mais atenção neles do que há uns tempos atrás, principalmente porque passei muito tempo no exterior e, quando cheguei, tinha um bando de gente que eu não conhecia, gente demais. Cheguei até a me perguntar: "Meu Deus, o que é que está acontecendo com esse Brasil?!" Com esse ano que eu fiquei aqui, aos poucos estou descobrindo esse pessoal, e, mais cedo ou mais tarde, vou me aproximar deles, porque onde tem gente legal, eu também quero estar.

BIZZ — *Agora, é interessante ver que dois de seus trabalhos mais representativos, o* Clube da Esquina *e o* Minas *foram realizados num clima de improviso, conturbado até. Hoje, ao contrário, seus últimos discos chegam inclusive a manter a mesma equipe. Essa organização não influencia a criação, algo do tipo não se mexe em time que está ganhando?*

Milton — Não, não... não creio que isto aconteça, não. Pelo contrário, eu acho que o fato de eu poder contar com... como é que se diz... sabendo que aquela parte ali está certa, então eu já tenho mais tempo para pensar no que eu quero fazer. Então a gente tem a organização pra poder fazer aquilo que eu quero. Mas lá na música, na criatividade, não se mexe.

BIZZ — *Bem, para finalizar, quais os planos para o futuro?*

Milton — Este ano, para mim, é para trabalhar aqui dentro, né? Fazer mais shows, conservar essa bandinha e sair por aí. Eu quero cantar muito pelo Brasil. E tem o disco, que vai ser o meu primeiro pela CBS. Mais tarde, penso em voltar pro palco, esse ano acho que é mais palco. Ah, e também tem música para teatro, uma peça chamada *Merlin*, que é inspirada nos cavaleiros da Távola Redonda, que, isso sim, já tem a ver comigo, que é o lance da magia, eu sou muito ligado em magia, e eu vou fazer a trilha dessa peça. Também ando escrevendo uns roteiros para o cinema, mas ainda não há nada muito definido.

CHEIRO DE HISTÓRIA
deep purple
THE HOUSE OF BLUE LIGHT
ESTE,
O VENTO NÃO LEVOU.
PolyGram

GUETO

RUMO À PRÓXIMA ESTAÇÃO

Foto Geraldo Luiz Gomes

Paulistas da zona norte enfrentam o balaio e modismo hip hop com guitarra, baixo e bateria debaixo do braço

"Somos quatro garotos da zona Norte/e sempre gostamos de um suingue forte/Márcio, Marcola, JC, Édson X/Vão fazer o que você sempre quis/O nosso som soa soul, soa samba/soa heavy, soa rap de bamba". Aí está a apresentação do Gueto — a banda que foi eleita como revelação de 86 pelos críticos de BIZZ — por suas próprias palavras, na canção "G-U-E-T-O" do seu primeiro LP, *Estação Primeira*.

Enquanto Márcio regravava um solo de guitarra, Marcola (baixo), JC (vocal) e Édson (bateria) conversavam. Na verdade, quem falava era Édson, com participações esparsas de JC e raríssimas de Marcola. Mas, quando eles estão no show, ninguém fica mudo no palco — e poucos ficam parados na platéia. Entre as primeiras explosivas apresentações na noite paulistana e o lançamento do disco — que deveria ter sido precedido pela coletânea *Não São Paulo 2*, que já está pronto e esperando vinil — se passou pouco mais de um ano. A rapidez da trajetória não é apenas um sinal dos tempos, mas uma conseqüência do entrosamento dos três instrumentistas e da afinidade musical da banda, como descreve Édson: "A parte instrumental, que é um pouco mais complicada de encaixar, já estava bem adiantada. Nós, na verdade, aprendemos a tocar juntos. Tinha umas horas que os caminhos se desviavam, mas depois se juntavam de novo". Um destes desvios foi a participação de Édson no Akira S & As Garotas Que Erraram, inclusive na gravação do LP que deve sair ainda neste primeiro semestre pela Baratos Afins.

Isso faz parte do passado. Para o futuro, o "Gueto acha que nos anos noventa/é misturando que a gente inventa" continua a "carta de intenções" da banda. Preparando os novos sons da década, Édson desfia as linhas de conduta: "Aí é que está o lance da mistura: a técnica de colocar uma batida óbvia com alguma coisa que passa para as pessoas como pop. Eu não vou jogar um samba na orelha das pessoas porque têm preconceito, mas existem formas de se mexer com isso... é o lance do suíngue universal, ou seja, poder tocar um beat tipo 2x4, que é tipicamente brasileiro, e acontece no mundo inteiro. Dá para se mexer, dá para dançar? Então é isso".

O Gueto vai aterrissar neste cenário desanimado e repetitivo enfrentando desafios e comprando brigas. Uma delas será se safar das comparações apressadas com as bandas de hip hop. Mais uma vez, Édson fulmina com precisão e ironia: "O som dos caras é feito de outra forma. Não existe nenhum grupo — e, se existir, que alguém me mostre — que faz esse tipo de som com estrutura baixo/guitarra/bateria/. Isso é uma grande diferença. Mas, se chamarem a gente de hip hop, tudo bem. A gente vai ganhar dinheiro de qualquer forma". E JC arremata, com firmeza: "Independente de aparecer como os hip hop do Brasil, se a gente fizer uns p* shows e as pessoas chaparem, tá limpo"

B.A.

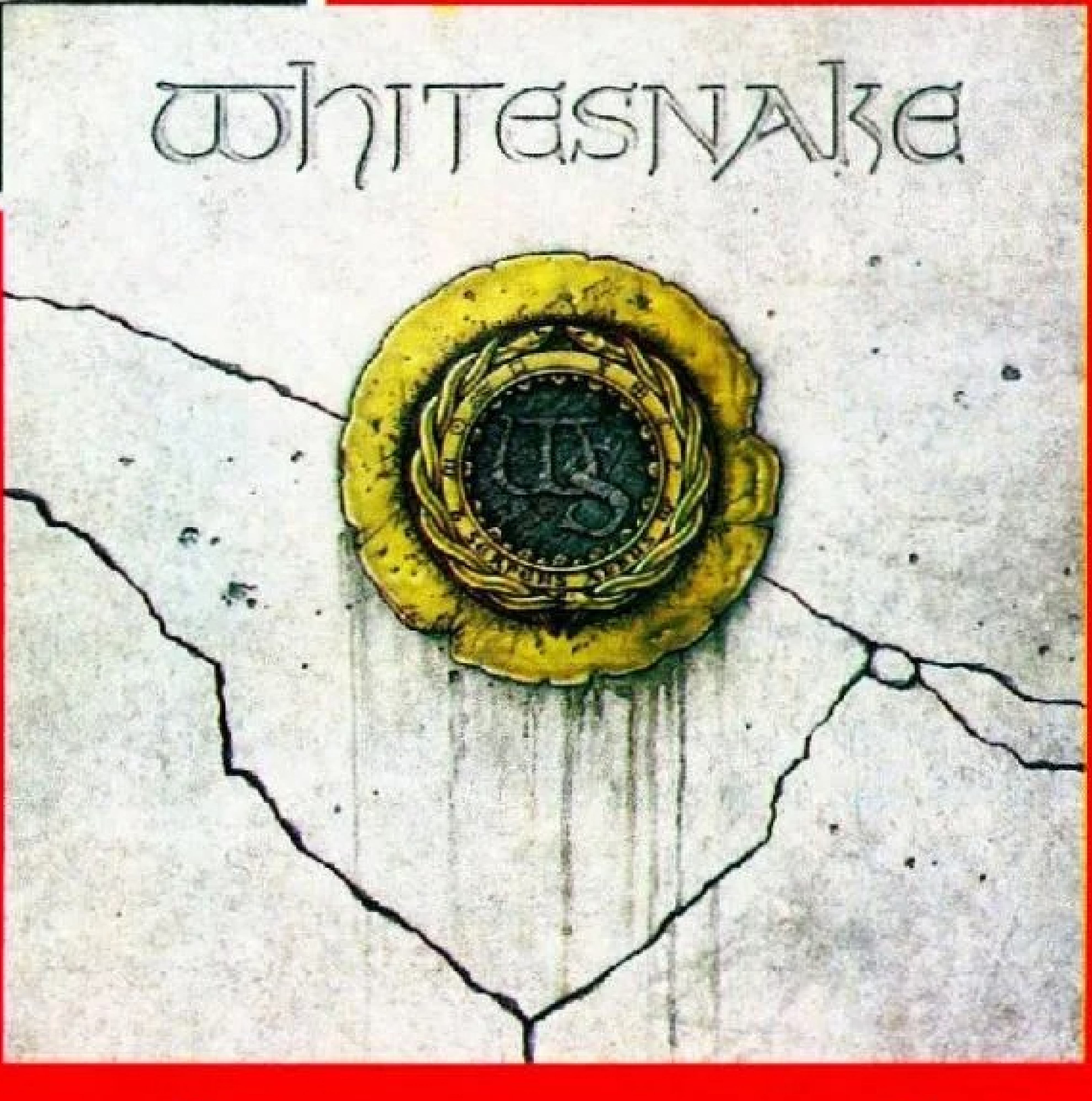
Cadê o Whitesnake?

Gostaria de uma informação: o Whitesnake acabou?
Fã-clube Whitesnake
(Maringá-PR)

Acalmai-vos, fãs do Whitesnake. A EMI-Odeon — gravadora que representa o grupo no Brasil — manda informar que seu novo álbum, ainda sem título, deveria ter sido lançado em março passado, mas foi adiado para setembro. Ou seja: está na boca do forno. Podem começar a salivar

BIZZ HEAVY Nº 1

O Whitesnake já pintou com disco novo!



WHITESNAKE

1987

DAVID COVERDALE

Em discos
e fitas

EMI

EM TODAS AS LOJAS OS DISCOS DO MEGADETH E W.A.S.P.

ECHO & THE BUNNYMEN

Fotos Angelo Pastorello

MORTE A PAU

Palácio das Conv. do Anhembi (SP) 11 a 13, 15 e 16/05

Good drink! Ian McCullouch lambe a famosa beiçola, dá o primeiro gole na primeira caipirinha (dupla) da segunda noite paulistana da turnê e anuncia uma "new song", "Bombers Bay". A temperatura está subindo no velho Anhembi e a gente ainda não viu nada. Nem mesmo os que saíram em estado de graça após o primeiro show e voltaram para repetir a dose, poderiam esperar por "isso".

Recapitulando: as luzes se apagam, as caixas soltam um canto gregoriano, os Bunnymen entram como se fossem jogar uma pelada no quintal. Sobre o cantochão, aplicam os primeiros acordes da primeira música do primeiro LP. "Going Up" é seguida de "Rescue". "Será que são os blues isso que estou cantando?", McCullouch implora com o mesmo frescor de oito anos atrás, enquanto Pete de Freitas e Les Pattinson despejam um clímax a ponto de bala. "Good drink!" A temperatura está subindo e a gente ainda não viu nada.

Crocodiles ainda é o responsável pelo grosso do show. Além das duas primeiras, atacam "All That Jazz", "Crocodiles" (de arrepiar, temperada com versos de "Light My Fire" e "Penetration"), "Villiers Terrace" e "Do it Clean", o dinamite cuidadosamente guardado para o final.

Depois, o lote *Ocean Rain*, com o curinga Jake Brockman tirando no *sampler* os violinos, violas e violoncelos que pintam e bordam o LP. Na seqüência: "My Kingdom", "The Killing Moon", "Ocean Rain" (começa só com Ian e seu violão e segue num *crescendo* mortífero) e o épico Morrisoniano "Thorn of Crowns". Totalmente possesso, McCullouch fuma, urra, bebe, sussurra, enquanto a iluminação simula os efeitos centrais e colaterais de uma dose do seu alucinógeno favorito, e Sargeant pontua toda a extensão de dinâmica possível com acordes radicalmente opostos à sua postura *cool* quase congelado.

As músicas inéditas são cinco e indicam que o novo LP deve ser uma cacetada. Além de "Bombers Bay", são a provável faixa-título "The Game", "Lost and Found", "Lips Like Sugar" e "New Direction", a que mais impressiona à primeira edição, com o *roadie* Mike Jobson empunhando a guitarra-base.

Alguma coisa tem de estar errada com o rock'n'roll quando a gente se surpreende com coisas como feeling, entrega, garra, espontaneidade etc. Pois a tocha está acesa nas mãos dos Bunnymen: até canções que ocupam um segundo plano na trajetória do grupo, como "Bedbugs and Ballyhoo" (lado B do compacto "Bring on the Dancing Horses") já põe o Anhembi de pé só com a linha de baixo. A única de *Heaven Up Here* (segundo LP e o único que continua inédito aqui), "Over the Wall" explora climas com o mesmo fôlego de "Thorn of Crowns".

Para arrematar, as *covers*, todas iluminando os clássicos originais: "Soul Kitchen" (Doors), "Paint it Black" (Stones), "It's All Over Now, Baby Blue" (Dylan) e "Run Run Run" (Velvet Underground). Os anos 60 para principiantes em quatro lições.

Inesquecível.

J.A.L.

A revolução inglesa chegou.

Seis discos que vão abalar o Brasil.

Os programadores de rádio e lojistas de discos estão recebendo este tesouro da ilha mais musical do planeta, que é a Inglaterra. Os críticos serão os correspondentes no front dessa guerra justa contra a mesmice e o marasmo. Mas este movimento vai triunfar no Brasil, como triunfou em outros países, porque conta com a imaginação dos jovens — uma força que sempre fez as grandes mudanças começarem.

JOY DIVISION
A mais famosa "cult band" do mundo, liderada por Ian Curtis, morto em 80.

NICK CAVE
O cantor que recriou, neste LP, os clássicos do blues e do rhythm & blues.

DURUTTI COLUMN
Com Vinnie Reilly, aquele que Robert Fripp, do grupo "King Crimson", considera o mais importante guitarrista da atualidade.

FELT
O som acústico e envolvente do grupo mais independente da Inglaterra.

A CERTAIN RATIO
Uma das músicas deste LP está nas paradas inglesas. Grupo integrado por musician's musicians - os músicos que os músicos adoram. Você também vai adorar.

LONDON PAVILION
Um LP incluindo 14 grupos novos da Inglaterra, aglutinados por Mike Alway, descobridor do "Everything but the Girl".

Licenciado por Stiletto

ESTÚDIO ELDORADO
dez anos de boa música

Foto Geraldo Luis Gomes

Casiopea, o equívoco do ano: equipamentos ultra modernos para tocar música de supermercado?

CASIOPEA

Geléia geral

Auditório Elis Regina (SP) 12/04/87

Jazz-rock direto de Tóquio. Um programa exótico o bastante para tirar cerca de quatrocentas pessoas da letargia dos *Fantásticos* da vida. Na sala, ar-condicionado e ambiente acolchoado. No palco, dá para adivinhar na semipenumbra instrumentos e amplificadores com suas luzinhas vermelhas e verdes — a melhor aparelhagem de som do mundo... Mas o que estão fazendo nossos japoneses? Parece que aderiram logo aos costumes locais, já que sobem no palco com quase meia hora de atraso. Imediatamente, quatro holofotes colocados atrás dos músicos se acendem no melhor estilo "blitz" de patrulha, enquanto a banda ataca de "Conjunction", o primeiro de uma série de oito instrumentais. Um jazz-rock-muzak condensado de Weather Report, Stanley Clarke e companhia, diluídos, em fortes doses de geléia. A expectativa — que era grande — vai se diluindo também. Vistos assim, Issei Noro (guitarras), Tetsuo Sakurai (baixos), Minoru Mukaiva (pilotando dois imponentes sintetizadores Yamaha último modelo) e Akira Jimbo (bateria) não passam de uma boa banda animadora de bailes da periferia de Tóquio.

Minoru apresenta com dificuldades, num português decorado — salve simpatia —, o vocalista Yukou Kusunoki. Aí tudo se complica. E mergulha de vez no rock-muzak-brega nipônico. O que era muzak de baile vira muzak de supermercado. Mais exatamente, vendo os cinco moços bem comportados remastigando clichês surrados do mais antigo jazz-rock, a impressão que se tem é a de estar assistindo a uma sessão de demonstração de instrumentos no departamento de equipamentos de som de um hipermercado de Tóquio. Gil, será que esse grupo era tão legal assim? *J.Y.N.*

LEE PERRY

Mito negro

Dingwalls (Londres) 23/02/87

Lee "Scratch" Perry é na verdade o mítico Bush Doctor decantado pela cosmologia rasta. Em 68, no estouro do *flower power*, *war power* e *student power*, Perry descambou das montanhas jamaicanas para apresentar ao mundo o reggae, uma desaceleração libidinal do ska e do rock *steady*. Perry inventou o reggae em estúdio, onde é um mago. Não que ao vivo não se candidate a comer cérebros. O problema é que está sempre *stoned out of his mind*. (N. da R. — muito louco).

O Dingwalls é uma biboca perfeita para Perry. Platéia hippesca terminal. Turistas italianos e japoneses com Instamatic. Clima de *joint* texana. Lá pelas tantas nove da noite, duas horas antes do show, uma figura negra vestida de branco cambaleia pelo bar soltando imprecações em um dialeto incompreensível (zulu?). Quem é?

Ao contrário de Lou Reed, a vida de Perry não foi salva pelo rock'n'roll. É como se fosse. É como se Perry ainda pertencesse aos heróicos tempos da primeira geração do rock'n'roll. *All right*, lá pelas tantas a tal figura negra de branco está no centro do palco comportando-se como se ainda estivesse no bar. É o próprio, com uma *back-up band* medíocre (um dos guitarristas é incapaz de manter um chanka chanka confiável).

O show de Lee Perry (sem os lendários Upsetters) é o de menos. Lee é o de mais. Não larga um, dois, três imensos charutões, soltando mais fumaça do que uma refinaria. Pregou um arbustinho no microfone. No alto da cabeça, um arbustão. A voz comprida grunhe como a de um preto velho — e Lee é mesmo, com barbinha e rosto sulcado. Não consegue dançar. Não consegue sair do lugar. Nos intervalos, muge uns *"yassss"*, correspondentes a "yes". A fumaça em torno do palco vira uma neblina.

Trata-se de um mito em (in) ação. Os mitos sempre inebriam os sentidos. Perry cumpre o ritual ao pé da letra. Reggae music na veia é bacanal de preto véio. *Yasssss?* *Pepe Escobar*

JOHN LENNON
MENLOVE AVE.

HERE WE GO AGAIN • ROCK'N'ROLL' PEOPLE
ANGEL BABY • SINCE MY BABY LEFT ME
TO KNOW HER IS TO LOVE HER • STEEL AND GLASS
SCARED • OLD DIRT ROAD
NOBODY LOVES YOU (WHEN YOU'RE DOWN AND OUT) • BLESS YOU

GRAVAÇÕES INÉDITAS

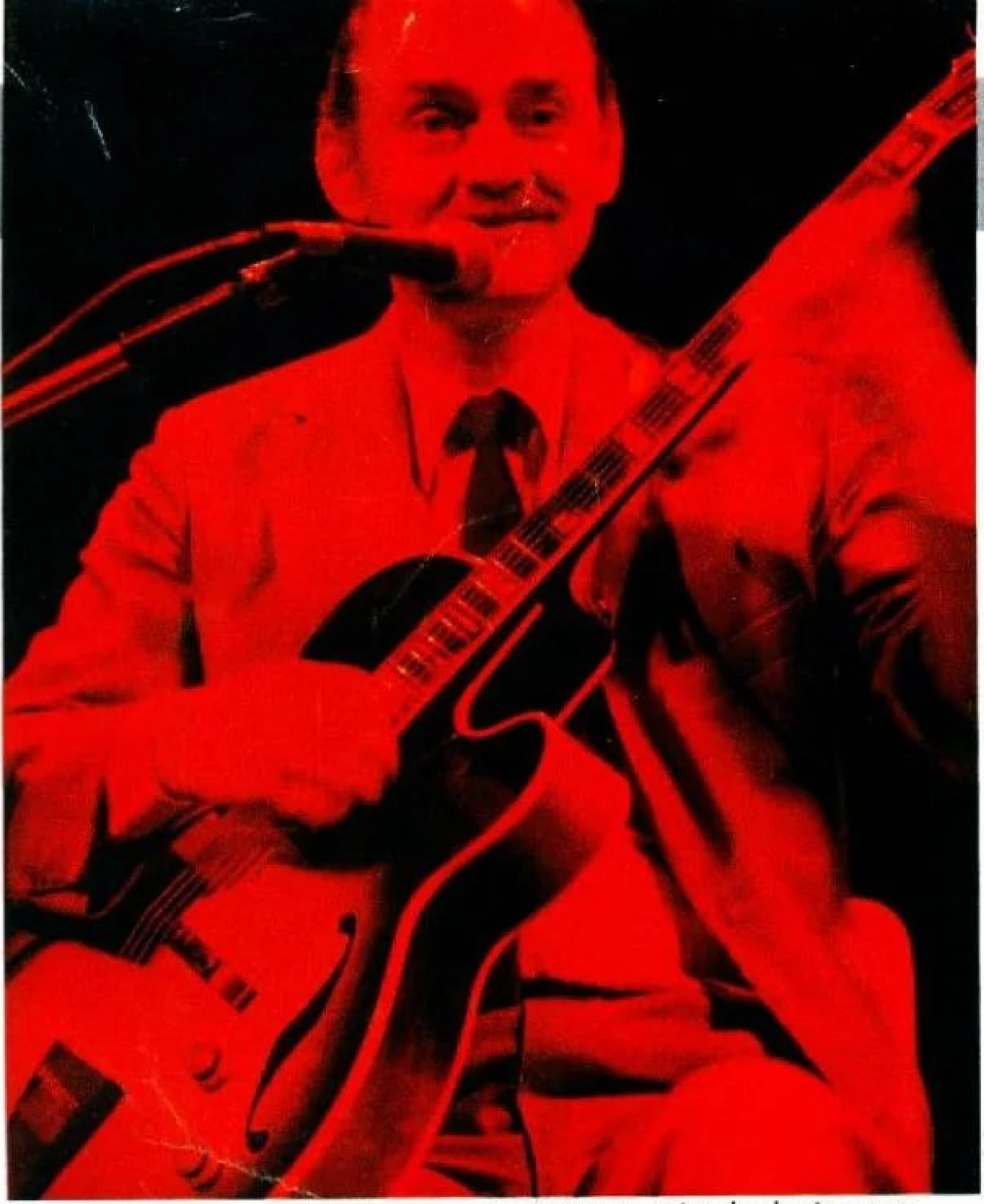
Extraído das sessões
de gravação dos Lps ROCK'N'ROLL'
produzido por Phil Spector em
1975 e WALLS AND BRIDGES em 1974

Capa por Andy Warhol

DISCOS E FITAS

EMI

JOE PASS



O sorridente Joe Pass e sua velha Ibañez em ação: em time que está ganhando não se mexe

Casal perfeito

Palace (SP) 14/04/87

Numa dessas noites comuns de terça-feira, em que as pessoas costumam ficar em casa vendo televisão, subiu ao palco do Palace um simpático senhor de quase sessenta anos, chamado Joe Pass. Subiu um tanto quanto tímido, acompanhado, apenas, por sua Ibañez avermelhada. O casal não demoraria a deixar o público entre boquiaberto e perplexo, com sua incrível afinidade e entrosamento, conquistados em inúmeras apresentações anteriores. Sem palavra alguma, Pass iniciou seu show com quatro clássicos, dentre os quais "Wave", de Tom Jobim. Clássicos, aliás, é o que ele mais gosta de tocar, ou melhor, de recriar. Assim, "It's a Wonderful World", "Summertime" e "Body and Soul" foram viradas de ponta-cabeça pelas peripécias de Pass, que, diga-se de passagem, foi considerado mais uma vez o maior guitarrista de jazz do ano passado pela *Down Beat*.

Na sua quarta apresentação em terras brasileiras, Joe Pass incluiu no seu repertório "Daquilo que Eu Sei", de Ivan Lins, "Samba de Uma Nota Só" e uma de Milton Nascimento, a quem não cansou de desferir elogios (Pass inclui Milton e seus músicos entre os melhores da atualidade), chamada "Tarde". Foi essa que ele escolheu para o bis. Foi-se embora tranqüilo e quase anônimo, como havia chegado. Para nós, deixou seu virtuosismo e uma constatação tão triste quanto genial: "Se eu perguntar na minha rua quem é Charlie Parker, vão dizer que é um dentista, médico ou coisa parecida". É verdade. As pessoas continuam vendo televisão às terças-feiras.

Paulo Vieira

BURNING SPEAR

O culto da lança

Woolwich Coronet (Londres) 07/03/87

Burning Spear, aliás, The Magic Entertainer, aliás, Winston Rodney, costuma sair da Jamaica e vir à Inglaterra uma vez por ano. Faz um ou dois shows, às vezes sem divulgação. Europe, claro, com a horda habitual de discípulos mais os candidatos certos à conversão. É o culto da lança flamejante. Se Lee Perry é o *Bush Doctor*, Winston é o *Rebel Rouser*. Ataca um reggae e um *lovers* rock monumentais, de big band e alta tecnologia. Depois do profeta Marley, *a* encarnação de Jah sobre a terra é sem dúvida *Sir* Rodney. Só ele mesmo para tirar alguém de casa em uma noite branca (de neve). Show em cinema de bairro, lá onde Robin Hood perdeu as botas. Chegando, é outra história: discotecagem dub e as mais finas flores femininas em *dreadlocks*. Clima de festa na aldeia. Clima dos *clashes* de DJ todo sábado à noite, nos buracos londrinos de Notting Hill e Ladbroke Grove. Ao fundo, a inevitável bandeira de Jah, com o leão e a lança mágica de Rodney.

A *big band* mata, com sintetizações discretas, Simmons no limite, baixo fratura-em-espinha-dorsal e uma sensacional seção feminina de metais: negra, loira e morena em sax e trompetes. The Spear está de trança até a cintura. Dança levantando as pernas até a altura da barriga. É uma aranha. A voz não é melodiosa nem gutural. Nem lamento nem celebração. A banda segura tudo, entrando em um *medley* através dos anos que inclui a nostálgica "Marcus Garvey". É um banho nos LPs de Spear em estúdio: o melhor deles, inclusive, é em dub.

Spear tem o fervor ausente de 99,999% da música popular internacional, esse som de fundo *fast food* produzido pelos conglomerados. No final, Spear até arrasa em um *crossover*: ele vai de reggae-rap e a banda vai de salsa-funk. *Rastaman vibration positiv*, na medula, na cabeça e na medida.

P.I.

BREVEMENTE NAS BANCAS

Estrelando a primeira edição MICKEY ROURKE, um mito masculino do cinema. Com NASTASSJA KINSKI num inesquecível perfil fotográfico. OLIVER "PLATOON" STONE em entrevista exclusiva. MEL "MAD MAX" GIBSON, e HARRISON FORD em "MOSQUITO COAST" AINDA NESTA EDIÇÃO: MAX HEADROOM, VELUDO AZUL, GOTHIC e A ERA DO RÁDIO. Produção Especial: 100 VÍDEOS IMPERDÍVEIS.

EDITORA AZUL

GIDDINGS & SERRANEGRA

CULT

O insustentável peso

Hammersmith Odeon (Londres) 15/03/87

O Cult virou uma superbanda, como as dos anos setenta, só que com som dos oitenta. Eles chegam ao palco de vários andares com o tema de *Super-Homem* no fundo, banhados por luzes e mais luzes. Todos estão cabeludíssimos, inclusive o novo baixista, um Ramone *look alike*, todo tatuado com a cara escondida pelos cabelos, que Ian Ashtbury introduz como *faceless wonder* (N. da R. — maravilha sem rosto).

Começam com "World of Honour", o som está estrondoso, pra lá de Led Zeppelin, mas sem traço algum de plágio. Rock pesado, puro e limpo. Com produção de Rick Rubin — o mesmo dos Beastie Boys e Run DMC —, soam mais crus e secos.

Tocam uma nova versão de "Love Removal Machine", sem a famosa introdução que acusam de ser copiada de "Start Me Up" dos Stones, mas com um *medley* solo do guitarrista Billy e bateria... Um verdadeiro massacre. Ian: "Domingo é dia de descanso para os cristãos. Mas eu não sou cristão; então, hoje eu não descanso". E ataca com "Spiritwalker", pesadíssimo. A energia é tanta que, ao final de uma música, Ian quebra o pandeiro e atira-o para fora do palco. A platéia, que lota o teatro, vibra no mesmo diapasão. Quando começa "Rain", uma chuva de fogos de artifício leva as pessoas à loucura.

Acabou. Voltam para o primeiro bis, "She Sells Sanctuary". Saem novamente e deixam a platéia delirando durante dez minutos. Mas valeu esperar. Eles voltam para tocar (pasmem!) "Born to Be Wild", do Steppenwolf, numa versão bem psicodélica e mais pesada que a original. É possível? Foi possível e foi demais. Ian estava com a corda toda. Que bom!

Eva Joory

Foto Eva Joory

Ian com seu indefectível chapéu de castor: cada vez mais pesado.

III FEIRA UNIVERSAL DO JOVEM

UNIJOVEM 87

O lugar ideal para você se encontrar com quem quer comprar de tudo.

No RioCentro, em julho de 87, vai ser realizada a III Feira Universal do Jovem. Este evento caracteriza-se pela descontração e participação efetiva do público através das diversas atividades paralelas que são desenvolvidas durante a sua realização: shows musicais, apresentação de academias de ginástica, campeonatos esportivos, desfiles de moda, cinema e vídeo clips, jogos eletrônicos, sorteios e distribuição de brindes, etc.
Além da motivação natural e da distribuição de cerca de 120.000 convites aos lojistas e compradores, a UNIJOVEM terá uma completa estrutura de divulgação junto aos principais meios de comunicação.

Prevê-se igualmente, dentro do aspecto comercial, a reserva de horários fechados ao público, para o encontro de fabricantes, lojistas e prestadores de serviços para mútua realização de negócios.
Por isso, se você fabrica ou oferece algum tipo de produto ou serviço voltado para o jovem, prepare-se para encontrá-lo em julho no local mais indicado: a UNIJOVEM 87.
Consulte-nos pelo telefone (021) 263-3577.
Mas ande logo. Porque o jovem tem pressa de comprar.

fibra
PROJETOS PROMOCIONAIS

13 A 19 DE JULHO
RIOCENTRO

J. TRÊS

O ÚLTIMO REBELDE DE HOLLYWOOD

MICKEY ROURKE

Aquele sorriso. Um foco de atração sobre seu rosto. O rosto mais fotografado para capas de revistas de cinema do momento. A imagem romântica do último rebelde de Hollywood. *Marcel Plasse* coloca óculos escuros e investiga o sucesso do novo mito das telas

Mickey Rourke é a mais nova *mosca* do cinema. Fora de forma, cabeludo, barba por fazer, olhar perdido. A imagem da decadência. Tente vê-lo como símbolo sexual, ou reconhecer Faye Dunaway, sua parceira, sem a maquiagem.

A pose *cool cat* que alcançou notoriedade torturando publicitariamente Kim Basinger durante nove semanas e meia já era. Ele está *um lixo* em seu último filme, *Barfly* (literalmente "mosca de bar"), como convém ao alter-ego etílico do escritor Charles Bukowski.

Quem atiçou Bukowski a escrever seu primeiro roteiro foi o diretor Barbet Schroeder, mais conhecido por instigar o grupo Pink Floyd a pôr música em seus filmes *More* e *La Vallée*.

Mas se as meninas da primeira fila perderam um gato, os volumes dedicados ao cinema dos anos 80 ganharam um novo capítulo. Os críticos que martelaram *ad infinitum* que ele era ator de uma única face devem estar agora mesmo se demitindo.

Ele não é apenas o astro mais controvertido dos *States*. Em constante *entournage*, Mickey é também o ator mais requisitado do momento. Além de *Barfly*, completou dois novos filmes que, por motivos diversos, repercutiram o suficiente para fixar seu charme *outsider* — cotado em alta para papéis mistificadores.

Em *Angel Heart*, é outra versão do *detetive na tela:* Harry Angel, um personagem criado por William Hjortsberg, roteirista de *A Lenda* (dirigida por Ridley Scott). Nas ruas de New Orleans, ele busca um cantor desaparecido e aparentemente envolvido com o diabo. O diabo não é tão feio quanto se pinta. É Robert De Niro. Como se não bastasse, o filme ainda conta com a perfeita presença de Charlotte Rampling. E a assinatura de Alan Parker, que dirige o esperado encontro das feras com imagens na medida: inesquecíveis. A crítica internacional já aplaudiu ou vaiou de pé.

A outra realização, *A Player for the Dying*, apesar de também ter sido rodada antes de *Barfly*, ainda não estreou. Mesmo assim, já causa controvérsia, devido às acusações que Mickey tem levantado contra os produtores.

Como sempre, Mickey costuma atrair mais polêmica do que reconhecimento. Nunca foi indicado para o Oscar, mas desde o ano passado é um dos atores americanos que mais sucesso faz entre os europeus, que não se cansam de retratá-lo nas capas de suas publicações especializadas.

Ele tem estilo. E escola. Seu primeiro passo foi dado muito antes daquele que o levou aos estúdios onde Spielberg filmava *1941* (em 79), para fazer sua primeira figuração — numa cena não aproveitada. Seu ingresso na tradição dos *desesperados* hollywoodianos tem passagem curricular pelo *Actor's Studio* e seu famoso *Método* de interpretação. Lá está a gênese da dissolução de personagem e ator em um simbolismo sagrado de dor e raiva, que tem entre seus expoentes máximos James Dean e Marlon Brando (como ambos, Mickey depois diria que o *Actor's Studio* é apenas um prédio...).

Depois que aceita filmar um roteiro, ele se transforma. Sua última façanha foi deixar uma jornalista francesa na dúvida sobre se o estava entrevistando ou ao seu personagem em *A Player For The Dying*.

O primeiro papel a projetá-lo foi o atormentado irmão mais velho de Rusty James no filme *O Selvagem da Motocicleta (Rumble Fish*, 83), de Francis Coppola. Um papel que ele adora, um personagem sem nome — *the Motorcycle Boy*. Uma abordagem em preto & branco da mística do rebelde na tela.

No clima revivalista que assola o universo, não faltou quem quisesse vê-lo como um novo Brando. Nem é preciso muito esforço para ligá-lo ao passado no *Actor's Studio* e o papel de jovem motoqueiro em *O Selvagem (The Wild One)* do mito mencionado. Difícil mesmo é ver *9 1/2 Semanas de Amor* como o *Último Tango em Paris* revisitado...

A verdade é que Mickey é um ator esperto, que está se construindo meticulosamente. Chega a detalhes mínimos. Por exemplo, o nome de seu primeiro personagem, um *cowboy* sócio de Christopher Walken em *Portal do Paraíso* (80), de Michael Cimino, é Nick Ray — referência a Nicholas Ray, diretor, entre outras coisas, do clássico western *Johnny Guitar* e, claro, de *Juventude Transviada*. O problema é que este pequeno papel, da mesma forma que a ponta em *1941*, foi cortado na montagem final.

Sua preparação também é *algo*. Para filmar *Nos Calcanhares da*

Foto Garcia Stills

Máfia, passou semanas entre os marginais do *Greenwich Village*, torrando uma nota preta em trajes *flashy*, tentando adquirir uma aparência conveniente a seu personagem. Levou três meses preparando-se para ser Stanley White ("...ele te olha direto nos olhos quando fala, e não de canto de olho como *Motorcycle Boy*") em *O Ano do Dragão*. Tingiu os cabelos, freqüentou as delegacias de polícia, assistiu autópsias... Passou quatro meses em Belfast, aprendendo o sotaque irlandês e falando com militantes do IRA, para compôr o Martin Fallon de *A Prayer for the Dying*.

A história subterrânea de Mickey Rourke é cheia de sutilezas. Antes de estrear no cinema, ele fez alguns telefilmes, onde, invariavelmente, encarnava um assassino psicopata. Quando, finalmente, estreou para o público das salas escuras, em *Corpos Ardentes* (81) de Lawrence Kasdan, ainda era um criminoso (dando conselhos ao *aprendiz* William Hurt). As duas cenas em que seu tom de voz e sorriso deixam todo mundo suando foram gravadas num único dia.

O primeiro papel importante foi sugestão do agente, em *Quando os Jovens se Tornam Adultos (Dinner, 83)*, um tipo de filme que ele nunca mais pretende repetir. Da história bobinha que o título brasileiro resume, só passou para sua mitologia precoce o nome do personagem: Boogie, taxado como referência ao apelido de Bogart. Depois disso, não faltou quem quisesse ver seu personagem em *O Ano do Dragão* como um novo Bogart...

O trabalho seguinte foi outro papel pequeno, em *Eureka* (83), ao lado de Gene Hackman e Rutger Hauer — e sob a regência de Nicholas Roeg, um de seus diretores

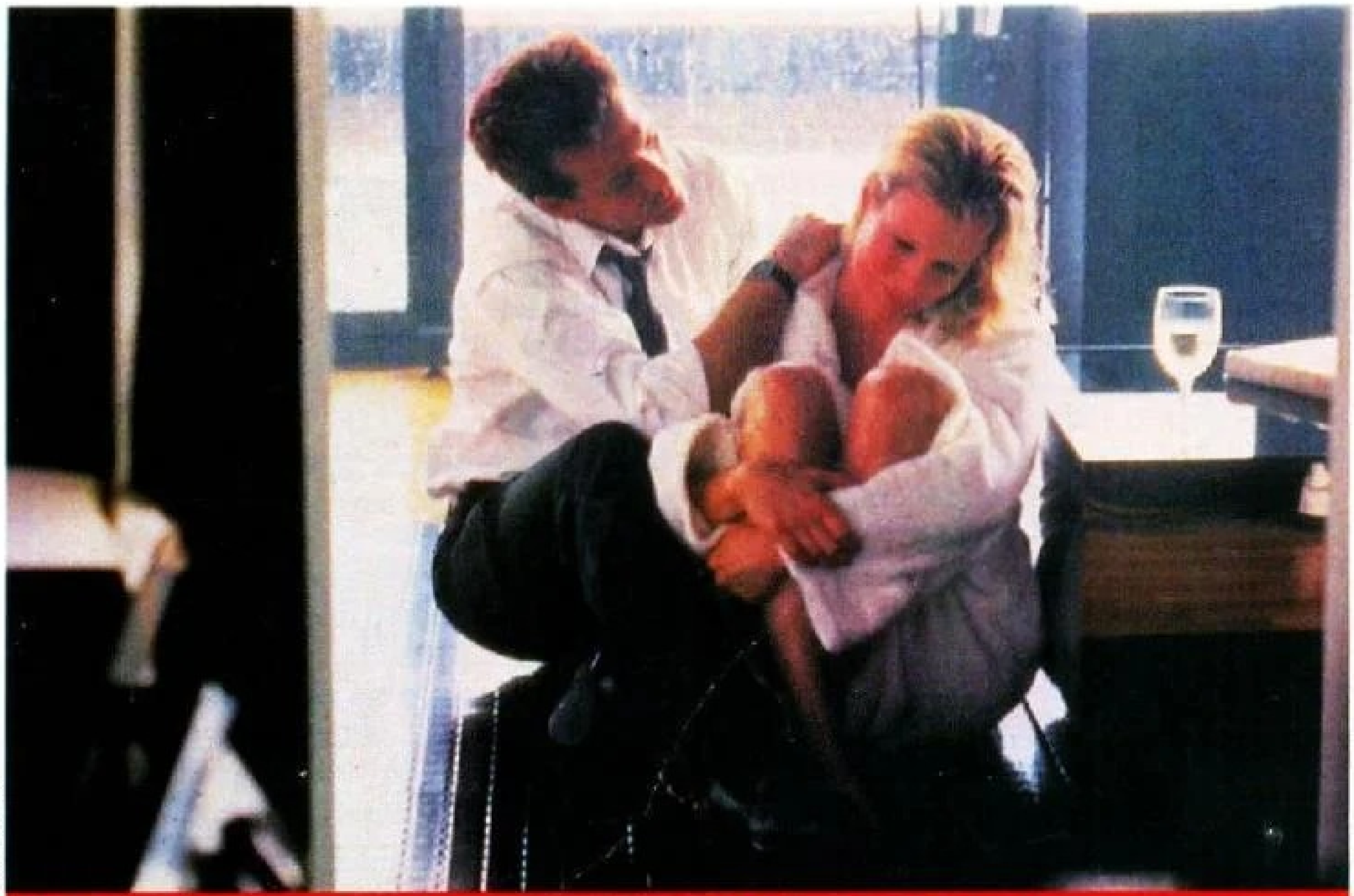


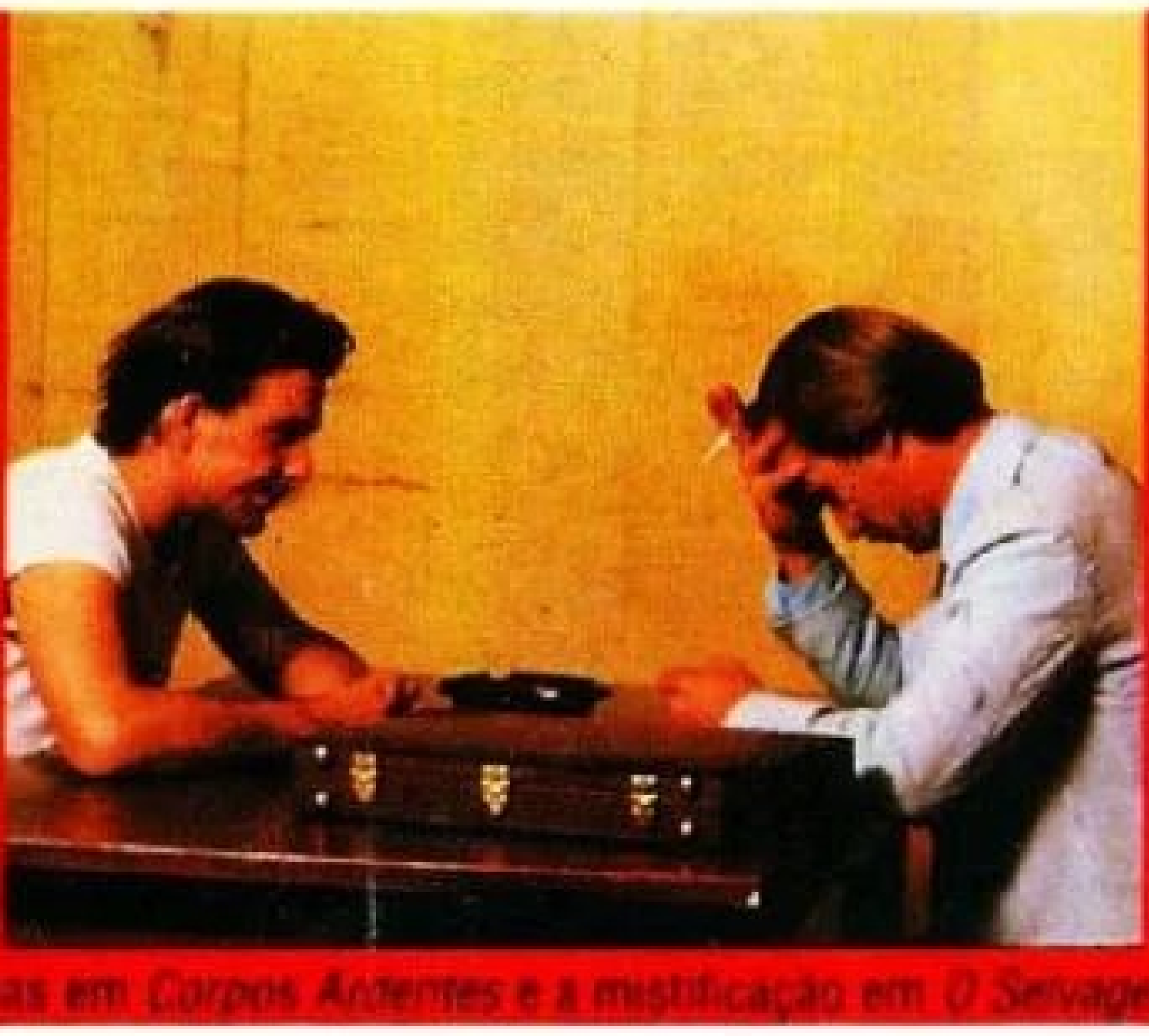
Foto Alvorada

Mickey e Kim Bassinger aquecem o erotismo publicitário de *9 1/2 Semanas de Amor*. As meninas sonham o resto

Foto Gamma Sigla

O choque da diferença. Faye Dunaway sem maquiagem suporta Mickey bêbado e nada sexy em *Barfly*

Foto Colorvision Inc.



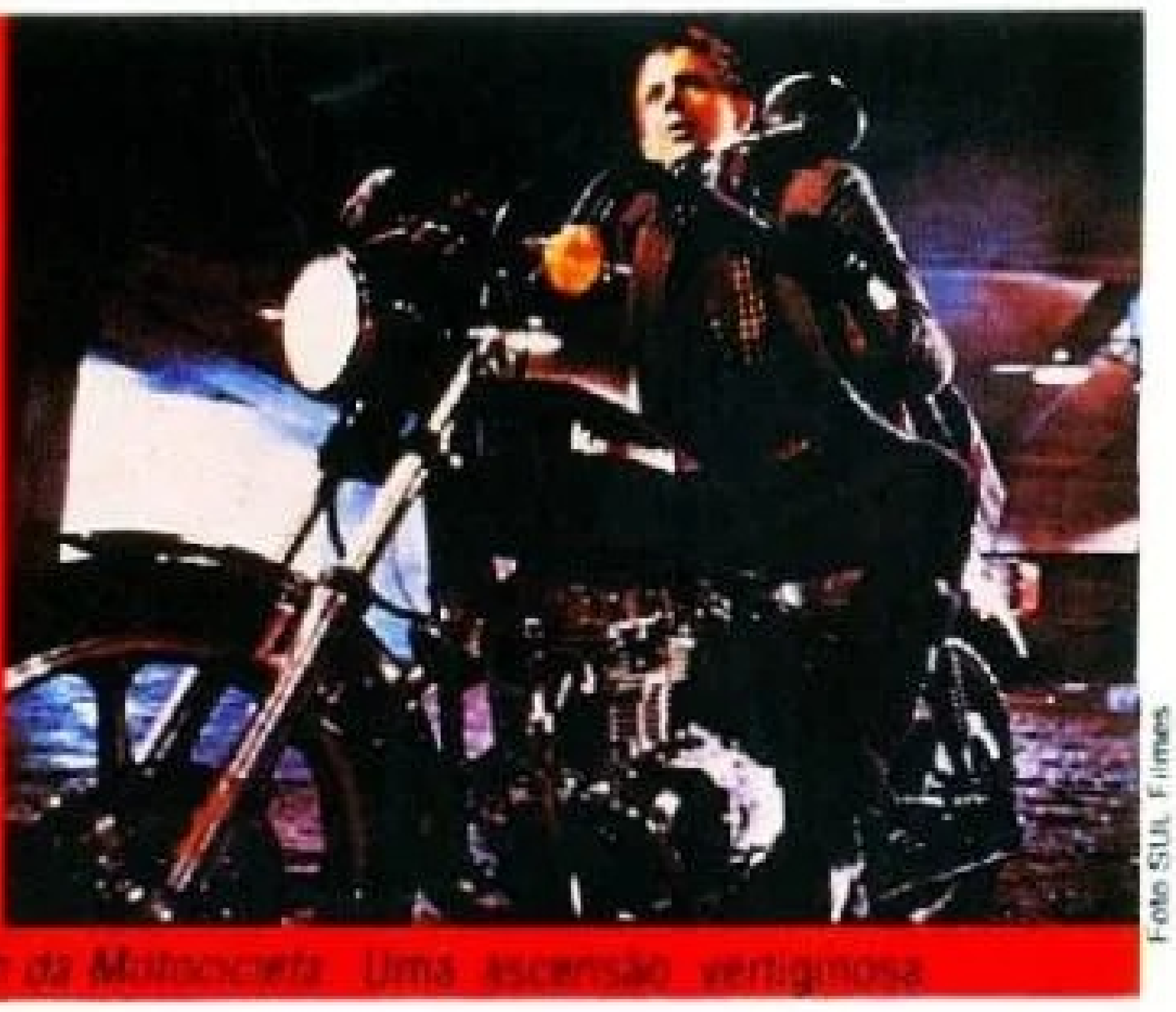


Foto SUL Filmes

A estréia abortada em *1941*, as primeiras cenas em *Corpos Ardentes* e a mistificação em *O Selvagem da Motocicleta*. Uma ascensão vertiginosa

Foto Gamma Sigla

O mais novo detetive da tela revira New Orleans à procura de uma alma perdida. Cena de *Angel Heart*

Foto Prod. DB

Nem Daryll Hannah socorreu *Nos Calcanhares da Máfia*

Foto Prod. DB

Mickey se salvou com alguns tiros em *O Ano do Dragão*

Foto Graham Atwood Stills

Um terrorista em ação. Ele quer enterrar o produtor do ainda inédito *A Prayer for the Dying*

favoritos, mais conhecido por tornar David Bowie *O Homem que Caiu na Terra*.

Depois de *Rumble Fish*, seu carisma cresceu mas não o suficiente para fazer Al Pacino contracenar ao seu lado. Isto aconteceria em *Nos Calcanhares da Máfia*. Pacino considerou Rourke muito jovem para ser o seu protetor na história, e este papel acabou sobrando para Eric Roberts. O filme ainda contava com a bela Daryl Hannah, mas, de qualquer forma, foi tão massacrado durante a montagem que acabou se revelando um equívoco.

Seu ainda inédito *A Prayer for the Dying* é outro que corre o mesmo risco. O que, somado ao corte de cenas em *9 1/2 Semanas* e a extinção de sua presença em *1941* e *Portal do Paraíso*, deve tê-lo tornado um tanto paranóico no que diz respeito à montagens.

O problema com *A Prayer*... é delicado. Mickey é de origem católico-irlandesa e tem simpatia pela causa. Filmou pela metade de seu salário habitual. E pela primeira vez aceitou trabalhar com um diretor (Mike Hodges) de quem nada conhecia. Porém, um produtor de Hollywood, associado à equipe inglesa, começou a implicar com ele desde o primeiro dia. Detestou a atuação, reclamou do sotaque... enfim, queria um filme diferente daquele que a interpretação de Rourke sugeria: um filme de *ação!*

"O filme será o que será, mas pelo menos eu arrisquei", Mickey assumiu numa entrevista recente. De qualquer forma, *Angel Heart* e *Barfly*, do mesmo período, estão entre as melhores performances de sua carreira. E, como se não bastasse, ele se prepara para filmar seu primeiro roteiro: *Homeboy*, a história de um boxeador. Ele próprio — pasmem — foi um boxeador antes de se tornar ator. O diretor será o responsável pela fotografia de *Angel Heart* e de todos os filmes de Alan Parker: Michael Sarasin, e o segundo papel masculino deverá pertencer a — pasmem novamente — Christophe Lambert!

Depois, talvez, faça um novo filme com Parker, uma história de amor rodada em Paris ou na Itália. Ele é incansável. E ainda há algumas lendas vivas com quem não filmou. "Honestamente, um dos diretores com quem eu amaria trabalhar é Polanski." Quem viver, verá.

VELUDO AZUL

Jeffrey (MacLachlan) mergulha fundo na perversão guiado pela bela Dorothy (Rossellini)

Céu aberto, tulipas e rosas: o rádio dá bom-dia à primaveril Lumberton (a cidade dos lenhadores) e se derrama em doces baladas. O velho Beaumont rega o gramado, mas o nó que bloqueia a mangueira — a água espirra da rosca, o cano vibra, sobrecarregado — é como o colapso que o derruba. Um cão (câmera lenta), patas sobre o homem caído, tenta morder o jato d'água... A câmera ultrapassa o corpo e mergulha no gramado, selva em miniatura, em um ninho de escaravelhos que rugem!

Uma abertura memorável para um filme memorável: som e imagem perfeitos, "publicitários", vendendo... doença. A plácida Lumberton é roída pela atividade dos policiais corruptos, dos bandidos psicóticos. Bela desforra do diretor David Lynch, vindo do fracasso de *Duna* (projeto que ele pegou em andamento e concluiu sob pressão dos produtores): *Veludo Azul* é um thriller escandaloso, inteligente e sarcástico, recheado de achados sonoros e visuais. Quem mergulha naquele mundo sórdido é Jeffrey Beaumont, jovem universitário que vem assumir a loja do pai, e faz uma macabra descoberta em um terreno baldio...

Jeffrey é Kyle MacLachlan — sósia e ator protegido de Lynch — e seu anjo da guarda e o demônio de plantão são a colegial Sandy e a cantora de nightclub Dorothy. Elas são como vinho e Ki-Suco: Sandy (Laura Dern) é a colegial romântica, saudável e bobona; Dorothy é Isabella Rossellini — a filha de Ingrid Bergman e Roberto Rossellini —, perversa e atraente. É entre essas figuras disparatadas que Jeffrey se precipita, num jogo vertiginoso entre o mal bom e o bem mau, perseguido de quebra pelo taradíssimo Frank (Dennis Hopper, horripilante), um gângster que cheira gás hélio para ficar doidão. *Wow!* O filme que venceu o último Festival de Cinema Fantástico de Avoriaz não é para ser perdido.

A.A.

A PEQUENA LOJA DE HORRORES

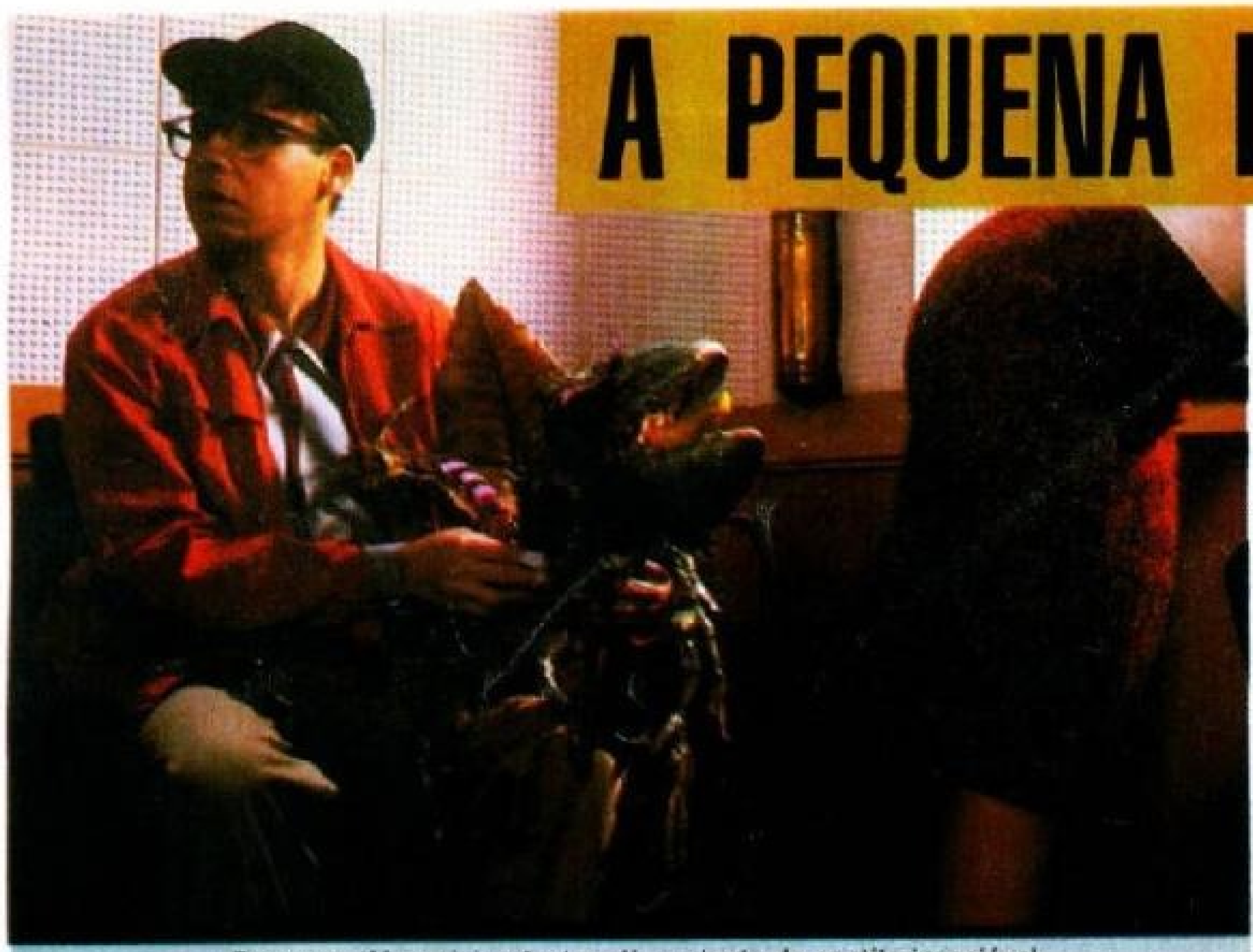


Foto Warner Bros

Seymour (Moranis) e Audrey II, a planta de apetite insaciável

"Feed me!", diz a planta com um ar faminto. Este apelo grotesco do *cult movie* do *cult director* Roger Corman de 1960 é repetido por Audrey II, o vegetal assassino de *A Pequena Loja de Horrores*, de Frank Oz (*Os Caça-Fantasmas* e *Os Muppets Invadem Nova York*). O primeiro é um clássico do terror B, que já foi classificado por uma enciclopédia de cinema de ficção científica como "o melhor filme rodado em dois dias e uma noite jamais feito". O segundo é uma comédia musical baseada num musical *off Broadway* homônimo, que se tornou um grande sucesso e ficou em cartaz durante três anos.

A história das três versões é basicamente a mesma — uma transposição botânica do eterno tema de vender a alma para o diabo — aqui na forma de planta-que-come-gente. Seymour (Rick Moranis) é um panacão, massacrado pelo patrão (Vincent Gardenia) e apaixonado pela "estonteante" Audrey (Ellen Greene). Sua sorte muda quando encontra uma planta exótica que irá se revelar uma ameaça.

Só que o clima é de comédia e a estrutura é de musical. Um coro feminino faz as explicações da história através das canções no estilo das Shangri-las. A própria planta tem um aspecto entre o ameaçador e o cômico. Aliás, a grande estrela do filme é esta criação de Lyle Conway, que passa por sete tamanhos diferentes — no último tem o tamanho de um fusca e requer cinqüenta pessoas para movimentá-la. Além disso, a não ser por uma cena realmente engraçada — do dentista sádico com o paciente masoquista —, é só recomendado para amantes de musicais.

B.A.

Dolphin

Tudo o que você gostaria de saber sobre guitarras, mas não tinha a quem perguntar.

EVITANDO ACIDENTES

Eis alguns cuidados para que seu instrumento continue bonito e funcional por muito tempo:

ARMAZENAGEM: guarde o instrumento em seu estojo, de preferência rígido, quando não o estiver usando. Isto o protege de sofrer extremas variações de temperatura e de umidade que ocorre durante o dia e ainda reduz as chances dele ser derrubado, riscado ou danificado de qualquer forma. Conserve-o longe das fontes de calor, como janelas, aquecedores, etc. Calor e umidade podem danificar o acabamento ou a estrutura de um instrumento, mesmo que dentro do estojo.

ARMAZENAGEM PROLONGADA: muitos instrumentos são danificados quando guardados por longo tempo com as cordas em tensão de concerto. Além das recomendações do parágrafo anterior, o instrumento deve ser desafinado (pelo menos uma oitava) para evitar a combinação de tensão com calor excessivo, possíveis numa armazenagem prolongada. Normalmente, o melhor lugar para guardá-lo é num armário não adjacente a uma parede externa ou debaixo da cama.

POEIRA: a poeira pode indiretamente danificar seu instrumento devido ao seu poder de reter a umidade. Mantenha-o sempre livre de pó. O melhor remédio para isso, é mantê-lo dentro do estojo quando não estiver em uso. Se estiver empoeirado, adapte uma pequena mangueira em seu aspirador e mãos a obra.

SUBSTÂNCIAS PERIGOSAS: desconfie de tudo que vai entrar em contato com a superfície de seu instrumento. Existem líquidos, como benzina, álcool e acetona que podem atacar a pintura. Para lustrar, use um produto confiável - de preferência aos formulados para instrumentos musicais - flanelas limpas e macias. Para retirar grandes sujeiras, o melhor é água e sabão neutro e depois um lustrador.

CORDAS: use sempre as cordas com a tensão recomendada pelo fabricante. Normalmente a desobediência a esta regra leva a invalidação da garantia. Cordas com a tensão acima daquela projetada pelo fabricante podem causar danos irreparáveis ao instrumento.

CONCLUSÃO: submeta seu instrumento à atmosfera em que você se sentiria confortável.

Qualquer dúvida, consulte-nos.

DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Av. Nossa Senhora do Sabará, 3771
CEP 04447 - São Paulo - SP.

POR VOLTA DA MEIA NOITE

Fim de noite de Dale Turner (Dexter Gordon): curtindo um pileque num beco parisiense...

Miles Davis já disse que não sentia saudades dos "anos dourados", as décadas passadas em que os maiores fenômenos do jazz varavam noites tocando em botecos enfumaçados e eram vítimas fáceis de vícios pesados. *Round Midnight* mostra a trajetória final de um desses gênios do jazz (a história é inspirada na vida de Bud Powell e dedicada a Charlie Parker e Lester Young).

Dale Turner (Dexter Gordon, bem à vontade no papel) é um saxofonista americano que vai fazer uma temporada numa boate em Paris. Turner acaba se tornando amigo de François (François Clouzet, excelente ator), um fã apaixonado pela sua música. Turner bebe muito e François, sabendo que a arte e a vida de Turner correm perigo, faz de tudo para ajudá-lo. Depois de algumas semanas de convivência, ele consegue fazer com que Turner abandone o vício.

Os diálogos são simplórios, mas isto não importa. A trama — o ritmo e a fotografia ajudam a evidenciar isto — gira mesmo em torno desta interessante contraposição: por um lado, a carreira brutalizada por um meio que não dá muita bola para o artista, e, do outro, o empenho e a sensibilidade do amante da arte, capaz de qual-

Foto Sipa Press

quer sacrifício para manter acesa a chama da criação (e é justamente por isso que a maioria dos grandes músicos americanos de jazz foi morar na França).

O diretor Bertrand Tavernier escolheu os atores e os cenários perfeitos, e ainda o músico certo para dirigir e compor a trilha sonora: Herbie Hancock, que arranjou e selecionou o vasto repertório da fita. Os músicos que tocam no filme são todos "monstros": John McLaughlin, Wayne Shorter, Tony Williams, Cedar Walton, Freddie Hubbard, Bobby Hutcherson, Pierre Michelot, Ron Carter e outros.

T.P.

LANÇAMENTOS

Foto Marino LFI

Ozzy Osbourne — The Ultimate Ozzy — (estéreo hi-fi, 85 minutos, CBS/Fox) — Oooooozzzyyy! O terrível! A Dercy Gonçalves do heavy metal (ops!) está de volta em um de seus vídeos mais hilariantes (ou sérios, depende do seu ponto de vista). É quase a íntegra de um show que inclui petiscos singulares: o monstro que despeja Osbourne no palco e dá início aos trabalhos e a hora em que Ozzy arrasta o guitarrista pelos cabelos são alguns dos pontos altos (altos?).

Kiss Meets the Phantom of the Park — (mono, 96 minutos, Wordvision) — Houve uma época em que o Kiss usava maquiagem (tempos antigos, lembram?). Nessa época Peter Criss e Ace Freheley ainda eram da banda. E foi então que o Kiss resolveu cometer um longa-metragem de ficção. No caso, *este* vídeo. O Kiss se atraca com um cientista vilão que tenta substituir os integrantes da banda por clones. A história começa — nada mais apropriado — num parque de diversões, onde o Kiss está dando um show. E a história é chata pacas. Estritamente para fãs e masoquistas.

Kid Creole and the Coconuts — The Leisure Tour — (mono, 60 minutos, Embassy) — O som pode não ser exemplar — quem viu os shows que a banda fez durante sua turnê brasileira lembra bem da *real thing*. Mas não deixa de ser gostoso reviver um dos melhores espetáculos que o pop pode oferecer — saleroso, sacana e sofisticado. August Darnell e sua banda de 12 integrantes ainda sabem balançar pés e virilhas de uma platéia.

Airto Moreira/Flora Purim — Harvest Jazz — (mono, 60 minutos, Sony) — Nossos famosos conterrâneos em ação, tendo como convidados o percussionista Laudir Oliveira (também brasileiro), o tecladista Kai Adagi, o guitarrista Larry Nash e o baixista Keith Jones. No repertório, hits como "Light As a Feather" e "Nada Será Como Antes", cantada em inglês.

PARADA

1 BON JOVI — Bon Jovi
2 CONTROL-THE VIDEOS — Janet Jackson
3 LIVE WITHOUT A NET — Van Halen
4 MOTLEY CRUE UNCENSORED — Motley Crue
5 EVERY BREATH YOU TAKE-THE VIDEOS — The Police
6 DOKKEN — Dokken
7 DAVID LEE ROTH — David Lee Roth
8 THE COMPLEAT BEATLES — The Beatles
9 COLOR ME BARBRA — Barbra Streisand
10 THE PRINCE'S TRUST ALL-STAR ROCK CONCERT — Vários

Fonte: Bilboard

Fotos R. Tucci

GENESIS

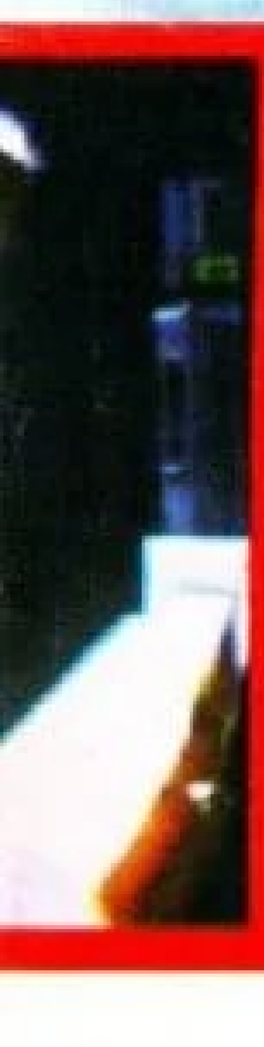
"LAND OF CONFUSION"

Dirigido por John Lloyd e Jim Yukich

Yukich é um experimentado capitão de muitos clips do Genesis. Em todos soube tirar bom proveito do lado bem-humorado da banda. São inesquecíveis as intervenções sacanas no clip de "Invisible Touch".

Agora Yukich e o Genesis se uniram para criar um clip tão divertido quanto provocante. Em nenhum momento a banda aparece no vídeo de "Land of Confusion". Em seu lugar surgem os bonecos da trupe inglesa Spitting Image.

Na literal Terra da Confusão em que o mundo mergulhou, Ronald Reagan sonha com guerra após guerra. Astros que fazem sua aparição — Prince, Mick Jagger, Tina Turner, Bob Geldof — representados por bonecos, uma clara referência a esforços conjuntos do tipo "We Are the World". Reagan, distraidão, acorda de seu pesadelo favorito e busca auxílio de um empregado. Só que na hora H de chamar o serviçal... erra o botão e aperta justamente aquele!



NOTAS

■ Vem aí *In Square Circle*, o longa. Trata-se da filmagem de dois shows que **Stevie Wonder** fez no Madison Square Garden, no decorrer de sua turnê norte-americana no ano passado. O diretor Bill Parker gravou tudo com câmeras de 35 mm e equipamentos de som digital. As primeiras cenas do trabalho deverão se tornar públicas em breve, no clip de "Spiritual Walker".

■ E já que estamos falando de superastros negros, aconteceu em março, em Santa Monica (Califórnia) a entrega dos *Soul Train Awards*, o que se poderia chamar de *Grammy* da música negra norte-americana. O evento foi criado pelo programa *Soul Train*, veterana espécie de vitrine da música negra. Durante os anos 70, artistas como **Marvin Gaye** eram *habitués* do programa. Mais tarde, num formato mais democrático, até **David Bowie** participou de um par de programas.

■ Os ganhadores dessa primeira premiação foram: **Janet Jackson** (Álbum Feminino do Ano), **Luther Vandross** (Álbum Masculino do Ano), **Al Green** (Melhor Álbum Gospel) e **Gregory Abbott** (Melhor Disco de Estréia).

■ Se pintar uma oportunidade, não deixe de ver a série "Live At the Ritz", que a **MTV** põe no ar mensalmente. São shows completos, gravados num dos clubs mais populares de Nova York. No último programa, foram mostrados shows **de Julian Cope** e do grupo **Hoodoo Gurus.**

■ Aparentemente foram por água abaixo os planos de se lançar a curto prazo um longa em vídeo com a íntegra do show que **Bruce Springsteen** fez em 1985, durante a turnê *Born in the U.S.A.*. O material estava sendo compilado e editado pelo diretor **Arthur Rosato,** mas é bem possível que o resultado final sirva apenas de arquivo para o artista e a gravadora (ouvi falar em cópias piratas?).

INGLATERRA, SAFRA 87

Age Of Chance: despontando entre os melhores novos grupos ingleses. A cult-band do ano?

Que grupos ingleses despontarão em 87? *Pepe Escobar* banca apostas contra seu toca-discos importado

Todo santo ano de Sta. Michael e St. George, nesta ilha, todo mundo tem mania de apostar em um grande estouro musical. Com um certo quarteto de Liverpool foi assim, com uns outros certos coelhinhos de Liverpool foi assim, com Sigue Sigue Sputink não foi assim... Com os Smiths, no tempo em que Morrissey vivia enfurnado no seu quartinho de Manchester, lá no longínqüo 83, foi assim. No ano passado, todo mundo previu Patsy "Bardot" Kensit como a nova Madonna *senza bambino*. Hoje ela não ganha nem Aids, quanto mais uma música para gravar.

A seguir, segue uma listinha do que tem tudo para estourar em 87, aqui na ilha e aí nos trópicos, com o atraso regulamentar, em 89 ou na década que vem. Se não estourar, fica o efeito That Petrol Emotion: bandinha ótima, bons shows, bons *singles*, e motivo de visita aos botecos especializados em vinil.

BAND OF HOLY JOY — Favorita da moçada atacada por *spleen* existencial, ou por falta de $$$ mesmo. Fuzuê acústico. Letras bem-humoradas. Aí no Brasil será favorita de *designers* metidos.

STUMP — Essa é barra pesada. Ou melhor, seu vocalista, um esquizo de camisa-de-força, carequinha e com um topetinho rockabilly. Com boa vontade, o som lembra uns *twists* do Television, pré-apresentações ao vivo. Com má vontade, é trilha pra tortura em hospício. São os primeiros e últimos contratados da *Stump Records*.

YEAH JAZZ — Muito, mas muito melhor, mais poesia dilacerada e *ovations* sofrendo à flor da pele do que o Aztec Camera fase "We Could Send Letters". Ninguém sabe nada sobre eles. Não saem na mídia em lugar nenhum. Até agora ninguém os viu ao vivo. Pode ser um caso glorioso de um *single* memorável e, depois, a obscuridade eterna. O *single* tinha (não tem mais) na *Rhythm Records* londrina, em *Camden Town*.

VIEW FROM THE HILL — Pop/soul de classe. Hoje, aqui, toda a indústria quer atacar de pop/soul, porque o dito rock tradicional está absolutamente morto. Esse trio black vai na linha de Smokey Robinson and the Miracles. Ótimo primeiro *single:* "No Conversation".

YES/NO PEOPLE — Choque de jamantas carregadas de pop, funk e bebop, com percussão latina arrasadora. Gravam pela *London Records*, a mesma que distribui Run-DMC e *house music* de Chicago. Podem reduzir a concorrência a pó.

THREE WISE MEN — *Hip hop* londrino com alta taxa de politização e consciência social. O *hip hop* nova-iorquino fala mais de trepadas fáceis, negada malandra, *junk food* e dá um ocasional pau no consumo de drogas. Esses três homens sábios passeiam pela decadência urbana dos subúrbios ingleses e não poupam nada.

SLAB — Punk-jazz tipo "bigorna arrebentando a cabeça", marca de excelência da soturna Sheffield (que por outro lado também é a terra do Cult). Avançam no funk pós-industrial privilegiado pelo Chakk e Cabaret Voltaire. Já andaram abrindo shows para A Certain Ratio. Breve, se bobear, inverte a ordem.

AGE OF CHANCE — O melhor para o final. São de Leeds. Fazem um tremendo barulho *à la* Sheffield. Seu *remix* da principesca "Kiss" é sério candidato a *single* da década. É a *cult-band* de 87.

A B Z
ROCK
brasileiro
Marcelo Dolabel
GUIA ILUSTRADO
2500 ROQUEIRO
1.ª EDIÇÃO
Use o cheque nominal ou vale posta
Você receberá seu livro com mais rapidez e segurança sem as despes do correio.
1. CHEQUE NOMINAL
Preencha corretamente o cupom ao lado e envie-o juntamente com o se cheque (cruzado) À ESTRELA DO SUL EDITORA. Caixa Postal 8640 - Cep 010 SÃO PAULO - SP.
2. VALE POSTAL
Apanhe um vale postal em qualque agência do correio. Preencha com seguintes dados: Haddock Lobo, 56 Cep 01414 - Cod. 400017 - SÃO PAULO SP - destinatário: ESTRELA DO SUL EDITORA e Art. Graf. Ltda. Junte ao pedido e envie para a ESTRELA DO S Caixa Postal 8640. Cep 01051.
Em seguida, você receberá o aviso correio para retirar o seu livro.
Garanta o seu livro. Faça já o seu pedido.
Sim, desejo receber o livro ABZ ROCK BRASILEIRO, de Marcelo Dolabela. Pagarei à vista Cz$ 380,00, vi
☐ Cheque Nominal
☐ Vale Postal
☐ ao receber a encomenda, comprometendo-me a retirá-lo no correio
LIVRO | QUANTIDADE | PREÇO UNITÁRIO | TOTAL
ABZ ROCK BRAS. | | Cz$ 380,00 |
Nome:
End.:
Est.:
CEP:
Envie este cupom ou cópia para ESTRELA DO SUL EDITORA,
Caixa Postal 8640 - Cep: 01051 - SÃO PAULO - SP
BIZZ 23

OS MULHERES NEGRAS

Uma big band de dois desperta interesse dos porões paulistas. E o grande público?

Foto Ary Diesendruck Azul

Da esquerda: André e Maurício, usando o humor como remédio para os maus tempos

Eles são engraçados... Lembram o Gordo e o Magro no palco. O som cabe tanto num coreto de interior quanto num porão urbano. E talvez por isso mesmo estejam criando uma certa fama no underground paulista. Mas o grande público também iria gostar. No entanto... Peninha Schmidt (produtor da WEA), por exemplo, disse há uns cinco meses, quando ouvia, deliciado, uma fita do grupo: "O Brasil não está preparado para Os Mulheres Negras".

Por essas e outras, talvez o grande público nem venha a conhecê-los. E eles desistirão? André: "Mesmo que não aconteça nada, nunca vamos parar de tocar... Se você fizer uma análise melódica, harmônica do nosso som, vai perceber que é primitivo, popular". A "banda" se compõe de André (sax tenor), Maurício (guitarra), um computador rítmico, um pedal *octaver* — para reproduzir um timbre de baixo na guitarra — e um *sampler*. "A eletrônica não é para ser robótica e sim para ajudar a soarmos como uma *big band*. Se encanarmos, desligamos tudo no meio do show e depois retomamos. Ela (a eletrônica) é obediente", fala André. O som é um misto de "choro, funk, punk, jazz e Villa-Lobos", como eles dizem. O senso de humor prevalece nas músicas com vocal. Os títulos variam de "19:30" e "Mãoscolorida" até "História Completa da Abolição da Escravatura/Bugrie Ugre".

Sair do Brasil? "Não", diz André. "O foguete lá fora está caindo. Aqui ele está subindo, nem que seja para o inferno... São outras forças... Só falta encontrarmos um jeito brasileiro de fazer música pop."

Sônia Maia

THAÍDE

Quais são as semelhanças entre uma prosaica lata de lixo e um computador rítmico?

Foto Ary Diesendruck Azul

Thaíde (o único de chapéu, ao fundo) e sua gang

Já que a moda agora é rap, funk, hip-hop e colagens em geral, nada melhor que falarmos com quem já está nessa barca há muito tempo e não só boiando na onda, como muitos por aí... Vai, então, uma apresentação de Thaíde, "descoberto" por Nasi e André do Ira!, quando ambos passavam pela estação São Bento do Metrô, em São Paulo.

Ele vem da Vila Missionário (periferia paulistana) e conta como começou essa história de se tornar "um dos melhores rapistas do país", como diz o pessoal do Ira! e o D.J. responsável pelos efeitos em cima do vocal de Thaíde, 1 Berto. "Teve uma vez que comecei a bater numa lata de lixo e fazer um ritmo e o pessoal — Back Spin Break Zone, nome da gang — começou a bater palmas e eu cantei umas músicas em cima... Tinha um colega que queria gravar um disco de rap, só que ele morreu, mataram ele. E pensei: pô, vamos fazer uma homenagem a ele, nesse estilo. Depois de uma semana cantei no Archote (Moema) e todo mundo gostou. Falaram que se eu descolasse uma gravadora independente ia fazer sucesso... Eu não sabia dançar, nunca consegui me identificar. Chegava num lugar e todo mundo perguntava quem eu era. Hoje não, todo mundo sabe que eu sou o Thaíde. Já me ajuda bastante..."

O que você diz nas suas letras? "Falo de política. Meto o pau mesmo porque nunca gostei desse barato... Eu não tenho estudo. Tenho a maior vontade de estudar, mas... Sabe o que eu quero? Quero ficar assim para ser presidente do Brasil. Quero continuar burro porque acho que quanto mais burro eu for, mais capacidade eu vou ter para ser presidente... Falando sério!"

Sônia Maia

RECEBA EM SUA CASA...

ALL JACKETS

O estilo esportivo da moda inverno.

MOCHILAS SPORT BAG

Para ir à escola, clube ou passeios, as Mochilas Sport Bag são muito práticas, bonitas e resistentes. São as únicas confeccionadas em nylon dublado tipo exportação, totalmente acolchoadas com espuma, alças reguláveis, dois bolsões frontais com zíper e amplo compartimento interno.
Modelos: Skate - patchwork surf - gaivota.
Dimensões: 30x41x17 cm

JAQUETAS U.S.A.F. MA-1 e CAMUFLADA AM-3

Usadas pela Força Aérea Norte-Americana, elas são confeccionadas em cetim de nylon e forradas com manta térmica de poliéster. Ideais para baixas temperaturas, as Jaquetas U.S.A.F. são reversíveis, tendo seu interior na cor laranja que se destaca nos casos de busca, salvamento e sobrevivência.
Tamanhos: P, M, G e GG
Cores: verde, preta, cinza e camuflada

BOLSA PARA MATERIAIS ESPORTIVOS

Ótima para quem pratica ginástica ou esportes, esta bolsa totalmente emborrachada, possui zíper de nylon, presilhas cromadas e resistente alça de poliéster. Ela pode ser transportada em malas de viagem, guardando roupas e tênis sujos ou úmidos, sem qualquer contato com outras peças limpas. Pode ser levada, também, na mão, na bicicleta, no porta terno, ou aberta na mala.
Dimensões: 44 x 36 cm (fechada)
44 x 72 cm (aberta)
Cores: vermelha - azul - amarelo

PRODUTOS DO GRUPO

ZÍNKA

FILIADA À ABEMD ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MARKETING DIRETO

FAÇA JÁ O SEU PEDIDO PELO TELEFONE

(011) 533-2888

OU ENVIE SEU CUPOM PARA
ALL JACKETS LTDA. - R. Apatita, 52 - CEP 09850 - S. Bernardo do Campo - SP

Desejo receber os seguintes produtos, nas cores e tamanhos que indicarei com "X".

MOCHILAS: 1 | 2 | 3 | 4 | Cz$

JAQUETAS: tamanhos P 46 | M 48 | G 50 | GG 52 |

Cores VERDE | PRETO | CINZA | CAMUFLADA | Cz$

BOLSA PARA MATERIAIS ESPORTIVOS: 5 | 6 | 7 | Cz$

DESPESAS DE CORREIO: Cz$ 90,00

Estou enviando juntamente com este cupom, cheque(s) nominal(is) no valor total de: Cz$

(Preencha com letra de forma)

BIZZ 23

NOME

END. N°

APTO TEL.: ( ) BAIRRO

CIDADE ESTADO CEP

U2

WITH OR WITHOUT YOU

(U2)

See the stone set in your eyes
see the thorn twist in your side
I wait for you
sleight of hand and twist of fate
on a bed of nails she makes me wait
and I wait... without you

With or without you
with or without you

Through the storm we reach the shore
you give it all but I want more
and I'm waiting for you

With or without you
with or without you
I can't live
with or without you

And you give yourself away
and you give yourself away
and you give
and you give
and you give yourself away

My hands are tied
my body bruised, she's got me with
nothing left to win
and nothing else to lose

With or without you
with or without you
I can't live
with or without you

COM OU SEM VOCÊ

Vejo a pedra colocada em seus olhos
vejo o espinho que gira em seu flanco
espero por você
jogo de mão e virada do destino
sobre uma cama de pregos ela me faz esperar
e eu espero... sem você

Com ou sem você
com ou sem você

Através da tempestade alcançaremos a praia
você dá tudo mas eu quero mais
e estou esperando por você

Com ou sem você
com ou sem você
não consigo viver
com ou sem você

E você entrega o jogo
e você entrega o jogo
e você entrega
e você entrega
e você entrega o jogo

Minhas mãos estão amarradas
meu corpo marcado de cicatrizes, ela me deixou
nada para conquistar
e nada a perder

Com ou sem você
com ou sem você
não consigo viver
com ou sem você

Foto Sipa Press

(c) Chappell Music

TRANSLATED LYRICS

A-HA - **SCOUNDREL DAYS**
WAR - BRUCE SPRINGSTEEN
CURE - **THE LOVE CATS**
THE LADY IN RED - CHRIS DE BURGH
CYNDI LAUPER - **CHANGE OF HEART**
EVERY BEAT OF MY HEART - ROD STEWART
SIGUE SIGUE SPUTNIK - **21st CENTURY BOY**
DONT STAND SO CLOSE TO ME - POLICE
SIOUXSIE AND THE BANSHEES - **ISRAEL**
THE BOY IN THE BUBBLE - PAUL SIMON
PRINCE - **ANOTHERLOVERHOLENYOHEAD**
PANIC - SMITHS
UB 40 - **SING OUR OWN SONG**

...AND MUCH, MUCH MORE MUSIC AND FUN.
YOU'LL HATE YOURSELF IF YOU LOSE IT:

NAS BANCAS

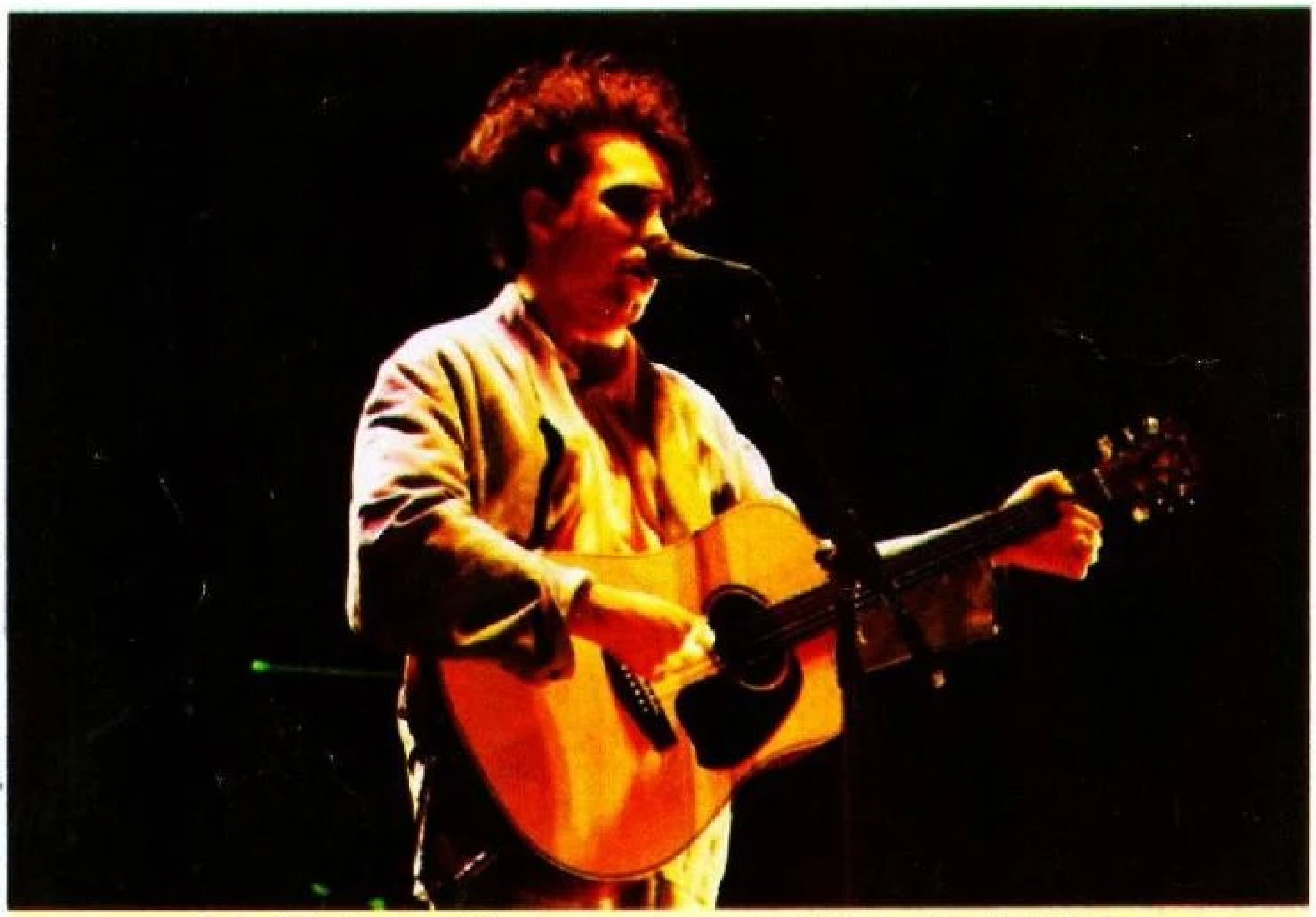


Foto Fabiana Figueiredo

No Brasil, Smith usou o violão Ibanez em duas canções: "Inbetween Days" e "Faith"

ROBERT SMITH

O fascínio pelos timbres e pelo *beat*

Robert Smith ganhou sua primeira guitarra quando tinha seis anos de idade. "Foi meu pai quem me deu a guitarra", ele conta. "Ficava brincando com ela até os dez anos, quando comecei a ter aulas de piano, junto com minha irmã. Ela era um gênio no instrumento, e eu fiquei frustrado com minha incapacidade em evoluir no piano. Voltei para a guitarra."

Smith estudou piano dos dez aos doze anos, e teve aulas de guitarra dos doze aos catorze. "Não me lembro de nada que tenha aprendido nessa época", ele diz. "Só me lembro que sempre ficava assistindo aos amigos do meu irmão tocando guitarra. Adorava isso."

Sobre sua opção pela guitarra, o líder do Cure foi mais fundo: "Cada instrumento tem uma espécie de mentalidade própria. Instrumentos de sopro são bem diferentes de instrumentos de corda. E no que concerne à guitarra e ao violão, sempre me fascinei pelos mitos que giram em torno desses instrumentos. São pessoas completamente diferentes. Você tem de um lado um gênio estudioso e peculiar como Julian Bream (violonista clássico) e do outro alguém como Jimi Hendrix, que conseguia tocar em qualquer condição, mesmo nas ocasiões em que mal conseguia ficar de pé no palco. Além disso tudo, gosto muito do jeito como se pode levar um *beat* (andamento) no instrumento. E é bem mais fácil sair por aí com uma guitarra do que com um piano".

Smith foi autodidata na medida em que sempre evitou a cópia de seus maiores ídolos, principalmente Jimi Hendrix. "Nunca tentei imitar um estilo. Sempre me liguei nos timbres da guitarra e fugi dos padrões 'roqueiros'. Para falar a verdade, me considero um guitarrista limitado. O que eu toco mesmo é guitarra-base."

A relação dele com seu instrumento é bastante peculiar. Compra guitarras pelo desenho do modelo, e não pelo som. "É por isso que não gosto de guitarras Gibson", ele declara. "Odeio os formatos dos modelos Gibson."

Robert Smith gosta de vários guitarristas da atualidade: "Gosto muito de Will Sargeant (guitarrista do Echo & The Bunnymen) e também de Bernhard Albrecht (mais conhecido como Barney Sumners — guitarrista/cantor do New Order). Não gosto das composições de Elvis Costello, mas admiro muito o jeito dele tocar guitarra. Ah, tem também a Joan Armatrading. Ela é brilhante. Gosto da guitarra do William Reid, do Jesus and Mary Chain. E da Suzanne Vega" (a única americana citada, os outros todos são ingleses. Vega, assim como Joan Armatrading, é especialista em violão de seis e doze cordas).

Com esta listinha de "preferidos", Robert Smith deixou bem clara uma constatação: para ele, o que menos importa é a habilidade técnica do instrumentista, mas a originalidade e o *feeling* que ele impõe no instrumento. *T. P.*

FICHA TÉCNICA

OPULÊNCIA MINIMALISTA

Quando um músico é famoso como Robert Smith, fica difícil se ter uma noção exata sobre a quantidade de guitarras que possui. A cada semana que passa, ele acaba ganhando duas ou três de determinado fabricante, devolvendo outras duas para outros e ainda acaba comprando alguns modelos exóticos em lojas de primeira e segunda mão. No palco, ele usa três ou quatro guitarras — isso depende do repertório escolhido: Fender Jazz Master, Vox Teardrop (que tem o formato de uma gota de água gigantesca), Chet Atkins Gibson (apesar do "eu odeio os desenhos dos modelos da Gibson") e o violão acústico Ibanez. Quando entra em estúdio, dá preferência à sua Fender Telecaster e à sua Vox. Quanto aos encordamentos, só usa um tipo: Rotosound, espessura 010 em diante.

Os efeitos que Smith usa em estúdio são basicamente os mesmos que usa no palco. Ele até que não abusa muito: no palco, usa apenas uma pedaleira Vox BCB fabricada pela Boss, e que reúne cinco efeitos — delay, overdrive, flanger, chorus e um equalizador gráfico. Uma curiosidade: nas faixas "Primary" (cuja versão de estúdio está nos LPs Faith *e* Standing on a Beach) *e "Inbetween Days" (do* The Head on the Door *e* Standing on a Beach) *Robert Smith toca um baixo elétrico de seis cordas.*

ALTERNATIVA NATIVA

JULHO 19h CANECÃO

UM LANCE DE

ALTERNATIVA®

A MODA DO MUNDO DA RUA QUE
VOCÊ CURTE NA MESBLA

Por Pepe Escobar

Foto Abril

Há uma década, no auge do cinema new wave nova-iorquino, os assimétricos **Beth e Scott B.** eram o máximo do *no wave* visual, os equivalentes em imagem de **DNA** - a banda de Arto Lindsay, na época — e **Tee nage Jesus and the Jerks.**

Beth B. — depois de alguns clips e muito Super 8 — agora está de volta com um longa-metragem de baixa produção, *Salvation!*, uma paródia sarcástica do cine estilo Hollywood. O problema é que a sátira contra a religião do consumo e o abuso televisivo afoga-se cinematograficamente: Beth B. usou demais umas seqüenciazinhas puro MTV. New Order e Cabaret Voltaire estão na trilha sonora, mas não adianta muito. Beth B. perdeu a sua bizzaria espetacular. A grande revelação termina sendo, como atriz, a adorável **Exene Cervenka,** a vocalista do X. A gata vai longe, e pode terminar logo, logo nas telas do *big budget*.

O rock, new wave, ou seja lá o que for, italiano, vai muito bem, com mais de 50 bandas disputando à paulada um lugar ao sol inebriante do vinil e do sucesso. Do que andei ouvindo o melhor é sem dúvida **C.C.C.P.**, um assalto político-musicológico responsável, entre outras coisas, por um peculiar disquinho intitulado *Affinita-Divergenze fra il compagno Togliatti e noi*. **Palmiro Togliatti** era secretário-geral do PCI nos tórridos anos 60, pré-compromisso histórico e terrorismo. Fora isso, os *designer boys* e *material girls* da península continuam fissurados em **Smiths** e **Cocteau Twins.** Nas rádios, o melhor fica em alguns programas da emissoras populares, como "Shock'n roll" (Rádio Torino) e "Rockerilla Tunes" (Rádio Milano). Nas discos, o som é para a brigada Armani-Versace-Benetton. **Beastie Boys** precisa urgente dar um pulinho em Milão e chutar o traseiro da yupparada.

O Coil é uma bandinha muito peculiar. Não faz turnê. Os concertos são raríssimos. A promoção dos discos é mínima. Mesmo assim já tem um LP-culto, *Scatology*. Seu papel na cena independente inglesa é equivalente ao dos Virgin Prunes no início de sua carreira (agora estão meio caídos).

O Coil ataca na linha pseudo-esotérica experimental, com eletrônica bem-estruturada e até mesmo "canções". Não é tão demente quanto por exemplo o Psychic TV, que anda arrebentando por aí com uma série de 23 discos ao vivo... Seu segundo LP, *Horse Retarvator*, tem umas coisinhas ótimos: muita sexualidade alucinatória, festas de sangue dionisíaco, as tentações de Santo Antônio transpostas em música, uma contilena fantasmagórica inspirada na morte de Pasolini, uma *cover* alquímica de Leonard Cohen, cançoneta inspirada em uma poesia surrealista do beat americano Philip Lamantia. O tema condutor é uma visão messiânica da morte. Sensacional: nada do dogmatismo subteutônico dos grupos experimentais. O Coil solta breve um lautreamontiano LP, *Live at Maudoror*. Para maiores informações, os finos e chiques podem escrever para: Coil, BCM Codex, London WC1 N3XX, England.

Noite de homenagem ao verdadeiro e único Mr. Pop **Andy** "Trash" **Warhol**, uma semana depois de seu desaparecimento físico (sim, porque o da alma foi lá por 68, depois que tomou quatro tiros de uma feminista irada). Local: The Fridge, habitual discoteca desta coluna, em Brixton, quartiére black do sul de Londres. Filminhos da Factory, incluindo *Banana*, *Sleep* e cenas da moçada em (in)ação: **Viva, Joe D'Alessandro, Edie** (a musa junkie suicida), **Candy Darling.** Discotecagem com pérolas tipo "2000 Light Years from Home" e "Magic Carpet Ride". De repente — após umas três horas de espera — quem entra? A verdadeira e única **Nico**, a valquíria teutônica idolatrada por Andy. My God, que falta faz um Velvet Underground... Bandinha suporte com ataques arabo-afro.

Um saco. Nico, claro, mostrou firmeza no harmônio, cantou uma balada em homenagem a Gandhi, e quando todos já estavam em desespero, cantou o que os peregrinos queriam: "I'll Be Your Mirror", do LP da banana. Depois dessa, só pegando um *double-decker* soturno pela deserta madrugada londrina. *Rest in peace, Andy.*

Aos fissurados tropicais em garage bands, mais umas infos para provocar úlceras. A série *Battle of the Garages* já está no número 4. A *Pebbles* está no número 20 (Os últimos são excelentes). A insuperável *Back from the Grave*, da Crypt Records de New Jersey, está no número 6. Mas tentem de qualquer jeito conseguir algum da *Texas Punk*: já está no número 8, e cada vez mais demencial.

O **Ciccone Youth** produziu um dos melhores escândalos sonoros dos últimos meses, com seu single "Burnin' up/Into the Groove(y)", alta piratagem em cima da *bodybuilder* Madonna. É um cover visceral, esfaqueado de distorções cognitivas. A mulher de Sean Penn, naturalmente, odiou. O Ciccone Youth é formado por uma figura do **Firehouse,** outra do **Gone** e pelos alucinados nova-iorquinos do **Sonic Youth.** Viraram *cult* mas entraram em fria legal: Madonna tacou processo na moçada, e o single — no momento em que escrevo — está para ser retirado da praça. Ó Dona Ciccone, vá procurar o caminhão de onde caíste...

Lucifer Rising, de Kenneth Anger, é talvez o mais maldito cult-movie do cine pós-sixties. Anger, mago praticamente da doutrina do visionário inglês Aleister Crowley, rodou a primeira versão no meio dos anos 60. O ator principal era uma fera: **Bob Beausoleil,** ex-guitarrista do **Love,** uma das bandas que inventaram a psicodelia.

Muito bem. Um belo dia, em uma venda na Sotheby's londrina de objetos pertencentes ao mítico Crowley, Anger deu de ombros com Jimmy Page, o próprio. Como todo zeppiano está cansado de saber, Jimmy era outro crowleyano fanático: tinha uma livraria de textos esotéricos no centro de Londres, uma formidável coleção de relíquias, e até mesmo era o proprietário da Boleskine House, a casa de Crowley às margens do Loch Ness. Juntaram-se os dois e saiu fumaça: Jimmy aceitou fazer a trilha sonora para *Lucifer Rising*. Nesse tempo, a versão original já tinha reaparecido nas mãos nada mais nada menos de **Charles Manson,** o mefistofélico assassino de Sharon Tate.

Mas a história vai longe. Jimmy e Anger trabalharam juntos, e depois de uma lua-de-mel começaram as brigas. Virou quebra. Anger tacou uma maldição barra pesada em cima de Jimmy. Deu certo, porque há mais de uma década ele não dá uma dentro (tocar no **Firm** é realmente o fim da picada...) Anger também andou em baixa, mas parece que as coisas estão melhorando: foi sondado para dirigir a adaptação para a tela de *Hollywood Babylon*.

Quanto à trilha sonora, Anger pediu para Beausoleil, a esta altura na cadeia, fazer uma outra. Beau caiu matando nas guitarras hiperpsicodélicas, e o som casa em cima com as imagens de Anger: o filme começa no Etna em erupção: vai para as pirâmides, e é um show ininterrupto de simbolismo visionário. É encontrável em vídeo na Mystic Fire Video, em 24 Horatio St., em Nova York.

E o que aconteceu com a trilha de Jimmy Page? Ora, mais doenças: um grupo de fanáticos de Crowley encontrou a cópia original na Califórnia, há pouco tempo. A moçada remixou o áudio e lançou um LP em edição limitada. São 23 minutos. Um verdadeiro delírio pra colecionadores. Page usou vários instrumentos filtrados através de um Arp. Ficaram irreconhecíveis. A colagem é sensacional: vai num crescendo, e o clímax, no filme, corresponde à liberação da energia mágica.

Qualquer fissurado de Page dará a alma para ter este disco — que inclui uma foto do dito com a roupa do sacerdote em *Lucifer Rising*, e a mão na Estrela da Revelação. Mais cult do que isso, só passando uma noite com o monstro do Loch Ness. O disco saiu pela Boleskine House Records, P. O. Box 94, Carmichael, California 95608, USA.

Foto Abril

Toque às alturas.
RÁDIO CIDADE FM
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
PORTO ALEGRE
SALVADOR
BELO HORIZONTE
BELÉM
GOIÂNIA
VITÓRIA
MANAUS
CAMPINAS

cursos técnicos!

• eletrônica básica • eletrônica digital
• áudio e rádio • televisão pb/cores
• programação basic • programação cobol
• análise de sistemas • microprocessadores
• eletrotécnica • instalações elétricas
• refrigeração e ar condicionado

kits exclusivos!

Z-80

Kit de Microcomputador • Kit Multímetro Digital
e mais • Kit de Rádio AM/FM
• Kit de Televisão • Volt Amperímetro...
• Kit de Refrigeração
• Kit Digital Avançado

cursos por correspondência

intensivos! dinâmicos!

OCCIDENTAL SCHOOLS
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo SP
Fone: (011) 826-2700

SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES
SEM COMPROMISSO!

BI 28 23

OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP

Desejo receber, gratuitamente, o catálogo ilustrado do
Curso de ______ indicar o curso desejado
Nome ______
Endereço ______ nº ______
Bairro ______ Cidade ______ Estado ______ CEP ______

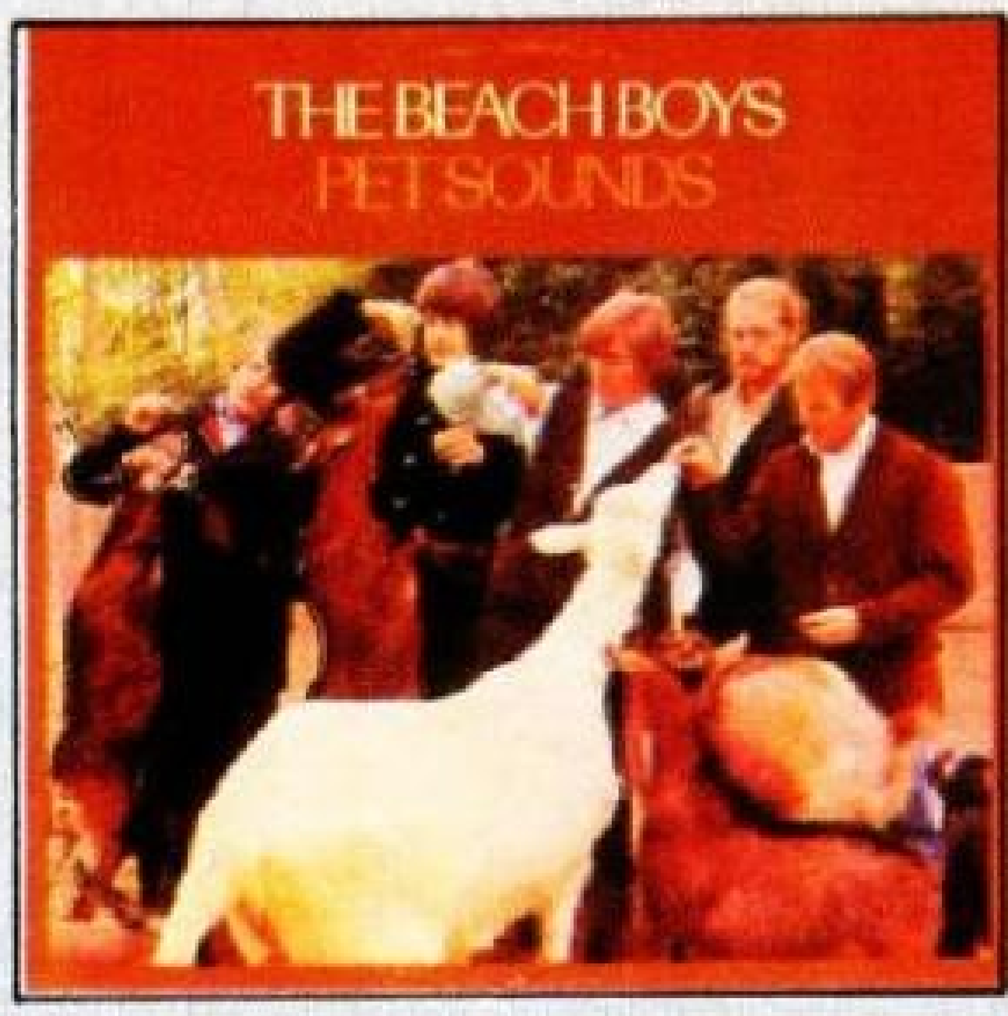


Foto Estúdio Abril

THE BEACH BOYS
PET SOUNDS (1966)

Imagine o início dos anos 60 na desbundada Califórnia. Uma turma de adolescentes que acreditava no sonho, na paquera e na inocência de um beijo vermelho. A praia. As pranchas. O biquíni. Os flipantes filminhos com Frankie Avalon e Annette Funicello. As festinhas embebidas em lilás. As carangas envenenadas. A aventura do rock'n'roll e a lágrima do rock ballad. E aquela loirinha que não queria nada com ninguém. Em meio a essa deliciosa atmosfera é que nasceram os Beach Boys, um dos mais influentes e legendários grupos da pop music. Formado em 61 pelos irmãos Wilson (Brian, Dennis e Carl), o primo Mike Love e Alan Jardine, eles gravaram mais de trinta LPs, deixando uma vasta influência que vai desde Beatles a Ramones.

Ao lado de contemporâneos como Jan and Dean, The Hondells e The Surfaris, inicialmente, ficaram conhecidos como os reis da *surf music*, que nada mais era senão o espírito da época unido aos mais simples acordes de rock'n'roll, boas doses de doo-wop e balada e um gostinho de paixões platônicas derramadas em melodias definitivamente rockmânticas. Sob esta concepção os Beach Boys realizaram onze álbuns, sendo que os quatro primeiros são inteiramente de surf music. Os sete LPs seguintes continuam nessa linha em um tom mais pop. Aí vem o disco em questão. A água divisora na carreira do grupo. O fim de todo um ciclo. Acima de tudo, o mais polêmico.

Para uns *Pet Sounds* significou a maturidade e o desfecho do lado "alienado" e das tonalidades do *fresh surf rock*. Porém, para outros representou a morte do grupo. A verdade é que nesse disco os "moleques da praia", realmente, mudaram de forma radical suas características primordiais. Afinal de contas, os tempos eram outros. O final de 66 indicava grandes mudanças. Guerra à vista, início do psicodelismo, liberação sexual, drogas e posicionamentos políticos eram alguns dos fatores que se chocavam com a "antiga" alegria e os sonhos azuis da banda. Além do mais, o egocêntrico Brian Wilson queria fazer algo bem melhor que os Beatles. E fez, pois este LP precedeu *Sergeant Pepper's...*, onde consumou-se a já citada influência nos meninos de Liverpool.

Pet Sounds é uma resposta a eles mesmos, uma prova de fogo que, em outras palavras, demonstrou que eram capazes de fazer um disco com letras profundas, instrumentação avançada e ruptura com os moldes que estavam em voga. É também o LP que inicia a trilogia da excentricidade progressiva-psicodélica que tem sua continuidade em *Smiley Smile* e *Wild Honey*. Excetuando a faixa "Wouldn't It Be Nice", que ainda entrevê a felicidade conjugal, as outras, num tom confessional, são entrecortadas por lamentos, abandono e angústias. Uma reflexão de caráter sentimental, contudo adornada por "novos" elementos tais como as experiências com as drogas, a meditação transcendental e as coloridas visões do misticismo.

Acima de maiores suspeitas, provaram que, além de exímios músicos, eram inventivos e, como toda banda que se preze, mergulharam no plano das ousadas transformações. As harmonias vocais reapareceram muito mais trabalhadas. As estruturas musicais escapavam com muita facilidade dos arquétipos convencionais. Sob a produção fanaticamente requintada de Brian Wilson, surgiram novidades como a inclusão de instrumentos de sopro, intromissões orquestrais, teclados com timbres peculiares, percussões diversas (não faltando sininhos e berimbau), flautinhas aciduladas e arranjos complexos e sutis. Enfim, um misto de nuances bizarras e desolação do coração, de psicodelia e sintomas progressivos, de experimentalismo e os santificados, eternamente imperdíveis, fluidos do rock'n'roll.

Fernando Naporano

EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau
Editoria Executiva: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Alex Antunes, Bia Abramo, Jean-Yves Neufville, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Jorge Toth
Diagramadores: Deise Bitinas, Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Atendimento - Texto: Alexandre Dines, Alita Sá Rego, Ana Maria Bahiana, Arthur Geraldo Couto Duarte, Celso Salles Pucci, César Garcia Lima, Eva Joory (Londres), Jean-Yves de Neufville, José Eduardo Mendonça, Leopoldo Rey, Luís Antônio Giron, Marcel Plasse, Maria Luiza Fontenelle, Tom Leão; **Fotos:** Claudia Thompson (New York), Eurico Salis, Eva Joory (Londres), Gabriel Rensonnet, Geraldo Luis Gomes, Irineu Barreto Filho, Tucci
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Gerente: Ricardo Côrte Real (São Paulo)
Contatos: Jandir Benetti, Márcia Andrade (São Paulo) e Lídia Camarate (Rio)
Produção Gráfica/Publicidade: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente); **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; **Nova York:** Odillo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993. **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2.° Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRILPA 660731f
Departamento de Documentação - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, **Telex**: (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Promoção: Alfredo Nastari
Promoções: Fernando Mendonça (Rio), Paulo Sérgio Vieira (SP)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.° ao 11.° andares, CEP 22290, tel.: (021) 295-5282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Dentro de um mês você também pode estar tocando esta bateria

Receba em casa o *Método Prático de Bateria Moderna* e, em poucas semanas, estudando apenas nos seus momentos de folga, você terá aprendido a tocar *rock*, *funk*, *pop*, *jazz-rock* e outros ritmos da atualidade. Você também saberá ler música para bateria e poderá fazer parte de grupos musicais. Simples, direto, sem complicações, o Método tem por objetivo transformar você num *músico* capaz de se expressar através da bateria.
Ele se compõe de um caderno ilustrado e de uma fita cassete. Você estuda no caderno enquanto ouve, na fita, as explicações do professor, que mostra como se toca o instrumento, dá exemplos sonoros e por fim faz os acompanhamentos para quando você passa a tocar sozinho.
Os resultados são fantásticos, empolgantes e garantidos pela seriedade dos autores do Método: nada mais e nada menos do que os professores e bateristas profissionais do CLAM. E o CLAM, todos conhecem - é a famosa escola de música popular fundada há 14 anos pelo Zimbo Trio e considerada o melhor centro de formação musical de São Paulo.

Escreva para C.H. Knapp Editora, rua Dr. Costa Jr. 515, CEP 05002, São Paulo, pedindo mais informações sem compromisso. Ou então preencha e envie o cupom abaixo para receber o Método **imediatamente**, *pelo reembolso Postal.*

B2/1
A C.H. Knapp Editora
Caixa Postal 61050, CEP 05071, São Paulo

Enviem-me pelo *reembolso postal* o Método Prático de Bateria Moderna, conforme anunciado. Ao recebe-lo, comprometo-me a pagar o preço de Cz$ 1.440,00 (válido para pedidos até 30.08.87)

(escreva em letra de forma:) BIZZ 23

Nome: ____________________

Endereço ____________________

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

Foto Paulo Ricardo

VERDADES E MENTIRAS

Como empresário e produtor do Capital Inicial, quero fazer um esclarecimento junto aos fãs e leitores de BIZZ. O Capital Inicial recebeu seu disco de ouro em novembro de 86, pela vendagem de cem mil cópias de seu primeiro LP pela Polygram. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas na gravadora, que possui todos os documentos e notas fiscais de vendagem. É uma pena que ainda tenhamos de fazer esse tipo de esclarecimento, mas é isso aí: enquanto os cães ladram, a caravana passa.
Dudu Silva Filho — SP

Esta foto foi entregue pessoalmente por Dudu na redação. É uma resposta à entrevista de Guilherme Isnard (BIZZ 20), onde o vocalista do Zero cita as "250 mil cópias de mentira" do Capital Inicial, dizendo que o grupo não teria recebido ainda o disco de ouro.

ERRAMOS

Algumas edições estão verdadeiramente lamentáveis, creio que por falta de informação e atenção de alguns críticos. Em "Lançamentos", BIZZ 18, existem três erros. "Detour Through Your Mind" não é a única música em que Fred Schneider faz os *lead vocals* no último disco do B-52's. "Wig", "Juicy Jungle" e "Theme From a Nude Beach" também contêm os *lead vocals* do sr. Schneider. Em relação ao Bananarama, seu segundo álbum não foi tão devagar. A primeira faixa, "Cruel Summer", ficou por semanas no Top 10 dos Estados Unidos, segundo a *Rolling Stone*. Communards: quem sempre cantou "Don't Leave Me This Way" não foi Glória Gaynor, e sim Thelma Houston (Motown). Essa foi a pior das três: a falta de informação é imperdoável para um crítico. Para finalizar: por que não assumir que o novo álbum dos Talking Heads é uma bobagem? Só porque o David Byrne é um gênio, ele não pode fazer uma m* de vez em quando?
Monteiro, Recife — PE

Valeram as correções, Monteiro. Quanto aos B-52's, de fato Fred Schneider aparece em várias faixas do LP Bouncing Off the Satellites, *mas é apenas em "Detour Through Your Mind" que ele faz os* lead vocals.

ARNALDO, SÉRGIO E RITA

Gostaria de saber a discografia dos seguintes cantores: Arnaldo Baptista, Sérgio Baptista e Rita Lee.
Luiz Duarte, Mossoró — RN

Vamos lá, Luiz. Paralelamente ao seu trabalho com os Mutantes, Rita lançou, em 70, seu primeiro LP solo, Build Up. *Depois da sua saída dos Mutantes (72), saiu* Hoje É o Primeiro Dia do Resto de Sua Vida. *Para o álbum seguinte,* Atrás do Porto Tem uma Cidade *(74), Rita montaria um novo grupo, o Tutti Frutti, com quem gravou ainda os discos:* Fruto Proibido *(75),* Entradas e Bandeiras *(76) e* Babilônia *(78). A partir de 79, Rita passou a trabalhar ao lado do marido, Roberto de Carvalho. O resultado da parceria é o LP* Rita Lee *(79), que inaugurou a fase mais pop e de maior sucesso comercial de Rita. Seguem-se* Rita Lee *(80),* Saúde *(81),* Rita Lee & Roberto de Carvalho *(82) e* Bombom *(83). Uma série de problemas pessoais levam Rita a interromper sua carreira até 85, quando ela retornou com* Rita e Roberto. *Em maio de 87, foi lançado* Flerte Fatal. *O primeiro trabalho solo de Arnaldo Baptista foi lançado em 74, um ano depois da sua saída dos Mutantes. O LP* Loki? *seria relançado em 82 pelo selo independente Baratos Afins, responsável também pelo lançamento do segundo LP de Arnaldo,* Singin' Alone. *Para 87, a Baratos Afins promete o lançamento — se a tal "crise do vinil" deixar — de um novo disco de Arnaldo,* Disco Voador, *com seis composições inéditas. Os Mutantes, sem Rita e Arnaldo, lançaram ainda dois LPs:* Tudo Foi Feito pelo Sol *(74) e* Mutantes ao Vivo *(76). Em 80, Sérgio lançou aquele que seria seu único trabalho individual,* Sérgio Dias. *Depois disso, Sérgio viajou para os Estados Unidos, onde chegou a tocar com John McLaughlin. Seu último registro no vinil é a faixa "Filho da Cidade", incluída na trilha da novela* Cambalacho, *que marca o início de uma nova fase em seu trabalho. Sérgio tem também participação em inúmeros discos de artistas como Walter Franco, Cida Moreira, Eugênia de Mello e Castro e Gilberto Gil.*

MÊS QUE VEM:

SUPER EDIÇÃO DE SEGUNDO ANIVERSÁRIO COM *CULT, ECHO, ENO, PRINCE* E UM SUPLEMENTO ESPECIAL COM A HISTÓRIA DA NEW WAVE...

STAMP - Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 - CEP 02013 - Santana - São Paulo - SP

Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa.

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

GRÁTIS

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à Stamp no valor total de seu pedido, você retira sua encomenda no correio sem nenhuma despesa postal. Para enviar VALE POSTAL é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: Agência pagadora: Shopping Center Norte - CEP 02096 - código 403369 - São Paulo - SP - Destinatário: Stamp. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver ender. ao lado).

CAMISETAS: Cz$ 280,00

Preço válido até a próxima edição

Horário: 2ª a 6ª das 8.00 às 17.30 hrs.
Telefone: (011) 299-7478

Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em
☐ cheque ☐ vale postal no valor de Cz$
☐ Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ mais despesas postais

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM.

Nome ....
End ....
Est. .... CEP ....

Envie este cupom ou cópia para Stamp, Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 - CEP 02013 - São Paulo - SP - Santana

BIZZ 23

Graças ao segredo descoberto por um violonista e pesquisador da Unicamp

Em apenas 8 dias você saberá TOCAR VIOLÃO

Sem ter feito solfejo, sem seguir nenhum curso. Aprenda facilmente em sua casa, sozinho, nas horas vagas. Faça este teste gratuito para se convencer disso.

Por que passar anos fazendo cursos, aprendendo solfejo, fazendo exercícios cansativos, gastando dinheiro sem nenhuma certeza de se tornar um violonista?

Com este novo método você já saberá tocar músicas simples em menos de 8 dias e em 4 meses estará tocando qualquer música.

O cupom ao lado permite que você faça um teste gratuito em sua casa, sem compromisso.

Um novo método revolucionário baseado na audição e linguagem visual para ritmos

Finalmente aprender violão com este método é tão simples quanto aprender a falar. Um bebê aprende a falar sem ir à escola. Você aprenderá a tocar violão da mesma forma sem ir à escola e sem conhecer solfejo.

Você precisa apenas gostar de música. Nós nos encarregamos de todo o resto.

Este método o acompanha passo à passo com fotos ilustradas. Em cada página há um novo progresso para você. Na última página você não tem que aprender mais nada. Você já sabe tudo!

Quando você ouve um virtuose do violão, nunca imagina que um dia poderá tocar tão bem quanto ele. Você crê que é preciso ter talento. Engano seu. Todo mundo pode fazer o mesmo. **Você** agora pode fazê-lo.

Com os métodos tradicionais, o principiante que arranha uma corda pela primeira vez, leva anos para se tornar um bom músico capaz de se apresentar em público. Quando você tiver conhecido meu segredo, levará apenas algumas poucas semanas.

Qual é então o segredo deste método?

É impossível revelá-lo inteiramente aqui. Você o descobrirá página após página no método que vai receber pelo correio para 4 meses de teste sem compromisso.

Mesmo assim vou revelar o essencial de meu método. Mas não é o mais importante para você. O mais importante é saber que isto funciona. E os testemunhais que você acaba de ler o provam sem a menor dúvida. O que funcionou para ele funciona para você. O sucesso é garantido, caso contrário a experiência não lhe terá custado nada.

Bom demais para ser verdade?

No entanto é a mais pura verdade. Recebo diariamente cartas de violonistas que utilizaram meu segredo. Leia estes trechos:

"...ainda não consigo acreditar nos progresso que fiz em apenas 5 dias: E agora após 2 meses já estou tocando todas as melodias da moda..."
Sr. Maurisio Pereira da Silva
João Pessoa - PB

"...o método é muito fácil de ser compreendido, é realmente muito eficaz. Sugiro que seja adotado na Unicamp e que o autor dê seus cursos de violão..."
Sr. Maestro Benito Juarez de Souza (em carta endereçada ao Reitor da Unicamp Prof. Dr. José de Aristodemo Pinotti em 20/06/83) - Campinas - SP

"...jamais havia conseguido tocar violão. Não conhecia música. Em apenas 8 semanas consegui tocar muitas músicas da moda...Hoje sou professor de violão nas horas de folga"
Prof. Urbano Ribeiro Guimarães
Paulínia - SP

"...piu preciozo questo segreto..."
Sr. Fred Bongusto (astro da musica italiana) - Roma - Itália

"...This method of guitar is fantastic...Today I play many brazilian pop musics, after 8 weeks I was playing my guitar..."
Sr. Todd Petersen - Colorado Springs - EUA

"...Há muito queria tocar violão. Já havia passado por alguns professores e métodos, e nada...Porém, quando conheci "A Magia do Violão", após 8 semanas já estava tocando para a minha netinha curtir..."
Sr. Nelson Figueira (54 anos)
Campinas - SP

"...quero ser uma artista, foi o que eu disse para os autores do método "Novos Caminhos", violão para jovens...Após 4 meses me apresentei no recital da Academia Violão Mágico tocando a música "Fricote" de Luiz Caldas...Jamais vou esquecer aquela noite...quantos aplausos..."
Fabiana Wonrath de Miranda (9 anos)
Campinas - SP

"...esse método é mesmo incrível. Concluí todo o curso. Além de tocar violão, agora já estou tocando também viola e acabo de receber uma proposta do grupo Chasky para integrar o seu conjunto...nem consigo acreditar nisto..."
Sr. Vilmar Luiz Trombeta (21 anos)
Campinas - SP

"...comecei aprendendo pelo método "A Magia do Violão", depois estudei "Novos Caminhos" - violão para jovens. Hoje, após 1 ano, sou guitarrista e montei um conjunto chamado Ponto Final que se apresenta em festivais e boates jovens de Campinas..."
Sr. Ricardo Buratini (17 anos)
Campinas - SP

"...como é possível que um segredo tão simples não tenha sido descoberto antes?..."
Eng. Fernando Nunes Patrício
Curitiba - PR

"...todos zombaram de mim quando quis aprender a tocar violão. Porém na festa de meu noivado, quando comecei a tocar Modinha de Sérgio Bittencourt, todos aplaudiram...quase chorei..."
Sr. Roberto de Castro e Silva
Rio de Janeiro - RJ

"...gostava muito de violão, mas não conseguia aprender com métodos tradicionais nem professores. Porém, com "A Magia do Violão", em poucas semanas meu sonho se tornou realidade...Hoje sou integrante de um Regional de Chorinho..."
Dr. Sidney Martins da Cunha
Campinas - SP

Graças a este revolucionário Método o violão não terá mais segredos para você.

Simples como dizer bom dia!

Nada de teoria...nada de solfejo...Você utiliza a sensibilidade natural que existe em cada um de nós, mas que poucas pessoas têm a idéia de cultivar.
O método explica tudo claramente. Você compreende imediatamente o que é preciso fazer. As explicações são de tal forma simples que até mesmo uma criança pode compreendê-las.

Você aprende tocando e cantando

Desde o início você utiliza seu instrumento. Começa com simples exercícios em cada corda, depois com acordes. O método ensina você que seu ouvido é quase tão importante quanto seus dedos. Ele explica como estabelecer uma ligação invisível entre o ouvido e os dedos para obter com isto reações instantâneas enquanto toca (só este segredo já vale em muito o preço do método).
Desde os primeiros dias você é capaz de executar ritmos simples, e depois, cada vez mais difíceis, até obter o domínio completo de seu violão. E isto em apenas algumas semanas. Utilizando truques muito simples que permitem que você toque de uma maneira instintiva. Você nem mesmo tem que refletir sobre o local em que coloca os dedos. Eles se posicionam sozinhos no local exato, automaticamente. Você faz instintivamente os gestos que são necessários, sem refletir.

Algumas semanas são suficientes para "quase tornar-se o equivalente a um profissional"

Sim, você se tornará um ótimo violonista, sem ter aprendido a ler música como é ensinado nas escolas. Você saberá fazer tudo: acompanhar um cantor (ou ser seu próprio acompanhante), tocar sertanejas, jazz, rock, música pop, canções folclóricas, flamenco, músicas clássicas. Você será capaz de acompanhar qualquer música e improvisar.
Imagine um pouco sua alegria e orgulho por ser capaz de tocar você mesmo, em vez de ter que se contentar em ouvir os outros. Não apenas seu violão se tornará sua melhor distração, como também sua companhia será procurada nas reuniões de família ou entre amigos. Você poderá inclusive ganhar muito dinheiro tocando em barzinhos, restaurantes, bailes, ou fazendo parte de um conjunto musical.
É uma nova vida maravilhosa que se abre para você, sem preocupações quanto ao futuro. E isto você pode obter sem arriscar um só centavo. Sou eu quem assume todos os riscos.

Eis minha proposta

Faça as contas: 1 hora de curso por semana durante seis meses com um professor, custaria aproximadamente Cz$ 4.000,00 (você nem ao menos tem certeza dos resultados). Meu segredo custa apenas Cz$ 383,40, e apenas se você se tornar um ótimo violonista. Você tem o direito de experimentá-lo por 4 meses inteiros sem nenhum compromisso, sem nenhum risco. No fim de 4 meses, ou você realmente se tornou um virtuose do violão, ou devolve o método e a experiência não lhe terá custado nada. **Nada**. O mais tardar 8 dias após termos recebido a devolução de seu método, enviaremos um cheque no valor de Cz$ 383,40. Nenhuma explicação lhe será pedida. É uma garantia sem reservas, escrita e assinada.

Você pode então fazer este teste por simples curiosidade, pois não corre nenhum risco. E seria uma pena perder esta oportunidade única que pode transformar toda a sua existência.

Atenção!
Oferta válida por tempo limitado.

Se você ainda hesita, leia isto:

— Este teste é gratuito: o método custa apenas Cz$ 383,40 se você se tornar um bom violonista. É **você** quem julga.
— O método é claramente explicado, fácil de ser compreendido até mesmo por uma criança.
— Você não precisa ler música nem solfejo. Nenhum dom específico é necessário (basta vontade de aprender a tocar violão!)
— Desde o primeiro dia você começa a tocar e seus progressos são automáticos. Já no fim de 8 dias você saberá tocar melodias simples.

Se preferir, faça seu pedido pelo telefone: (011) 64-9557, 64-9289 ramal 6002

Interpostal Marketing Direto Ltda
R. Cruzeiro, 454 - Cep 01137 - São Paulo - SP

CUPOM PARA 4 MESES DE TESTE GRATUITO

(satisfeito ou reembolsado)
a ser enviado a:
Interpostal Marketing Direto Ltda
R. Cruzeiro 454 - CEP 01137 - São Paulo - SP

SIM, desejo aproveitar sua oferta para experimentar sem compromisso seu método para aprender facilmente a tocar violão. Fica entendido que devo ficar inteiramente satisfeito, caso contrário, devolverei o método a qualquer momento durante o período de teste de 4 meses. Vocês se comprometem então a me devolver a quantia paga (menos despesas de remessa ou de reembolso), sem que nenhuma pergunta me seja feita. Sob esta garantia formal queiram enviar-me:

☐ **3.001.0** - "Faz-Sol-Lá" (método infantil)
☐ **3.002.1** - "Novos Caminhos" (música e ritmo jovens)
☐ **3.003.2** - "A Magia do Violão" (seresta e sertanejo)

pelo qual estou enviando:
☐ cheque ☐ vale postal
no valor de Cz$ 383,40 + Cz$ 21,60 para as despesas de remessa, ou seja, um total de Cz$ 405,00
☐ prefiro pagar ao retirar no correio de minha cidade (reembolso postal), ao preço de Cz$ 498,00 mais o valor das despesas de reembolso

Nome: ....
Endereço: .... Número: ....
Complemento: ....
Cidade: .... Estado: ....
CEP .... Data de nascimento: .... Sexo: ☐ F ☐ M
(Coloque seu CEP corretamente para agilizar a remessa)

BRUCE SPRINGSTEEN

Em 1975, essa foto — transformada em cartaz — anunciava o "futuro do rock and roll"

TUDO TUDO É IMPOSSÍVEL
TUDO É DE ARRASAR
QUANDO É UM CASO
DE LOUCURA E MÁGICA.
NOVA LOUCURA E MÁGICA DE RITCHIE. EM DISCOS E FITAS POLYGRAM.

The Cure
Kiss Me Kiss Me
Kiss Me
este é o
Novo!
já à venda nas melhores lojas do Brasil e do Mundo!
um lançamento em discos e fitas PolyGram